

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS  
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
NÍVEL MESTRADO**

**CAROLINE POLETTO**

**TÃO PERTO OU TAN LEJOS? CARICATURAS E CONTOS NA IMPRENSA  
LIBERTÁRIA E ANTICLERICAL DE PORTO ALEGRE E DE BUENOS AIRES  
(1897-1916)**

**SÃO LEOPOLDO, RS  
2011**

**Caroline Poletto**

**TÃO PERTO OU TAN LEJOS? CARICATURAS E CONTOS NA IMPRENSA  
LIBERTÁRIA E ANTICLERICAL DE PORTO ALEGRE E DE BUENOS AIRES  
(1897-1916)**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Pereira Elmir

**São Leopoldo, RS  
2011**

### Ficha Catalográfica

P765t POLETTO, Caroline

TÃO PERTO OU TAN LEJOS? Caricaturas e contos na imprensa libertária e anticlerical de Porto Alegre e de Buenos Aires (1897-1916) / Caroline Poletto. - - São Leopoldo: UNISINOS, 2011.  
278 f.: il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Pereira Elmir  
Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História, São Leopoldo, RS, 2011.

1. Anarquismo. 2. Pequena Imprensa. 3. Anticlericalismo. 4. Caricaturas. 5. Contos. I. Título

CDU: 930.2

Catálogo na Publicação: Alessandra Isnardi Lemõns - CRB 10/1287

**Caroline Poletto**

**TÃO PERTO OU TAN LEJOS? CARICATURAS E CONTOS NA IMPRENSA  
LIBERTÁRIA E ANTICLERICAL DE PORTO ALEGRE E DE BUENOS AIRES  
(1897-1916)**

Dissertação apresentada como requisito parcial  
para a obtenção do título de Mestre pelo  
Programa de Pós-Graduação em História da  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos –  
Unisinos.

Aprovada em     /     /2011

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Cláudio Pereira Elmir (Orientador)

---

Prof. Dr. Adhemar Lourenço da Silva Júnior (UFPEL)

---

Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt (UFRGS)

---

Prof. Dra. Eliane Cristina Deckmann Fleck (UNISINOS)

São Leopoldo, RS  
2011

*A todos aqueles que, de um jeito ou de outro,  
continuam acreditando num porvir mais  
humano.*

## AGRADECIMENTOS

Finalmente é chegada uma das horas mais esperadas por aqueles que redigem a dissertação, ou seja, a hora de agradecer, de deixar as normas e as teorias de lado e fazer uso do estilo livre e individual de escrita, ocasião em que o autor pode “falar”, mesmo que sucintamente, sobre si mesmo e sobre o caminho que percorreu durante dois anos de esforço e dedicação; caminho esse repleto de encontros, de descobertas e de subsídios que permitiram chegar ao término de uma caminhada intelectual repleta de desafios. Os agradecimentos aqui expressos não seguirão uma hierarquia de importância, uma vez que todos que fizeram parte dessa caminhada contribuíram de forma substancial para que a mesma chegasse ao seu fim (talvez não definitivo), sendo difícil mensurar categoricamente o grau de importância que cada um teve nesse processo.

Agradeço imensamente ao meu orientador Cláudio, não só pelos apontamentos, correções e sugestões fornecidos durante as variadas etapas da pesquisa, mas principalmente pela confiança e autonomia concedida a uma aluna e a uma temática de estudo um tanto fora dos padrões convencionais, bem como por sua disponibilidade em me atender em qualquer situação, mesmo em momentos de seu descanso. Posso dizer com orgulho, que tive, não apenas um orientador, mas um amigo em que pude depositar angústias, preocupações e descobertas sendo em todas as ocasiões retribuída com o encorajamento e o incentivo que tanto necessitava. Ao Cláudio, deixo meus profundos agradecimentos.

Agradecimentos esses que se estendem aos meus pais, os quais, desde meus primeiros anos escolares, souberam transmitir a importância tanto da educação, como da escolha por uma profissão que realmente se goste e encante constantemente. Muito obrigada pelos momentos de compreensão e por terem aceitado meu “confinamento” durante esses dois anos; também tenho que agradecer pela aceitação da minha esgotada (e nem sempre sincera) desculpa de “*não posso, tenho que estudar*” sempre que solicitada para fazer algum trabalho doméstico ou quando da ocorrência de algum compromisso familiar. Agradeço também aos meus irmãos: Andréa, Alex, Bruna e Jean e aos meus sobrinhos: Eduardo e Felipe por aguentarem meu mau-humor, por acatarem meus inúmeros pedidos de “*abaixa o som*” e por seu constante incentivo e inspiração para o término do trabalho. À minha irmã Bruna, agradeço também por sua importante ajuda na correção das versões em inglês, tanto do resumo da presente dissertação, como de outros artigos.

Não tenho como deixar de agradecer aos professores e colegas que contribuíram com sugestões, críticas, indicações bibliográficas e constantes incentivos, os quais acabaram por tornar essa dissertação possível e coletiva. Uma vez que ela não é resultado apenas do esforço individual, mas sim da interação contínua entre a autora e demais colaboradores. Nesse sentido agradeço ao professor Artur Barcelos que, ainda no tempo de graduação na Universidade de Caxias do Sul, sempre me forneceu o incentivo necessário para continuar meus estudos, divulgando seleções de Mestrado (lotando minha caixa de e-mail e me entregando inúmeros folders) e aconselhando-me continuamente (e insistentemente) a encarar esse desafio acadêmico. Meus sinceros agradecimentos por esse “*empurrãozinho*” de que eu tanto precisava. Ao professor Adhemar Lourenço da Silva Júnior por sempre responder, pacientemente e exaustivamente (através de e-mails gigantescos) minhas constantes dúvidas, pela indicação de bibliografias fundamentais para o presente trabalho, bem como por minimizar meus momentos de “isolamento acadêmico”, dialogando comigo sempre que possível, e me fazendo perceber que não estava tão sozinha quanto acreditava.

Ao pesquisador João Batista Marçal por ter, gentilmente, aberto as portas de seu arquivo em Viamão e por ter me fornecido uma tarde mais do que agradável, repleta de ensinamentos e entusiasmo. Saiba que a “*gringa*” será imensamente grata por tua acessibilidade e atenção. À professora Sílvia Petersen, por suas valiosas sugestões e indicações bibliográficas. À professora Rejane Jardim, por ter gentilmente me acolhido em sua casa e me presenteado com sua agradável companhia em Pelotas, quando da participação em um evento acadêmico. À professora argentina Dora Barrancos, por mostrar-se entusiasmada com a presente pesquisa: “- *que lindo*” foi sua primeira exclamação quando lhe disse que pretendia trabalhar com as caricaturas do **La Protesta**; exclamação essa que fez com que eu sentisse que estava no caminho certo. Por fim, estendo meus agradecimentos a também argentina, Mirta Lobato por suas sugestões, indicações de bibliografias e de arquivos em Buenos Aires, bem como ao professor Aristeu Elisandro Machado Lopes e à professora Eliane Fleck, tanto por terem fornecido bibliografia importante para partes específicas da presente dissertação, como por terem acreditado em tal pesquisa.

Quero também agradecer àqueles que dividiram angústias e preocupações comigo durante esses dois anos, ou seja, aos meus colegas do PPG que me ensinaram o valor do diálogo, da interação, da amizade e da necessidade de sair do isolamento, por mais que às vezes ele se torne inevitável. Agradeço especialmente ao Marcelo Parker, Juliana Soares,

Ianko Bett, Júlio Borges, Eduardo Chaves, Deise Cristina, Camila da Silva e Daniel Szmidt que contribuíram com indicações bibliográficas, discussões construtivas e, principalmente, com mensagens de entusiasmo e de incentivo. A vocês, meus amigos, muito obrigada.

Não posso deixar de agradecer pela oportunidade concedida de participação no intercâmbio firmado entre a UNISINOS e a Universidad Del Centro de La Provincia de Buenos Aires - e a todos aqueles que contribuíram para o bom andamento de tal intercâmbio-, em especial, às professoras Marluza Marques Harres, pela sua constante preocupação e interesse em saber como as coisas estavam indo em solo portenho, e à professora Monica Blanco, pela cordial receptividade e importante orientação fornecida durante os meses em que estive em Buenos Aires. Também quero deixar registrados meus agradecimentos aos alunos e professores vinculados ao Centro de Estudios Sociales de America Latina – CESAL – em especial ao Juan Manuel Padron, Victória Arrascaiete, Silvana Gomes e Luciano Barrandarán, que escutaram pacientemente a exposição de minhas pretensões de pesquisa e me concederam dicas valiosas, ao mesmo tempo em que me proporcionaram agradáveis momentos de confraternização.

Agradeço ainda aos funcionários dos arquivos que visitei frequentemente bem como aos da UNISINOS, que sempre demonstraram uma postura competente e disposição para auxiliar no que fosse preciso. À CAPES, pela concessão de Bolsa de Estudos, sem a qual esse trabalho não seria possível.

Por fim, agradeço aos meus colegas de trabalho do Instituto Federal de Educação do Rio Grande do Sul e, em especial, aos meus chefes, os quais compreenderam meus momentos de ausência, em que eu estava pensando em tudo, exceto na burocracia das compras públicas; sou grata também por terem me dispensado sempre que precisei ausentar-me por motivos acadêmicos, concedendo-me a oportunidade de recuperar tais ausências em horários alternativos.

Deixo meu “muito obrigada” aos demais amigos que estiveram presentes em momentos de descontração, momentos esses, na sua maioria, acompanhados por consideráveis doses étlicas e por gargalhadas intensas. Bem como sou grata pela compreensão que esses amigos “*de todas as horas*” tiveram com minhas repetitivas ausências. Fora esses momentos admiráveis que a amizade proporciona, agradeço também aos livros, seriados e canções que, por vezes, retiraram-me da seriedade que a redação da dissertação requisitava e transportaram-me para universos fantásticos, agradáveis e, por ora,

cômicos. Muito obrigada aos seriados *The Big Bang Theory* e *Two and a Half Man* por trazer doses de humor ao meu dia-a-dia; ao *Stephen King* por levar-me a universos fantásticos e, por vezes, tenebrosos; a *Marvel Comics* por apresentar-me um universo repleto de heróis no qual, assim como na vida real, nem todos são compreendidos e aceitos; ao bom e velho *rock and roll* por conceder intensidade e qualidade à trilha sonora da minha vida.

*“Esta falta de moderación, esta desobediencia, esta rebeldía del espíritu humano contra todo límite impuesto ora en nombre de Dios, ora en nombre de la ciencia, constituyen su honor, el secreto de su poder y de su libertad. Al buscar lo imposible, siempre el hombre ha realizado y reconocido lo posible, y aquellos que sabiamente se han limitado a lo que les parecía que era lo posible jamás han dado un solo paso adelante”.*

Mijail Bakunin

## RESUMO

A presente dissertação pretende analisar as caricaturas e contos de alguns periódicos e suplementos libertários e anticlericais de Buenos Aires e de Porto Alegre que circularam nessas cidades durante os anos de 1897 a 1916, procurando abordar as variadas maneiras e estratégias de que tais veículos da “*pequena imprensa*” se utilizavam para contestar, denunciar e, possivelmente, efetivar ações em prol de uma nova realidade. Utilizar-se-á da comparação para contrapor um contexto social a outro, para apontar diferenças e semelhanças entre as diversas publicações aqui estudadas, bem como ao que concerne à análise das caricaturas e dos contos, realizando aproximações e distanciamentos entre o discurso visual e o verbal de tais elementos. As caricaturas serão tratadas enquanto representações, pois se acredita que a dimensão das imagens é sempre uma (re) criação, uma (re) interpretação de um possível real e, no caso em questão, as imagens serão consideradas ainda como um instrumento de luta, uma arma de combate. Já os contos serão considerados elementos pedagógicos preciosos para a conscientização dos leitores, uma vez que a brevidade dos mesmos tencionava transmitir sem complexidade a mensagem a que se propunham. Além disso, supõe-se que tanto as caricaturas, quanto os contos apresentam um alcance maior do que as matérias extensas, ou seja, atingem um número maior de leitores, o que tanto justifica seu estudo como alude à importância desses elementos para a *formação* dos seus leitores. Os periódicos utilizados para o exame serão o *La Protesta* de Buenos Aires e os gaúchos *A Luta* e *Lúcifer*, somando-se a esses os suplementos *La Obra* e o *Suplemento de La Protesta* de Buenos Aires.

**PALAVRAS-CHAVE:** Anarquismo, pequena imprensa, anticlericalismo, caricaturas, contos.

## ABSTRACT

This essay intends to analyze caricatures and tales of some libertarian and anti-clerical journals and supplements from Buenos Aires and Porto Alegre which circulated in these cities during the years 1897 to 1916, in an attempt to portray the many ways and strategies used by those “small press” vehicles in order to contest, denounce and, possible, implement actions to promote a new reality. Comparison will be used in order to oppose a social context to another, pointing out differences and similarities between the several publications addressed in this study, as well as what concerns the analysis of the caricatures and tales, carrying out similarities and differences between visual and verbal discourse of such elements. The caricatures studied here will be treated as representations, since it is believed that the dimension of the images is always a (re) creation, a (re) interpretation of a possible reality, which in this case, the images are seen as a class struggle tool, a combat weapon. The tales, on the other hand, are considered valuable pedagogical elements in the promotion of the readers’ awareness, since its briefness had the intention to convey the message without complexity. Moreover, it is assumed that both the caricatures and the tales have a broader range than the longer materials, i.e., they reach a greater number of readers, which justifies this study and alludes to the importance of these elements in the *formation* of its readers. The periodicals that are going to be used for the analysis are *La Protesta*, from Buenos Aires and *A Luta* and *Lúcifer*, both from Porto Alegre, and also the supplements *La Obra* and *Suplemento de La Protesta* from Buenos Aires.

KEYWORDS: Anarchism, small press, anti-clericalism, caricatures, tales (short stories).

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Primeiro exemplar do periódico "La Protesta Humana".....	45
Figura 2: Edição atual do periódico La Protesta.....	45
Figura 3: Estrutura inicial do La Protesta. ....	52
Figura 4: Estrutura do La Protesta em 1904.....	52
Figura 5: Estrutura do La Protesta em 1907.....	53
Figura 6: Estrutura do La Protesta em 1914.....	53
Figura 7: Prática do boicote no La Protesta. ....	59
Figura 8: Prática de boicote no La Protesta. ....	59
Figura 9: Prática de boicote no La Protesta. ....	60
Figura 10: Propaganda no La Protesta. ....	63
Figura 11: Propaganda no La Protesta. ....	63
Figura 12: Propaganda no La Protesta. ....	63
Figura 13: Propaganda no La Protesta. ....	63
Figura 14: Anúncio vegetariano no La Protesta. ....	64
Figura 15: Anúncio vegetariano no La Protesta. ....	64
Figura 16: Seção em italiano no La Protesta. ....	66
Figura 17: Seção em yiddish no La Protesta.....	67
Figura 18: Mistura de texto na horizontal e avisos na vertical no La Protesta. ....	68
Figura 19: Ilustração no La Protesta.....	78
Figura 20: Estrutura do Periódico A Luta. ....	85
Figura 21: Ortografia utilizada no A Luta. ....	86
Figura 22: Boicote no A Luta. ....	92
Figura 23: Página ilustrada do A Luta.....	95
Figura 24: Apresentação do periódico Lúçifer. ....	104

Figura 25: Capa do Lúçifer.....	104
Figura 26: Última folha do Lúçifer.....	104
Figura 27: Estrutura interna do Lúçifer.....	105
Figura 28: “Lúçifer Humorístico”.....	107
Figura 29: “Opinião sobre a mulher” no Lúçifer.....	108
Figura 30: Capa do Suplemento de La Protesta.....	114
Figura 31: Capa do Suplemento de La Protesta.....	114
Figura 32: Estrutura interna do Suplemento de LP.....	115
Figura 33: Propaganda no Suplemento de LP.....	116
Figura 34: Propaganda no Suplemento de LP.....	116
Figura 35: Divulgaçãõ de outras publicações no Suplemento de LP.....	117
Figura 36: Boicote no Suplemento de LP.....	118
Figura 37: Capa do suplemento La Obra.....	120
Figura 38: Assunto das caricaturas de Buenos Aires e Porto Alegre.....	134
Figura 39: Caricatura do 1º de Maio no La Protesta.....	138
Figura 40: Caricatura do 1º de Maio no Eccho Operário.....	140
Figura 41: Caricatura do 1º de Maio no La Protesta.....	143
Figura 42: Caricatura do 1º de Maio no A Luta.....	145
Figura 43: Caricatura de “encorajamento” no La Protesta (1909).....	147
Figura 44: Caricatura do 1º de Maio no La Protesta (1914).....	148
Figura 45: Caricatura do 1º de Maio no A Luta (1907).....	149
Figura 46: Caricatura do 1º de Maio no Suplemento de La Protesta (1908).....	150
Figura 47: Caricatura do 1º de Maio no La Protesta e no Suplemento de La Protesta (1908).....	152
Figura 48: Caricatura em homenagem a Francisco Ferrer no Lúçifer (1911).....	155
Figura 49: Caricatura peronista do 1º de Maio no La Nación (1946).....	157
Figura 50: Caricatura “Los Miserables” no Suplemento do La Protesta (1908).....	159
Figura 51: Caricatura denunciando a miséria no La Obra (1915).....	162

Figura 52: Caricatura La Cuna Vacía (mortalidade infantil) no La Obra (1915).....	163
Figura 53: Caricatura retratando a miséria no La Protesta (1904).....	165
Figura 54: Caricaturas da repressão no La Obra (1915).....	169
Figura 55: Caricatura Bestia de Carga (exploração no trabalho) no La Protesta (1909).....	170
Figura 56: Caricatura A Hydra clerical (caricatura anticlerical) no Lúcido (1907).....	173
Figura 57: Caricatura Darwinismo (caricatura anticlerical) no Lúcido (1907). ....	176
Figura 58: Caricatura Os sete pecados mortais (caricatura anticlerical) no Lúcido (1907). ....	177
Figura 59: Caricatura anticlerical no La Protesta (1908).....	179
Figura 60: Caricatura anticlerical no La Protesta (1910).....	181
Figura 61: Caricatura antiburguesa no La Protesta (1908). ....	183
Figura 62: “Asustando al burgues”: caricatura antiburguesa no La Protesta (1908).....	185
Figura 63: Caricatura antiburguesa no La Protesta (1908). ....	185
Figura 64: Caricatura contra o obscurantismo, militarismo e capitalismo no Lúcido (1907) e no A Luta (1909). ....	188
Figura 65: Caricatura anticlerical no Lúcido (1907). ....	189
Figura 66: “Como ve la Burguesia”: Caricatura dos estereótipos do anarquismo e do socialismo no La Protesta (1908).....	189
Figura 67: “Ni los chanchos”: Caricatura contra os socialistas no La Protesta (1914).....	192
Figura 68: “Resultado de las ultimas elecciones”: Caricatura contra os socialistas no La Protesta (1908). ....	193
Figura 69: Caricatura da repressão policial no La Obra (1915).....	194
Figura 70: “El arbitraje policial”: Caricatura contra a repressão policial no La Protesta (1904).....	196
Figura 71: Caricatura contra a repressão da República Argentina no Suplemento de La Protesta (1908). ....	197
Figura 72: Mapa da Cidade de Buenos Aires (1905). ....	203
Figura 73: Caricatura denunciando a exploração feminina no La Protesta (1909).....	207
Figura 74: Caricatura denunciando a exploração do povo no La Protesta (1908).....	208
Figura 75: Caricatura denunciando a miséria no La Protesta (1908).....	210
Figura 76: Caricatura denunciando a repressão no La Protesta (1908).....	211

Figura 77: Caricatura representando a força do povo no La Protesta (1909).....	213
Figura 78: Caricatura representando a crença na Greve Geral no La Protesta (1910). ....	215
Figura 79: Caricatura representando a ação violenta no La Protesta (1908). ....	216
Figura 80: Caricatura anticlerical no Lúçifer (1907). ....	218
Figura 81: Caricatura contra a aliança cléríco-monárquica no Lúçifer (1907). ....	220
Figura 82: Caricatura contra a aliança cléríco-monárquica no Lúçifer (1907). ....	221

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	18
1 QUE IMPRENSA É ESTA? A RETÓRICA DO ÓDIO E A PROPAGANDA DE IDEIAS NOS JORNAIS LIBERTÁRIOS E ANTICLERICAIS DE PORTO ALEGRE E BUENOS AIRES .....	33
1.1 PERIÓDICO LA PROTESTA .....	44
1.2 PERIÓDICO A LUTA .....	80
1.3 PERIÓDICO LÚCIFER.....	101
1.4 SUPLEMENTOS DO PERIÓDICO LA PROTESTA.....	112
2 NA PONTA DO LÁPIS: A RESISTÊNCIA ATRAVÉS DA CARICATURA.....	123
2.1. A ARTE DA CARICATURA E OS PRIMEIROS RABISCOS EM SOLO GAÚCHO E PORTENHO.....	127
2.2. CONTORNOS QUE RESISTEM: CARICATURAS LIBERTÁRIAS E ANTICLERICAIS DE BUENOS AIRES E PORTO ALEGRE.....	<a href="#">133</a>
2.2.1 Dia de luta e luto: as caricaturas do 1º de Maio .....	136
2.2.2 Exploração e Miséria: caricaturas que não fazem sorrir.....	158
2.2.3 Retratando a trindade opressora: Clero, Estado, Polícia .....	170
2.3 ANONIMATOS QUE REVELAM: ALMA ROJA E MOLOGO.....	198
3 A ESCRITA ENQUANTO ARMA: CONTOS SUBVERSIVOS.....	223
3.1 EXPLORAÇÃO, IGNORÂNCIA E MISÉRIA: CONTOS QUE NÃO FAZEM SORRIR.....	228
3.2 RETRATANDO A TRINDADE OPRESSORA: CLERO, ESTADO, PATRÃO .....	237
3.2.1 Sem Pátria e sem Patrão: contos contra o Estado Capitalista e os seus senhores: os burgueses .....	240
3.2.2 O perigo religioso: contos anticlericais .....	253
3.3. ACREDITAR É NECESSÁRIO: CONTOS ESPERANÇOSOS.....	255
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	261
ARQUIVOS E FONTES DE PESQUISA.....	265
REFERÊNCIAS.....	266
ANEXO I - DIRETORES E ADMINISTRADORES DOS PERIÓDICOS.....	278

## INTRODUÇÃO

A presente dissertação pretende conceder espaço e voz a alguns aspectos dos periódicos e suplementos libertários<sup>1</sup> e anticlericais de Buenos Aires e de Porto Alegre que circularam nessas cidades durante os anos de 1897 a 1916, conferindo lugar para a análise de elementos textuais e imagéticos da imprensa operária, procurando retratar as variadas maneiras e estratégias de que tais veículos da chamada “*pequena imprensa*” se utilizavam para contestar, denunciar e, possivelmente, efetivar ações em prol de uma nova realidade. Os periódicos utilizados para a análise serão o **La Protesta** de Buenos Aires (1897-1916)<sup>2</sup>, os gaúchos **A Luta** (1906-1911)<sup>3</sup> e **Lúcifer** (1907-1911)<sup>4</sup>, bem como os suplementos do periódico **La Protesta: Suplemento de La Protesta** (1908-1909)<sup>5</sup> e **La Obra** (1915)<sup>6</sup>.

Sendo assim, objetiva-se nessa pesquisa trabalhar com o aspecto simbólico dos jornais e suplementos em questão, analisando tão somente aquela parte do periódico que é contemplada por uma “leitura rápida”<sup>7</sup> (na qual cabem as **caricaturas** e **contos**), ou seja, a parte do periódico em que o leitor não precisa dispensar tempo excessivo para realizar a leitura, uma vez que tal leitura não contempla as matérias extensas e nem aquelas de caráter mais teórico e, portanto, mais complexas. De forma que se procura dar significado à parte dos

<sup>1</sup> Será empregado o termo libertário como sinônimo de anarquista. O uso desse termo pelos anarquistas tornou-se mais popular depois de 1890, quando Sebastien Faure e Louise Michel publicaram o jornal “*Le Libertaire*” – “O Libertário” na França.

<sup>2</sup> O periódico “**La Protesta Humana**” foi fundado no ano de 1897 em Buenos Aires. Mantém a sua circulação até os dias atuais, configurando-se num dos principais periódicos anarquistas, tanto pela qualidade dos seus escritos como pelo seu tempo de duração. A partir de novembro de 1903 “**La Protesta Humana**” abreviou seu nome e passou a se chamar “**La Protesta**”. Os exemplares referentes aos anos de 1897 a 1902 encontram-se na Web (em formato digital), no site da Universidade de Los Angeles, Califórnia – UCLA. Os demais exemplares encontram-se (em Microfilme ou no seu aspecto original) na Federación Libertaria Argentina (F.L.A.), na Biblioteca Nacional de la Republica Argentina e no Cedinci (Centro de Documentação e Investigação das Esquerdas Latino-americanas), em Buenos Aires.

<sup>3</sup> O periódico anarquista **A Luta** circulou em Porto Alegre nos anos de 1906 a 1911. Depois reapareceu na cidade de Pelotas sob nova direção (Zenon de Almeida) no ano de 1916 e novamente em Porto Alegre em 1918 (ainda com a participação de Zenon). Seus exemplares encontram-se no Núcleo de Pesquisa Histórica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (NPH), em Porto Alegre (em Microfilme).

<sup>4</sup> O periódico anticlerical **Lúcifer** circulou na cidade de Porto Alegre entre os anos de 1907 a 1911. Seus exemplares encontram-se no Museu de Comunicação Hipólito José de Costa, em Porto Alegre (em formato original; coleção incompleta).

<sup>5</sup> O **Suplemento de La Protesta** circulou em Buenos Aires entre os anos de 1908 a 1909. Seus exemplares estão digitalizados e podem ser pesquisados e obtidos na Biblioteca Popular José Ingenieros, em Buenos Aires.

<sup>6</sup> O suplemento **La Obra** circulou em Buenos Aires durante o ano de 1915. Seus exemplares podem ser consultados na Biblioteca Popular José Ingenieros, em Buenos Aires (em formato original; coleção incompleta).

<sup>7</sup> De acordo com Roger Chartier as práticas de leitura podem ser caracterizadas em duas categorias: leitura intensiva e leitura extensiva. A primeira categoria se refere ao início do século XVIII, quando o leitor se confrontava com um número limitado de textos (normalmente textos longos como a Bíblia), que eram lidos, relidos e memorizados. A leitura extensiva passa a ser praticada no final do século XVIII, em oposição à leitura intensiva. Através dela, o leitor lia variados impressos (mais rapidamente, sem esgotar as possibilidades do escrito) e raramente retomava a leitura desses textos. Ver: CHARTIER, 2001.

periódicos que geralmente é deixada em segundo plano pelos pesquisadores, apesar de todo o seu significado e relevância para a análise histórica. Dessa maneira, utilizando-se de suportes diversificados (**caricaturas e contos**) pretende-se possibilitar a construção de contribuições historiográficas inovadoras e empreender uma **análise interna** do periódico, deixando transparecer as maneiras discursivas contidas nestes.

Através da análise interna dos periódicos e suplementos em questão procura-se, ao comparar o discurso visual (caricaturas) com o verbal (contos), romper com a noção de que o primeiro é, necessariamente, uma ilustração do segundo. De forma que as imagens serão tratadas como registro histórico independente, ou seja, enquanto uma fonte como qualquer outra a qual deve ser analisada criteriosamente (assim como todas as fontes). Portanto, nem as caricaturas e nem os contos serão tomados enquanto falseamento da realidade, uma vez que ambos são representações constituídas por perspectivas, símbolos e códigos próprios, aludindo a visões que determinados sujeitos, determinados grupos têm dessa “realidade”, a qual é constituída através da relação dinâmica existente entre as práticas cotidianas e as próprias representações. Nesse sentido, chama-se a atenção para a realidade da representação e para o aspecto simbólico de qualquer ação objetiva, de forma que as representações não podem ser pensadas e interpretadas sem considerá-las na interação com as práticas cotidianas (e vice-versa) e nem enquanto representações generalizantes, uma vez que tais representações são determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam. Além disso, quer-se chamar atenção para o fato de que tais elementos (caricaturas e contos), uma vez que fazem parte de um discurso ideológico, se constituem enquanto instrumentos pedagógicos poderosos e eficazes no que concerne à divulgação dos ideais que defendem.

Levando-se em conta a relevância dos elementos da análise em questão, tal pesquisa faz referência às atuações concretas tanto de anarquistas como de defensores do anticlericalismo em Porto Alegre e em Buenos Aires. Essas atuações serão observadas através da produção da *imprensa marginal* de ambas as cidades, procurando elencar, quando possível, as semelhanças e as divergências, os momentos de aproximação e de afastamento de um discurso em relação a outro. Ao mesmo tempo, o trabalho procura mostrar alguns aspectos dessa *imprensa marginal* (a importância do imagético, as variadas formas de caracterização do discurso crítico, as diferentes estratégias utilizadas pelos periódicos, entre outros aspectos) que muitos pesquisadores têm deixado de lado ou deprimido sua importância nas pesquisas que fazem por não reconhecerem valor em tais elementos.

No caso brasileiro, esses “esquecimentos” ou “exclusões” são ainda mais graves, uma vez que a história do movimento operário e, em particular, dos anarquistas (embora tenham ocorrido avanços significativos nas duas últimas décadas), no geral, ainda permanece como uma zona obscura, não descortinada com amplitude e profundidade pelos historiadores<sup>8</sup>, haja vista que foi apenas nos últimos vinte anos que a história do movimento operário brasileiro começou a ser escrita, de maneira mais sistemática, fora do âmbito Rio – São Paulo; conforme Petersen acusava em meados dos anos oitenta: “*a formação de um corpus bibliográfico sobre o movimento operário fora do eixo Rio – São Paulo ainda depende muito do acaso. [...] é uma dificuldade concreta quando pretendemos sair do âmbito Rio – São Paulo, quer como bibliografia, quer como objeto de investigação*”<sup>9</sup>. No entanto, será a própria Petersen uma das historiadoras a iniciar, tanto a busca incansável pelos documentos do movimento operário gaúcho, como a escrever sobre o mesmo. Sendo assim, essa proposta de trabalho pretende contribuir para a descentralização da pesquisa acerca do movimento operário brasileiro, estabelecendo relações com Buenos Aires e não necessariamente com São Paulo e Rio de Janeiro, tendo-se em mente o contexto da incipiente e promissora produção de estudos comparados no contexto da região platina<sup>10</sup>.

Quanto às estratégias utilizadas nos periódicos e suplementos em questão, a pesquisa procura analisar o discurso crítico presente nos periódicos e traduzidos através das caricaturas e contos no que diz respeito à autoridade política (Estado), à autoridade econômica (capitalismo e a lógica da propriedade privada) bem como à autoridade religiosa (representada pela preeminência da Igreja Católica). De maneira a verificar se tais críticas eram representadas de forma similar ou distinta nos periódicos portoalegrenses e portenhos, bem como se apresentavam aproximações ou distanciamentos entre o discurso verbal e o visual pelos quais se expressavam. Vale ressaltar que o jornal, nas décadas em questão, era o meio mais ágil de circulação de informações e de idéias e, por isso, apresentava um valor maximizado se comparado ao jornalismo impresso atual. De forma que “*el diario y su lectura*

---

<sup>8</sup> Há vários aspectos do movimento operário gaúcho que precisam ser estudados de maneira mais aprofundada: estudos de recepção e circulação dos periódicos da imprensa operária (não foram encontrados estudos sobre a recepção dos jornais), bem como estudos que procurem mostrar as relações existentes entre o movimento operário brasileiro, argentino, uruguaio e chileno (questões pouco recorrentes na historiografia).

<sup>9</sup> PETERSEN, Sílvia. **Cultura e trabalho em Porto Alegre (1895-1930)**. In: Revista Comunicação e Cultura – outubro/1985 – nº03. p.04.

<sup>10</sup> Algumas pesquisas que encaram o desafio de estabelecer estudos comparados referentes à região platina estão sendo realizados no PPG em História da UNISINOS, no âmbito da linha de pesquisa “*Poder, idéias e instituições*”, dos quais citarei, a título de exemplo, as dissertações de Mestrado de Ianko Bett (2010) e Júlio Borges (2010), ambos tendo como objeto de pesquisa o anticomunismo no Brasil e na Argentina.

*forman parte de la experiencia de muchas personas entre las que se encuentran incluidos los trabajadores”<sup>11</sup>.*

No entanto, admite-se a dificuldade encontrada no decorrer da pesquisa para coletar o material, uma vez que cada periódico encontra-se em um lugar distinto e, muitas vezes, a coleção está incompleta, sendo necessária a busca pelos exemplares faltantes ou, na impossibilidade desta, a realização da análise parcial do periódico. Por isso, divulgaram-se os locais em que se encontram os periódicos e suplementos aqui analisados, a fim de facilitar pesquisas futuras e de poupar tempo aos próximos pesquisadores. Ao expor essa dificuldade ao pesquisador do movimento operário gaúcho, João Batista Marçal, reforçou a existência da mesma ao trabalhar com periódicos da chamada “pequena imprensa”: “- *é assim mesmo gringa, está tudo espalhado*”. Com relação a essa barreira, Sílvia Petersen informa que “*a pesquisa da história dos operários do Rio Grande do Sul – como suas congêneres - , sempre enfrenta os problemas da dispersão e descontinuidade das fontes, da sua localização e reprodução*”<sup>12</sup>. Mirta Lobato também alude a essa dificuldade, ao afirmar que a documentação referente à imprensa obreira “*se trata de un conjunto fragmentado, con numerosas lacunas pues en contraposición con la prensa burguesa los periódicos gremiales son difíciles de conseguir*”<sup>13</sup>.

Apesar da constatação dessa dificuldade inicial traduzida na necessidade de “garimpar” diversos arquivos e bibliotecas para conseguir reunir a documentação necessária, os avanços tecnológicos refletidos em máquinas digitais, softwares gráficos e na possibilidade de digitalização de microfimes facilitaram e tornaram possível a presente pesquisa, uma vez que sem tais aparatos tecnológicos a reprodução das caricaturas seria impossível e o seu estudo debilitado. De forma que as inovações tecnológicas atuais permitem voltar aos objetos, por vezes já estudados em décadas anteriores, com um olhar diferenciado e com uma abordagem específica, que apenas agora se torna efetivamente possível. De forma que se acredita que não basta apenas apontar a carência de estudos em determinadas áreas, mas deve-se também refletir acerca do porquê da sua ausência; no caso em questão, as dificuldades de reprodução das caricaturas em anos anteriores justificam a inexistência de estudos centrados nas mesmas.

---

<sup>11</sup> LOBATO, Mirta Zaida. **La prensa obrera**. Buenos Aires: edhasa, 2009. p.10.

<sup>12</sup> PETERSEN, Sílvia. **Antologia do Movimento Operário Gaúcho (1870 – 1937)**. Porto Alegre: UFRGS, 1992. p.13.

<sup>13</sup> LOBATO, Mirta Zaida. **La prensa obrera**. Op. Cit. p.17.

Tentar-se-á, portanto, explorar as caricaturas e contos encontrados nos periódicos em questão, a fim de verificar as denúncias, as crenças e as estratégias de ação da imprensa subalterna de ambas as cidades. Acredita-se que o valor desse estudo encontra-se exatamente no desafio que comporta: desafio de trabalhar com a linguagem metafórica e fantasiosa dos contos e com os traços, por vezes irônicos e risíveis, das caricaturas; trabalhar com caricaturistas e autores anônimos que não estavam preocupados em deixar suas marcas individuais, uma vez que se expressavam em nome da coletividade, sendo integrantes da “*alma coletiva*”. Desafio esse que procura tentar retirar desses elementos (caricaturas e contos) maneiras próprias de representação no seio da imprensa operária.

Como a pesquisa em questão requer uma análise do ponto de vista da “análise do discurso, do imagético e do simbólico”, utilizar-se-á de conceitos propostos por Pinto<sup>14</sup>, que esclarecem as noções de discurso político, por Bakhtin<sup>15</sup>, os quais dão conta das questões intertextuais, dialógicas e polifônicas, bem como se fará uso da questão do imaginário e da representação exposta na obra de Baczko<sup>16</sup>. De acordo com Pinto, a análise de discurso é uma teoria dos sentidos e das significações, a qual se expressa tanto na escrita como através de discursos visuais. Sendo a característica fundamental do discurso político a necessidade que este apresenta de impor constantemente a sua verdade, uma vez que a mesma está sempre ameaçada num jogo de significações. Sendo assim, a análise dos discursos libertários e anticlericais (que são tanto textuais como visuais) seguirá algumas precauções metodológicas apontadas pela autora no que toca à análise do discurso político. Na obra de Bakhtin, é possível compreender as concepções de signo, enunciado, carnavalização e polifonia. As charges, por exemplo, seriam carnavalescas (no sentido bakhtiniano), devido a sua construção interna, que é bifocal. A charge informa e opina sobre o seu tema por meio da representação de um “mundo às avessas”, promovendo, através da própria inversão de valores sociais, uma visão mais nítida da realidade. A charge, portanto, cumpre um ritual ambivalente, porque conjuga elementos díspares, uma vez que aponta a ordem instituída pelo reverso de sua aparência séria. De forma que, é tendo esta consciência de que as charges são ambivalentes e díspares, que se pode analisá-las sem que haja prejuízo da sua intenção real. A polifonia (múltiplas vozes), de que o autor trata, se verifica tanto nos elementos visuais como textuais

---

<sup>14</sup> PINTO, Céli Regina Jardim. **Elementos para uma análise de discurso político**. In: Barbarós, Santa Cruz do Sul, nº 24, 2006.

<sup>15</sup> BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992.

<sup>16</sup> BACZKO, Bronislaw. **Imaginação social**. In: ROMANO, Ruggiero (org). **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1985.

dos periódicos analisados, bem como nas relações dialógicas e nas alteridades presentes na produção de sentidos entre os trabalhadores.

Baczko, por sua vez, desenvolve os conceitos de imaginário e representação; dois conceitos fundamentais nas perspectivas históricas atuais, uma vez que se passa a reconhecer a importância que o imaginário tem como elemento da construção e da organização da produção historiográfica. Para Baczko o imaginário faz referência a todas as construções coletivas de interpretação e organização social a partir de símbolos e representações; sendo que o conjunto das representações elaboradas pela sociedade formam o que se denomina de “imaginário social”. Esse imaginário seria, portanto, o meio pelo qual um grupo *“designa sua identidade; elabora certa representação de si; estabelece a distribuição de papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns”*<sup>17</sup>. Segundo Pesavento *“o imaginário social se expressa por símbolos, ritos, discursos e representações alegóricas figurativas”*<sup>18</sup>.

Para ajudar a desvendar tal imaginário e simbologia característicos da tradição libertária e anticlerical se fará uso também da obra de Darnton<sup>19</sup> a qual alude sobre as publicações subversivas no seu estudo a respeito da difusão de livros e folhetos na França do Antigo Regime, revelando alguns traços das publicações subversivas que também estarão presentes nas publicações libertárias e anticlericais em questão.

A historiografia referente ao movimento operário argentino e brasileiro será constantemente citada e referenciada no decorrer da dissertação, uma vez que, embora ainda existam lacunas na historiografia referente ao universo do trabalhador e, em especial, dos anarquistas, há que se admitir que importantes passos já foram dados objetivando revelar aspectos do mundo operário e tais avanços não podem ser desconsiderados na presente análise. Procurou-se, sempre que possível, além dos citados clássicos, utilizar-se também de dissertações e teses mais recentes, ainda desconhecidas do grande público. Nas próximas linhas, pretende-se realizar uma breve apresentação de parte da bibliografia aqui utilizada, procurando romper o possível estranhamento existente entre os leitores da presente dissertação e a bibliografia que lhe sustenta bem como apontar os possíveis caminhos que tal texto seguirá.

Em uma breve revisão da produção historiográfica brasileira e argentina, apesar da existência de importantes estudos isolados dos sujeitos em questão, percebe-se a carência de

<sup>17</sup> BACZKO, Bronislaw. **Imaginação social**. Op. Cit. p.309.

<sup>18</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário**, Revista Brasileira de História. São Paulo, v.15, nº 29, 1995. p. 24.

<sup>19</sup> DARNTON, Robert. **Boemia Literária e Revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

estudos comparativos sobre tais sujeitos, bem como a incipiência de trabalhos que se propõem à análise do discurso, da simbologia e da identidade anarquista. Pensando nas análises teóricas da ação e do pensamento anárquico no contexto da América Latina, duas obras são de extrema importância para a compreensão dos passos iniciais dos anarquistas em países como o Brasil e a Argentina. Cappelletti & Rama<sup>20</sup> apresentam a gênese da ação anarquista em Buenos Aires, relacionando tal acontecimento ao processo de imigração. Ao mesmo tempo em que apresentam o surgimento da imprensa libertária na capital da Argentina, refletindo acerca das primeiras publicações do periódico “*La Protesta Humana*”, traçam os principais feitos desses anarquistas na gênese de sua organização, como, por exemplo, as greves gerais e a fundação da FORA<sup>21</sup>. Na análise da parte brasileira, os referidos autores também vinculam o anarquismo com o processo imigratório e apresentam a tentativa da formação de um núcleo anárquico na colônia Cecília (Paraná) e mostram a atuação dos primeiros anarquistas em Porto Alegre, dando destaque ao primeiro Congresso Obreiro do Rio Grande do Sul (1898). No entanto, tal obra não apresenta comparações diretas entre o movimento anárquico brasileiro e argentino, tratando-os isoladamente.

Julio Godio<sup>22</sup> é outro nome importante no que toca aos estudos do movimento operário latinoamericano. Em seu livro “*História do Movimento Obrero Latinoamericano/ Anarquistas y Socialistas*” o autor procura demarcar a atuação da classe operária latinoamericana como um todo, evidenciando alguns distanciamentos entre anarquistas de pátrias distintas. No entanto, o autor se detém mais nos anarquistas de Buenos Aires, analisando as greves, os Congressos, a atuação da FORA bem como os atentados violentos praticados por alguns desses. Sobre o movimento operário brasileiro o autor lança alguns tópicos (como a fundação de organizações operárias no Brasil), mas não os aprofunda.

Essas duas obras expressam as primeiras tentativas de apresentar num mesmo estudo as classes trabalhadoras ou parte delas (brasileira e argentina); no entanto, a análise comparativa não é o foco principal das obras em questão. Quanto à historiografia argentina referente ao movimento anarquista (especialmente em Buenos Aires), há três autores que estão realizando trabalhos de grande valor para o resgate da história do movimento anárquico

---

<sup>20</sup> CAPPELLETTI, Angel J. & RAMA, Carlos M. **El anarquismo en America Latina**. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1990.

<sup>21</sup> Federación Obrera Regional Argentina. O nome original da FORA é Federación Obrera Argentina (FOA); no entanto, no ano de 1904, durante o quarto congresso da Federação, resolve-se acrescentar o adjetivo “regional” para deixar claro que não se considerava a Argentina como uma unidade política, mas sim como uma região do mundo em que havia trabalhadores que lutavam por sua própria emancipação. Ver: Diego Abad de Santillán (2005).

<sup>22</sup> GODIO, Julio. **Historia del movimiento obrero latinoamericano/1**. Caracas: Editorial Nueva Imagem S/A, 1980.

e seus sujeitos: Juan Suriano, Osvaldo Bayer e Mirta Lobato. Suriano<sup>23</sup> analisa no seu livro *“Anarquistas: cultura y política libertaria en Buenos Aires, 1890-1910”* o fenômeno do anarquismo em variados campos de atuação: cultural, político, ideológico e social; ou seja, o autor procura fazer um relato global de todas as esferas em que os anarquistas se fizeram presentes, demonstrando tanto seus êxitos, quanto seus limites. Analisa as instituições operárias, a imprensa, as escolas libertárias, bem como a simbologia e os ritos do movimento, as festas, o teatro, a arte. É uma pesquisa importantíssima e rica, que encanta por sua complexidade ao tratar de âmbitos tão variados, indo do político ao cultural e simbólico. Em outra obra de Suriano<sup>24</sup>, denominada *“La interpelación anarquista”*, o autor aponta para o fato de que o anarquismo na Argentina não é homogêneo e que há diferenças entre seus adeptos. Tenta mostrar os atritos desses “anarquistas” no seio da direção do periódico **La Protesta**, bem como com a direção de outros periódicos, como *“Luz y Vida”*, o que rompe com a idéia de um anarquismo homogêneo e classista.

Já Bayer<sup>25</sup> trabalha mais com a atuação concreta dos anarquistas, trazendo à tona seus planos de ação, seus projetos de fuga, a ação direta empregada contra as autoridades policiais, bem como o sentimento de união e companheirismo no interior dos núcleos anarquistas. No seu livro *“Anarquistas Expropriadores”*, Bayer consegue resgatar inúmeras investidas anárquicas contra as autoridades policiais, os bancos, os capitalistas e os representantes do governo em si. Demonstra tanto o lado brutal dos anarquistas (a utilização da violência), quanto o lado mais humano, da cooperação e do companheirismo. Suas obras são repletas dessa dicotomia (violência e compaixão), o que é explícito também na obra *“Severino Di Giovanni: El idealista de la violencia”*<sup>26</sup> na qual é apresentada a trajetória de vida de Di Giovanni, um dos principais nomes do anarquismo latinoamericano e defensor da ação violenta. No final do livro, Bayer publica as cartas de amor que Di Giovanni escrevia para sua companheira, demonstrando o lado sensível e emotivo de um dos anarquistas que as autoridades qualificaram de violento e perigoso.

Mirta Lobato<sup>27</sup>, em *“La Prensa Obrera”*, apresenta um trabalho importantíssimo acerca tanto da imprensa operária argentina como uruguaia, ao ousar realizar um estudo comparativo entre ambas as produções, evidenciando as similaridades e a grande circulação

<sup>23</sup> SURIANO, Juan. **Anarquistas: cultura y política libertaria en Bueno Aires**. Buenos Aires: Manantial, 2001.

<sup>24</sup> SURIANO, Juan. **La Interpelación Anarquista. Tensiones Entre el discurso y las prácticas libertárias en Argentina, 1890-1916**. Buenos Aires: Manantial, 2001.

<sup>25</sup> BAYER, Osvaldo. **Los anarquistas expropriadores**. Buenos Aires: Galerna, 2005.

<sup>26</sup> Idem. **Severino Di Giovanni: el idealista de la violencia**. Buenos Aires: Txalaparta, 2000.

<sup>27</sup> LOBATO, Mirta Zaida. **La prensa obrera**. Buenos Aires: edhasa, 2009.

existente entre essas produções da imprensa operária. Analisa e “ressuscita” uma série de periódicos gremiais dos dois os países que estavam perdidos e fragmentados em arquivos, bibliotecas e residência de ex-militantes.

Além desses autores, outros são de grande importância para a compreensão do movimento obreiro argentino: Diego Abad de Santillán<sup>28</sup>, Pablo M. Perez<sup>29</sup> e Iaacov Oved<sup>30</sup>. Santillán é um clássico entre os escritos acerca do movimento operário e apresenta, em um dos seus livros (*La FORA*), toda a trajetória da FORA, analisando todos os seus Congressos e suas rupturas internas. Tal obra é fundamental para se perceber a diferença entre os primeiros Congressos realizados pela Federação (que contavam com um caráter mais ativo e atuações expressivas) e os últimos, já imbuídos de passividade e tolerância frente à realidade. Em outro estudo, realizado em comemoração aos 30 anos do periódico **La Protesta** e publicado no *Certamen Internacional de La Protesta*<sup>31</sup>, Santillán se esforça para contar a história do periódico libertário, retratando seus diversos diretores, colaboradores, crises internas e superações. Tal estudo tem grande valor para a presente pesquisa, uma vez que fornece informações pertinentes acerca da história do jornal **La Protesta** nos seus trinta primeiros anos de existência. Perez, por sua vez, também retrata grande parte da trajetória da FORA e amplia seus estudos analisando a fundação da FLA (Federación Libertaria Argentina) em 1955, quando o anarquismo enquanto movimento já não tinha a mesma expressão que na época da FORA. Traz na sua obra relatos publicados pelos anarquistas do **La Protesta** e **La Antorcha**<sup>32</sup>, mostrando os momentos de distanciamentos entre ambas as produções periódicas, nas quais **La Protesta** se caracteriza, de acordo com o autor, por ser um periódico mais ameno, não violento e **La Antorcha**, por seu turno, por ser um periódico radical, violento. Por fim, porém não menos importante, o estudo de Iaacov Oved sobre o movimento obreiro na Argentina procura respostas para as questões referentes ao auge do anarquismo na Argentina, uma vez que o anarquismo se converteu no elemento promotor da maioria das lutas dos trabalhadores em solo portenho. Sua obra procura resgatar os primeiros passos dados

---

<sup>28</sup> SANTILLÁN, Diego Abad De. **La FORA**. Buenos Aires: Utopia Libertaria, 2005.

<sup>29</sup> PEREZ, Pablo. **El movimiento anarquista y los Orígenes de la Federación Libertaria Argentina**. Buenos Aires: UBA, 2000.

<sup>30</sup> OVED, Iaacov. **El anarquismo y el movimiento obrero en Argentina**. Buenos Aires: América Nuestra, 1978.

<sup>31</sup> SANTILLÁN, Diego Abad De. **Certamen Internacional de La Protesta**: en ocasión del 30 aniversario de su fundación. Buenos Aires, 1927.

<sup>32</sup> O periódico “*La Antorcha*” circulou em Buenos Aires durante os anos de 1921 a 1930 e é considerado um dos periódicos anarquistas mais radicais, devido ao seu amplo apoio à sabotagem, ação direta e ao uso da violência. Seus exemplares encontram-se na Federación Libertaria Argentina (F.L.A.), em Buenos Aires (em seu formato original – Coleção incompleta).

pelo anarquismo na Argentina, abarcando o período de 1880 a 1905, ano este em que o anarquismo já tinha atingido uma proporção significativa na sociedade argentina.

Quanto aos estudos referentes à difusão do anarquismo no interior da Argentina destacam-se os escritos de Ricardo Falcón<sup>33</sup> e de Alejandra Monserrat<sup>34</sup>, os quais dissertam a respeito do anarquismo presente na cidade de Rosário. Além desses, a historiadora Dora Barrancos<sup>35</sup>, faz um importante trabalho vinculando o anarquismo à sexualidade e à educação, utilizando-se, entre outras fontes, do periódico **La Protesta**.

Ao mesmo tempo em que se apresentaram referências importantes acerca da história do movimento operário argentino e, em particular, do movimento anarquista, admite-se que várias outras referências possam ter sido esquecidas nessa brevíssima revisão historiográfica; esquecimentos esses que se esperam sanar no decorrer da dissertação, apresentando, quando for o caso, outros nomes que aumentem a lista e a qualidade da discussão aqui ensaiada.

Na historiografia do movimento operário brasileiro e, ao que mais interessa aqui, do movimento anarquista, é fundamental citar a obra de Edgar Rodrigues que perpassou tanto a fase mais institucionalizada do movimento (através dos Congressos Operários), quanto àquelas ligadas aos aspectos culturais: manifestações do 1º de Maio, escolas libertárias e o teatro social. No livro *“Alvorada Operária”*<sup>36</sup>, o autor disserta a respeito dos Congressos Operários realizados tanto em São Paulo como no Rio Grande do Sul e Paraná. Sendo um dos historiadores incipientes a tratar de aspectos do movimento operário gaúcho. Na mesma obra, o autor trata da situação da mulher operária, inovando e ampliando assim as possibilidades de estudo da classe operária brasileira.

Se, no caso de Buenos Aires, contamos com uma vasta bibliografia acerca dos anarquistas e do movimento operário nessa cidade, o mesmo não ocorre na análise particular dos anarquistas em Porto Alegre. No entanto, isso não significa que não existam estudos relevantes acerca dessa temática. Há, sim, estudos de qualidade expressiva que retratam aspectos dos anarquistas gaúchos e que servirão de suporte para a proposta de trabalho aqui defendida. Para começar é válido citar a tentativa de Marçal<sup>37</sup> em retratar a história dos anarquistas gaúchos através da apresentação de breves biografias de vida dos sujeitos que se

---

<sup>33</sup> FALCÓN, Ricardo. **La Barcelona Argentina**. Santa Fé: Laborde Editor, 2000.

<sup>34</sup> FALCON, MARCOR & MONSERRAT. **Obreros, artesanos, intelectuales y actividad político-sindical. Aproximación biográfica a un perfil de los primeros militantes del movimiento obrero argentino**. IN: Estudios Sociales: Revista Universitária Semestral. Año 1. Santa Fé: Universidad Nacional del Litoral, 1991.

<sup>35</sup> BARRANCOS, DORA. **Anarquismo, Educación y costumbres en la Argentina de principios de siglo**. Ed. Contrapunto. Buenos Aires. 1990.

<sup>36</sup> RODRIGUES, Edgar. **Alvorada Operária**. Rio de Janeiro: Edições Mundo Livre, 1979.

<sup>37</sup> MARÇAL, João Batista. **Os anarquistas no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Unidade editorial, 1995.

destacaram nesse movimento. Em seu livro “*Anarquistas no Rio Grande do Sul*” o autor procura caracterizar esses anarquistas respondendo a perguntas tais como: quem são? O que fazem? O que estudam? A qual profissão se dedicam? Além de breves biografias, o livro também apresenta textos e poesias publicados pela imprensa operária gaúcha, os quais são fontes valiosas de pesquisa. Tendo também a imprensa operária gaúcha como base de sua elogiável pesquisa, o historiador Jorge Jardim<sup>38</sup> apresenta na sua dissertação de mestrado intitulada “*Comunicação e militância: A imprensa operária do Rio Grande do Sul (1892-1923)*” os principais periódicos (e suas respectivas características) que formavam tal imprensa. O autor faz alusão aos periódicos **A Luta** e **Lúcifer**, fornecendo informações relevantes para a referida pesquisa.

Outra obra produzida no Rio Grande do Sul que procura resgatar a atuação de anarquistas no Estado é o importante relato autobiográfico do anarquista alemão Friedrich Kniestedt, organizado e publicado pelo historiador René E. Gertz<sup>39</sup>. O relato mostra toda a trajetória de Kniestedt, desde sua atuação libertária na Alemanha quanto no Brasil, bem como sua posição inicial otimista em relação ao movimento operário gaúcho, como a alteração dessa posição para uma crítica severa ao mesmo, caracterizando-o como um movimento sem capacidade de ação, desunido e pouco ágil. Adhemar Lourenço da Silva Júnior<sup>40</sup> contribui com sua tese de doutorado intitulada “*As Sociedades de Socorros Mútuos: estratégias privadas e públicas*”, em que aborda as condições necessárias para o desenvolvimento de estratégias públicas pelas sociedades de socorros mútuos, demonstrando também os diferentes interesses que estavam por trás dessas sociedades: “*o padrão dos associados estaria tipicamente interessado nos benefícios materiais oferecidos pelas sociedades de socorros mútuos ao passo que as lideranças estariam nos recursos espirituais e/ou políticos*”<sup>41</sup>. O autor ainda demonstra a presença de práticas de socorro mútuo também no interior da FORGS<sup>42</sup>, mesmo quando esta era formada e dirigida por anarquistas; o mesmo ocorrendo em outras agremiações com tendências libertárias, o que evidencia que tais práticas não eram totalmente evitadas pelos grupos com tendências anarquistas, como se poderia supor a priori.

---

<sup>38</sup> JARDIM, Jorge Luiz Pastorisa. **Comunicação e militância: A imprensa operária do Rio Grande do Sul (1892-1923)**. Dissertação de Mestrado (PUC-RS). Porto Alegre, 1990.

<sup>39</sup> GERTZ, René E. **Memórias de um imigrante anarquista**. Porto Alegre: EST, 1989.

<sup>40</sup> SILVA JÚNIOR, Adhemar Lourenço da. **As sociedades de socorros mútuos: estratégias privadas e públicas**. Tese. (Doutorado em História) – Programa de Pós Graduação em História. PUC, Porto Alegre, RS, 2004.

<sup>41</sup> Ibid. p.06.

<sup>42</sup> Federação Operária do Rio Grande do Sul, fundada em 1906. De acordo com Petersen “*a FORGS veio a se constituir na mais importante entidade operária gaúcha, fundada em 4 de outubro de 1906 pelo operariado em greve*” (PETERSEN, 2001 p.205).

Sílvia Petersen, juntamente Maria Elisabeth Lucas<sup>43</sup>, na obra “*Antologia do Movimento Operário Gaúcho*”, apresenta uma série de documentos da imprensa operária gaúcha (vários deles, inéditos e de difícil acesso aos pesquisadores), bem como questões fundamentais para a recuperação da memória operária e, em especial, dos anarquistas, uma vez que as autoras apresentam a posição do periódico libertário **A Luta**. Já no livro “*Que a União Operária Seja nossa Pátria*”<sup>44</sup>, Petersen objetiva analisar os instrumentos formais de organização e luta dos operários (associações, sindicatos, partidos e greves), elucidando aspectos da dimensão político-ideológica-institucional no Rio Grande do Sul da Primeira República.

Deixando de lado os aspectos políticos do movimento operário riograndense e direcionando-se para os estudos que se aproximam do cultural, do simbólico e do imagético, três autoras se destacam: novamente Sílvia Petersen<sup>45</sup>, que realiza um estudo voltado para as questões culturais dos anarquistas em Porto Alegre, dando destaque especial para a educação “libertária” e para a prática teatral, mostrando aspectos de divulgação dos ideais libertários através das escolas operárias, da prática teatral e da imprensa libertária. Já Evangelia Aravanis<sup>46</sup>, na sua dissertação de mestrado se detém na análise do discurso social dos anarquistas de Porto Alegre exposto no periódico **A Luta**, mostrando a posição desses anarquistas rumo a uma ruptura social; ou seja, um discurso violento contra o Estado, os partidos políticos, à exploração capitalista e o desejo da construção de uma sociedade que a autora considera como “utópica”. Caminhando-se do projeto social para a construção da identidade operária dos trabalhadores porto-alegrenses, tem-se o estudo de Isabel Aparecida Bilhão<sup>47</sup>, o qual apresenta aspectos da identidade em construção desse operariado, dando destaque ao constante atrito entre socialistas e anarquistas: socialistas representados pelo periódico **A Democracia** e anarquistas pelo periódico **A Luta**, bem como mostrando os discursos ora mais radicais, ora mais reformistas do operariado gaúcho, o que contribui para a construção de uma identidade pouco fixa e definida.

---

<sup>43</sup> PETERSEN, Sílvia; LUCAS, Maria Elisabeth. **Antologia do Movimento Operário Gaúcho (1870 – 1937)**. Porto Alegre: UFRGS, 1992.

<sup>44</sup> PETERSEN, Sílvia. “**Que a união operária seja a nossa pátria!**”: história das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações. Santa Maria: editoraufsm; Porto Alegre: Ed.Universidade/ UFRGS, 2001.

<sup>45</sup> PETERSEN, Sílvia. **Cultura e trabalho em Porto Alegre (1895-1930)**. In: Revista Comunicação e Cultura – outubro/1985 – nº03.

<sup>46</sup> ARAVANIS, Evangelia. **Uma utopia anarquista: o projeto social dos anarquistas do periódico “A Luta” e o seu desejo de mudar o rumo da história em Porto Alegre: (1906-1907)** – Dissertação de Mestrado – UFRGS, 1997.

<sup>47</sup> BILHÃO, Isabel Aparecida. **Identidade e trabalho: uma história do operariado Porto-Alegrense (1898-1920)**. Porto Alegre: Eduel, 2008.

É importante citar ainda as dissertações recentes que serão, por ocasião, referenciadas no trabalho, uma vez que, embora o anarquismo e os periódicos anarquistas e anticlericais de Porto Alegre não sejam o objeto principal das mesmas, ambas trazem contribuições acerca do operariado gaúcho no início do século XX. Lucas Neves Prochnow<sup>48</sup>, na sua dissertação “*Memórias, narrativas e História: a imigração espanhola recente em Porto Alegre*”, traz a rememoração de uma história de vida de um imigrante espanhol ligado ao anarquismo e que manteve tal ligação em solo gaúcho, retratando a importância que o sujeito libertário conferia à educação, sendo ele um dos professores da escola Moderna. Já Ailana Cristina de Amorim<sup>49</sup>, na dissertação “*Relações intra-classe: solidariedade e conflito na formação da classe operária do Rio Grande do Sul*”, apresenta os momentos de solidariedade operária e os de conflito no interior da mesma, demonstrando que tal classe não era homogênea, ao mesmo tempo em que disserta acerca das condições de vida dos trabalhadores na capital gaúcha.

Além desses trabalhos que fazem referência ao movimento operário de Buenos Aires ou de Porto Alegre, também contribuirão de forma expressiva os trabalhos que analisam as caricaturas ou contos. Embora algumas dessas produções trabalhem com periódicos anarquistas paulistas e cariocas, as mesmas se traduzem importantíssimas para a análise em questão, uma vez que, inexistindo trabalhos específicos sobre as caricaturas e contos dos periódicos aqui analisados, pode-se estabelecer relações com esses trabalhos de cidades distintas, em que distanciamentos e similaridades serão diagnosticados e contribuirão para o aprofundamento das reflexões suscitadas. Nesse sentido, destaca-se o trabalho da historiadora Angela Maria Roberti Martins<sup>50</sup> que trabalha com as caricaturas libertárias encontradas nos periódicos anarquistas de São Paulo e Rio de Janeiro, entre os anos de 1910-1920, bem como o trabalho de Alberto Gawryszewsky<sup>51</sup>, que também trabalha com as imagens anarquistas impressas nos periódicos libertários paulistas entre os anos de 1910 a 1930; bem como a dissertação de

---

<sup>48</sup> PROCHNOW, Lucas Neves. **Memórias, Narrativas e História: a imigração espanhola recente em Porto Alegre**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós Graduação em História. PUCRS, Porto Alegre, RS, 2009.

<sup>49</sup> AMORIM, Ailana Cristina de. **Relações intra-classe: solidariedade e conflito na formação da classe operária no Rio Grande do Sul**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. UFRGS, Porto Alegre, RS, 2006.

<sup>50</sup> MARTINS, Angela Maria Roberti. **O Segredo dos corpos: representações do feminino nas páginas libertárias**. In: DEMINICIS, Rafael Borges. **História do Anarquismo no Brasil**. Vol.2. Rio de Janeiro: Achiamé, 2009.

<sup>51</sup> GAWRYSZEWSKI, Alberto (org.). **Imagens anarquistas: análises e debates**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2009.

mestrado de Cláudia Feirabend Baeta Leal<sup>52</sup>, que apresenta e analisa contos e poesias presentes na imprensa libertária paulista entre os anos de 1900 a 1916.

Portanto, embora os periódicos e suplementos (ou partes deles) **La Protesta**, **A Luta** e (ocasionalmente) o **Lúcifer**, o **Suplemento de La Protesta** e **La Obra** tenham servido de base para alguns trabalhos referentes ao movimento operário gaúcho e portenho, os mesmos não foram totalmente explorados pela historiografia, visto que trabalhos que se constituam especificamente com as caricaturas e contos presentes nesses periódicos ainda inexistem; de forma que o presente estudo tentará minimizar essa lacuna. Porém, o mesmo não tem a pretensão de esgotar as possibilidades de outras interpretações e maneiras de se pensar as caricaturas políticas e contos aqui reproduzidos, de maneira que se admite que o mesmo é apenas uma tentativa entre múltiplas possibilidades metodológicas possíveis.

A estrutura da dissertação está dividida em três capítulos, escritos com uma linguagem mais simples do que empolada, a fim de que a mesma possa ser entendida e lida também por aqueles que não frequentam a academia, com o intuito de não se constituir como mais um trabalho entregue à poeira das prateleiras da Universidade.

No **Capítulo 1** serão apresentados os periódicos, seus dirigentes e suas principais características, sua duração, formato, colunas, temáticas, periodicidades bem como o surgimento, o significado e a função da pequena imprensa em Buenos Aires e em Porto Alegre. Além disso, tentar-se-á estabelecer tanto as semelhanças, quanto as diferenças entre as produções de ambas as cidades, demonstrando a disparidade dos periódicos (duração, quantidade, exemplares) encontrados em Buenos Aires e em Porto Alegre e, ao mesmo tempo, apresentar possibilidades de comparação entre dois contextos espaciais distintos e cujas fontes também apresentam certa disparidade. De forma que o **Capítulo 1** tenciona apresentar de maneira acelerada a totalidade dos periódicos e suplementos utilizados, de maneira a romper com o isolamento inicial existente entre os possíveis leitores e as fontes que serviram de base para a pesquisa.

Após devidamente apresentados os periódicos, o **Capítulo 2** realizará a vinculação da imagem à História, dando visibilidade às caricaturas libertárias e anticlericais encontradas nesses periódicos, procurando demonstrar as diferentes maneiras com que os caricaturistas representavam a miséria e a exploração, bem como as esperanças que depositavam na classe

---

<sup>52</sup> LEAL, Claudia Feieranbend Baeta. **Anarquismo em Verso e Prosa: literatura e Propaganda na imprensa libertária em São Paulo (1900-1916)**. Dissertação (Mestrado em teoria Literária) – Instituto de Estudos de Linguagem, UNICAMP, Campinas, SP, 1999.

operária; conferindo importância, portanto, ao uso político da caricatura, uma vez que ela realiza uma contribuição fundamental ao debate político, já que incentiva o envolvimento de pessoas comuns no mesmo e tenciona transmitir, através de traços, informações necessárias para a formação da *consciência crítica*; no caso em questão, tal consciência é constituída pelos ideais libertários e pela visão anticlerical. Também se ousará em tentar apresentar as atuações de dois caricaturistas, cuja principal marca era (e ainda é) o anonimato, de maneira a demonstrar que as ausências e lacunas deixadas pelas fontes também são, por si só, elementos reveladores.

Passando dos traços para as palavras, o **Capítulo 3** versará sobre alguns contos encontrados nos periódicos e suplementos em questão; procurando caracterizar a escrita de resistência, bem como a função pedagógica dos contos trazidos nos periódicos libertários e anticlericais, os quais transmitiam suas mensagens através de metáforas, de ironias, de jogos de palavras que continham alto teor de comoção. Sempre buscando similaridades e distanciamentos entre os contos de cada periódico e suplemento e mesmo entre os seus próprios elementos internos, ou seja, entre aquilo que diziam as caricaturas e aquilo que diziam as palavras, verificando se ambas as formas traduziam, de igual modo, os mesmos sentimentos, angústias e esperanças.

Convida-se, portanto, o leitor a desfrutar desse universo imagético e simbólico apresentado através de riscos, rimas e fantasias que tanto denunciavam como objetivavam uma mudança profunda na sociedade que lhes dava vida, constituindo-se em elementos significativos da crítica social dos anos finais do século XIX e da década inicial do século XX. Crítica essa que é cada vez menos ouvida na sociedade atual, em que os riscos, rimas e fantasias, quando tentam denunciar algo, acabam sendo logo esquecidos e apagados pela comunicação acelerada a serviço dos donos do jogo...

## 1 QUE IMPRENSA É ESTA? A RETÓRICA DO ÓDIO E A PROPAGANDA DE IDEIAS NOS JORNAIS LIBERTÁRIOS E ANTICLERICAIS DE PORTO ALEGRE E BUENOS AIRES

*“La influencia de la prensa no puede ser desconocida por ninguna persona sensata.”*

La Protesta, 26 de junio de 1906

*“Pretendemos trazer para estas colunas toda experiência e toda observação que colhermos das lutas que se vão empenhando entre trabalhadores e capitalistas de toda parte do mundo, luta que vai marcando os passos da espécie humana em marcha para o ideal de uma sociedade onde o baixo egoísmo especulativo não terá guarida, e onde, unidos todos indivíduos pela solidariedade, gozarão da liberdade integral a que fizeram jus.”*

A Luta, 18 de setembro de 1906

Os jornais que serão utilizados ao longo desta dissertação e que possibilitarão as reflexões acerca das variadas estratégias empregadas em suas páginas para atrair os trabalhadores aos ideais libertários ou para distanciá-los das instituições que consideravam nefastas para o pleno desenvolvimento dos indivíduos - principalmente o Estado e o Clero - fazem parte da **imprensa operária**<sup>53</sup> ou **imprensa subalterna**, também designada por alguns autores enquanto **pequena imprensa**, **imprensa independente** ou **imprensa alternativa**<sup>54</sup>. Por imprensa operária compreendem-se aqueles instrumentos de comunicação (periódicos<sup>55</sup>, suplementos ou revistas) cujo conteúdo destina-se principalmente aos trabalhadores,

<sup>53</sup> No entanto, há divergências na historiografia quanto à utilização do termo **imprensa operária** para designar os jornais da imprensa libertária ou anarquista. Segundo Suriano (2001), por exemplo, a imprensa libertária seria destinada à humanidade, enquanto que a imprensa operária se dedicaria aos assuntos das agremiações estritamente operárias; tendo esta imprensa, portanto, um caráter mais local enquanto a libertária teria um caráter global. No entanto, o termo imprensa operária parece estar consolidado em uma parcela considerável de estudos os quais englobam sob essa terminação os periódicos libertários, os socialistas, os de agremiações, os anticlericais, os de ofícios e, esporadicamente, outras variantes. Como exemplos podemos citar os trabalhos de Mirta Lobato, Sílvia Petersen, Jorge Jardim, João Batista Marçal, entre outros. Estudos mais recentes procuram dar solução a esse problema de terminologia, utilizando termos mais abrangentes como imprensa subalterna, popular, contestatária, segmentada, comunitária, alternativa, de resistência. Como a maioria dos autores utilizados na presente pesquisa se utiliza do termo imprensa operária englobando também os periódicos libertários manter-se-á tal terminologia; no entanto, ciente da sua debilidade. Tendo essa debilidade em vista a pesquisa procura pontuar que os jornais utilizados na pesquisa, embora sejam por ora considerados enquanto elementos da imprensa operária, são libertários e anticlericais.

<sup>54</sup> Por imprensa alternativa ou pequena imprensa compreende-se a prática jornalística feita por veículos e instituições fora do escopo da chamada “grande imprensa” ou “imprensa oficial”. No entanto, as designações “pequena” imprensa e imprensa “alternativa” não diminuem a importância do conteúdo desses periódicos frente à “grande” imprensa. Os periódicos utilizados neste trabalho inserem-se na pequena imprensa e são marcados por uma tiragem de exemplares reduzida, pelas dificuldades político-econômicas para manter a circulação constante dos periódicos e pelo fechamento de suas sedes em algumas ocasiões de repressão por parte do Estado. Porém, a utilização do termo “imprensa alternativa” pode ser problemática no caso em questão, uma vez que tal termo é datado historicamente e se refere a jornais de resistência à ditadura militar, podendo, portanto, confundir o leitor nessa pesquisa.

<sup>55</sup> O termo periódico será utilizado nessa pesquisa enquanto sinônimo de jornal.

mostrando, por um lado, sua condição de explorados no mundo capitalista e, por outro, apontando caminhos alternativos, estratégias variadas que romperiam com a sociedade capitalista e dariam início a uma sociedade alternativa, justa, livre e igualitária. Na presente dissertação serão utilizados periódicos da imprensa operária de Buenos Aires e de Porto Alegre que ou defendem diretamente os princípios libertários ou se dedicam exclusivamente a denunciar os abusos do estado capitalista e do clero (podendo apresentar, por ora, certa simpatia aos princípios libertários). Dessa forma, essa pesquisa não é resultado da análise de todo o conjunto de periódicos da imprensa operária produzido nestas duas cidades, mas sim resultado do estudo de alguns periódicos dessa imprensa e cujo resultado, portanto, não pode ser transposto e generalizado para toda a imprensa operária de Buenos Aires ou de Porto Alegre, visto que também fazem parte da mesma os periódicos socialistas, os de ofícios e, posteriormente, os comunistas que não serão abordados nesse trabalho. A imprensa operária é, antes de tudo, um fenômeno heterogêneo, que reflete as divergências de pensamento existentes entre os trabalhadores. Jardim assim caracteriza a imprensa operária:

A característica básica da imprensa operária está na sua temática (mensagem ou conteúdo) que engloba fundamentalmente os problemas das classes trabalhadoras. Esta temática envolve de um modo geral as diferentes lutas dos trabalhadores e as preocupações com a organização destes trabalhadores para o enfrentamento do sistema capitalista, pois a imprensa operária é essencialmente um fenômeno da sociedade capitalista industrial<sup>56</sup>.

Esta imprensa pode ser vista como uma das manifestações da resistência dos trabalhadores à dominação do capital e de suas instituições, definindo-se como um instrumento privilegiado da propaganda e incentivo desta resistência. Suas características materiais e formais também são particularidades inseridas no contexto do movimento operário, a ele adaptadas e por ele condicionadas nas suas dificuldades, limitações e aspectos criativos no enfrentamento à dominação<sup>57</sup>.

Em concordância com Jardim, podemos afirmar que os periódicos operários são elementos da sociedade capitalista industrial e, por isso, majoritariamente urbanos. De maneira que para a existência da imprensa operária é necessário que haja um processo de industrialização em desenvolvimento ou já plenamente desenvolvido, bem como um movimento operário em formação; visto que a existência da imprensa operária é uma decorrência da própria organização dos trabalhadores. Nesse sentido, tanto Buenos Aires quanto Porto Alegre já terão sofrido, ou melhor, iniciado o processo de modernização quando

---

<sup>56</sup> JARDIM, Jorge Luiz Pastorisa. **Comunicação e militância: A imprensa operária do Rio Grande do Sul (1892-1923)**. Dissertação de Mestrado (PUC-RS). Porto Alegre, 1990. p.17.

<sup>57</sup> Ibid. p. 133.

da fundação dos jornais operários e usufruirão de um número expressivo de fábricas e indústrias as quais serão o local predominante de trabalho da população urbana dessas cidades; bem como de uma massa operária formada principalmente por imigrantes, alguns dos quais traziam na sua bagagem política e cultural experiências de lutas e de reivindicações sociais. Sobre a formação da classe operária de Buenos Aires, Suriano afirma que:

O processo de modernização econômica iniciado na década de 1870 deu ensejo à criação de cidades como Buenos Aires, que cresciam acelerada e desordenadamente ao ritmo do crescimento da economia e do fluxo imigratório. Nessas grandes urbes se instalaram os serviços e as indústrias. Nesse contexto configurou-se um mundo do trabalho composto principalmente por mão-de-obra imigrante e por uma incipiente classe operária concentrada em algumas poucas fábricas de grande porte (frigoríficos, cervejarias, moinhos), na construção e, principalmente, no setor de serviços (transporte, portos).<sup>58</sup>

A presença da massa imigrante entre a classe operária em formação também é uma constante em Porto Alegre; no entanto, isso não significa dizer que não houve participação de locais/nacionais no processo de formação e afirmação da classe operária tanto em Porto Alegre como em Buenos Aires; mas pretende-se destacar o papel importante que os imigrantes tiveram nesse processo, sendo muitos deles fundadores, diretores, editores ou colaboradores de periódicos da aqui designada pequena imprensa. Sobre o desenvolvimento do processo de urbanização e industrialização no Rio Grande do Sul, bem como a presença de imigrantes nesse contexto, Bilhão e Petersen apontam que:

Assim, na virada do século XX, Porto Alegre passou por um crescimento urbano acelerado; sua população que era de 52.000 habitantes, em 1890, dobrou em 1910. Juntamente com a população, cresceram os problemas habitacionais da cidade, os cortiços aumentaram em mais de quatro vezes, de trezentos, em 1890, para mais de mil e duzentos em 1904.<sup>59</sup>

O desenvolvimento do processo de industrialização no Rio Grande do Sul desde meados do século XIX começou a trazer para as cidades gaúchas, principalmente Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande, as marcas da sociedade urbano-industrial em formação. As indústrias mais importantes – alimentícias e têxteis – tiveram suas origens vinculadas ao comércio de exportação e importação, em grande parte nas mãos de imigrantes alemães ou seus descendentes. [...] Sem que com isto se esteja induzindo a pensar que o operário desta fase fosse exclusivamente imigrante, observa-se que pelo menos os mais qualificados eram estrangeiros, completando-se o quadro com os nacionais.<sup>60</sup>

<sup>58</sup> SURIANO, Juan. **Cultura e política anarquista em Buenos Aires no começo do século XX**. In: AZEVEDO, Cecília (org.). **Cultura política, memória e historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. p. 159.

<sup>59</sup> BILHÃO, Isabel. **Identidade e Trabalho: uma história do operariado porto-alegrense (1898-1920)**. Londrina: Eduel, 2008. p.98.

<sup>60</sup> PETERSEN, Sílvia; LUCAS, Maria Elisabeth. **Antologia do Movimento Operário Gaúcho**. Porto Alegre: UFRGS/Tchê!, 1992. p.17.

Em finais do século XIX o processo de industrialização era considerado, por parte da burguesia, fundamental para o desenvolvimento e modernização da capital gaúcha, chegando a ser a sua expansão um dos objetivos principais do PRR (Partido Republicano Riograndense) que encabeçava o poder em meados de 1889.

Naturalmente, a fábrica, segundo a ótica burguesa, era visualizada enquanto sinônimo de progresso, de riqueza, de civilização. Para o partido que em 1889 empolgava o poder no Rio Grande do Sul – o PRR – a disseminação das indústrias no Estado era uma meta a ser atingida.<sup>61</sup>

Sendo assim, os periódicos utilizados para a presente pesquisa são elementos urbanos de cidades que já apresentavam um número considerável de indústrias e um corpo de operários atuantes que procurava se organizar enquanto classe; de forma que tais periódicos refletiam essa tentativa de organização por parte da massa operária, a qual era formada por um expressivo número de imigrantes, mas nem por isso desprovida de elementos locais/nacionais. Em seu estudo dedicado à imprensa operária no Rio Grande do Sul, Jardim constata que *“a imprensa operária é um fenômeno eminentemente urbano. Apesar de alguns jornais terem sido editados em pequenas cidades do interior, não há notícias de qualquer publicação fora da zona urbana”*<sup>62</sup>.

No entanto, se para determinados setores da burguesia incipiente de Buenos Aires e de Porto Alegre o desenvolvimento e o aumento do número de indústrias era sinônimo de progresso e modernidade, para os trabalhadores o sentimento em relação a esse fenômeno certamente não era o mesmo; de forma que em grande parte dos periódicos operários as indústrias serão pintadas negativamente, representando um lugar de opressão, punição e exploração. Tais periódicos apresentarão, portanto, uma posição de combate ao espaço da indústria, dos patrões e das instituições como o Clero e o Estado, as quais, segundo a teoria anarquista, viabilizavam a existência do mundo capitalista baseado no dualismo dos exploradores e explorados.

Tais elementos da imprensa operária tinham, por um lado, a intenção de denunciar os abusos cometidos pelas instituições que sustentavam o capitalismo e, por outro, o objetivo de convencer os trabalhadores da importância de participarem na luta em prol de uma nova sociedade e do rompimento da sua condição de explorados. Formavam uma imprensa com

---

<sup>61</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os pobres da cidade: vida e trabalho – 1880 -1920**. Porto Alegre: UFRGS, 1994. p.38.

<sup>62</sup> JARDIM. **Comunicação e Militância: A imprensa operária do Rio Grande do Sul (1892-1923)**. *Op.cit.*; p. 133-134.

caráter extremamente doutrinário e não, necessariamente, informativo. Textos doutrinários ocupavam o lugar das notícias locais encontradas nos “periódicos burgueses”. Aliás, diferenciar-se dos periódicos burgueses e comerciais era também um dos objetivos da imprensa contestatória.

Ante la prensa comercial, los anarquistas ofertaban una prensa alternativa y, aunque buena parte de su discurso (la ciencia, el arte) era compartido por otras vertientes y no fuera en absoluto privativo del anarquismo, sus periódicos eran diferentes desde los mismos nombres de las publicaciones hasta el tipo de información suministrada.<sup>63</sup>

Por isso, várias das denominações desses periódicos já remetiam diretamente à necessidade de ação, participação e movimento da massa operária em direção a essa nova sociedade; contendo, portanto, nos próprios títulos dos periódicos, uma carga significativa de propaganda de combate. São exemplos disso dois dos principais periódicos utilizados na presente pesquisa: **A Luta** de Porto Alegre e **La Protesta** de Buenos Aires, periódicos cujos próprios títulos já conclamam à ação dos trabalhadores/leitores.

[...] já pelos seus títulos a imprensa operária marcava sua posição política e propagava uma idéia ao evocar e dar voz ao que estava marginalizado na sociedade capitalista, e ao fazê-lo estava construindo parte de sua credibilidade junto aos trabalhadores, onde objetivava transmitir suas mensagens, ao mesmo tempo que atraía sobre si a oposição dos interesses dominantes<sup>64</sup>.

Desde los mismos títulos se apelaba a la emoción, se enfatizaba, se exclamaba, se utilizaban frases efectistas, cortantes y categóricas que eran valoraciones adjetivas, definiciones ideológicas y juicios de valor. [...] Además de una función emotiva, el lenguaje anarquista desempeñaba una función “conativa” que consiste en la “presión que el enunciador ejerce sobre su interlocutor”.<sup>65</sup>

No próprio editorial do primeiro exemplar do periódico **La Protesta**<sup>66</sup> essa função combativa do título é exposta de maneira direta:

El título del periódico que ofrecemos al público es bastante expresivo para dar una idea de los propósitos que abrigamos. Animados por un ideal de magna justicia, venimos a ocupar un puesto en la brecha, en donde con heroico entusiasmo por la emancipación de los pueblos.<sup>67</sup>

<sup>63</sup> SURIANO, Juan. **Anarquistas: cultura y política libertaria en Buenos Aires 1890-1910**. Buenos Aires: Manantial, 2001. p. 194.

<sup>64</sup> JARDIM. **Comunicação e Militância: A imprensa operária do Rio Grande do Sul (1892-1923)**. Ob.cit.; p. 143.

<sup>65</sup> SURIANO, Juan. **Anarquistas: cultura y política libertaria en Buenos Aires 1890-1910**. Ob.cit; p. 192-193.

<sup>66</sup> Em todas as citações se manterá a apresentação das notícias no seu formato original: utilização de maiúsculas, negrito, itálico e outros possíveis destaques de apresentação. No entanto, em algumas notícias se fará a correspondência da escrita com a grafia atual, para assim facilitar a leitura e a compreensão das mesmas.

<sup>67</sup> **LA PROTESTA HUMANA**, Buenos Aires, 13 de junio de 1897, nº01, p.01.

O primeiro editorial do periódico **A Luta** também faz alusão direta ao seu caráter combativo, frisando constantemente a necessidade de “lutar” e, assim, justificando o próprio título do jornal.

Como método de **luta** no presente adotamos a ação direta dos indivíduos conscientes e solidários contra o patronato e as instituições que o conservam e apóiam. [...] Entramos na **luta** confiando na solidariedade de todos aqueles que, como nós, julgarem úteis os nossos propósitos.<sup>68</sup>

Além desses dois periódicos supracitados também serão utilizados na presente pesquisa dois suplementos do periódico **La Protesta** de Buenos Aires: **La Obra** e **Suplemento de la Protesta**. E, completando o quadro, o periódico anticlerical **Lúcifer** de Porto Alegre. É importante ressaltar que a grande parte dos títulos dos periódicos e suplementos da imprensa alternativa não são exclusivos e únicos, ou seja, seus nomes remetiam a títulos de publicações estrangeiras ou de épocas passadas. Nesse sentido, sob os títulos **La Protesta**, **La Obra** e **A Luta** existiram várias publicações, em diferentes tempos e lugares. Apenas no Rio Grande do Sul, com o título de **A Luta**, encontram-se oito publicações, cada qual pertencente a um grupo editor diferente e sendo quatro delas editadas em Porto Alegre, duas em Rio Grande, uma em Livramento e uma em Pelotas<sup>69</sup>. Em seus estudos sobre a imprensa operária em Buenos Aires e em Porto Alegre, Suriano e Jardim, respectivamente, constatam o seguinte sobre os títulos repetidos dos periódicos:

Los nombres no eran originales y con la excepción de *Martín Fierro* todos tienen una impronta universal y se repiten en otras latitudes. Sólo a modo de ejemplo: *La Protesta Humana* tenía sus homónimos en Valladolid, Madrid, Sabadell, Cadiz, Chicago, San Francisco, Túnez y Boston.<sup>70</sup>

Os nomes destes jornais se repetem com frequência ou guardam entre si semelhanças e afinidades nas idéias que procuram transmitir, indicando não a falta de imaginação e sim opções de seus editores e o sentido político dessas publicações.<sup>71</sup>

Essas primeiras linhas da dissertação pretendem apresentar ao leitor esses periódicos e suplementos: contexto de fundação, grupo editor, formato, tiragem, temáticas principais, entre outras características que se traduzem pertinentes para o presente estudo. De forma que se busca, em primeiro instante, fornecer uma visão mais geral/global dos jornais para, nos

<sup>68</sup> **A LUTA**, Porto Alegre, 13 de setembro de 1906, nº01, p.01.

<sup>69</sup> A constante repetição dos títulos dos periódicos, por vezes, acaba por gerar confusões na análise de certos periódicos os quais, devido à mesma nomenclatura, podem ser considerados enquanto um único periódico, quando, na verdade, os exemplares fazem parte de publicações distintas. Por isso, o estudo da imprensa operária demanda atenção minuciosa quanto ao local e ano de publicação dos periódicos bem como de seus dirigentes.

<sup>70</sup> SURIANO, Juan. **Anarquistas: cultura y política libertaria en Buenos Aires 1890-1910**. Ob.cit.; p.195.

<sup>71</sup> JARDIM. **Comunicação e Militância: A imprensa operária do Rio Grande do Sul (1892-1923)**. Ob.cit.; p.142.

dois capítulos seguintes da dissertação, adentrar em elementos particulares dos mesmos: *as caricaturas* e *os contos*. Ao abordar as características mais específicas desses elementos da imprensa operária ousa-se também diminuir – em parte – a lacuna historiográfica existente em relação a estudos “*mais aprofundados, tanto descritivos quanto interpretativos sobre o tema da imprensa operária*”<sup>72</sup>. Fazer com que o leitor conheça os periódicos, eis, pois, o objetivo desse capítulo introdutório.

Visto que a maioria dos trabalhos que se apóiam na imprensa operária utiliza apenas citações/ trechos dos periódicos em questão, sem levar em consideração o local do periódico em que aparecem essas citações ou o tamanho da fonte empregada nas mesmas, não transmitindo, portanto, a idéia de que o periódico, enquanto elemento da imprensa alternativa, é formado por uma série de seções, diferentes temáticas e variadas maneiras de apresentá-las, sendo algumas das suas características (como local e formato da notícia) extremamente estratégicas para a propaganda política a que se destinam. Dessa maneira, perde-se, nesses trabalhos, o aspecto global desses periódicos, de forma que os leitores passam a conhecer determinadas frases/ determinados assuntos apresentados nos periódicos, mas não os periódicos em si.

Além de dar um panorama geral desses periódicos, retratando suas principais características, tentar-se-á estabelecer comparações tanto entre um periódico e outro como, conseqüentemente, entre os movimentos operários em questão. Ao optar-se pela utilização da história comparada entre elementos da imprensa alternativa que pertencem a cidades que apresentam dimensões diferentes (uma é capital de um país, enquanto outra é capital de um Estado do sul do Brasil) observam-se as condições necessárias para realizar a comparação em história: “(...) *uma certa similitude entre os fatos observados e uma certa dessemelhança entre os meios onde eles foram produzidos*”<sup>73</sup>. Assim, ao analisar os periódicos operários dessas cidades se está observando fatos semelhantes em cidades e contextos distintos. Além disso, por essas cidades serem vizinhas no espaço, “*a análise permitiria, também, a identificação das influências exercidas por um meio social sobre o outro*”<sup>74</sup>, de maneira que notícias encontradas no periódico **La Protesta** de Buenos Aires poderão causar certas

---

<sup>72</sup> JARDIM. **Comunicação e Militância: A imprensa operária do Rio Grande do Sul (1892-1923)**. Ob.Cit. p.10.

<sup>73</sup> BLOCH, Marc. **Pour historie comparée des sociétés européennes**. 1983, p.17 *Apud* TARGA, Luiz Roberto Pecoits. **Comentário sobre a utilização do método comparativo em análise regional**. In: Revista Ensaio FEE, Porto Alegre, 1991. p. 267.

<sup>74</sup> *Ibid.* p.267.

reflexões nos periódicos gaúchos e vice-versa, visto que a circulação de idéias é uma constante na imprensa operária. No entanto, a abordagem tentará cuidar para não tratar aquilo que tem apenas caráter regional enquanto nacional (evitar possíveis generalizações apressadas) e, ao mesmo tempo, buscará deixar clara a disparidade de fontes existentes (número de exemplares) entre os periódicos de Buenos Aires e de Porto Alegre; podendo ser essa própria disparidade um elemento pertinente de análise para a presente pesquisa. De forma que a diferença quantitativa observada nas fontes, ao invés de inviabilizar a pesquisa, torna-se, ela mesma, um elemento primordial da própria análise.

Salienta-se ainda o fato de que, ao compararem-se os periódicos libertários e anticlericais em questão, se estará comparando/analizando discursos políticos que precisam constantemente se reafirmar para enfrentar os discursos dominantes (discursos dos periódicos burgueses, da imprensa oficial, do Estado, da Igreja, etc). De forma que a tentativa de desconstrução dos seus inimigos é evidente nas páginas da imprensa operária, sendo, ela própria, um dos objetivos principais dos periódicos aqui tratados.

A característica fundamental do discurso político é que este necessita para sua sobrevivência impor a sua verdade a muitos e, ao mesmo tempo, é o que está mais ameaçado de não conseguir. É o discurso cuja verdade está sempre ameaçada em um jogo de significações. Ele sofre cotidianamente a desconstrução, ao mesmo tempo só se constrói pela desconstrução do outro. É portanto, dinâmico, frágil e, facilmente, expõe sua condição provisória.<sup>75</sup>

Uma das características da imprensa operária e que está presente em todos os periódicos aqui utilizados é a inexistência de espaços em branco nos periódicos; ou seja, todo o espaço era utilizado a fim de transmitir as crenças e significações do discurso político assumido. Uma das razões prováveis para o aproveitamento total do espaço do periódico está no seu alto custo; de forma que o desperdício de qualquer linha seria prejudicial para o propósito do periódico de transmitir conteúdo suficiente aos trabalhadores a fim de que os mesmos aderissem às causas do jornal. Dessa maneira, tanto os periódicos de quatro páginas (**A Luta, La Protesta**)<sup>76</sup> como o **Suplemento de La Protesta** de trinta páginas utilizarão todo o espaço disponível para a realização da propaganda de ideias.

[...] o que invariavelmente não ocorria eram espaços em branco ou inaproveitado. [...] Todo o espaço que sobrasse entre uma matéria e outra, ou

<sup>75</sup> PINTO, Céli Regina Jardim. **Elementos para uma análise de discurso político**. In: Barbarós, Santa Cruz do Sul, nº 24, 2006. p. 89.

<sup>76</sup> Embora esses periódicos constem na maioria de exemplares com 4 páginas é importante salientar que em datas importantes, como o 1º de Maio ou algum movimento grevista de grande impacto, o número de páginas do periódico normalmente sofria um aumento de 2 páginas, visto que era um momento propício para a ampla realização da propaganda política a que se destinavam.

no final de uma página, era preenchido por frases e pensamentos de autores consagrados da corrente ideológica a que o jornal era afiliado, ou por pequenos textos de redação local. [...] O jornal operário tinha uma impressão compacta, todo o espaço era preenchido com texto.<sup>77</sup>

Tanto os jornais, quanto os suplementos utilizavam-se dessas frases e pensamentos referidos por Jardim para “aproveitar” o espaço disponível. Essas “frases soltas” eram, na realidade, estratégias propagandísticas que transmitiam, de uma forma direta e clara, os ideais do periódico e serviam como verdadeiros *slogans*. Além disso, normalmente apareciam com letras destacadas e eram, portanto, bem visíveis ao leitor. No periódico **Lúcifer**, por exemplo, encontram-se frases de teóricos internacionalmente conhecidos que combatiam a Igreja e o Estado como: Rousseau, J. Most, Schopenhauer, Francisco Ferrer; o **Suplemento de La Protesta**, por sua vez, ocupa os espaços em branco (normalmente localizados no final das páginas e preenchidos com textos cujas fontes estão em negrito e itálico) com frases da redação que não levavam assinatura e que, na maioria das vezes, atacavam diretamente o Estado ou com frases de teóricos como Tolstói e Herbert Spencer. É importante destacar o fato de essas frases estarem em negrito nas páginas do Suplemento, tendo, portanto, uma função estratégica no mesmo, uma vez que o formato da apresentação acabava por chamar a atenção do leitor no “passar dos olhos”. Fato similar ocorre no periódico **A Luta**, uma vez que as frases dos teóricos, além de estarem em itálico e negrito, também estão destacadas pelo traçado de duas linhas horizontais que separam a frase, o pensamento, do restante dos textos. A autoria dessas frases varia muito no periódico, merecendo destaque pela reincidência nomes como Eliseu Reclus, Jean Grave, Victor Hugo e Saint Just. As frases soltas que aparecem no periódico **La Protesta** geralmente estão sem assinaturas e traduzem as idéias centrais do periódico em relação às instituições inimigas: Clero, Estado, capitalismo.

“Mais se acredita, menos se sabe, menos se sabe, mais ignorante se é; e mais o homem é ignorante, melhor se pode governar”. J. Most

“As religiões são como os vagalumes, precisam da escuridão para brilhar”. Schopenhauer<sup>78</sup>

*“Ningún gobierno, ninguna autoridad, ni ningún parlamento, han sido capaces de inventar algo útil para la humanidad y nin aún de producir siquiera el más sencillo de los objetos”.*<sup>79</sup>

*“Si no hay creador y lo que nace expira, las religiones son un mentira”.*<sup>80</sup>

<sup>77</sup> JARDIM. **Comunicação e Militância: A imprensa operária do Rio Grande do Sul (1892-1923)**. Op.Cit.; p. 145.

<sup>78</sup> **LÚCIFER**, Porto Alegre, 20 de abril de 1911, n°09, Anno 4, p.6.

<sup>79</sup> **SUPLEMENTO DE LA PROTESTA**, Buenos Aires, 1° de mayo de 1908, n°1, p. 26.

<sup>80</sup> **LA PROTESTA**, Buenos Aires, 1° de abril de 1904, n° 256, p.01.

Além das frases soltas, o periódico **La Protesta** utiliza, na maioria das vezes, chamamentos para conferências, protestos, greves ou *meetings* para completar os espaços disponíveis no periódico. Tais chamamentos normalmente aparecem em negrito e destacados por uma caixa de texto ou por duas linhas horizontais, despertando, dessa maneira, atenção especial do leitor e, ao mesmo tempo, incitando-o a participar de atividades que, de alguma forma, auxiliariam na construção da consciência operária e na formação pedagógica dos trabalhadores. Os *meetings* poderiam ser de desempregados, de operários de determinados ofícios ou de trabalhadores em geral.

**El domingo 1º de agosto tendrá lugar a las 2 p.m. un meeting de obreros desocupados convocado por la Federación Obrera en el Teatro Doria, calle Rivadavia y Pichincha.**<sup>81</sup>

**ANARQUISTAS: concurrir hoy à las dos de la tarde à la Piazza Colón, para protestar contra el proyecto de armamentos.**<sup>82</sup>

Embora existam muitas similaridades entre os periódicos aqui analisados cada um deles mantém características próprias que os definem e diferenciam dos demais; por isso, nas seguintes linhas tentar-se-á tratá-los separadamente, a fim de que suas diferenças transpareçam para o leitor e que o mesmo possa ter uma idéia do periódico como um todo. Começaremos analisando os periódicos para, posteriormente, adentrarmos na análise dos suplementos visto que há particularidades significativas entre os mesmos e os periódicos; particularidades essas que se tentará elucidar e especificar. Além disso, com alguns periódicos e suplementos se poderá fazer uma análise detalhada e completa, enquanto com outros, devido ao número de exemplares reduzido, a análise não dará conta da totalidade do periódico; porém algumas informações pertinentes poderão ser extraídas através dessa abordagem por amostragem.

Talvez a diferença mais marcante entre o periódico e o suplemento esteja no fato de que o periódico traz, necessariamente, um considerável número de notícias que se referem a fatos cotidianos dos trabalhadores, da sociedade, do contexto em que se inserem como, por exemplo, a ocorrência de uma greve ou a denúncia de exploração em alguma determinada fábrica; enquanto que nos suplementos esse tipo de notícia, quando aparece, não é em grande quantidade; de forma que são textos que pretendem “formar” a consciência operária os que mais aparecem nos suplementos; ou seja, textos pedagógicos que não apresentam relações diretas com o contexto local/regional em que os operários estão inseridos, podendo ser lidos e

<sup>81</sup> **LA PROTESTA HUMANA**, Buenos Aires, 1º de agosto de 1897, nº04, Año 1, p.4.

<sup>82</sup> **LA PROTESTA**, Buenos Aires, 11 de octubre de 1908, nº 1474, Año XII, p.1.

entendidos por todos os trabalhadores, independente do país, cidade, região em que se encontram. Além disso, os suplementos também se caracterizam pelo caráter atemporal das matérias; ou seja, sua leitura é passível de entendimento em qualquer época, uma vez que seu maior objetivo é que a consciência operária seja atingida pelo maior número possível de trabalhadores; sendo assim, em muitos casos, os suplementos permaneciam em circulação durante vários anos após a data da sua edição, sendo lidos e relidos por distintas gerações de trabalhadores.

Isso não significa dizer que os textos ditos “pedagógicos” estavam ausentes nos periódicos; no entanto, enquanto que nos suplementos eles formavam a maior parte do seu conteúdo, nos periódicos eles dividiam espaço com as notícias de caráter mais local/circunstancial. Porém, é importante ressaltar que o caráter pedagógico perpassa toda a imprensa operária, sendo uma das principais características dessa imprensa alternativa.

La prensa gremial, como toda prensa alternativa, tenía el objetivo de contrainformar (su oponente era la prensa “burguesa” que sumía a los trabajadores en el oscurantismo) pero fundamentalmente tenía un sentido claramente pedagógico (enseñar, educar, iluminar a los trabajadores); la palabra, ya sea como “docencia militante” o “pedagogía revolucionaria”, poseía la función terapéutica de eliminar de las mentes obreras las ideas morales, políticas y religiosas introducidas por las clases dominantes a través de los periódicos, la escuela o la Iglesia.<sup>83</sup>

Os textos pedagógicos trazidos nos periódicos e, de maneira mais constante, nos suplementos se caracterizam pela utilização do discurso binário (exploradores e explorados; bons e maus; ricos e pobres) bem como pelo discurso atemporal e abstrato; ou seja, desprovido das características locais e de bases reais enquanto pontos de referência para a eclosão do discurso político. Suriano informa o seguinte acerca da presença desse discurso pedagógico nos periódicos anarquistas da cidade de Buenos Aires no início do século XX:

[...] os males da sociedade capitalista residiam na perversão do Estado, na hipocrisia e na ambição da Igreja, na cobiça e no caráter explorador da burguesia ou no sofrimento do proletariado. No contexto de um discurso marcadamente binário, esses problemas eram abordados com um alto nível de abstração e intemporalidade que, de alguma maneira, ocultava a especificidade e as características particulares na qual os anarquistas estavam operando.<sup>84</sup>

A la vez, como ocurría con la literatura teatral, la binaridad del discurso mostraba constantemente un mundo polarizado, de contrastes sociales con dos formas absolutamente diferentes de vivir, en donde los opuestos estereotipados no se tocaban y parecían transitar mundos distintos. Los burgueses, un concepto muy vago y genérico en el discurso libertario que

<sup>83</sup> LOBATO, Mirta Zaida. **La prensa obrera**. Buenos Aires: Edhasa, 2009. p.45.

<sup>84</sup> SURIANO, Juan. **Cultura e política anarquista em Buenos Aires no começo do século XX**. In: AZEVEDO, Cecília (orgs.) [et al.]. **Cultura política, memória e historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. p.162.

incluía centralmente a patrones, sacerdotes y militares, siempre estaban sobrecargados de los mismos caracteres negativos, y se privilegiaba el juicio moral y la condena absoluta al análisis razonado y teórico o la búsqueda de los matices locales. [...] En sentido opuesto los trabajadores se asimilaban a oprimidos y eran portadores del sufrimiento, la miseria, el hambre, el sobretrabajo y al estar inmersos en la explotación cotidiana y “embrutecidos” por esa condición no atinaban a reaccionar.<sup>85</sup>

Portanto, os periódicos utilizados para a presente pesquisa apresentam uma função pedagógica evidente, cujo intuito maior é convencer o leitor de que os ideais do jornal são os mais verdadeiros e os únicos capazes de alcançarem a emancipação social dos trabalhadores. Dessa forma, grande parte das notícias desses periódicos apresenta uma função moral.

### 1.1 PERIÓDICO LA PROTESTA

Iniciar-se-á pela apresentação e análise do periódico **La Protesta**, visto que é a mais antiga das publicações aqui analisadas e também a que comporta maior número de exemplares. Os exemplares aqui analisados vão desde o ano de fundação do periódico **La Protesta** (1897)<sup>86</sup> até o ano de 1916. No entanto, esse periódico não encerra suas publicações em 1916; de forma que esse é um marco final de análise escolhido para a presente pesquisa por questões variadas; sendo a mais expressiva delas a tentativa de manter o vínculo comparativo com os periódicos de Porto Alegre que são publicados majoritariamente na primeira década do século XX. É válido ressaltar que o supracitado periódico mantém sua publicação até os dias atuais, logicamente que com objetivos e funções diferentes, mas com um simbolismo forte, marcado por mais de um século de existência (caso raríssimo e talvez único para publicações libertárias, marcadas fortemente pelo número reduzido de exemplares e pela escassa duração das mesmas).<sup>87</sup> Nas publicações atuais do periódico **La Protesta** aparece a seguinte frase logo após o título: “*desde 1897 en la calle*” o que demonstra a longa tradição do periódico e a tentativa de lembrar os anos áureos do mesmo.

<sup>85</sup> SURIANO, Juan. **Anarquistas: cultura y política libertaria en Buenos Aires 1890-1910**. Ob.cit.; p.193-194.

<sup>86</sup> Como já exposto na introdução da dissertação, o título de fundação do periódico **LA PROTESTA** era **LA PROTESTA HUMANA** sendo, a partir de 1903, simplificado para somente “LA PROTESTA”.

<sup>87</sup> É sentida a falta de um estudo específico acerca do periódico **La Protesta** que leve em conta todo o período de sua existência; podendo estabelecer, assim, as variadas mudanças ocorridas na sua apresentação bem como no seu conteúdo através de mais de um século de existência.



Figura 1: Primeiro exemplar do periódico "La Protesta Humana"

Fonte: La Protesta, 13 de julho de 1897, nº1

PERIODICO ANARQUISTA

APARICIÓN QUINCENAL  
NÚMERO SUELTO: CINCO CENTAVOS



Figura 2: Edição atual do periódico La Protesta. Fonte: La Protesta, Diciembre '07 – Enero '08, nº 8237.

Desde 1897 en la calle  
Precio \$ 3

Já no seu exemplar de fundação, o periódico **La Protesta** deixa clara sua posição política, divulgando a mesma logo abaixo do título: “*periódico anarquista*”<sup>88</sup>. Para o presente trabalho foram analisados mais de 2000 exemplares do periódico **La Protesta** entre os anos de 1897 a 1916<sup>89</sup>. Sendo, portanto, a amostra bastante expressiva e que possibilita assinalar continuidades ou descontinuidades no formato e apresentação do mesmo durante esses quase 20 anos. Nesse período, o periódico teve momentos de interrupção na sua produção devido à grande repressão empregada pelo governo argentino contra os anarquistas; mas, apesar disso, o periódico sempre conseguiu, não sem dificuldades, se reerguer e voltar às ruas<sup>90</sup>.

Inicialmente, o jornal aparece quinzenalmente, mas, já no seu terceiro mês de existência, passa a ser semanal; no entanto, não consegue manter as publicações semanais e retorna para quinzenais; para, em 3 de novembro de 1900 retornar, de maneira mais efetiva, às publicações semanais, estabelecendo na própria capa do periódico a indicação de que “*sale todos los sábados*”. Em meados de abril de 1904, o periódico passa a ter publicações diárias e leva junto ao título a designação “*diario de la mañana*”<sup>91</sup>. Continua se esforçando para ter sua publicação diária até 1916, falhando apenas em casos extremos que inviabilizavam a sua publicação: repressão policial, aprisionamento dos seus editores e colaboradores, destruição da sua sede<sup>92</sup> e do maquinário responsável pela impressão do periódico ou falta de dinheiro para viabilizar a publicação. No entanto, é importante lembrar que, desde a sua primeira

---

<sup>88</sup> A partir do ano de 1904 as publicações deixam de apresentar a identificação “*periódico anarquista*” logo abaixo do título; seja porque a orientação política do periódico já estava difundida ou por uma escolha particular dos editores.

<sup>89</sup> Totalizando mais de 10.000 fotografias.

<sup>90</sup> No período analisado, foi decretado “estado de sítio” nos anos de 1902, 1905 e 1910 o que tornava ainda mais complicada a circulação e a permanência do periódico nas ruas de Buenos Aires. Além disso, o periódico chega a ser impedido de circular em 21 de novembro de 1902 voltando em janeiro de 1903; é novamente fechado em fevereiro de 1905 e reaparece em 14 de maio de 1905; outra vez impedido em outubro de 1905 voltando apenas em janeiro de 1906; sofre um assalto em 15 de novembro de 1909 e tem suas máquinas destruídas. Consegue reerguer-se e reaparece em 16 de janeiro de 1910 com uma tiragem ampliada; sua sede é incendiada em 14 de maio de 1910; é editado novamente em 15 de maio de 1911 desde Montevideu (devido ao estado de sítio em Buenos Aires) e em junho deste mesmo ano volta a ser publicado desde Buenos Aires na clandestinidade. Ver: SANTILLÁN (1927).

<sup>91</sup> Em 7 de março de 1910 surge outro importante periódico anarquista em Buenos Aires: o **La Batalla**, que se intitula “*periódico de la tarde*”, visto que o “*periódico de la mañana*” já estava consolidado sob o título do **La Protesta**. Sendo assim, Buenos Aires contava nesse ano com duas publicações anarquistas diárias, o que demonstra a popularidade do anarquismo nessa cidade.

<sup>92</sup> Durante o período analisado o **La Protesta** mudou várias vezes o local de sua sede. Entre os endereços citados nos exemplares estão os das ruas Chile, Rivadavia, Córdoba, Méjico, Libertad e Cangallo; todas elas localizadas na zona central ou nos bairros próximos a essa zona. Esses endereços eram habitados, majoritariamente, por operários e contavam com um contingente expressivo de imigrantes.

edição, o periódico já tinha a pretensão de se tornar semanal. Acabou por conseguir mais que isso ao manter uma publicação diária.

**A LOS CAMARADAS**

**Contra lo que nos habíamos propuesto debido á la falta de medios pecuniarios, LA PROTESTA HUMANA, por el presente, no puede aparecer semanalmente, y aparecerá cada quince días durante el tiempo que tarde en recolectar una regular cantidad por suscripción voluntaria destinada á la creación de un fondo de reserva para asegurar la aparición semanal.**<sup>93</sup>

A subscrição poderia ser semestral ou anual e o número avulso das primeiras edições tinha um custo de cinco centavos; no entanto, como aponta uma nota do próprio periódico, alguns locais de venda cobravam 10 centavos por periódico, fazendo com que o leitor pagasse um preço extra por exemplar, que não condizia com o valor real do mesmo. Além disso, em vários exemplares do periódico **La Protesta** encontram-se notas e chamamentos para que fosse realizada a subscrição do mesmo e, assim, transmitir maior tranquilidade e segurança à administração do periódico, a qual poderia contar com uma quantia pré-estabelecida e reservada para a manutenção do mesmo.

**A LOS CAMARADAS**

**Hemos comprobado que en algunos kioscos de la Capital, se exige por cada número de La Protesta Humana 10 centavos en lugar de 5, que es el precio á que debe venderse; pues así, ya les queda á los vendedores su comisión, redundando esto en perjuicio de los compañeros que son explotados por partida triple. Para evitar este abuso, lo mejor sería que entre dos o más compañeros se suscribieran por un paquete ó medio paquete quincenalmente, y distribuyeran o vendieran en periódico en los talleres ó entre sus relaciones; ó bien suscribiéndose por uno o más números, ayudando con este método de una manera más eficaz a la difusión de las ideas y al sostenimiento del periódico.**<sup>94</sup>

A evolução do periódico **La Protesta** quanto à sua periodicidade: primeiro de quinzenal para semanal e depois de semanal para diária significa que o periódico teve êxito e uma boa aceitação pelos trabalhadores de Buenos Aires (seu público majoritário). Pode-se explicar essa aceitação por ser o anarquismo um elemento bastante presente na sociedade de Buenos Aires em finais do século XIX e princípios do século XX<sup>95</sup>. De acordo com Suriano, a sociedade urbana das grandes cidades da Argentina como Buenos Aires e Rosário apresentavam elementos favoráveis para a aceitação e o desenvolvimento de tendências

<sup>93</sup> **LA PROTESTA HUMANA**, Buenos Aires, 13 de junio de 1897, n°01, p.01.

<sup>94</sup> **LA PROTESTA HUMANA**, Buenos Aires, 15 de julio de 1897, n°03, p.02.

<sup>95</sup> É importante lembrar a expressiva propaganda exercida pelo anarquista Errico Malatesta em Buenos Aires durante os anos de 1885 a 1889; sendo responsável pela apresentação e transmissão dos ideais libertários a vários trabalhadores de Buenos Aires. Nesse período fundou o jornal *La Questione Sociale* (publicado em italiano e em espanhol) que se configurou num dos primeiros periódicos destinados à formação política e social dos trabalhadores de Buenos Aires.

contestatórias, como o anarquismo. Um dos principais elementos era a mobilidade permanente dos trabalhadores (que por ora se inseriam na sociedade e, em outras ocasiões, se distanciavam e eram negligenciados pela mesma). Essa mobilidade criava um clima de insatisfação entre os operários, os quais não conseguiam resolver seus problemas frente a uma classe patronal irredutível, um sistema eleitoral fraudulento e um Estado pouco presente, que não estava interessado em resolver os problemas dos operários (problemas esses caracterizados pela exploração e marginalização de uma grande parte dos trabalhadores; na sua maioria imigrantes, que, além do desenraizamento por estarem longe de sua pátria natal, sofriam com uma sociedade indiferente e com um Estado e uma Igreja pouco atuantes no sentido de lhes proporcionarem condições mínimas de inserção social). Frente a essa situação, é compreensível que bandeiras como a do anarquismo fossem bem aceitas e vistas como solução imediata para os problemas vigentes dos trabalhadores; pois o receituário anarquista (e isso é refletido no periódico **La Protesta**) incitava à ação imediata: greves, boicotes, criação de escolas operárias, protestos e enfrentamentos diretos entre operários e patrões, operários e governantes, entre outras ações que significariam melhorias para a classe operária em um curto espaço de tempo.

Nesse clima de confrontação e crispação, quem atraía em maior medida os trabalhadores insatisfeitos eram os anarquistas, com sua tendência à rebelião permanente, e não os socialistas, que propunham o melhoramento da condição operária através de uma sólida legislação trabalhista – empresa certamente impossível num sistema político como o que imperava no começo do século. O movimento libertário, cuja marca dominante era a ação, e não a reflexão, converteu-se em um ingrediente principal da cultura do conflito e ocupou aquelas zonas de que estavam ausentes o Estado e outras instituições.<sup>96</sup>

Eis, pois, algumas das razões que justificam a boa aceitação do periódico anarquista **La Protesta** pela classe operária de Buenos Aires, uma vez que o mesmo era um instrumento de combate dessa militância de urgência que necessitava de respostas imediatas para resolver os problemas dos trabalhadores. Esse empreendimento na busca por ações válidas e rápidas que sanariam ou, pelo menos, minimizariam as dificuldades das classes populares de Buenos Aires encabeçado, na sua maioria (mas não exclusivamente), por imigrantes recém chegados, fez com que, pouco a pouco, as classes dominantes (especialmente, a oligárquica) passassem a enxergar a imigração com outros olhos, visto que, se por um lado ela barateava os gastos das fábricas através de uma mão-de-obra barata, por outro, trazia desconfortos e inquietações

---

<sup>96</sup> SURIANO, Juan. **Cultura e política anarquista em Buenos Aires no começo do século XX**. Op.Cit. p. 158.

às classes privilegiadas. De forma que uma parcela desses “privilegiados” se referirá à imigração enquanto “la mala inmigración”.

Se comenzó entonces a hablar de doctrinas exóticas y maléficas; y el coro de elogios convencionales que solía oírse alrededor del tema de los inmigrantes que venían a labrar la fértil tierra argentina, comenzó a apagarse por los recelos que suscitaba la “mala inmigración”, la de los “extranjeros desagradecidos” que organizaban huelgas y defendían doctrinas socialistas o anarquistas.<sup>97</sup>

Além disso, outro elemento que contribuiu para a permanência do periódico nas ruas de Buenos Aires e de outras cidades argentinas diz respeito à maneira como o mesmo foi administrado e mantido por seus editores/diretores/administradores; visto que manter um periódico alternativo com publicação diária em circulação exigia esforços permanentes e estratégias eficazes de manutenção. Dentre as estratégias administrativas do periódico **La Protesta** encontra-se a remuneração de seus redatores, o que, por um lado, garantia a dedicação exclusiva de pessoal para o periódico, a constante produção de matérias e, conseqüentemente, a edição diária do periódico, mas por outro, era alvo de críticas por parte daqueles que acreditavam que o **La Protesta** deveria ser um veículo da militância espontânea, da boa vontade individual dos colaboradores e não um trabalho em troca de soldo. Já a partir de 1901 o periódico passa a pagar uma pessoa para realizar funções de redação e assegurar a publicação semanal. No entanto, o próprio periódico, consciente das críticas que receberia por tal ato, justifica-se da seguinte maneira:

Sabido es que la publicación de un periódico semanal necesita de alguien que abandone las diarias tareas con que se proporciona el sustento para atender el complejo trabajo de redacción, administración, impresión y expedición del mismo, esto dejando de lado el trabajo que se agrega por encargos de grupos y compañeros y, por lo tanto, natural es que al compañero que dispone de la no muy general voluntad de hacerlo, se le ayude en algún forma á vivir, máxime cuando nadie se ofrece á mantenerlo por su cuenta, ni á suplantarle para desempeñar este trabajo gratuitamente. Explico el motivo por el cual el grupo de la PROTESTA HUMANA se ve obligado á invertir determinada cantidad por redacción y administración desde que el periódico sale semanalmente, solo restaría saber si ésta es exagerada, desde luego que significa el sueldo de un peón de albañil, único caso en que concederíamos razón a nuestros compañeros de criticarnos y demandarnos explicaciones de la especie apuntada.<sup>98</sup>

No entanto, a crítica que o periódico recebia por fornecer certo auxílio financeiro a alguns de seus redatores parece ter sua razão de existir, visto que, com a crescente popularização do periódico, alguns redatores utilizavam-se da estratégia de iniciar suas

<sup>97</sup> ROMERO, Jose Luis. **Las ideas en la Argentina del siglo XX**. Buenos Aires: Ediciones Nuevo Pais, 1987, p.66.

<sup>98</sup> **LA PROTESTA HUMANA**, Buenos Aires, 9 de febrero de 1901, nº110, p.03.

atividades profissionais no **La Protesta** para, posteriormente, trabalharem em periódicos maiores, na sua maioria comerciais e burgueses, rompendo com os ideais libertários que defendiam enquanto trabalhavam no **La Protesta**.

De hecho, muchos publicistas usaron estos puestos como primeros escalones antes de acceder al verdadero periodismo profesional: Félix Bastera se convirtió en el periodista de *La Nación*, Eduardo Calcagno de *Última Hora*, Alejandro Sux de *La Prensa*, el mismo Ghirardo transitó las páginas de *La Razón*, Julio Barcos, Florencio Sánchez y Juan Carulla escribieron en varios periódicos “burgueses”.<sup>99</sup>

Além de o periódico **La Protesta** contar com um profissional (ou vários, dependendo da época) remunerado para tomar conta da redação, administração e publicação do jornal, o que se traduziu em uma estratégia eficaz para a permanência da publicação, outro fator que também teve reflexos positivos no que respeita à distribuição e popularização do periódico se refere ao fato de o mesmo contar com agentes de distribuição em várias cidades do país, os quais garantiam uma maior circulação das idéias do jornal libertário e, ao mesmo tempo, angariavam recursos financeiros extras. O papel desses agentes parece ter sido muito importante e os nomes (na maioria das vezes pseudônimos) dos mesmos apareciam nos exemplares do **La Protesta**. No ano de 1904, por exemplo, o periódico contava com agentes nas cidades de Rosário, Mendoza, Santa Fé, San Pedro, La Plata, Mar del Plata, Junín, Los Toldos, Paraná, Tucumán e Zárate; ou seja, tinha seus postos de venda e distribuição garantidos nas principais cidades da Argentina.

Outra estratégia empregada visando arrecadar fundos para a manutenção do periódico diz respeito à incorporação da “venda de rua”, conhecida como “venda callejera”, que possibilitava ao leitor adquirir exemplares avulsos do periódico e, ao mesmo tempo, era uma alternativa à venda por subscrição, a qual não conseguia garantir, sozinha, as despesas da publicação. Dessa forma, o periódico era mantido basicamente pela subscrição e pela venda de rua. Porém, existiam também as contribuições voluntárias, as doações<sup>100</sup>, o dinheiro recebido pela promoção de alguma festa ou rifa que também ajudavam a engordar a caixa do **La Protesta**. Para transmitir uma noção mais clara sobre o dinheiro arrecadado pelo periódico pode-se apresentar um balancete mensal do mesmo, que era publicado no próprio diário, a fim

<sup>99</sup> SURIANO, Juan. **Cultura e política anarquista em Buenos Aires no começo do século XX**. Op.Cit. p. 206.

<sup>100</sup> Sobre as doações é importante salientar que somente foi possível ao periódico tornar-se diário em meados de 1904 pela doação de uma expressiva quantia provinda do médico irlandês Juan Creaghe (que também foi administrador do periódico) a qual foi aplicada na aquisição da primeira máquina rotativa, que agilizou o processo de impressão e possibilitou a edição diária. “Este médico irlandés, de buena posición económica y profundas convicciones libertarias, volcó buena parte de su capital a solventar el periódico anarquista” (SURIANO, 2004, p. 207).

de tornar transparente sua administração. No balancete referente ao mês de novembro de 1904 (e publicado em dezembro) as entradas somavam 3.748,73 pesos sendo que 44% dessa quantia provinha da subscrição, 34% da venda de rua, 3,5% das vendas na “*Librería Sociologica*”, 7% de funções organizadas por grupos colaboradores (festas, palestras, teatros), 3% de rifas, 5% de doações e, finalmente, 1% de publicidade.

No entanto, apesar do periódico **La Protesta** ter conseguido se manter com êxito durante o período estudado, é certo que as dificuldades financeiras sempre foram uma constante real e que, em certas ocasiões, restringiram o número das publicações (nem sempre apareciam diárias), o número de exemplares impressos ou ainda diminuía-se o número de páginas do periódico, gerando assim menos gastos para a administração. Nos seus primeiros cinco anos de existência sua tiragem variava de 2.500 a 5.000 exemplares. Já em 1904 sua tiragem é ampliada para 8.000 exemplares, sendo, em 1907 maximizada para mais de 10.000 exemplares e passa a editar seis colunas por página ao invés de quatro. Isso é um reflexo do avanço tecnológico empregado por **La Protesta** durante o ano de 1907, visto que nesse ano adquiriu uma rotativa que imprimia 10.000 exemplares por hora (sendo que a rotativa que era utilizada anteriormente imprimia apenas 800 exemplares por hora, necessitando de um tempo excessivo para imprimir a demanda do **La Protesta**). Em 1910 o periódico reaparece com uma tiragem de 16.000 exemplares e mantém esse expressivo número até 1912. De 1913 a 1916 o número de exemplares variou entre 7.000 a 10.000.

Em condições financeiras normais, o periódico, na maior parte das vezes, era impresso em 4 páginas, sendo que, nos primeiros anos da sua aparição, em cada página o texto era dividido em 4 colunas, passando, em 1904 a ser dividido em 5 colunas e, em 1907, em seis colunas verticais. Porém, em 1914, o periódico volta a ter apenas 4 colunas verticais; no entanto, consta de 6 páginas e não apenas 4. Sendo assim, verificam-se mudanças constantes quanto à diagramação do periódico **La Protesta** ao longo dos anos.



Estrutura inicial do **La Protesta**: conteúdo distribuído em 4 colunas.

Figura 3: Estrutura inicial do **La Protesta**.  
Fonte: La Protesta Humana, 13 de junio de 1897, nº1.



Estrutura do periódico em 1904: conteúdo distribuído em 5 colunas; mudança na apresentação do título.

Figura 4: Estrutura do **La Protesta** em 1904.  
Fonte: La Protesta, 3 de Julio de 1904 nº 337



Estrutura do periódico em 1907: conteúdo distribuído em 6 colunas.

Figura 5: Estrutura do La Protesta em 1907. Fonte: La Protesta, 1º de octubre de 1907, nº 1151



Estrutura do periódico em 1914: volta a ter apenas 4 colunas; utilização de fonte maior.

Figura 6: Estrutura do La Protesta em 1914. Fonte: La Protesta, 3 de febrero de 1914, nº 2155

Mudanças essas que certamente estavam relacionadas com os diversos editores, diretores e colaboradores que passaram pelo periódico durante esse período, os quais procuravam deixar a sua marca na apresentação do **La Protesta**. Alguns desses nomes são conhecidos, outros permanecem no anonimato<sup>101</sup>. O primeiro diretor do **La Protesta** foi o marceneiro catalão Gregório Inglán Lafarga e a administração estava por conta de Francisco Berri, pertencente ao grêmio dos padeiros. Portanto, foi através do empenho de um

<sup>101</sup> O anonimato era uma constante nos periódicos libertários, visto que seus colaboradores e simpatizantes estavam diretamente sujeitos à repressão policial e também a abusos patronais.

marceneiro e de um padeiro que surgiu um dos periódicos libertários mais importantes da América Latina (possivelmente o mais importante). “*En general eran solo elementos obreros, que vivían del producto de su trabajo y estaban en continuo contacto con los trabajadores, los que dieran vida a La Protesta Humana*”<sup>102</sup>.

Nos primeiros anos o periódico conta com a colaboração do anarquista espanhol José Prat, o qual é responsável pela tradução de vários artigos libertários publicados na Europa e, assim, transmite ao periódico **La Protesta** textos importantes difundidos no movimento anarquista internacional. Pouco depois da chegada de José Prat à Argentina, desembarca em solo portenho um dos grandes nomes do anarquismo internacional: Pietro Gori. Seu proselitismo (assim como o de Malatesta em anos anteriores) acabou por influenciar um número considerável de trabalhadores às causas libertárias e também ajudou a popularizar o periódico **La Protesta**.

No quedó una ciudad importante del país donde no acudiera Gori a dar conferencias; no se había conocido un orador de su talla y la popularidad que disfrutó el anarquismo en la Argentina se debió en gran parte a la labor brillante del grande propagandista.<sup>103</sup>

Em 1902, com a Lei de Residência<sup>104</sup> em vigor, lei essa responsável pela expulsão de inúmeros estrangeiros do território argentino, Gregório Iglán Lafarga se obriga a abandonar a direção do periódico pelo fato de ser estrangeiro e, portanto, correr o risco de ser expulso do país. Essa Lei de expulsão dos estrangeiros traduz o significado que o anarquismo tinha para parte da classe dominante de Buenos Aires, ou seja, se tratava apenas de um conflito entre estrangeiros e nacionais e, uma vez eliminados os maus elementos, a paz retornaria e a existência regrada de privilégios seria, mais uma vez, garantida para aqueles que estavam distantes das massas populares.

El naciente desarrollo comercial e industrial aceleraba la definición social de un proletariado que tenía, como característica esencial, estar constituido en

<sup>102</sup> SANTILLÁN, Diego Abad De. **La Protesta: su historia, sus diversas fases y su significación en el Movimiento Anarquista de América del Sur**. In: **Certamen Internacional de La Protesta: en ocasión del 30 aniversario de su fundación**. Buenos Aires, 1927. Organizado e distribuído pelo CEDINCI (Formato Cd). p.36

<sup>103</sup> SANTILLÁN, Diego Abad De. **La Protesta: su historia, sus diversas fases y su significación en el Movimiento Anarquista de América del Sur**. Op. Cit. p.38

<sup>104</sup> Lei de Residencia: Art.1º: El Poder Ejecutivo podrá ordenar la salida del territorio de la Nación Argentina a todo extranjero por crímenes o delitos de derecho común. Art.2º: El Poder Ejecutivo podrá ordenar la salida de todo extranjero cuya conducta comprometa la seguridad nacional o perturbe el orden público. Art.3º: El Poder Ejecutivo podrá impedir la entrada al territorio de la Republica a todos los extranjeros cuyos antecedentes autoricen incluirlos entre aquellos a quienes se refieren los artículos anteriores. Art.4º: El extranjero contra quien se haya decretado la expulsión tendrá tres días para salir del país, pudiendo el Poder Ejecutivo, como medida de seguridad pública, ordenar su detención hasta el momento del embarco. IN: SANTILLÁN, Diego Abad De. **La FORA: Ideología y Trayectoria del Movimiento Obrero Revolucionario en la Argentina**. Buenos Aires: Libros de Anarres, 2005. p. 106.

buena parte por extranjeros, a causa de la afluencia de inmigrantes al país. La oligarquía planteó entonces el problema de los conflictos del trabajo y las reivindicaciones obreras no como un conflicto de clases sino como un encuentro entre nativos y extranjeros, movidos estos últimos por el designio de disolver la sociedad a cuyo seno se habían acogido.<sup>105</sup>

A Lei de Residência é assinada em novembro de 1902 e, uma semana depois, o presidente Roca declara o estado de sítio e o periódico **La Protesta** é fechado. O jornal volta a circular apenas em janeiro de 1903, tendo como seu diretor um argentino (imune, portanto, à Lei de Residência): Alcides Valenzuela. O ano de 1903 é marcado por uma grande dificuldade em manter o periódico, pois, como ainda se estava sob estado de sítio, era complicado conseguir lugares para imprimir os exemplares, visto que a repressão também recaía sobre os locais de impressão. Além disso, os locais que aceitavam imprimir o diário certamente não eram os que ofertavam uma impressão de boa qualidade; o que explica a existência de grande variedade de tipos de letras no corpo do texto do periódico, refletindo a péssima configuração e impressão do mesmo. Eduardo G. Gilimón, um dos redatores do **La Protesta**, disserta a respeito das dificuldades que a publicação anarquista enfrentava:

Aparte de los obstáculos materiales, falta de escritores, escasez de recursos por el pánico que la represión había originado, era factor importante para la no publicación de periódicos la actitud de la policía, que no se concretaba a deportar a los propagandistas y a quienes en una forma o otra ayudaban a la propaganda, sino que presionaba a los dueños de locales e imprentas para que no pudieran aparecer los periódicos anarquistas.<sup>106</sup>

O historiador do movimento operário argentino Iaãcov Oved fornece outros dados acerca da repressão sofrida no ano de 1903, tanto aos periódicos alternativos como aos demais locais utilizados pelos trabalhadores com a finalidade de “formar” a consciência operária de acordo com os princípios libertários:

En la primera mitad de 1903 se emprendió una campaña de hostigaciones sistemáticas contra las instituciones y redacciones encargadas de propagar material escrito: se dañó la librería anarquista de F.Serantoni - Librería Sociológica - y se secuestraron los libros que editaba para la venta, se arrestó a los vendedores de *La Protesta Humana* y *L'Avvenire* y se efectuaron allanamientos reiterados en las oficinas de redacción o se secuestraban los ejemplares en las oficinas de correo. También se procedía a arrestar a los directores, con cualquier pretexto, a fin de obstruir y disuadirlos.<sup>107</sup>

<sup>105</sup> ROMERO, Jose Luis. **Las ideas en la Argentina del siglo XX**. Op.Cit.p.79.

<sup>106</sup> GILIMÓN In: SANTILLÁN, Diego Abad De. **La Protesta: su historia, sus diversas fases y su significación en el Movimiento Anarquista de América del Sur**. In: **Certamen Internacional de La Protesta: en ocasión del 30 aniversario de su fundación**. Buenos Aires, 1927. Organizado e distribuído pelo CEDINCI (Formato Cd). p.44

<sup>107</sup> OVED, Iaãcov. **El anarquismo y el movimiento obrero en Argentina**. Buenos Aires: Siglo XXI, 1978, p.291.

A Lei de Residência, a forte repressão policial e o estado de sítio são respostas às grandes greves ocorridas no ano de 1902, em Buenos Aires. Em novembro desse ano, duas importantes greves marcaram fortemente o contexto da cidade: a greve dos trabalhadores do porto de Buenos Aires (estivadores), que protestavam contra o peso excessivo das cargas que transportavam; e a greve dos peões do Mercado Central de Frutos de Barracas al Sud, que exigiam melhores salários e a redução da jornada de trabalho, a qual acabou sendo apoiada pela F.O.A (Federación Obrera Argentina)<sup>108</sup> e transformou-se em greve geral. Essa situação inconstante, marcada por conflitos entre os trabalhadores e seus patrões, fez com que o governo tomasse alguma medida a fim de tornar a situação menos caótica e garantir os benefícios das classes patronais.

É importante lembrar que a Federación Obrera Argentina quase sempre manteve uma postura de apoio às idéias anarquistas e às lutas dos trabalhadores, uma vez que muitos dos seus membros seguiam essas tendências e isso era refletido nas posições da F.O.A. Com frequência o próprio periódico **La Protesta** divulgava eventos promovidos pela Federación Obrera, bem como os posicionamentos desta a respeito de determinadas pautas. A afinidade existente entre a F.O.A. e o periódico **La Protesta** aumenta a credibilidade do jornal entre os integrantes dos grêmios federados e, além disso, reflete a presença expressiva de anarquistas na Federación.

Los gremios se reorganizan unos tras otros. En *La Protesta* encontraran siempre estímulo, por la afinidad que se estableció en seguida entre ella e la Federación Obrera Argentina. Por ejemplo, el 20 de octubre sale Gregorio Iglán Lafarga, redactor de la Protesta, en gira de propaganda con Dante Garfagnini, secretario de la Federación; ambos iban en calidad de delegados de la F.O.A.<sup>109</sup>

Portanto, na primeira década do século XX, o periódico **La Protesta** contava com a Federación Obrera Argentina para, juntos, encabeçarem a luta em prol dos trabalhadores. Tiveram êxito em manter ativo o movimento operário argentino apoiando greves, denunciando e condenando os abusos patronais, promovendo conferências, festas, teatros a fim de contribuir para a formação da consciência operária nos trabalhadores argentinos. A divulgação desses eventos se dava através da publicação de avisos no periódico **La Protesta**.

<sup>108</sup> A F.O.A. é uma federação formada por múltiplas associações e grêmios que procurou assistir a uma gama variada de trabalhadores, incluindo tanto as associações rurais quanto as urbanas de variadas localidades da Argentina. Surge em 1901 como uma união das sociedades de resistência independentes, ou seja, por um acordo entre sociedades anarquistas e socialistas, embora essa última se retire da federação alguns anos após sua fundação.

<sup>109</sup> SANTILLÁN, Diego Abad De. **La Protesta: su historia, sus diversas fases y su significación en el Movimiento Anarquista de América del Sur**. Op. Cit. p.40.

É a década do auge do anarquismo na Argentina, mesmo com a grande repressão empreendida pela polícia e assegurada na Lei de Residência.

Fue en el período comprendido entre el comienzo del siglo y el centenario cuando el anarquismo alcanzó su madurez y su mayor arraigo entre los trabajadores: dirigió la Federación Obrera Argentina (F.O.A.) y, dentro de ella, a varios gremios importantes; creó una significativa cantidad de centros y círculos culturales en donde se dictaban conferencias, se interpretaban obras teatrales y se realizaban fiestas; editó una multitud de periódicos, folletos, libros, volantes, revistas y hasta un diario; impulso la creación de escuelas libres y racionales y también tuvo una destacada participación en la organización territorial de los habitantes de casas de inquilinato.<sup>110</sup>

#### CONFERENCIAS

La C.A. de la Federación Obrera ha resuelto celebrar conferencias instructivas todas las semanas por la noche en su local. Victoria 2475.

La primera de estas conferencias se celebrará el sábado, 26 del corriente, á las 8 p.m.

La Comisión pide á cuantos quieran dar conferencias, que avisen con 10 días de anticipación para dar tiempo á anunciarlas.<sup>111</sup>

É importante salientar que a postura inicialmente proposta pela F.O.A. de incorporar qualquer agremiação de trabalhadores (tanto socialistas como anarquistas) é rompida no seu V Congresso (1905) no qual a Federación adota abertamente o comunismo anárquico enquanto bandeira de luta; rompendo assim, definitivamente, com os socialistas e com aqueles que não estavam de acordo com os princípios do comunismo anárquico<sup>112</sup>. É também no V Congresso da F.O.R.A. que é reforçada fortemente a necessidade e a importância da propaganda de ideias e da educação livre, assim como da permanência e execução das greves gerais e do boicote.

El quinto Congreso Obrero Regional Argentino, consecuente con los principios filosóficos que han dado razón de ser a la organización de las federaciones obreras, declara: que aprueba y recomienda a todos sus adherentes la propaganda e ilustración más amplia, en el sentido de inculcar en los obreros los principios económicos y filosóficos del comunismo anárquico. Esta educación, impidiendo que se detengan en la conquista de las ocho horas, les llevará a su completa emancipación y por consiguiente a la evolución social que se persigue.<sup>113</sup>

<sup>110</sup> SURIANO, Juan. **Anarquistas: cultura y política libertaria en Buenos Aires 1890-1910**. Op.Cit. p.16.

<sup>111</sup> **LA PROTESTA HUMANA**, Buenos Aires, 26 de julio de 1902, nº184, p.04.

<sup>112</sup> Essa situação começa a se modificar em 1915. Ano este marcado por divisões internas e pelo ingresso de sindicalistas na Federação, o que acabou por diminuir a influência anarquista na mesma e por torná-la menos ativa e mais reformista. Os anarquistas acabaram renegando a F.O.R.A. do IX Congresso (1915) e reafirmando a F.O.R.A. do V Congresso; divisão essa que marcaria profundamente o desenrolar do movimento operário na Argentina.

<sup>113</sup> *Resoluções do V Congresso da F.O.R.A.* IN: SANTILLÁN, Diego Abad De. **La FORA: Ideología y Trayectoria del Movimiento Obrero Revolucionario en la Argentina**. Op.Cit. p. 151

Essas práticas defendidas pela F.O.R.A no V Congresso serão adotadas também pelo periódico **La Protesta**, que passará a realizar grandes campanhas de boicote a indústrias consideradas maléficas para os trabalhadores, seja pela exploração que praticavam, pelos maus tratos aos trabalhadores ou pelos baixíssimos salários que pagavam aos seus funcionários. Os avisos de boicotes a certas indústrias e produtos normalmente apareciam com letras destacadas (em negrito, itálico ou ambos) e com fonte ampliada no periódico e eram repetidos em vários exemplares, a fim de convencer os leitores da importância de não adquirir certos produtos. Sendo assim, o boicote era uma estratégia de combate direto entre os trabalhadores (que não adquiriam os produtos) e o capital (que se sentia agredido e lesado pelas perdas provindas de uma venda reduzida). Esses avisos normalmente estavam localizados na última página do periódico. O V Congresso recomenda claramente a prática do boicote, mas ressalta a importância de que se tenha certeza da necessidade da sua aplicação, ou seja, que as causas para a utilização do boicote sejam conhecidas e suficientes para a ação:

Que siendo el boicot una arma eficaz y poderosa como medio de lucha, no sólo para la conquista de las mejoras obreras sino también como represión enérgica de las injusticias que los patrones cometen para sus obreros, es necesario que antes de acordar su aplicación se consulte por intermedio de los consejos locales a las demás sociedades federadas, a fin de que estudiadas por todas su oportunidad, su conveniencia y su forma de aplicación, pueda resultar beneficiosa y práctica, cortando el abuso y por consiguiente el desgaste de un resorte de tal importancia. Igualmente deberán proceder antes de levantarlo, cuando las causas que originaron su aplicación hayan desaparecido. Que los boicots existentes deben activarse, siempre que coloquen de los términos de este acuerdo.<sup>114</sup>

Por exemplo, entre os meses de fevereiro a dezembro de 1906 se encontram avisos de boicote contra os cigarros “*Caras y Caretas*”, “*Lanceros*”, “*Excelsior*” e “*Excelsior n° 1*”, demonstrando que a repetição desses avisos era uma constante no periódico, sendo que a aparição diária e repetida dos mesmos objetivava a adesão dos trabalhadores à causa do boicote. Também era comum recomendar, em um único aviso, a prática do boicote a vários produtos, dando visibilidade às várias indústrias e produtos boicotados.

---

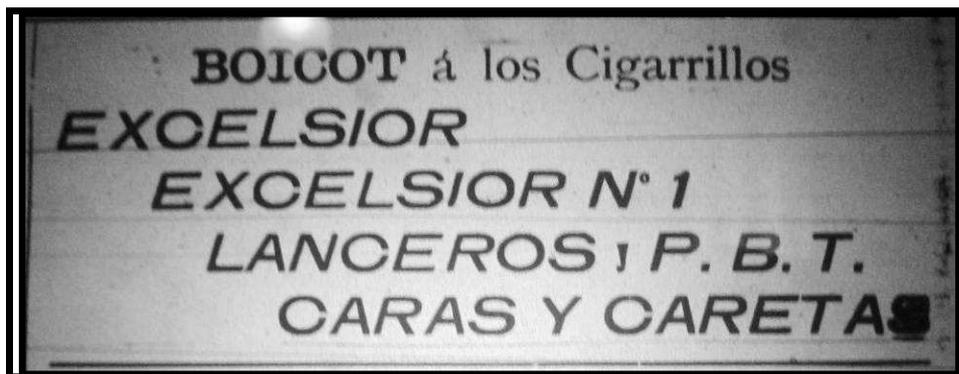
<sup>114</sup> *Resoluções do V Congresso da F.O.R.A.* IN: SANTILLÁN, Diego Abad De. **La FORA: Ideología y Trayectoria del Movimiento Obrero Revolucionario en la Argentina.** Op.Cit. p.148.



**Figura 7:** Prática do boicote no *La Protesta*.  
 Fonte: *La Protesta*, 2 de febrero de 1906, nº 650 p.04



**Figura 8:** Prática de boicote no *La Protesta*.  
 Fonte: *La Protesta*, 7 de agosto de 1906, nº 800 p.04



**Figura 9:** Prática de boicote no **La Protesta**.

Fonte: *La Protesta*, 29 de dezembro de 1906, nº 920, p.03

Avisos de boicotes continuaram a aparecer no periódico até o último ano que essa pesquisa engloba (1916), sendo muito provável que tenha permanecido nas publicações posteriores a essa data. De forma que essas denúncias a certas indústrias e produtos eram corporificadas por nomes de fábricas e de pessoas reais (geralmente os donos das fábricas), o que demonstra que a denúncia e a crítica presentes no **La Protesta** não apareciam apenas na forma abstrata dos textos doutrinários contrários ao capitalismo e às suas instituições fundamentais: Estado, Igreja e Polícia).

O diretor do **La Protesta** Valenzuela, assim como Gregório Iglán Lafarga em anos anteriores, sente-se obrigado a largar a direção do periódico devido às constantes perseguições que sofria (apesar de ser argentino e estar imune à Lei de Residência). Deixa o jornal em setembro de 1903. Juan Creaghe, por sua vez, continua administrando o periódico e vai se tornando elemento chave da publicação. Num exemplar de setembro de 1903 (logo após a saída de Valenzuela), Creaghe transmite o que esperava da folha libertária, demonstrando que seus desejos ultrapassavam a mera existência e manutenção do periódico e englobavam ações mais amplas como a fundação de bibliotecas, livrarias e escolas para os trabalhadores.

[...] establecer nuestra imprenta, nuestra biblioteca, hacer de nuestra librería una casa editorial activa y al fin llegar a establecer aquella escuela integral que ha sido mi inspiración – pero que ahora veo que haremos mejor en postergar como secundaria en consideración a la empresa que tenemos en las manos [se referindo ao periódico *La Protesta*].<sup>115</sup>

É contando com o empenho de Creaghe e tendo como diretor Elam Ravel que o periódico se torna diário em 1º de abril de 1904, inaugurando uma nova fase na história da publicação. Esse ano é marcado por inúmeras greves e por uma grande comemoração no 1º de maio (fortemente estimulada pelo **La Protesta**). Ao inaugurar a edição diária do periódico,

<sup>115</sup> **LA PROTESTA**, Buenos Aires, 26 de septiembre de 1903, nº223, p.01.

Creaghe tem plena consciência da importância desse ato e afirma: “*La aparición deste diario tiene para el mundo obrero una significación cuyos alcances son difíciles de medir. [...] significa la afirmación de la identidad anarquista en la Argentina*”<sup>116</sup>. Em setembro de 1904 ocorre mais uma troca na direção do periódico, passando essa a ser ocupada por Alberto Ghirardo, o qual procura, mesmo que timidamente, agregar um número maior de notícias locais no jornal a fim de minimizar a abstração existente em grande parte dos textos do periódico e conferindo, portanto, um tom mais realístico ao **La Protesta** (embora a abstração continue sendo uma constante no periódico e, em geral, na imprensa alternativa como um todo).

Con la llegada de Ghirardo a la dirección, sus editoriales comenzaron a ser menos abstractos y a reflejar más directamente temas relacionados con la realidad argentina, generalmente haciendo referencia a la cuestión social o denostando al gobierno y a las prácticas políticas locales.<sup>117</sup>

Em fevereiro de 1905, o periódico novamente suspende suas publicações devido ao estado de sítio e retoma suas atividades em 14 de maio de 1905, com uma tiragem ampliada e com um novo administrador: Manuel Vasquez. O ano de 1905 é marcado por vários protestos dos trabalhadores contra o estado de sítio decretado pelo presidente Manuel Quintana, o qual acaba por sofrer um atentado em 11 de agosto de 1905. Vale ressaltar que é a partir desse ano que os anarquistas comandam explicitamente a FORA e adotam o comunismo libertário enquanto bandeira de luta. Em outubro é decretado novamente o estado de sítio e o periódico tem suas atividades novamente impossibilitadas. O jornal fecha outra vez e reabre em 1º de janeiro de 1906.

O início desse ano é marcado por conflitos internos na redação do periódico que acabam por resultar mudanças na mesma. Alberto Ghirardo deixa a redação e Creaghe assume como diretor do periódico, auxiliado por Gilimón. Alguns autores, como Santillán, afirmam que a junção de Creaghe e Gilimón fornece a teoria e a prática que o periódico necessitava, levando em conta as condições locais e fornecendo táticas de ação.

Aunque el anarquismo es una idea universal, necesita tener en cuenta las condiciones locales y aplicar sus postulados básicos a esas condiciones. Es lo que trató de hacer Gilimón. [...] Fue, sin duda, el mejor teorizador que haya pasado por la redacción del diario anarquista. Añadía a esa cualidad un estilo siempre sencillo, siempre

<sup>116</sup> **LA PROTESTA**, Buenos Aires, 1º de abril de 1904, nº256, p.01

<sup>117</sup> SURIANO, Juan. **Anarquistas: cultura y política libertaria en Buenos Aires 1890-1910**. Op.Cit. p.196.

al alcance de los lectores, y un temperamento reposado, que dio a la propaganda un sentido de responsabilidad e de seriedad<sup>118</sup>.

É também a partir desse ano que começam a aparecer no periódico avisos publicitários, incentivando os trabalhadores a comprarem determinados produtos ou a usufruírem de certo serviços; tal inserção publicitária significava uma fonte de auxílio extra para a manutenção do jornal e, ao mesmo tempo, garantia uma imagem positiva daquelas empresas que não utilizavam da exploração de seus funcionários para conseguirem lucros exorbitantes. Assim como os avisos de boicote, os avisos publicitários normalmente apareciam na última página do jornal e estavam destacados com fontes diversas e de variados tamanhos; alguns avisos continham pequenos desenhos ou logomarcas que identificavam o produto.

É importante salientar que a maioria dos avisos destacava que aqueles produtos eram as melhores opções para “*os operários*”, “*os trabajadores*”, “*a classe proletária*”. E alguns deles revelavam, pelos nomes das suas marcas, uma relação de afinidade e proximidade com a vida operária, fazendo alusão ora aos trabalhadores (ou aos ideais nos quais esses acreditavam), ora à organizações que defendiam os interesses destes. Por exemplo, havia a fábrica de carros “*Internacional*”, a padaria “*La Piedad*”, os cigarros “*Avanti*”, “*Labor*”, “*Protesta*” e “*Federación Obrera*”, a casa de roupas “*Los Obreros*”, a companhia de limpeza “*La Marsellesa*”, entre outros. A presença de avisos publicitários no periódico **La Protesta** continuou de maneira constante até, pelo menos, o ano de 1916, sendo cada vez mais utilizada e passando a incorporar também – por necessidade – avisos de empresas que não tinham vínculos de afinidade com os trabalhadores; é o caso, por exemplo, das cervejas Quilmes e Bieckert, cujos anúncios no periódico anarquista tinham funções estritamente comerciais<sup>119</sup>.

En el caso de la publicidad, no tanto por convencimiento sino por necesidad se fue modificando la idea del rol de propaganda comercial. Al comienzo, al primar la idea de la prensa como servicio, se publicaban avisos escasamente redituables en tanto los anunciantes eran, en buena medida, activistas y simpatizantes, alternando con algún anuncio de carácter netamente comercial. La necesidad de mantener un diario y de ampliar el público lector tendieron a modificar este concepto, y las publicaciones anarquistas intentaron hacer redituables los espacios de sus periódicos.<sup>120</sup>

<sup>118</sup> SANTILLÁN, Diego Abad De. **La Protesta: su historia, sus diversas fases y su significación en el Movimiento Anarquista de América del Sur**. Op. Cit. p.52.

<sup>119</sup> Por exemplo, para a edição de março de 1907, as entradas provenientes da publicidade representavam onze por cento do total de recursos.

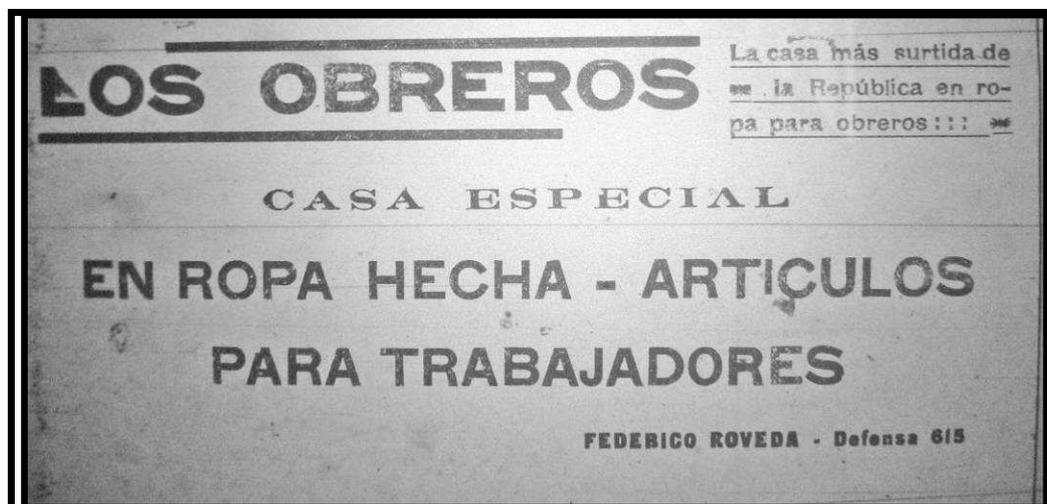
<sup>120</sup> SURIANO, Juan. **Anarquistas: cultura y política libertaria en Buenos Aires 1890-1910**. Op.Cit. p.209.



**Figura 10:** Propaganda no *La Protesta*.  
 Fonte: LP, 1º de febrero de 1906, nº 649 p.04



**Figura 11:** Propaganda no *La Protesta*.  
 Fonte: *La Protesta*, 1º de enero de 1909, nº1534 p.04



**Figura 12:** Propaganda no *La Protesta*.  
 Fonte: *La Protesta*, 8 de agosto de 1906, nº801 p.04



**Figura 13:** Propaganda no *La Protesta*.  
 Fonte: *La Protesta*, 3 de abril de 1907, nº1004 p.04

Apesar de aparecer propagandas de cervejas e cigarros com frequência no *La Protesta*, o periódico defendia uma vida saudável, tendo uma posição favorável ao vegetarianismo e contrária ao alcoolismo (embora não impositiva). No entanto, a publicidade das cervejarias garantia importantes valores ao periódico. Dessa forma, aparecem também propagandas de restaurantes vegetarianos, as quais, embora não garantissem uma soma

considerável ao periódico, representavam e reafirmavam a posição do periódico no que concerne à defesa de uma vida saudável e sem vícios. De acordo com o periódico, o tempo livre dos trabalhadores deveria ser empregado em atividades sadias e culturais como os piqueniques, as festas, as palestras (conhecidas como “*as charlas*”) e os teatros organizados pelos próprios trabalhadores que, além de divertir, também contribuía para a formação social das famílias operárias. Tinham, portanto, uma visão negativa da festa de carnaval a qual, na sua visão, era uma festa sem propósitos culturais, cujo único objetivo era embebedar-se: “*en el carnaval se divierten los hombres, pero no se divierten como debieran divertirse, esto es, dignamente*”<sup>121</sup>. O periódico divulgava com frequência as atividades de lazer que considerava sadias e benéficas para o desenvolvimento dos indivíduos e incentivava a organização das mesmas.

Las diversiones tienen una gran importancia y si los individuos que tienen espíritu de iniciativa se preocuparan de organizarlas, harían una gran cosa, porque sacarían mucha gente de los cafés, de los prostíbulos y de los despachos de bebidas, al propio tiempo que librarían a muchos del aburrimiento.<sup>122</sup>



Figura 14: Anúncio vegetariano no **La Protesta**.  
Fonte: LP, 5 de enero de 1907, nº925 p.04



Figura 15: Anúncio vegetariano no **La Protesta**.  
Fonte: LP, 2 de febrero de 1906, nº650 p.04

No ano de 1907 novidades surgem no periódico **La Protesta** como, por exemplo, a incorporação de uma seção italiana redigida por Roberto d' Angió a partir de janeiro desse ano. A mesma continuará aparecendo no periódico até o ano de 1909. Essa seção se encontrava, normalmente, na segunda página do jornal e ocupava quase a metade da mesma.

<sup>121</sup> **LA PROTESTA**, Buenos Aires, 20 de febrero de 1909, nº1575, p.01

<sup>122</sup> **LA PROTESTA**, Buenos Aires, 20 de febrero de 1909, nº1575, p.01.

Isso significa que o periódico se preocupava com a inserção de todos os trabalhadores, independente de sua origem ou nacionalidade, na cultura operária. Assim, ao apresentar uma seção em italiano, o jornal tentava aproximar-se dos imigrantes recém chegados à Argentina e que ainda desconheciam a língua local, almejando a integração destes nas lutas e ideais defendidos pelo periódico. Além disso, revelava a presença do princípio internacionalista no periódico; uma vez que a teoria anarquista procurava englobar todos os trabalhadores do mundo na luta em prol da emancipação humana, não defendendo, portanto, nacionalidades isoladas ou apenas uma língua para ser a porta-voz do jornal. Como alternativa, apresentavam seções em variadas línguas e defendiam uma maior utilização do esperanto<sup>123</sup>, visto que essa língua não tinha um caráter nacional ou étnico definido e poderia ser aprendida com facilidade por pessoas de qualquer nacionalidade, uma vez que a mesma tencionava ser universal. No ano de 1908, além da seção em italiano, o periódico passa a contar também como uma seção em yiddish<sup>124</sup>, a qual aparecia, na maioria das vezes, na terceira folha do periódico ocupando mais da metade da mesma. É importante salientar que o yiddish (devido a sua similaridade) é um dos idiomas que servem de base para a evolução do idioma universal esperanto. Normalmente, ao redor do texto em yiddish apareciam avisos de boicotes ou de conferências e eventos que não seguiam a formatação normal e lógica do periódico, sendo que alguns desses avisos apareciam na horizontal enquanto outros na vertical, de forma que a ruptura das seqüências lógicas e organizadas também era uma constante nos periódicos

---

<sup>123</sup> O esperanto é a língua planejada mais vastamente falada no mundo. Ao contrário da maioria das outras línguas planejadas, o esperanto saiu dos níveis de projeto (publicação de instruções) e semilíngua (uso em algumas poucas esferas da vida social). Como uma língua construída, o esperanto não é relacionado genealogicamente a nenhuma língua étnica; pode ser descrito como uma língua de léxico predominantemente românico e de morfologia aglutinante. A fonologia, a gramática, o vocabulário e a semântica são baseados em línguas indo-europeias ocidentais. Os fonemas são essencialmente eslavos, assim como muito da semântica, enquanto o vocabulário é derivado primordialmente de línguas românicas, com uma menor contribuição de línguas germânicas e algumas palavras de várias outras línguas. A escrita em esperanto é fonética – cada letra tem um só som, uma só letra. Tudo se fala como se escreve. Cada vogal corresponde a uma sílaba – se a palavra tem mais de uma, a penúltima é sempre tônica. Segundo Passini (2008) o esperanto é “*o projeto saído do cérebro e do coração de um jovem idealista que, numa antevisão extraordinária de um mundo que não chegaria a ver, apresentou solução antecipada esse crucial problema humano (comunicação), ao publicá-lo em 1887*”. Para saber mais sobre o esperanto ver PASSINI, 2008 e SANTIAGO, 1992.

<sup>124</sup> O **yiddish** ou **íidiche** é uma língua da família indo-europeia, pertencente ao subgrupo germânico, tendo sido adotada por judeus, particularmente na Europa Central e na Europa Oriental. É uma língua escrita, porém com caracteres hebraicos, correndo a escrita da direita para a esquerda. Divergindo da escrita do hebraico, são expressas todas as vogais, em parte com símbolos consonantais. Sua estrutura frasal é a alemã. O resto são palavras hebraico-aramaicas, oriundas da Cabala, Talmude e de outras fontes, além de elementos românicos de origem discutida, franceses e italianos. De grande importância são os elementos eslavos. O íidiche era falado, antes da última guerra, por mais de doze milhões de pessoas na Europa Oriental, nos Estados Unidos e na América do Sul. Para saber mais sobre o íidiche ver: BUNSE, 1983.

anarquistas, os quais procuravam, através dessas estratégias, diferenciarem-se dos jornais da dita imprensa burguesa.

#### Esperanto

Si invita á los compañeros simpatizantes con la idea del idioma universal, á que concurran á la reunión á celebrarse el jueves 14 á las 8 p.m. en el local de la Federación de las Artes Graficas, Artes 755 (sótano) para tratar sobre la fundación de un centro Esperantista.<sup>125</sup>



**Figura 16:** Seção em italiano no *La Prtostesta*.  
Fonte: *La Protesta*, 17 de julio de 1908, n°1401 p.02

<sup>125</sup> **LA PROTESTA**, Buenos Aires, 7 de febrero de 1907, n°957, p.02.

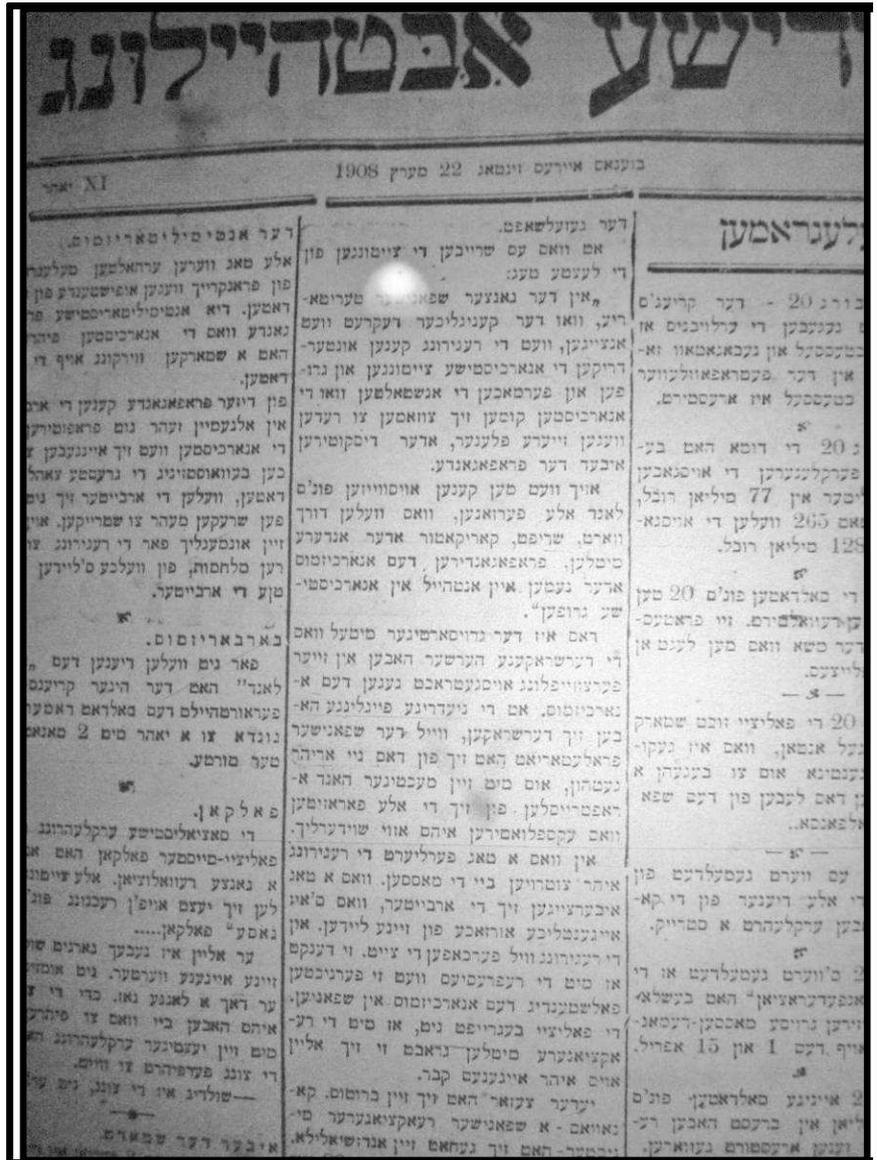


Figura 17: Seção em yiddish no La Protesta.  
 Fonte: La Protesta, 22 de marzo de 1908, nº1302 p.03

האכטן בארד אונגעשאונען אונקוסען סעלען-  
ראסטן פון פערשידענע גרוסען.  
דעם 20 מערץ אום 6 אוהר אין א-  
וועג אין אונקוסען דער קערפער היינט  
וועט נגד נעקוסען די גאהענסטע בעקאג-  
סע אין חברים. ווען די סוהר פון וואנאן  
האט זיך אייפגעשענעט, האט א שרעקענדע  
בילד פארגעשעלט פאר די בייזעווענדע.  
דער מאנער וואנאן אין בעהאנגען געווא-  
רען סים בלוסען אין ווענאקען, דער בא-  
רען איז בעדעקט געווען סים א צורעק פון  
לעבעדיגע בלוסען, צווישען וועלכע עס האט  
אויסגעקוקט א רויטע פאהן סים דעם  
פאלגענדען לאונג: אין קאספף וועסט דו  
דיינע רעכטע ערדייכען".

דער קערפער אין אפגעפיהרט געווארען  
סים דער ערלויבניש פון דער פאליציי אין  
א ספעציעלען פלאץ וואו ער וועט קענען  
שטעהן אייניגע מעג, כדי מען זאל זיך  
קענען צו גרויסען צו דער פראכטפאלער  
פראצעסיאן, וועלכע וועט געוויס שטאם-  
פונדען דעם 29 מערץ. נאנץ פאריו גרויס  
זיך צו, צו דויער פראצעסיאן, אום צו קע-  
נען ארויסגעבען די סיספאטיע צו דעם גרוי-  
סען העלד נ. א. גערשוני.  
אייער קאסעראד  
ג פרידלאנד.  
פאריו, 22 מערץ 1908.

**נאטיצען**

ווער 1 מאי!!!  
ס'פעלען אינגאנצען 3 מעג ביו צום  
1 מאי! ביו צו דויען היספארישען מאג  
ווען די פראלעסאריער סאסטען לעבען אויף  
סעאר ווי איסטער. אין די ארגענטינער אר-  
טער קרוינען וועט שוין זונגעפרינגט גע-  
ווארען פיעלע גויסיגע ארבייטען, אום די-  
נער מאג זאל זיין א מאג פון שטארקער

Figura 18: Mistura de texto na horizontal e avisos na vertical no **La Protesta**.

Fonte: La Protesta, 28 de abril de 1908, n°1333 p.03

No ano da incorporação da seção em italiano no periódico (1907), o mesmo ainda contava com a participação fundamental de Gilimón na redação e apresentava uma tiragem mensal de 5.000 exemplares. É também a partir desse ano que o **La Protesta** passa a contar com um novo formato, que se constitui agora por seis colunas de texto. Além dessas inovações na diagramação do periódico (com mais colunas e com novas seções) o mesmo

também será marcado por encabeçar, nesse ano, campanhas acirradas na defesa do processo de Ferrer e Nakens<sup>126</sup>, bem como na propagação e incentivo à greve dos inquilinos em meados de setembro de 1907. Essas campanhas normalmente utilizavam avisos e chamamentos em caixas de texto destacadas e/ou caricaturas enquanto estratégias para focalizar a atenção dos leitores do periódico. A greve de inquilinos atingiu tamanha proporção na sociedade de Buenos Aires que acabou por ocasionar, outra vez mais, a expulsão de inúmeros anarquistas do solo portenho. Foi durante essa greve que o chefe de polícia – Fálcon – ficou conhecido por sua postura antianarquista. A tamanha repressão executada por Fálcon e seus homens chegou a provocar uma espécie de pânico constante entre os editores do **La Protesta**, os quais acreditavam que podiam ter sua sede invadida e destruída a qualquer instante. Tendo esse clima de tensão como pano de fundo, o editorial de 24 de outubro faz o seguinte alerta:

Ha llegado hasta nosotros la noticia de que se prepara un asalto a la imprenta de este diario, quizás con el objetivo de prohibir esa publicación [...] A la espera de los acontecimientos, nosotros, tranquilos como siempre, esperamos firmes en nuestros puestos. Y cuando el momento llegue, a falta de otra cosa, arrojaremos al rostro de los asaltantes, como un proyectil de muerte un ¡Viva la Anarquía! ¡Viva *La Protesta*!<sup>127</sup>

As notícias referentes à greve geralmente faziam alusão à rápida adesão de variadas vertentes de trabalhadores à mesma, o que pode se ler enquanto uma certa união dos operários frente ao problema dos aluguéis (considerado, pelos anarquistas, um problema relacionado à propriedade privada), bem como reforçavam o chamamento àqueles que ainda não tinham tomado partido em relação à greve, com a finalidade de conferir tanto a permanência do movimento grevista, quanto uma extensão do número de participantes ativos, o que geraria maior força à greve.

#### **La huelga de inquilinos**

Pocas veces un movimiento popular ha repercutido tan rápidamente como la actual huelga de inquilinos. Al principio la desconfianza, producto probable de la timidez, hacía temer que la agitación contra los alquileres no diese el resultado que es de esperar. Hoy, después de la serie ya importante de adhesiones no es posible aventurar un fracaso. Todo hace esperar un éxito ruidoso. Y ese anhelo entusiasmo á los que desde el primer momentos hemos apoyados con decisión la huelga de inquilinos, un principio, puede considerarse, de ataque a la propiedad privada. [...] El desarrollo creciente de

<sup>126</sup> Devido à intolerância da Igreja, em 1906, Ferrer e Nakens foram presos sob suspeita de envolvimento no ataque de Mateo Morral, ex-colaborador de curta passagem, como tradutor e bibliotecário da Escola Moderna, que perpetrou um atentado frustrado contra o Rei Alfonso XIII. Ambos foram absolvidos um ano depois. Em meados de 1907 o **La Protesta** ainda trazia textos acirrados contra a prisão de ambos.

<sup>127</sup> **LA PROTESTA**, Buenos Aires, 24 de octubre de 1907, nº1172, p.01.

la huelga de inquilinos continua avanzando entre el entusiasmo popular y la rabia de los explotadores de propiedades y sus cooperadores.<sup>128</sup>

No final deste ano Gilimón se afasta por algum tempo do periódico por não estar de acordo com algumas mudanças ocorridas na composição dos membros da redação do jornal; mudanças essas que eram constantes e que, muitas vezes, acabavam por incorporar no seio do **La Protesta** indivíduos interessados em êxitos pessoais ou em causas que não eram compatíveis com o propósito do periódico. Procurando minimizar essas trocas constantes e indesejáveis, o Dr. Creaghe assume a administração do **La Protesta** no início de 1908 e faz um alerta para que a incorporação de novos membros na redação do periódico seja mais cuidadosa:

*La Protesta* no puede vivir como hasta aquí, al albur de delegados y presionada por la voluntad de hombres propensos a las rencillas y que han hecho, como en el presente caso, de sus personalismos un arma de combate contra los compañeros que sirven a la causa de esta redacción.<sup>129</sup>

No ano de 1908, como já exposto anteriormente, o periódico passa a contar com uma seção em yiddish e apresenta como uma das principais notícias locais e que teve repercussão em vários exemplares do diário o atentado ao então presidente argentino Figueroa Alcorta pelo jovem anarquista Francisco Solano Regis. Tal foi o espaço dedicado pelo periódico ao atentado que até a estratégia do emprego de caricaturas foi utilizada com a finalidade de defender e justificar a ação de Francisco<sup>130</sup>.

Nosotros, que proclamamos como el primero de los derechos el derecho á la vida, piedra angular e incommovible de la filosofía anárquica, no podemos lógicamente proclamar su antítesis: el derecho à matar. Pero cuando la violencia se erige en forma de gobierno; cuando de arriba se mata, se encarcela, se deporta, se hostiliza y se persigue tenazmente, una ley de vida; el instinto de conservación, el derecho de defensa nos hace comprender lo humano que es la violencia de abajo. La comprendemos y la justificamos; que lo uno es consecuencia inmediata de lo otro.<sup>131</sup>

O atentado ao presidente Figueroa Alcorta pode ser considerado como consequência do terrorismo policial empregado contra os anarquistas, o qual era justificado e incentivado pela própria Lei de Residência. Apesar de tal atentado não ter obtido êxito, pois a bomba lançada não explodiu devido à sua construção defeituosa, a polícia passou a repreender de maneira mais severa e violenta os anarquistas e, muitas vezes, repreendendo até mesmo

<sup>128</sup> **LA PROTESTA**, Buenos Aires, 29 de septiembre de 1907, n°1150, p.01.

<sup>129</sup> **LA PROTESTA**, Buenos Aires, 28 de enero de 1908, n°1256, p.01.

<sup>130</sup> Ver **LA PROTESTA**, Buenos Aires, 7 de março de 1908, n°1289, p.01.

<sup>131</sup> **LA PROTESTA**, Buenos Aires, 1° de marzo de 1908, n°1284, p.01.

aqueles estrangeiros que não tinham ligação direta com o movimento libertário. Tem-se, também nesse caso, um embate primeiramente entre estrangeiros e nacionais e apenas de forma secundária entre anarquistas e capitalistas. No depoimento do jovem Francisco, a denúncia dessa política contra os estrangeiros é claramente observada:

Aunque no soy partidario de las nacionalidades, ni tengo sentimientos patrióticos, en vista de que con la ley de residencia se castiga a los anarquistas nacidos en el extranjero, yo, que soy anarquista, nacido en la Argentina, y por lo tanto libre del alcance de esa ley inicua e infame, protesto de la expulsión de mis compañeros y recabo de la única manera posible el derecho que tienen a residir aquí.<sup>132</sup>

Apesar da constante repressão, o diário sobrevive de maneira eficaz. Gilimón volta a fazer parte da direção do jornal e, juntamente com o Dr. Creaghe, se empenha para transformar o periódico em uma potente arma de combate. Sendo resultado direto ou indireto dessa arma de combate, o primeiro de maio de 1909 ficou marcado por uma manifestação de um número expressivo de trabalhadores e, como era de se esperar, pela repressão violenta e mortal da polícia de Buenos Aires. Embora quase todas as lembranças do 1º de maio por parte dos anarquistas tenham sido tumultuadas e combativas na primeira década do século XX, a do ano de 1909 merece destaque tanto por sua magnitude, quanto por suas consequências. De acordo com o **La Protesta** o número de manifestantes foi de consideráveis trinta mil, enquanto que a imprensa burguesa minimizava esse número oscilando de cinco a dez mil participantes<sup>133</sup>. Entre as consequências desse episódio tem-se oito manifestantes mortos e mais de cem feridos (resultado do atrito com a polícia) e a declaração de uma greve geral de uma semana de duração a fim de vingar e homenagear os trabalhadores mortos durante a manifestação<sup>134</sup>. O periódico **La Protesta**, por sua parte, publicou durante essa semana textos combativos em defesa dos trabalhadores e conclamou, abertamente, luta contra a polícia de Buenos Aires. Teve vários de seus colaboradores presos, entre eles Gilimón, mas nem por isso deixou de aparecer nas ruas ou alterou seu tom combativo. No exemplar de 3 de

<sup>132</sup> REGIS, Francisco Solano (depoimento) IN: SANTILLÁN, Diego Abad De. **La Protesta: su historia, sus diversas fases y su significación en el Movimiento Anarquista de América del Sur**. Op.Cit. p.54.

<sup>133</sup> Divergências entre os números de participantes em greves e demais manifestações de caráter popular como o Primeiro de Maio, observadas na comparação entre os números divulgados pelos periódicos da imprensa alternativa com os da grande imprensa é uma constante durante, pelo menos, as três primeiras décadas do século XX; de maneira que os anarquistas e, por vezes, os socialistas procuravam maximizar sua atuação através de exorbitantes e, por vezes, duvidosos números, os periódicos burgueses procuravam minimizar a atuação destes, chegando quase a anular a sua força através dos números irrisórios e também duvidosos divulgados em seus periódicos. De maneira que chegar-se ao número real ou aproximado de participantes em certos movimentos é uma tarefa das mais árduas, por vezes impossível de ser atingida.

<sup>134</sup> Mais detalhes sobre o 1º de Maio de 1909 serão observados no capítulo 2.

maio aparece uma nota que termina assim: “*Muera Falcón! Viva la anarquía!*”<sup>135</sup>. O diário, diante desse contexto agitado e conturbado, “*adquirió un carácter agresivo, vibrante, ansioso de revancha*”<sup>136</sup>. Foi também nesse ano que o **La Protesta** continuou sua campanha a favor do educador Francisco Ferrer e publicou vários textos denunciando os acontecimentos da “*semana roja*”<sup>137</sup> ocorrida em julho de 1909 em Barcelona e caracterizada por ações violentas contra os anarquistas espanhóis. Em resposta ao assassinato do educador, em outubro desse ano, o diário realizou uma forte campanha em favor da greve geral que ocorreu entre 13 a 18 de outubro. Fato esse que demonstra, uma vez mais, o internacionalismo do movimento anarquista, uma vez que a solidariedade e a indignação quanto ao fuzilamento de Ferrer ultrapassavam as fronteiras da Espanha e apareciam gritadas por fortes e exaltantes verbos no periódico argentino.

No entanto, as conseqüências do sangrento 1º de Maio de 1909 continuariam a repercutir durante meses após o acontecido na cidade de Buenos Aires. Uma dessas conseqüências, e talvez a mais importante e dramática, se refere ao assassinato do chefe de polícia Falcón por um jovem anarquista russo<sup>138</sup> em novembro de 1909. A bomba lançada pelo anarquista teve efeito fatal sobre o chefe de polícia e seu secretário (ambos se encontravam dentro do carro que foi o alvo das mãos do jovem indignado com a repressão policial da cidade). O periódico tanto justificou como defendeu a postura do jovem e teve, por isso mesmo, sua sede assaltada e as máquinas nas quais imprimia seus exemplares destruídas. A F.O.R.A., formada em sua maioria por anarquistas, também foi alvo de assalto e ataques e a Escola Moderna de Buenos Aires foi fechada pela polícia.

Durante esse período que se seguiu à morte de Falcón e à marcante repressão policial aos anarquistas, o diário ficou impossibilitado de circular. No entanto, já em janeiro de 1910 o jornal reaparece com uma tiragem superior à anterior: 16.000 exemplares, demonstrando que a repressão empregada não foi eficaz em relação à diminuição da influência anarquista entre os trabalhadores. Porém, a repressão que se verificará nesse ano será maior que a do ano anterior, pegando de surpresa os próprios anarquistas. Um dos fatores que contribuiram para a

<sup>135</sup> **LA PROTESTA**, Buenos Aires, 3 de mayo de 1909, n°1337, p.04.

<sup>136</sup> SANTILLÁN, Diego Abad De. **La Protesta: su historia, sus diversas fases y su significación en el Movimiento Anarquista de América del Sur**. Op. Cit. p.55.

<sup>137</sup> Semana Roja ou Semana Trágica é o nome usado para referenciar os sangrentos acontecimentos ocorridos em Barcelona e outras cidades da Catalunha, de 26 de julho a 2 de agosto de 1909, com o enfrentamento do exército e a classe operária, apoiada pelos anarquistas, socialistas e republicanos. Sobre a semana trágica ver: ULLMAN, Joan Connelly (1972).

<sup>138</sup> Simón Radowitzky foi o jovem responsável pelo assassinato do coronel Falcón; quando do atentado tinha apenas 17 anos. Converteu-se em uma espécie de ídolo popular para parte dos anarquistas de Buenos Aires.

existência dessa expressiva repressão foi a celebração do centenário de independência argentino, a qual não poderia ser interferida ou marcada pela ação dos anarquistas. Romero ao fazer alusão ao contexto do Centenário afirma que:

Si la ocasión era propicia para examinar el destino histórico del país desde el punto de vista de su pasado, no lo fue menos, sin embargo, para despertar la conciencia pública frente a los nuevos fenómenos sociales que se manifestaban y que se interpretaban de diversa manera. Huelgas y movimientos de agitación alteraban la calmosa vida pública, promovidos por los grupos proletarios que cada día cobraban más firmeza, mejor organización y más clara conciencia de su posición político-social. Los grupos tradicionalistas, reaccionarios salvo pocas y honrosas excepciones y ya preocupados por la amenaza de la Unión Cívica Radical, sólo atinaron a proponer la represión como maniobra política de defensa frente a los nuevos fenómenos de masas.<sup>139</sup>

O próprio periódico declarava abertamente que era contrário às festas em comemoração ao centenário e que as mesmas nada significavam para os trabalhadores, exceto a reafirmação das injustiças existentes num país de privilégios; onde se comemorava o centenário tendo como pano de fundo um proletariado descontente e ávido por mudanças sociais.

Protestamos contra la conmemoración del centenario de la revolución de mayo, que es conmemoración de libertades, porque la ley de residencia es la negación de esa libertad que se conmemora; protestamos contra las fiestas a celebrarse, porque ellas son un insulto a la miseria de los trabajadores que las costean, y que sostienen todo el organismo social con sus parásitos innumerables [...].<sup>140</sup>

E não era apenas através de palavras que o **La Protesta** incentivava os trabalhadores a se manifestarem quanto à repressão e quanto às comemorações do centenário, mas também através da organização de ações reivindicatórias como, por exemplo, o *mitim* contra a lei de residência ocorrido em oito de maio de 1910. Segundo Santillán<sup>141</sup>, teriam participado desse *mitim* por volta de 50.000 pessoas. Como resposta a esse acontecimento e à constante agitação popular, a polícia prendeu duramente os anarquistas prendendo os redatores dos diários libertários **La Protesta** e **La Battaglia**, bem como os membros do conselho da F.O.R.A. No entanto, a simples prisão dos redatores do **La Protesta** não garantia a paralisação das atividades do jornal, as quais poderiam ser realizadas por outros trabalhadores que, mesmo sem a experiência na redação, demonstravam interesse em realizar importante atividade. Por isso, a sede do **La Protesta** é incendiada em 14 de maio de 1910, impossibilitando assim a

<sup>139</sup> ROMERO, Jose Luis. **Las ideas en la Argentina del siglo XX**. Op.Cit.p.78-79.

<sup>140</sup> **LA PROTESTA**, Buenos Aires, 16 de marzo de 1910, nº1839, p.01.

<sup>141</sup> SANTILLÁN, Diego Abad De. **La Protesta: su historia, sus diversas fases y su significación en el Movimiento Anarquista de América del Sur**. Op. Cit.

aparição do periódico. Devido a essa repressão e ao estado de sítio decretado em 13 de maio, o diário fica paralisado e reaparece apenas em maio de 1911. É importante salientar que o primeiro exemplar de 1911, datado de 15 de maio, foi editado em Montevideu e depois remetido à Buenos Aires<sup>142</sup>. Os demais números serão publicados em Buenos Aires, na clandestinidade, até 8 de junho de 1912, com uma tiragem oscilante de 7 a 10 mil exemplares. Nessa fase de ressurgimento do periódico um dos nomes que merece destaque tanto por ter assumido a direção do mesmo, como por ter dado os primeiros passos para a sua reaparição foi o anarquista Apolinario Barrera. Esse, por sua vez, pode contar com a participação ativa de Manoel Moscoso na redação do diário – um dos principais escritores do **La Protesta**, cujos textos transbordam em indignação e revolta.

Nessa época de clandestinidade, o diário trazia notícias internacionais através das correspondências mantidas com os anarquistas Aristide Cecarelli de Roma e Alejandro Sux de Paris, demonstrando, uma vez mais, o caráter universalista da imprensa libertária, a qual tinha como principal objetivo a emancipação de todos, independentemente dos locais em que se encontravam. A busca por tal emancipação almejada pelos libertários será fortemente abalada em 1912 devido à sanção da Lei Sáenz Peña, a qual redefinirá a relação dos trabalhadores com a política eleitoral, uma vez que a supracitada lei minimizava (porém não extinguiu) a fraude no processo eleitoral ao impor o voto universal masculino, secreto e obrigatório. De maneira que uma parcela significativa do proletariado irá se deixar seduzir pelas novas brechas do sistema político, as quais encenavam participações de atores que, na realidade, não eram principais e nem alteravam significativamente a organização do sistema. Frente a essa situação crítica, os anarquistas não tinham o que fazer, exceto defender-se acirradamente ao negar as possíveis eficácias da política eleitoral. *“Os anarquistas se aferraram a sua concepção negadora da política parlamentar com os mesmos argumentos de sempre, mas uma coisa era fazer isso durante a persistência do regime fraudulento e outra na vigência do sistema ampliado”*<sup>143</sup>.

A ampliação do sistema político, bem como uma maior interferência do Estado nas políticas sociais resultou num princípio de crise da influência anarquista na Argentina. No entanto, o **La Protesta** sai semanalmente entre junho de 1912 até julho de 1913. E,

---

<sup>142</sup> Havia um intercâmbio significativo entre as imprensas alternativas de Buenos Aires e de Montevideu durante, pelo menos, as duas primeiras décadas do século XX. Além disso, Montevideu recebeu inúmeros anarquistas deportados da Argentina, os quais, na maioria das vezes, davam continuidade às suas atividades militantes nessa cidade.

<sup>143</sup> SURIANO, Juan. **Anarquistas: cultura y política libertaria en Buenos Aires 1890-1910**. Op.Cit.; p.169.

surpreendendo a muitos, reaparece diariamente a partir de 20 de julho de 1913. Em meados desse ano o número de desempregados em Buenos Aires era considerável e, apesar disso, as greves e agitações percebidas foram pouco numerosas, de dimensões nada exageradas e de caráter isolado. Dava-se início a um período de crise no movimento libertário que demoraria a encerrar-se.

Aunque con la salida de *La Protesta* se reanimó mucho la propaganda y la organización, se comprendió que no se estaba en el período heroico que procedió a 1910; se había entrado en un largo período de crisis, que en realidad duro hasta 1917-1918, la revolución rusa y la terminación de la guerra. Y como en otros períodos de esa naturaleza, las disidencias internas desempeñaron un gran papel.<sup>144</sup>

Em 14 de novembro o então administrador do jornal – Apolinario Barrera – foi preso por ter saído nas páginas do diário um artigo a respeito de Radowitzky; sendo esse, portanto, o pretexto esperado pela polícia para poder interferir no periódico e fechá-lo uma vez mais. No entanto, o mesmo se mantém fechado apenas por uma semana e reabre com o retorno de Ghiraldo à direção do periódico. Ghiraldo assume o periódico logo após a prisão de Barrera – em meados de novembro de 1913 – porém sua saída ocorre precocemente em dezembro desse mesmo ano.

A saída de Ghiraldo da direção do **La Protesta** é reflexo das fortes dissidências internas presentes tanto na redação do diário, como no movimento anarquista em si. Tais dissidências são, entre outros fatores, causas da permanência e agravamento da crise iniciada em 1912, de maneira que nomes importantes do movimento, como o próprio Ghiraldo, acabam por desiludir-se com o **La Protesta** e a procurar outros meios para realizar suas ações de acordo com os princípios que defendiam.

Apesar das acirradas dissidências internas e da saída de Ghiraldo do periódico, o mesmo continua a ser editado no ano de 1914 e passa a contar com seis colunas de texto; o que deixa claro que a crise existente não impossibilita a aparição contínua do jornal. Se o **La Protesta**, por um lado, é marcado pela perda de Ghiraldo, por outro, é presenteado pelo retorno de Gonzalez Pacheco à sua redação. Com o advento da guerra, textos e caricaturas antimilitaristas passam a fazer parte do conteúdo do jornal, expressando claramente sua opinião contrária em relação à guerra.

Tal campanha antimilitarista continua no ano de 1915 e, juntamente com essa, aparece a campanha contra os sindicalistas que, pouco a pouco, vão ganhando espaço na sociedade

<sup>144</sup> SANTILLÁN, Diego Abad De. **La Protesta: su historia, sus diversas fases y su significación en el Movimiento Anarquista de América del Sur**. Op. Cit. p.61.

argentina e na própria FORA. Frente à ameaça representada pela influência dos sindicalistas, os anarquistas do **La Protesta** defendem firmemente a posição do comunismo anárquico adotada no V Congresso e se colocam contrários ao posicionamento do IX Congresso da FORA que rompe com o comunismo anárquico do V Congresso e, ao mesmo tempo, incentiva a propaganda através dos sindicatos. Tem-se, portanto, a partir desse ano, duas federações: uma seguindo os princípios adotados no V Congresso (composta majoritariamente por anarquistas) e outra fiel à postura adotada no IX Congresso (a qual rompe com o comunismo anárquico e acredita na ação livre através dos sindicatos sem a imposição de uma ideologia específica).

Tenemos, pues, a partir de ese día, dos F.O.R.A., una llamada del quinto congreso y otra del noveno congreso. Durante más de un lustro esas dos federaciones se combatieron ásperamente, pero la militancia anarquista, más apasionada y también más abnegada, venció al fin, como veremos más adelante [...].<sup>145</sup>

Realizando essa defesa à F.O.R.A. do V Congresso, encontram-se na redação do diário Gonzáles Pacheco e F. Ricaard. Porém, seus trabalhos no periódico são paralisados devido à crise financeira sofrida no **La Protesta** em princípios de 1916; crise essa que acarreta a saída dos dois da redação, a qual é assumida por López Arango, F. Ganga e L. Rezzano. Os balancetes publicados no jornal apontam para uma dívida de 10.000 pesos; o que significa que o novo grupo redator assumiu o **La Protesta** em situação bastante crítica economicamente. Em junho desse ano, visando melhorar essa caótica situação econômica do diário, Barrera assume novamente a administração e procura manter o periódico em circulação, mesmo que deixando de ter o caráter de publicação diária e assumindo uma publicação bissemanal.

Se, por um lado, percebe-se as expressivas mudanças ocorridas na redação do periódico e uma certa instabilidade no corpo editorial, por outro, visualiza-se a manutenção de uma estrutura básica nas seções do jornal, as quais, salvo algumas pequenas alterações e novidades, se mantiveram uniformes no período analisado. A primeira página<sup>146</sup> estava destinada a editoriais e artigos doutrinários que difundiam os princípios básicos do anarquismo (os assuntos desses artigos normalmente ficavam em torno da desqualificação do Estado, da Igreja, da Lei, da Polícia e, por outro lado, explanavam acerca da necessidade da revolução libertária). Uma parcela considerável desses textos doutrinários é de autoria

<sup>145</sup> SANTILLÁN, Diego Abad De. **La FORA: Ideología y Trayectoria del Movimiento Obrero Revolucionario en la Argentina**. Buenos Aires: Libros de Anarres, 2005. p. 245.

<sup>146</sup> Se tomará por base os exemplares constituídos por 4 páginas (visto que esse foi o formato predominante do **La Protesta**).

anônima ou desconhecida visto que muitos textos não são assinados ou são identificados por pseudônimos<sup>147</sup>, o que também dificulta e, por vezes, impossibilita o conhecimento da real autoria. Entre os textos assinados, podemos citar autores como: José Prat, Ricardo Mella, Rictus, Felix Basterra, Luis Ortega, entre outros. Além desses colaboradores locais, também apareciam na capa do diário textos doutrinários de anarquistas clássicos como Kropotkin, Reclús, Malatesta, etc. Alguns desses textos doutrinários já haviam sido anteriormente publicados em jornais anarquistas europeus como, por exemplo, no *El Productor* de Barcelona e nos franceses *D' Humanidad* e *D' Les Temps Nouveaux*, ambos de Paris. O que indica, novamente, a importante circulação que havia entre os impressos da imprensa anarquista mundial. E, normalmente, na terceira ou, na maioria dos casos, na última página do **La Protesta** se divulgava a relação dos periódicos recebidos pela redação do diário, bem como a relação de folhetos e livros disponíveis em tal redação.

¿Dónde está Dios?

Acaba de aparecer ese importante poema editado por la compañera Fernandez, el que ofrece al precio de 10 centavos el ejemplar y a 5 pesos el paquete de cien ejemplares. También tiene a disposición de quien o solicite los siguientes periódicos: *Tierra* de Havana, *Tierra y Libertad* de Barcelona, *La Protesta Humana* de Milán, *La Battaglia* de São Paulo, *La Gioventú* de Roma.<sup>148</sup>

Os editoriais procuram dar uma explanação geral tanto sobre o conteúdo da publicação como a respeito do contexto local, de forma que a existência de greves ou outra notícia importante para os trabalhadores era destacada já no editorial do jornal. Além desse caráter mais local dos editoriais, também se verifica neles a constante reclamação da falta de recursos para manter os exemplares em circulação e a afirmação, também reiterada, do importante significado do periódico anarquista para os trabalhadores de Buenos Aires; de forma que os editoriais tanto justificavam a existência e a importância do diário bem como realizavam um rápido panorama geral sobre os principais acontecimentos locais que tinham, de alguma forma, ligação com os trabalhadores. Normalmente não eram assinados ou eram assinados com a designação “*A Redacción*” ou “*De La Redacción*”.

#### DE LA REDACCIÓN

##### LA PROTESTA

Es harto errónea la creencia de que este diario haya sufrido evolución alguna. Anarquista nació y anarquista debe seguir siendo siempre. El que en sus columnas se viertan por redactores y colaboradores opiniones distintas sobre tácticas y detalles de la cuestión social, no quiere decir que eso signifique

<sup>147</sup> Vários textos são assinados com a expressão “*vários anarquistas*” o que impossibilita o conhecimento da exata autoria.

<sup>148</sup> **LA PROTESTA**, Buenos Aires, 28 de septiembre de 1907, nº1149, p.03.

dejar de ser anarquistas, los que tal hacen y menos todavía el diario en sí, aun en el supuesto de que á éste se le considere como una entidad. [...] De una vez por todas declaramos que somos anarquistas y que únicamente combatimos á los adversarios de la anarquía sin reparar en su condición económica y social, así como propagamos nuestras ideas sin tener en cuenta quien es el que atiende nuestra prédica. Para vivir anárquicamente hacen falta anarquistas. Es lo que procuramos hacer. Para esto se fundó LA PROTESTA y con este objeto sigue viviendo.<sup>149</sup>

Será também na primeira página, considerada por alguns autores como a essência do periódico, que aparecerá a maioria das caricaturas reproduzidas no **La Protesta**, traduzindo assim, a importância que o jornal concedia aos elementos visuais, sendo estes uma estratégia, ao menos ao que tudo indica, eficaz para despertar a atenção do leitor<sup>150</sup>.



**Figura 19:** Ilustração no **La Protesta**.  
Fonte: La Protesta, 12 de junio de 1904, nº319 p.01

A segunda página, geralmente, era uma extensão da primeira e continuava com a apresentação dos textos doutrinários. A partir de 1907, passa a contar com uma seção italiana a qual se constituía também por textos doutrinários. Algumas notícias de caráter mais local passam a ganhar espaço também nessa segunda página, onde se visualizam a divulgação de

<sup>149</sup> **LA PROTESTA**, Buenos Aires, 29 de febrero de 1908, nº1283, p.01.

<sup>150</sup> As caricaturas serão analisadas com mais vagar no próximo capítulo.

*meetings*, piqueniques<sup>151</sup>, veladas<sup>152</sup>, rifas, conferências locais e campanhas de boicotes. Na terceira página do periódico merecem destaque as seções intituladas “*correspondências*” e “*movimiento social*” as quais se referiam a acontecimentos internacionais e procuravam conferir caráter universal ao periódico, mostrando que a emancipação dos trabalhadores não era tarefa de uma nação específica, mas sim da luta coletiva dos mais diferentes indivíduos; a luta não era, portanto, um ato isolado geograficamente. Outro reflexo desse caráter universal se observa nessa terceira página quando da publicação da seção em ídiche; ou seja, na tentativa de romper com a dominação e exclusividade da língua espanhola no jornal. Algumas propagandas também passam a aparecer nessa página do periódico, sempre destacadas através de apresentações chamativas e exageradas (fontes diversas, utilização de contornos e caixas de texto bem definidas).

As propagandas também serão uma constante na quarta e última página do periódico, dividindo o espaço tanto com notícias referentes à redação e administração do diário (como a divulgação dos impressos recebidos e das arrecadações e gastos do jornal) com contos e folhetins. Normalmente se dedicava a metade inferior dessa página aos folhetins, sendo que cada um desses necessitava de, no mínimo, cinco exemplares para concluir a publicação do texto completo. Segundo Suriano, a publicação dos folhetins “*parecía una buena estrategia para captar y acrecentar el interés del lector por el diario*”<sup>153</sup>.

Sendo assim, durante os quase 20 anos de circulação do periódico **La Protesta**, se verifica que, embora o mesmo tenha apresentado algumas mudanças na sua diagramação em determinados momentos (ampliação do número de colunas, número de páginas ou inserção de seções em outros idiomas), na essência, essa publicação manteve certa uniformidade no que condiz ao conteúdo das seções, apresentando algumas pequenas variações devido aos estilos e ênfases diferentes empregadas por seus redatores; no entanto, sem perder o objetivo principal do diário: difundir os ideais libertários e convencer os trabalhadores a agirem em prol da emancipação social.

---

<sup>151</sup> Os piqueniques mesclavam atividades de lazer: futebol, corridas, bailes com atividades intelectuais: conferências, protestos e debates.

<sup>152</sup> As veladas eram um conjunto de atividades culturais que, geralmente, duravam toda uma madrugada e “*se componían de representaciones teatrales, declamaciones poéticas, conferencias, canto de himnos revolucionarios, funciones musicales y bailes familiares*” (SURIANO, 2001 p.48).

<sup>153</sup> SURIANO, Juan. **Anarquistas: cultura y política libertaria en Buenos Aires 1890-1910**. Op.Cit.; p.199.

## 1.2 PERIÓDICO A LUTA

Se, por um lado, tem-se uma Buenos Aires efervescente politicamente, constantemente caracterizada pela explosão de conflitos sociais entre uma massa trabalhadora sedenta por melhorias e um patronato irredutível, tem-se, por outro, uma Porto Alegre ainda incipiente em matéria de organização operária, cujos trabalhadores tentam, lentamente, organizar-se e constituir-se enquanto massa potencial de resistência à sociedade vigente. Nesse sentido, a aparição nessa capital do periódico **A Luta** em 1906 é reflexo direto dessa tentativa inicial de formação dos trabalhadores da capital gaúcha em sujeitos ativos do processo de mudança entre uma sociedade injusta e exploratória para outra: justa, igualitária e libertária.

A influência das idéias libertárias em Porto Alegre inicia-se anteriormente ao surgimento do periódico **A Luta** em 1906 e, ao que tudo indica, sua expansão na capital gaúcha é proveniente do proselitismo realizado por imigrantes que já traziam na bagagem a experiência anarquista de ter vivido na colônia Cecília<sup>154</sup>, no estado do Paraná. Chegam em Porto Alegre entre 1894 e 1896 e são responsáveis por fundar grupos de estudos, sociedades de resistência e pequenos jornais de caráter efêmero na capital gaúcha. Fundam, por exemplo, o periódico **A Luta** em 1894, o qual teve pouca repercussão e talvez um único número. Com data de fundação incerta também aparece o “*Grupo dos Homens Livres*”. Segundo alguns estudiosos do movimento operário gaúcho, o “*Grupo dos Homens Livres*”<sup>155</sup> será responsável pela edição do periódico **A Luta** em 1906<sup>156</sup>.

<sup>154</sup> A Colônia Cecília foi fundada por anarquistas italianos, em 1890, na cidade de Palmeira dos Índios, no estado do Paraná. Sua extinção ocorre por volta de 1893, quando seus membros começam a se dispersar por outras regiões do Brasil. Um dos mais importantes membros e idealizador da Colônia foi o engenheiro Agrônomo Giovanni Rossi. Entre os antigos membros da Colônia Cecília que vieram (seja apenas de passagem ou de forma duradoura) para Porto Alegre estão o próprio Giovanni Rossi, Gigi Damiani, José Ferla e Pietro Riva. Por falta de dados concretos não se pode indicar qual foi a influência concreta que esses imigrantes tiveram em Porto Alegre no que concerne à propaganda libertária. Sobre a Colônia Cecília ver: MUELLER, Helena Isabel (1999) e FELICI, Isabelle (2007).

<sup>155</sup> Não há consenso na historiografia a respeito do ano de fundação do *Grupo dos Homens Livres*. Por um lado temos o relatório do militante Polydoro Santos datado de 1914 que apresenta o ano de 1899 como sendo o ano de fundação do referido grupo (esse relatório foi publicado na Revista **A Vida** do Rio de Janeiro em 31 de dezembro de 1914) e, por outro, temos os estudos de Edgar Rodrigues (1969) e Maria Nazareth Ferreira (1988) apontando o ano de 1894 como sendo o ano de fundação do Grupo e, além disso, tais estudos também informam que esse Grupo foi responsável pela fundação do periódico **A Luta** de 1894. Como bem sugere Jardim (1994) é possível que os autores supracitados tivessem confundido os dois periódicos **A Luta** e mesclado informações de ambos. Petersen, no seu estudo “*Guia da Imprensa Periódica dos trabalhadores do RGS*”, também traz a informação de que o Grupo dos Homens Livres era responsável pela edição do periódico **A Luta** de 1894 e que a sede do jornal estava localizada na Rua dos Andradas, 64; no entanto, esse é o mesmo endereço do periódico **A Luta** de 1906, o que talvez aponte para uma possível mescla de informações sobre as duas publicações (1894 –

Espalhados pelo Estado do Paraná e Santa Catarina, chegam até o Rio Grande do Sul alguns libertários da Colônia Cecília onde se integraram, imediatamente, para participar do então incipiente movimento operário. Não tardou a nascer o primeiro “Grupo de Estudos Sociais”, logo iniciando uma série de palestras e reuniões com debates de temas sociais, além da pregação da concepção anarquista do sindicalismo.<sup>157</sup>

O “Grupo Homens Livres” teve, ao que tudo indica, uma longa vida: em 1903 aparece assinando uma carta anti-clerical ao jornal “**A Greve**” (Rio de Janeiro, edição de 10 de agosto) e em 1906 aparece como um dos principais grupos mantenedores de “**A Luta**”, aqui de Porto Alegre, reedição dessa experiência de 1894.<sup>158</sup>

Verifica-se a presença de libertários no 1º Congresso Operário do Rio Grande do Sul em 1898, demonstrando assim a gênese da influência anarquista entre os trabalhadores da capital gaúcha. No entanto, a predominância da social-democracia no estado se verificará até, pelo menos, o final da primeira década do século XX, de maneira que, ao contrário do que aconteceu em Buenos Aires, onde os anarquistas encontraram um espaço amplo para a sua influência e dominaram o cenário da resistência operária frente aos socialistas durante toda a primeira década do século XX, os anarquistas de Porto Alegre encontraram um espaço limitado de atuação, já ocupado e marcado pela forte influência da social-democracia<sup>159</sup> entre os trabalhadores da capital; espaço esse que, apenas a partir de 1911, será dominado pela influência libertária.

Embora não fossem dominantes entre os trabalhadores da capital, os anarquistas de Porto Alegre realizaram importantes obras durante a primeira década do século XX. Em 1902, por exemplo, fundaram a União Operária Internacional, a qual, entre outros propósitos, tinha a função de “*contrabalançar a influência das associações de orientação social-democrata*”<sup>160</sup> em solo gaúcho. Mas será em 1906 que sua influência e percepção se farão notar através tanto do periódico **A Luta**, quanto da importante participação que tiveram na greve geral de 1906 (primeira greve geral do Rio Grande do Sul). Antes de 1906, Porto

---

1906). Resumidamente, o que se sabe é que o Grupo dos Homens Livres participou da redação do **A Luta** de 1906.

<sup>156</sup> No entanto, tanto no editorial de fundação do **A Luta** de 1906, quanto nos seguintes editoriais do periódico, não se verifica nenhuma referência ao periódico **A Luta** de 1894; por isso, essa pesquisa não considera o **A Luta** de 1906 enquanto uma reedição do periódico de 1894, mas sim uma nova publicação anarquista na capital gaúcha.

<sup>157</sup> RODRIGUES, Edgar. **Alvorada Operária**. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1979. p.37.

<sup>158</sup> MARÇAL, João Batista. **A Imprensa Operária do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: [s.n], 2004. p.95.

<sup>159</sup> A capital gaúcha já contava com a presença de partidos políticos como o partido socialista, fundado em 1897 e o partido operário riograndense, fundado em 1905; o que contribuía para o aumento da influência socialista em detrimento da anarquista.

<sup>160</sup> PETERSEN, Sílvia; LUCAS, Maria Elisabeth. **Antologia do Movimento Operário Gaúcho**. Ob.cit; p.125.

Alegre presenciou, de acordo com a documentação existente, apenas duas pequenas e isoladas greves: a dos operários da Companhia de Fiação e Tecidos Porto-Alegrense em 1895 e a greve de chapeleiros da fábrica Teichmann em 1901. De forma que o ano de 1906 se configurará enquanto marco de significativos avanços no que concerne à história do movimento operário gaúcho, visto que esse ano será assinalado por, no mínimo, três acontecimentos que contribuirão para o amadurecimento da classe operária da capital gaúcha: a edição do periódico libertário **A Luta**, a eclosão da greve geral e a fundação da FORGS (Federação Operária do Rio Grande do Sul). Além desses, também merece destaque a fundação da escola Eliseu Reclus (de influência anarquista).

Esse amadurecimento de parte do operariado portoalegrense faz parte de um amplo processo de amadurecimento da classe operária brasileira, visto que o ano de 1906 é marcado, nacionalmente, pela ocorrência do 1º Congresso Operário Brasileiro que aconteceu entre os dias 15 e 20 de abril na cidade do Rio de Janeiro. É importante salientar que trabalhadores gaúchos ligados à União Operária Internacional se fizeram presentes nesse importante evento (o primeiro evento que procurou orientar a massa operária nacional que, pouco a pouco, ia se configurando em uma força social ativa). Em tal Congresso aconselha-se a formação de Sindicatos ou Associações de Resistência bem como a utilização da greve, da sabotagem, do boicote, da propaganda (realizada principalmente através da imprensa operária) enquanto meios de luta dos trabalhadores. De forma que, parte dos trabalhadores gaúchos seguirão, no ano de 1906, tais orientações divulgadas através do 1º Congresso Operário Brasileiro.

[...] o “Primeiro Congresso Operário Brasileiro”, aconselha, como meios de ação das sociedades de resistência ou sindicatos, todos aqueles que dependam do exercício direto e imediato da sua atividade, tais como a greve parcial ou geral, a boicotagem, a sabotagem, o label e a manifestação pública, variáveis, segundo as circunstâncias de lugar e de momento.<sup>161</sup>

Fazendo parte deste “amadurecimento” do operariado, verificado também na esfera nacional, os primeiros editoriais do periódico **A Luta** deixam clara a posição política do mesmo e apresentam como sua função essencial a organização dos trabalhadores da capital rumo à emancipação social; ao mesmo tempo em que denunciam tanto a inexperiência, quanto a apatia dos trabalhadores de Porto Alegre (chegando a realizar uma dura crítica ao operariado da capital no seu terceiro editorial).

Surgimos no momento em que os trabalhadores desta capital começam a sentir o mau estar da sua posição de desfrutados e, num movimento resolutivo,

<sup>161</sup> *Resoluções do Primeiro Congresso Operário Brasileiro* IN: RODRIGUES, Edgar. **Alvorada Operária**. *Op.Cit.* p.106.

em que se nota energia, é certo, mas infelizmente também muita inexperiência, demonstram ter percebido que há necessidade de lutar para se não morrer asfixiado numa sociedade que é terrivelmente cruel para aqueles que não possuem para o trabalho, mais que os próprios braços. Pretendemos trazer para estas colunas toda experiência e toda observação que colhermos das lutas que vão se empenhando entre trabalhadores e capitalistas de toda a parte do mundo, luta que vai marcando os passos da espécie humana em marcha para o ideal de uma sociedade onde o baixo egoísmo especulativo não terá guarida e onde, unidos todos os indivíduos pela solidariedade, gozarão da liberdade integral a que fizerem jus. [...] Como método de luta no presente adotamos a ação direta dos indivíduos conscientes e solidários contra o patronato e as instituições que o conservam e apóiam. Conhecemos bem o caminho que vamos trilhar; e saberemos ter de lutar num meio, onde qualquer aspiração emancipadora não encontra eco, as mais das vezes, na condensação de uma atmosfera que tem o peso de séculos e séculos de preconceitos e rotina. Entramos na luta confiando na solidariedade de todos aqueles que, como nós, julgarem úteis os nossos esforços.<sup>162</sup>

[...] Nós, como deixamos exarado em nosso primeiro número, somos libertários, isto é, julgamos que, como base de uma sociedade livre, é necessária uma transformação da propriedade particular em propriedade social, a solidariedade humana na luta contra a natureza e a cooperação dos esforços para se obter a maior soma possível do bem-estar; e, sob o ponto de vista da organização, queremos [que] a vida social assente sobre a iniciativa individual e o livre acordo sem delegação de espécie alguma de poder. Julgávamos que esse periódico fosse unicamente o clarim, que anunciando a aurora de novos tempos, despertasse o proletariado que há séculos se encontra num letargo profundo. Com amargura porém, parece que seremos levados a o transformar, dentro em breve, em fria lápide sobre a qual, com o bisturi agudo, que é a pena, se dissecam, fibra por fibra, cadáveres, já semipútridos...<sup>163</sup>

O jornal também traz, no seu primeiro exemplar, um longo texto que procura demonstrar que não são apenas nos grandes centros industriais que as reivindicações dos trabalhadores por melhores condições de vida se justificam, mas que as mesmas também cabem para a capital gaúcha, visto que o operariado que ali se encontra também é explorado, injustiçado e oprimido; mesmo que não se constitua por um número de trabalhadores exorbitante como nos grandes centros (de São Paulo ou mesmo de Buenos Aires), a luta por melhorias entre aqueles que ali habitam é de igual maneira necessária. E a existência do **A Luta** representa, de acordo com o texto, o início desse movimento em prol de melhorias para os trabalhadores de Porto Alegre.

Os trabalhadores dessa capital parece que neste momento tentam sair da inércia em que até hoje têm vivido. [...] Aqui, como em toda parte, o mesmo princípio egoístico que caracteriza nesta sociedade a luta pela vida, produz os seus perniciosos resultados. Os trabalhadores são igualmente disrutados e aviltados da mesma forma que nos grandes centros industriais. [...] Dizer-se que a luta operária em nosso meio não tem razão de ser porque ninguém

<sup>162</sup> **A LUTA**, Porto Alegre, 13 de setembro de 1906, nº1, p.1.

<sup>163</sup> **A LUTA**, Porto Alegre, 10 de outubro de 1906, nº3, p.1.

morre de fome e há no Estado terras incultas, é rematada tolíce que, em subseqüente artigos, destruiremos por completo. [...] Tem bem razão de ser o movimento que se vai operando entre os trabalhadores dessa capital.<sup>164</sup>

O periódico **A Luta** surge, portanto, no ano de 1906 tendo como sede, inicialmente, a Rua dos Andradas, nº 64 e, a partir de maio de 1908, a Avenida Germânia, nº11 (apresentando, portanto, apenas uma mudança de endereço; o que contrasta com as inúmeras mudanças verificadas para o periódico **La Protesta** e que talvez traduza a eficaz repressão realizada pela polícia argentina) e perdura até meados de 1911. Sua publicação pretende-se quinzenal; no entanto, nem sempre essa periodicidade será possível, havendo ocasiões em que aparecerá mensalmente ou com um lapso de tempo maior. Para essa pesquisa foram analisados os 50 exemplares do periódico aos quais se teve acesso, portanto, quase a totalidade dos 55 exemplares publicados (contrastando com os 2000 exemplares do **La Protesta**) e evidenciando a grande dimensão que o periódico argentino apresentava no contexto da imprensa alternativa, visto que a normalidade dos jornais desse tipo de imprensa estava mais próxima da dimensão e alcance de periódicos como **A Luta**, quinzenais e com uma duração máxima de cinco anos. Entretanto, apesar do alcance do periódico ser consideravelmente menor que o do **La Protesta**, o mesmo causou um importante impacto entre parte dos trabalhadores de Porto Alegre, fazendo com que os ideais libertários se propagassem por entre eles, visto que *“é com A Luta em 13 de setembro de 1906 que a corrente libertária iniciará efetivamente a marcar presença na imprensa operária gaúcha”*<sup>165</sup>. Conforme destaca Petersen, a própria imprensa burguesa traz notícias, durante o período entre 1906 a 1911, acerca do diário anarquista, de forma que o jornal *“Correio do Povo de 13.6.1911, p.1, indica que se trata de um jornal francamente anarquista, composto à noite em tipografia clandestina por tipógrafos que trabalham de dia em oficinas”*<sup>166</sup>. Durante o período em que circulou pelas ruas da capital gaúcha manteve uma diagramação pouco variável, apresentando quatro páginas<sup>167</sup> e quatro colunas de texto; bem como utilizou como *slogan* (na capa, logo após o título do periódico) em todos os exemplares a seguinte frase de Guerra Junqueiro: *“A liberdade perene é uma conquista permanente”*. Sua tiragem girava em torno dos 2.000 exemplares.

<sup>164</sup> **A LUTA**, Porto Alegre, 13 de setembro de 1906, nº1, p.2.

<sup>165</sup> JARDIM. **Comunicação e Militância: A imprensa operária do Rio Grande do Sul (1892-1923)**. Op.Cit.; p. 91.

<sup>166</sup> PETERSEN, Sílvia. **Guia para o estudo da imprensa periódica dos trabalhadores do Rio Grande do Sul (1874-1940)**. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS-FAPERGS, 1989. p. 56.

<sup>167</sup> Na edição de 1º de Maio de 1907 o periódico aparece, excepcionalmente, com 6 páginas.



Figura 20: Estrutura do Periódico A Luta.

Fonte: A Luta, 13 de setembro de 1906 nº01, p.01. (exemplar de fundação)

Entre os fundadores do periódico encontram-se militantes anarquistas que tinham uma relação bastante próxima com a União Operária Internacional, visto que, em anos anteriores, participaram da direção da mesma. Pode-se citar os nomes de José Rey Gil e de Stefan Michalski, ambos marmoristas e que terão uma participação fundamental no estopim da greve geral de 1906. No entanto, o periódico **A Luta**, diferentemente do periódico **La Protesta** (ao menos nos seus primeiros anos de aparição), não traz estampada na capa do diário o nome dos seus editores e administradores (o nome de Michalski aparece enquanto responsável pela correspondência e não pela direção do periódico). Além disso, poucos são os textos assinados no periódico; e, em contrapartida, a aparição de pseudônimos é significativa<sup>168</sup>. O anonimato verificado pode ser tanto um reflexo dos próprios princípios libertários contrários à exaltação de individualidades e à criação de heróis, como uma medida preventiva para possíveis repressões.

A correspondência deve ser dirigida a Stefan Michalski, Rua dos Andradas, 64, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.<sup>169</sup>

Os libertários sempre foram discretos em promover individualidades, muito embora sua doutrina fosse sempre de respeito antes de tudo ao indivíduo. Ao contrário dos socialistas, seus jornais raramente traziam os nomes dos seus editores (talvez até por medida de segurança) e às vezes publicavam apenas o endereço de um militante ou organização operária para correspondência, que geralmente era o do seu responsável maior.<sup>170</sup>

<sup>168</sup> Cecília, Gomes Ferro, N da R, Graccho, Jack The Ripper eram alguns dos pseudônimos encontrados no periódico **A Luta**.

<sup>169</sup> **A LUTA**, Porto Alegre, 10 de outubro de 1906, nº3, p.1.

<sup>170</sup> JARDIM. **Comunicação e Militância: A imprensa operária do Rio Grande do Sul (1892-1923)**. Ob.cit.; p. 93-94.

Embora o periódico tenha sido fundado por um italiano e um polonês, a língua a ser utilizada no jornal será o português, visto que o grupo editor afirmava que a língua oficial a ser utilizada “*deve ser aquela do país onde os trabalhadores moram*”<sup>171</sup>. E, além disso, os textos do **A Luta** respeitarão o sistema gráfico etimológico simplificado, o qual procurava apresentar o idioma português de uma forma menos complexa, até porque o número de imigrantes desconhecedores do idioma era uma variável a ser considerada e certamente uma das razões para a escolha da utilização da ortografia simplificada. Ainda sobre a questão lingüística, é importante ressaltar que, assim como quase a totalidade da imprensa anarquista, o **A Luta** também incentivava a utilização da língua internacional esperanto entre o operariado local; de forma que constantemente apareciam textos enaltecedores do idioma esperanto, bem como convites para participação em congressos, grupos de estudos ou atividades promovidas pela *Esperanta Societa Sud Rio-Granda* fundada em 1906 por anarquistas de Porto Alegre. Tal sociedade tinha como finalidade propagar o esperanto entre a população da capital gaúcha.



**Figura 21:** Ortografia utilizada no **A Luta**.  
Fonte: *A Luta*, 17 de janeiro de 1907, nº09, p.02.

#### **Esperanto**

Recebemos uma circular em que nos é comunicada a fundação, nesta capital, da *Esperanta Societa Sud Rio-Granda*, que tem por fim propagar e difundir a língua neutra *Esperanto*. De ha muito julgamos ser esta língua um dos poderosos fatores que concorrerão para apressar a fatal internacionalização dos povos e, como internacionalistas que somos, é com simpatia que vemos surgir em nosso meio tão útil propaganda.<sup>172</sup>

Vale salientar que entre os fundadores do periódico encontrava-se um grande esperantista: Stefan Michalski; o qual se empenhará por transformar o **A Luta** em um instrumento de ação e transformação do operariado local. O diário será inaugurado em setembro de 1906 e logo em outubro o movimento de contestação iniciado pelos marmoristas

<sup>171</sup> **A LUTA**, Porto Alegre, 13 de setembro de 1906, nº1, p.3.

<sup>172</sup> **A LUTA**, Porto Alegre, 29 de setembro de 1906, nº2, p.3

(em princípios de setembro) se transformará na primeira greve geral da capital gaúcha, a qual contará com a presença (mesmo que não dominante) de anarquistas e será constantemente citada no periódico em questão. A greve de 1906 apresentava como reivindicação principal a redução da jornada de trabalho para oito horas e contava com a participação de trabalhadores dos mais diversos ramos: marmoristas, metalúrgicos, pedreiros, chapeleiros, alfaiates, entre outros, chegando a contar com mais de três mil participantes. E, por se tratar de um acontecimento inédito em Porto Alegre, pode-se imaginar o impacto que a greve causou na sociedade local; tanto ao exaltar e motivar parte dos trabalhadores como ao apavorar profundamente parte da burguesia e da elite gaúcha, as quais não tardaram em tomar providências a fim de abortar tais “tenebrosas” práticas. Entre essas providências encontra-se a negação do direito à greve através da demissão daqueles operários que participaram da mesma. Tanto a imprensa socialista como a anarquista denunciavam essas demissões:

Não é para nós coisa nova o fato de, após uma greve, desenvolverem os patrões perseguições contra certos e determinados operários que nela tomaram parte e que, por seu espírito de combatividade, constituem um estorvo aos manejos cavilosos da burguesia. [...] uma semana ainda não era decorrida do termo da greve, começaram as mesquinhas perseguições aos proletários, que, no entanto, haviam voltado a trabalhar aceitando o convênio dos patrões da jornada das 9 horas.<sup>173</sup>

O pacto referido no trecho acima se refere ao acordo realizado entre os dirigentes da greve (socialistas) e os patrões após a decorrência de 21 dias de greve. Através de tal acordo, os trabalhadores abriam mão da sua reivindicação pelas oito horas e se sujeitavam a trabalhar nove horas por dia. A greve, embora não tenha atingido plenamente seu objetivo, ocasionou a fundação da FORGS (Federação Operária do Rio Grande do Sul), a qual se constituirá na principal entidade do operariado gaúcho.

A FORGS foi fundada e dirigida por socialistas até, pelo menos, meados de 1910<sup>174</sup>, fazendo com que os anarquistas mantivessem uma postura de resistência à Federação. O que contrasta com a presença maciça de anarquistas na F.O.R.A. desde os princípios da sua fundação; ou seja, os anarquistas argentinos contavam desde 1901 com uma federação que os apoiava e realizava ações em prol dos seus interesses enquanto que em Porto Alegre a federação operária criada em 1906 mantinha os anarquistas afastados devido aos seus fortes vínculos socialistas. Isso justifica o fato de o jornal libertário **A Luta** ter praticamente

---

<sup>173</sup> **A LUTA**, Porto Alegre, 28 de outubro de 1906, nº4, p.2.

<sup>174</sup> Foi primeiramente dirigida pelo socialista Francisco Xavier da Costa; denunciado como “politiqueiro” pelos anarquistas do **A Luta**. Sobre a trajetória do líder socialista Francisco Xavier da Costa ver SCHMIDT (2004).

ignorado a existência da FORGS até julho de 1910 quando os anarquistas começaram a se infiltrar na mesma. Sobre esse descaso do periódico **A Luta** com a FORGS, Jardim elucida alguns pontos:

[...] A Federação foi raramente mencionada no noticiário do jornal até 1910. Quando alguma referência a ela era feita, havia sempre um sentido pejorativo e inserido num contexto de crítica à ação dos socialistas no movimento operário. Era classificada como “a pseudo Federação”, “a intitulada Federação”, etc., dando a entender que ela não representava legitimamente os trabalhadores do Rio Grande do Sul.<sup>175</sup>

Ao mesmo tempo em que ocultava notícias sobre a FORGS, o jornal trazia, com certa continuidade, notícias da União Operária Internacional, visto que nessa associação era concedido espaço aos libertários. Além disso, como o periódico era inicialmente quinzenal e contava apenas de quatro páginas, o espaço do mesmo deveria ser bem ocupado de forma que noticiar ações de uma federação que seguia princípios contrários aos do grupo editor do **A Luta** era algo, no mínimo, inapropriado. Verificam-se em vários números do periódico pequenas notas que falam sobre a falta de espaço e a conseqüente necessidade de supressão de certos textos do diário, os quais viriam a ser publicados num próximo exemplar. Tal carência de espaço não é verificada com a mesma intensidade no periódico **La Protesta** visto que o mesmo aparecia diariamente ou semanalmente, disponibilizando um espaço considerável para a publicação das matérias de urgência.

#### **União Operária Internacional**

Na noite de 7 do corrente efetuou-se uma sessão de assembléia geral desta associação operária e em que foram tomadas diversas resoluções de interesse geral. O secretário acusou o recebimento do folheto contendo as resoluções do Congresso Operário do Rio e as bases do acordo para a Confederação Operária. A assembléia aprovou por maioria de votos a proposta apresentada para que a *União* oportunadamente se filie à Confederação Brasileira.<sup>176</sup>

Devido a abundância de matéria somos forçados a preterir algumas notícias e artigos, entre esses um do nosso colaborador Cecílio Dinorá.<sup>177</sup>

Portanto, a FORGS apenas passará a aparecer de maneira mais constante no **A Luta** a partir de julho de 1910, quando a presença de anarquistas na federação começa a ser sentida. No entanto, outro acontecimento importante para a capital gaúcha ocorrido no ano de 1906 será freqüentemente exposto nas páginas do diário: a fundação da escola de tendência libertária Elyseu Reclus, visto que os editores do **A Luta** participaram ativamente tanto da

<sup>175</sup> JARDIM. *Comunicação e Militância: A imprensa operária do Rio Grande do Sul (1892-1923)*. Op.Cit. p. 99.

<sup>176</sup> **A LUTA**, Porto Alegre, 15 de novembro de 1906, nº5, p.4.

<sup>177</sup> **A LUTA**, Porto Alegre, 15 de dezembro de 1906, nº7, p.4.

fundação da escola como da manutenção da mesma nos meses posteriores, muitos deles ministrando aulas e auxiliando nos mais diversos afazeres. O periódico **A Luta** constantemente divulgará notícias acerca da escola Elyseu Reclus e incentivará os trabalhadores a ali se dirigirem para aprender “*coisas úteis*”. Haverá, portanto, uma relação bastante próxima entre o periódico e a escola libertária, o que pode se comprovar pela seguinte notícia divulgada no **A Luta** a qual deixa clara tal proximidade:

Anexo à ESCOLA ELYSEU RECLUS, acha-se instalado o gabinete de leitura da **Luta**, onde o proletariado encontrará, além de grande número de livros de propaganda operária, todos os jornais que permutam conosco e que são numerosos. [...] Convidamos, pois, a todos que queiram estar a par do movimento operário em todo o mundo, a freqüentar o nosso gabinete de leitura que acha-se aberto diariamente, das 7 às 10 horas da noite, à rua da Conceição número 22.<sup>178</sup>

Contavam, portanto, os anarquistas de Porto Alegre em 1906, de uma escola e de um jornal próprio. No entanto, era necessário realizar ações que garantissem a continuidade dessas atividades. Tendo isso em vista, o diário se empenhará em formar um grupo coeso de colaboradores, bem como de correspondentes e agentes, responsáveis pela circulação eficaz do jornal. Entre os colaboradores do jornal, além dos seus fundadores Stefan Michalski e José Rey Gil, podem-se citar nomes como Polydoro Santos, Henrique Gomes Ferreira<sup>179</sup>, Pedro Meyer, Reinaldo Frederico Geyer e outros colaborados anônimos. É importante lembrar que o periódico constantemente apresentava seu grupo de editores e colaboradores como sendo formado por trabalhadores comuns que aplicavam *gratuitamente* seu tempo ocioso nas atividades do jornal; o que, segundo eles, conferia um caráter de legitimidade ao diário enquanto representante dos trabalhadores da capital, (o que diferia do periódico **La Protesta** que, por vezes, apresentou cargos remunerados para seus principais redatores). Com essa intenção de legitimar, o periódico declara que “*com o intuito de desmanchar infundados boatos, declaramos que a redação da **Luta** é exclusivamente composta de operários*”<sup>180</sup>.

Além dos colaboradores locais do periódico, o mesmo contava com correspondentes e agentes que realizavam a divulgação do jornal em locais mais longínquos. O jornal noticia, por exemplo, a presença de um agente do **A Luta** em São Leopoldo bem como de correspondentes na Argentina e em Portugal, o que contribuía para dar um caráter internacionalista ao conteúdo do jornal, uma vez que o mesmo recebia e transmitia as

<sup>178</sup> **A LUTA**, Porto Alegre, 1º de junho de 1909, nº46, p.2.

<sup>179</sup> Utiliza no periódico seu pseudônimo: Gomes Ferro. Também colaborará ativamente do periódico anticlerical **Lúcifer**, utilizando o mesmo pseudônimo.

<sup>180</sup> **A LUTA**, Porto Alegre, 20 de junho de 1908, nº33, p.2.

novidades provindas desses países em que se encontravam os colaboradores. Em fevereiro de 1908 o jornal traz uma extensa notícia a respeito da situação do operariado de Buenos Aires e apresenta a atuação do mesmo enquanto um exemplo a ser seguido pelos trabalhadores gaúchos.

#### PELO MUNDO

##### ARGENTINA

Escreve o nosso correspondente em Buenos Aires: “o movimento emancipador da classe trabalhadora está tomando extraordinárias proporções neste país. A greve de inquilinos, a campanha antimilitarista, e as greves parciais que diariamente se manifestam. Fatos esses levados a efeito com uma tenacidade e táticas extraordinárias tem alarmado a burguesia e o partido amarelo<sup>181</sup> que vê escapar-lhe das mãos o meio de viver comodamente no meio da burguesia, representando como ela a eterna comédia de representante do povo. [...] É um atestado da convicção e inteligência desses pioneiros que os coloca ao lado dos povos que caminham na vanguarda salvadora da humanidade.<sup>182</sup>

##### S. Leopoldo

É agente do nosso periódico, nessa cidade, o camarada Guilherme Malfatti, com quem se poderão entender os nossos subscritores dali para tudo que disser respeito “*A Luta*”.<sup>183</sup>

De maneira que se percebe certa similaridade entre as formas de divulgação e circulação do periódico **A Luta** com o **La Protesta**, uma vez que ambos utilizavam-se das figuras dos agentes e correspondentes para ampliar o alcance do jornal. Inicialmente, o **A Luta** era distribuído de forma gratuita e se mantinha com a doação voluntária dos leitores. Porém, já em 1907 (um ano após a sua fundação) problemas financeiros começaram a estabelecer obstáculos para a publicação quinzenal do jornal. Por isso, adota-se o sistema de assinaturas e mantém-se a subscrição voluntária, até porque a mesma transmite a crença na boa vontade dos trabalhadores. Sobre a prática da subscrição, Jardim afirma que:

O sistema de subscrição espontânea tinha uma função pedagógica, pois no idealismo libertário estava a crença na boa vontade dos trabalhadores que doariam suas economias pela causa e nesta ação estavam tomando consciência de sua força coletiva. Tinha também a função de dar acesso à doutrinação a todos, independentemente de seus ganhos.<sup>184</sup>

Além disso, outras medidas foram tomadas a fim de reerguer financeiramente o periódico como: quermesses, rifas e festas, cujos lucros se destinavam unicamente ao jornal. Em dezembro de 1907, por exemplo, é realizada uma quermesse durante dois dias seguidos e

<sup>181</sup> O termo “partido amarelo” se refere aos socialistas.

<sup>182</sup> **A LUTA**, Porto Alegre, 09 de fevereiro de 1908, nº28, p.4.

<sup>183</sup> **A LUTA**, Porto Alegre, 17 de janeiro de 1907, nº9, p.1.

<sup>184</sup> JARDIM. **Comunicação e Militância: A imprensa operária do Rio Grande do Sul (1892-1923)**. Op.Cit. p. 161.

cujas atrações incluíam baile, sorteios e palestras, de forma que as quermesses englobavam variadas atividades as quais tinham também a função de formar os sujeitos enquanto os divertia; não era apenas um momento de diversão pura, mas também de doutrinação pedagógica; além disso, os lucros provindos das quermesses destinavam-se unicamente a finalidades operárias; no caso citado, os lucros obtidos objetivavam a manutenção do periódico **A Luta**.

#### **A Nossa Quermesse**

Com o máximo brilhantismo foi levada a efeito nos dias 14 e 15 do mês passado a quermesse promovida pelos amigos da LUTA e em benefício desta. Sábado foi extraordinário o número de famílias e cavalheiros que compareceram ao baile realizado no salão “1º de Maio”, sendo de notar o entusiasmo e satisfação dos operários que ali foram levar seu concurso a nossa festa. Às 9 horas, o nosso companheiro Gomez Ferro, leu uma conferência, que foi entusiasticamente aplaudida pela numerosa assistência. Em seguida o camarada Bernardo Giménez dirigindo a palavra às senhoras, concitou-as a que, por todo os meios, procurassem afastar seus maridos, seus noivos, seus irmãos e seus filhos da vida aviltante da caserna [...].<sup>185</sup>

Apesar dos esforços dos editores para contornarem o déficit econômico do jornal, o mesmo não conseguirá superar satisfatoriamente a crise iniciada em 1907. De maneira que a publicação quinzenal não se verificará de maneira regular nos anos posteriores. Somam-se à crise financeira as dificuldades provindas da lei de expulsão dos estrangeiros também conhecida por Lei Adolfo Gordo, aprovada em meados de 1907. No entanto, como se verá com maior profundidade no capítulo 2 dessa dissertação, a Lei Adolfo Gordo será responsável por uma repressão menor e menos eficaz do que a empregada através da Lei de Residência na Argentina. No entanto, a percepção negativa da lei Adolfo Gordo transparecia nos periódicos libertários brasileiros, os quais denunciavam o caráter repressivo da mesma:

Essa lei, como suas similares doutros países, é bastante elástica para poder alcançar todos aqueles que as autoridades mantenedoras da “ordem” entendam de perseguir. [...] Se já havia a habilidade de praticar a repressão política, não havia porém um texto que pusesse umas tintas de legalidade às perseguições levadas a efeito. A jesuítica lei de expulsão de estrangeiros solucionou o problema. [...] Os colonos, que são todos estrangeiros, revoltam-se contra os fazendeiros, que os maltratam, roubam e matam; a autoridade não tem mais que fazer senão executar a lei: manter a ordem, expulsando os estrangeiros para fora do país. E esse o principal papel dessa lei *celerada* que provavelmente vai ser sancionada pelos *representantes* do povo brasileiro.<sup>186</sup>

Além da crise financeira e da repressão empregada através da Lei Adolfo Gordo, o ano de 1907, para o periódico **A Luta**, também significará a inserção da prática do boicote no

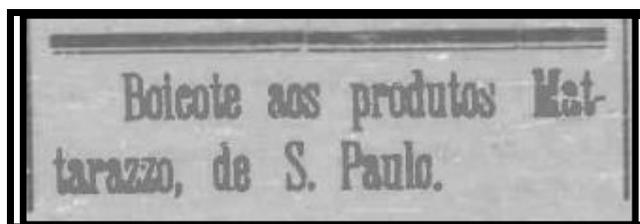
<sup>185</sup> **A LUTA**, Porto Alegre, 06 de janeiro de 1908, nº26, p.2.

<sup>186</sup> **A LUTA**, Porto Alegre, 17 de janeiro de 1907, nº9, p.1.

mesmo, uma vez que tanto textos quanto pequenos anúncios incentivarão essa prática. Em julho de 1907 o periódico inicia a campanha pelo boicote aos produtos Matarazzo de São Paulo e publica textos explicativos das razões do boicote bem como da importância do mesmo. Além dos textos, também traz nos exemplares avisos em destaque que incentivam o boicote. O último aviso que se encontrou relativo ao boicote dos produtos Matarazzo data de março de 1908; o que deixa transparecer que a utilização da tática do boicote tende a ser contínua e demanda um longo prazo, valendo-se da repetição para convencer os leitores a não adquirirem os produtos das empresas combatidas.

Pedimos aos trabalhadores em geral que não comprem os produtos da casa Matarazzo: fósforos, banha e farinha, marca SOL LEVANTE. Esta casa de São Paulo é uma das que mais exploram os trabalhadores e onde os operários mais grosseiramente são tratados.<sup>187</sup>

Impliquem na boicotagem todos que de qualquer modo auxiliam a firma CONDENADA a perecer. Padeiros, não façam pão com farinha dos moinhos Matarazzo; cozinheiros, doceiros, etc; recusem-se a trabalhar com a banha “Paulista”, a usar o óleo ou os fósforos de marca “Sol Levante”, pois que esses produtos são prejudiciais ao operariado. E estejam sempre alerta em face dos estratagemas patronais: a firma Matarazzo tem procurado inserir suas farinhas sob as marcas “Favila Lombardi”, de São Paulo e “Rapa”, de Jundiahy.<sup>188</sup>



**Figura 22:** Boicote no **A Luta**.

Fonte: **A Luta**, 8 de março de 1908, nº29, p.3

No entanto, além da referida campanha de boicote aos produtos Matarazzo, não se verificaram campanhas similares no periódico, o que demonstra que a estratégia do boicote, apesar de utilizada, não foi uma marca permanente do jornal **A Luta**. Tal prática foi, em contrapartida, amplamente utilizada no periódico **La Protesta**, o que evidencia a existência de diferenças pontuais entre os próprios periódicos libertários, uma vez que cada um deles dispunha de autonomia para configurar o jornal de acordo com sua vontade dando preferência a certos elementos em detrimento de outros. No entanto, certos temas ou eventos são recorrentes na imprensa libertária como um todo, seja pelo caráter doutrinário da temática ou pelo significado do evento para a história do movimento anarquista. Como exemplo de um

<sup>187</sup> **A LUTA**, Porto Alegre, 1º de julho de 1907, nº20, p.1.

<sup>188</sup> **A LUTA**, Porto Alegre, 14 de dezembro de 1907, nº25, p.2.

tema recorrente na imprensa libertária pode-se citar o 1º de Maio (que quase sempre merecia uma publicação especial, com maior número de páginas e com a presença constante de caricaturas) e, como evento, tanto a prisão e o assassinato de Ferrer<sup>189</sup> como, em anos posteriores, a condenação de Sacco e Vanzetti<sup>190</sup>. Assim, se de um lado, observa-se uma configuração distinta entre os periódicos libertários, por outro, encontra-se temas e eventos que lhes aproximam, uma vez que são globalmente desenvolvidos de maneira a conceder certa similaridade ao conteúdo da imprensa libertária. Tal similaridade também se devia, em grande parte, à constante circulação existente entre os periódicos anarquistas, fazendo com que ideias, textos e caricaturas de um periódico se repetissem em outro e assim sucessivamente. Como reflexo dessa intensa circulação normalmente divulga-se nos jornais a relação das publicações recebidas. Entre os periódicos recebidos pela redação do **A Luta** encontram-se jornais escritos nos mais diversos idiomas: português, espanhol, francês, inglês, alemão, italiano, esperanto e tcheco. Entre os diários recebidos de língua espanhola cita-se o próprio periódico **La Protesta**, o que permite concluir que havia, no mínimo, uma relação de trocas entre a imprensa libertária gaúcha e portenha<sup>191</sup>, podendo dessa relação ocorrer influências de uma sobre a outra.

Fazem parte também do Gabinete de Leitura do *A Luta*, além de muitos outros, os seguintes jornais e revistas do movimento:  
 [...] EM ESPANHOL  
*Tribuna Libertaria*, periódico anarquista da Rep. O. do Uruguay.  
*La Emancipación*, órgão da Federação Operária Regional do Uruguay.  
*La Marcha*, revista anarquista da República do Uruguay.  
*La Protesta*, periódico anarquista da República Argentina.  
*El Obrero Grafico*, órgão das sociedades gráficas da República Argentina.  
*Germen*, revista de sociologia da República Argentina [...] <sup>192</sup>

<sup>189</sup> O periódico **A Luta** traz um texto acerca da prisão de Francisco Ferrer no exemplar de 15/11/1906 e uma poesia denunciando o assassinato do mesmo no exemplar de 13/10/1910.

<sup>190</sup> No dia 15 de abril de 1920, quatro homens fizeram um assalto e assassinaram um guarda e um pagador em South Braintree, Massachusetts, Estados Unidos. Em 22 de agosto de 1927, três homens foram executados na cadeira elétrica em represália ao assassinato: Celestino Medeiros (motorista do assalto), Ferdinando Nicola Sacco e Bartolomeu Vanzetti. Estes dois últimos negaram ter participado do crime, o que foi confirmado por Celestino Medeiros e por inúmeras provas irrefutáveis. No entanto, os anarquistas italianos Sacco e Vanzetti foram injustamente condenados. O grande crime destes dois trabalhadores (respectivamente, sapateiro e peixeiro) era o de lutar contra as disparidades econômicas e sociais. Foram condenados como um aviso aos demais revolucionários; sendo, portanto, punidos antes por serem anarquistas do que assassinos. Sobre o caso **Sacco y Vanzetti** ler: FAST, 2009 ou assistir ao filme dirigido por Giuliano Montaldo (1971).

<sup>191</sup> Entretanto não se encontra nas relações de publicações recebidas do periódico **La Protesta** o periódico **A Luta**. O que não necessariamente signifique o desconhecimento do jornal gaúcho pelo **La Protesta**, uma vez que se supõe que como tal periódico recebia inúmeras e variadas publicações selecionava para fazerem parte da lista das “publicações recebidas” apenas os jornais maiores, de maior repercussão entre os libertários.

<sup>192</sup> **A LUTA**, Porto Alegre, 8 de março de 1908, nº35, p.4.

A relação acima transcrita do exemplar do **A Luta** de março de 1908 revela que o periódico **La Protesta** era recebido e possivelmente lido pela redação do diário gaúcho; no entanto, acredita-se que a redação já recebia, desde 1906, o referido periódico, uma vez que na relação de publicações recebidas, embora não divulgasse o nome dos periódicos, afirmava que *“damos informações sobre outros periódicos e revistas do exterior, assim como de todas as associações operárias conhecidas de Uruguay e Buenos Aires”*<sup>193</sup>.

Além da seção *“Publicações Recebidas”*, o periódico contava com inúmeras outras, algumas que perduraram todo o tempo em que o jornal circulou e outras de caráter mais efêmero. No entanto, verificou-se que as seções do periódico **A Luta** modificaram-se pouco no decorrer dos anos em que o diário apareceu na capital gaúcha. No entanto, o local das seções variava de tempos em tempos, ora se encontrando em determinada página, ora em outra. A primeira página, além do editorial que servia de porta de entrada ao periódico, fazendo uma breve apresentação da situação do operariado porto-alegrense e chamando os leitores para atuarem ativamente em determinadas lutas ligadas diretamente aos ideais libertários, também continha textos de caráter mais doutrinário, cuja função principal era transmitir aos trabalhadores os princípios libertários. Tais textos dissertavam, normalmente, a respeito de amplas questões como a utilização da greve, a importância da educação, o 1º de Maio, a prática do boicote, sobre o internacionalismo, sobre a família, o alcoolismo, entre outros temas clássicos da doutrinação anárquica. Portanto, esses textos continham uma carga moral considerável que, antes de informar, tencionavam formar sujeitos em conformidade com os ideais anarquistas. É importante salientar também que será nessa primeira página que aparecerão todas as caricaturas encontradas no periódico **A Luta**; no entanto, o número dessas caricaturas não será tão expressivo quanto o número de caricaturas encontradas no periódico portenho **La Protesta** (isso, porém, será objeto de análise do capítulo 2 da presente dissertação). Tais caricaturas, quando apareciam, abrangiam um espaço considerável da página e ocupavam a posição central da mesma.

---

<sup>193</sup> **A LUTA**, Porto Alegre, 13 de setembro de 1906, nº1, p.3.



Figura 23: Página ilustrada do A Luta.  
 Fonte: A Luta, 1º de maio de 1909, nº44, p.01.

Na segunda página o **A Luta** deixa um pouco de lado os textos exclusivamente doutrinários e dedica um espaço maior para noticiar os acontecimentos locais e internacionais, trazendo a seção denominada “*Movimento Obrero*” a qual continha notícias da capital gaúcha e também a seção “*Pelo Mundo*” que trazia notícias do movimento operário de vários países. Tal seção é um exemplo da variação de localização das mesmas no periódico, visto que ela aparecerá também na página 3 ou na página 4 do jornal. Entre as notícias internacionais visualizadas nessa seção encontramos referências a diversos países como: França, Áustria, Rússia, Portugal, Espanha, Argentina, Alemanha e Chile. Ainda encontra-se nessa segunda página a seção denominada “*publicações recebidas*”, a qual apresentava a relação de periódicos, folhetos e livros recebidos e que estavam disponíveis para a consulta local (em certos exemplares essa seção era publicada na quarta e, portanto, última página do diário).

Na terceira página do jornal encontra-se, além da seção “*Pelo Mundo*” (visualizada em certos exemplares), a seção denominada “*Estilhaços*” a qual tratava acontecimentos pertinentes para os trabalhadores de maneira humorística e sarcástica; tal seção é assinada pelo pseudônimo *Cecilius* e concedia um ar mais descontraído ao jornal, que passava a conter na sua estrutura um pequeno espaço de entretenimento. Tal constatação ao mesmo tempo em

que deixa clara a existência, embora não de maneira exagerada e constante, de humor e entretenimento nas páginas do **A Luta** também contraria a seguinte afirmação de Jardim: “o gênero entretenimento era raro e inexistente nos jornais libertários”<sup>194</sup>.

#### ESTILHAÇOS

- Conheces algum bicho mais velhaco que a raposa?
- Conheço: é um padre.
- E mais velhaco que um padre?
- Um político.
- E mais velhaco que um político?
- Desconheço.<sup>195</sup>

Nessa página ainda se encontrará a seção “*Factos e Comentários*” a qual também trazia breves notícias de caráter mais local. Também era nessa página que se divulgava a quantidade de assinaturas do jornal através da seção “*Expediente*”. No entanto, tal página era uma mescla de notícias locais com textos doutrinários, uma vez que apresentava contos cuja função era essencialmente pedagógica.

Na última página do **A Luta**, além da seção “*Pelo Mundo*” também se encontravam seções como “*Publicações Recebidas*”, a divulgação dos balancetes e, em alguns exemplares, a propaganda de eventos e atividades que estavam vinculadas aos trabalhadores da capital, como *meetings*, congressos, atividades ligadas à escola Elyseu Reclus ou à União Operária Internacional. Atividades promovidas pela FORGS apenas aparecerão no periódico em finais de 1910 e de maneira mais constante em 1911, quando os anarquistas passam a dominar politicamente a Federação. Além de dominarem politicamente a FORGS, os anarquistas também se fazem presentes em outras esferas da dinâmica social; por exemplo, em 1911 ocorre uma greve de pedreiros em Porto Alegre e a mesma é marcada pela atuação de anarquistas. De acordo com Silva Júnior “a organização da greve dos pedreiros em Porto Alegre correspondia a ideais anarquistas de auto-organização, instituindo uma espécie de “comissão de fábrica” (aliás, de “obra”) com funções deliberativas e executivas”<sup>196</sup>. A greve resulta vitoriosa e os trabalhadores conquistam as 8 horas de trabalho diário. No entanto, será mesmo a partir da dominação da FORGS que os anarquistas gaúchos adquirirão papel de destaque no movimento operário do Estado, passando também a se fazer atuantes no cenário nacional, participando de eventos e discussões em outros estados do país e dando sua

<sup>194</sup> JARDIM. *Comunicação e Militância: A imprensa operária do Rio Grande do Sul (1892-1923)*. Op.Cit.; p. 199.

<sup>195</sup> **A LUTA**, Porto Alegre, 25 de outubro de 1908, nº38, p.3.

<sup>196</sup> SILVA JÚNIOR, Adhemar. *A bipolaridade política rio-grandense e o movimento operário (188?-1925)* In: *Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre: PUCRS, v.XXII, n.2, 1998, p.15.

contribuição no que concerne à propaganda libertária. Tal domínio da FORGS pelos anarquistas explica-se, entre outros fatores, pela aproximação ocorrida entre os líderes da social-democracia (entre esses se encontra Francisco Xavier da Costa<sup>197</sup>) e o Partido Republicano Riograndense, o que deu brecha para a denúncia dos anarquistas de que tais líderes nada mais eram do que politiqueros interessados primeiramente em benefícios pessoais em detrimento das causas sociais.

[...] na mesma medida em que se processa a aproximação de alguns segmentos socialistas aos partidos oficiais e especialmente de Francisco Xavier da Costa ao PRR, observa-se que o alargamento das diferenças com os anarquistas vão também se refletindo na estrutura ideológica da FORGS, que acabará nas mãos dos anarquistas.<sup>198</sup>

Sendo assim, com tal denúncia de aproximação dos socialistas aos partidos oficiais, os anarquistas aumentaram sua influência na FORGS e assumiram a direção da mesma nas eleições de 1911<sup>199</sup>. No relatório da FORGS de 1913 (já encabeçada pelos anarquistas) é realizada uma forte crítica à FORGS de 1906 dirigida, de acordo com tal relatório, por politiqueros que pouco contribuíram para a emancipação dos trabalhadores gaúchos.

[...] continuou a Federação Operária a sua vida quase apagada alimentada como vinha sendo por pessoas que tinham mais amor aos seus interesses pessoais que à coletividade operária e que por isso esperavam ocasião azada para por em prática alguma tentativa de bons resultados políticos. Quase nada se importando com a propaganda operária os iniciadores da Federação Operária, procuraram sistematicamente afastar de seu seio aqueles que por suas idéias nimamente operárias se insurgiam contra as especulações políticas no meio operário. Mais de uma tentativa feita por operários sindicalistas contra políticos foram embargadas pelo autoritarismo dos chefes da Federação amparados por alguns ignorantes que os cercavam. Por duas vezes foi a Federação Operária arrastada ao terreno movediço e sáfaro da politicagem, concorrendo à eleições com as quais pretendiam salvar o operariado os chefetes que desejavam tirar resultados de suas empresas.<sup>200</sup>

<sup>197</sup> Eleito Conselheiro Municipal pelo PRR em 1912. Em meados de 1911 a imprensa gaúcha será marcada por um exacerbado conflito entre Francisco Xavier da Costa (socialista) e Polidoro Santos (anarquista). Tal conflito pode ser acompanhado no livro de PETERSEN, 2001 p.253-270, sendo reflexo direto da disputa pela direção da FORGS.

<sup>198</sup> PETERSEN, Sílvia. **“Que a união operária seja a nossa pátria!”: história das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações**. Santa Maria: editoraufsm; Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001, p. 269.

<sup>199</sup> Não há consenso na historiografia a respeito dos membros da FORGS eleitos em 1911. Nos estudos de Marçal encontramos os nomes de Luis Derivi (presidente), Polidoro Santos (secretário) e Joaquim Hoffmeister (tesoureiro). Já em uma notícia do periódico *O Diário* cita-se os nomes de Lucídio Marinho Prestes (presidente), Severiano da Silva (secretário) e Carlos Nogueira (tesoureiro); por sua vez, os Estatutos da FORGS aprovados em 1911 levam as assinaturas de Lucídio Marinho Prestes (presidente), Polidoro Santos (secretário) e Carlos Nogueira de Oliveira (tesoureiro). Apesar da inexatidão dos nomes dos eleitos em 1911, é possível afirmar que a referida eleição marca o aumento da influência anarquista na Federação.

<sup>200</sup> RELATÓRIO DA FEDERAÇÃO OPERÁRIA DO RIO GRANDE DO SUL [1913]. In: PETERSEN, Sílvia; LUCAS, Maria Elisabeth. **Antologia do Movimento Operário Gaúcho**. Op.Cit. p.165-166.

Em 1911, portanto, com a FORGS sendo dirigida por anarquistas, o periódico **A Luta** passará a divulgar atividades promovidas pela mesma, bem como começará a construir uma imagem positiva da federação. Além dos esforços empregados pelo jornal em exaltar positivamente a federação, o mesmo realizará em 1911 uma importante campanha de solidariedade aos operários argentinos, denunciando a insensata repressão sofrida por esses e demonstrando uma vez mais o caráter solidário e internacionalista da imprensa libertária. Tal campanha visualizada no periódico **A Luta** em favor dos operários argentinos indica que, possivelmente, informações sobre o referido operariado eram obtidas através da leitura constante do periódico **La Protesta** e de outros periódicos libertários argentinos.

[...] em janeiro de 1911, **A Luta** reproduziu um manifesto “aos deportados, aos expulsos de qualquer credo político da República Argentina, a todos os homens livres”, enviado pela “livre comissão de agitação contra a tirania, constituída em Buenos Aires”; nele conclamava-se aos “Proletários de todo o mundo! Homens amantes da integral liberdade humana!” a prestar apoio ao povo argentino que estava sofrendo “com a mais infame e vil das tiranias!” e que pedia “à imprensa livre de todo o mundo” a reprodução desse apelo.<sup>201</sup>

#### ARGENTINA

Continuam as perseguições movidas pelo governo argentino contra o operariado. Um grande número de proletários dos que mais se têm salientado nos movimentos quer por sua atividade quer por sua orientação, tem sido perseguidos, presos e deportados para o estrangeiro ou para a Tierra Del Fuego. O governo argentino, tem sido verdadeiramente infame nas suas atozes perseguições aos trabalhadores, aos quais pretende impor absoluto silêncio diante das explorações burguesas. Apesar de todas as perseguições os nossos camaradas fizeram aparecer ali dois periódicos da propaganda: *El Libertario* e *La Acción Obrera*.<sup>202</sup>

Apesar dos estatutos da FORGS aprovados em 1911 incentivarem e recomendarem a publicação de jornais para a realização da propaganda pelos direitos dos trabalhadores, o periódico **A Luta** deixará de circular na capital gaúcha neste mesmo ano. Um dos fatores para tal desaparecimento diz respeito à publicação do periódico **A Voz do Trabalhador** pela própria FORGS em 1912; periódico esse que, sob orientação dos anarco-sindicalistas, substituirá, de certa forma, o papel realizado pelo **A Luta** em anos anteriores. Além do periódico **A Voz do Trabalhador**, a FORGS também editará os periódicos **A Aurora** em 1914 e **O Syndicalista** em 1919. Sobre o periódico **A Voz do Trabalhador** e sua relação com o **A Luta**, Jardim constata que:

Embora **A Voz do Trabalhador** seja outro jornal, distinto do **A Luta** pelo seu nome e pela sua representatividade – ele é jornal da Federação Operária e

<sup>201</sup> BILHÃO, Isabel. **Identidade e Trabalho: uma história do operariado porto-alegrense (1898-1920)**. Op.Cit. p.190.

<sup>202</sup> **A LUTA**, Porto Alegre, 18 de fevereiro de 1911, nº55, p.3.

não de um grupo de “anarquistas” - , nele permanecem alguns dos colaboradores e editores de **A Luta**, como por exemplo Polydoro Santos. É interessante que até artigos já publicados no jornal anterior são novamente editados, na medida em que servem para reforçar a sua mensagem e dar um sentido de continuidade à propaganda. É uma espécie de lição que deve ser periodicamente repetida, mesmo porque seu público alvo é constantemente renovado.<sup>203</sup>

Portanto, o período compreendido entre 1911 até meados de 1917 representa o auge da influência libertária no operariado da capital sulista, mesmo com o desaparecimento do periódico **A Luta**. Tal influência libertária será visualizada além das fronteiras do estado, uma vez que a FORGS enviará representantes para participarem do 2º Congresso Operário Brasileiro ocorrido nos dias 8, 9, 10, 11 e 13 de setembro de 1913, no Rio de Janeiro. Em tal congresso adere-se ao sindicalismo como orientação política e como meio de romper com os “politiqueiros”, bem como se incentiva à realização de ações diretas para a conquista das 8 horas de trabalho e a fixação dos salários.

O “Segundo Congresso Operário Brasileiro”, mesmo tendo em conta a devida liberdade de preferências e de ação política dada aos sindicatos fora do Sindicato, convida a classe trabalhadora do Brasil a – repelindo a influência dissolvente da política – dedicar-se à obra da organização operária – sindicalista que, considerada dentro da ação proletária, é o meio mais eficaz e mais poderoso para a conquista de melhorias imediatas de que necessita, e para o fortalecimento da luta à sua completa emancipação.<sup>204</sup>

Considerando que a limitação de horas de trabalho e a fixação de salário mínimo só podem ser conseguidas pelo operariado fortemente organizado; considerando que o Congresso não pode determinar horário e salário, pois que isto depende de circunstâncias especiais a cada classe; o “Segundo Congresso Operário Brasileiro”, aconselha aos trabalhadores do Brasil a realização deste objetivo; traduzindo em realidade as resoluções neste Congresso aconselhadas, além de usar dos meios próprios à ação direta.<sup>205</sup>

Além de enviar seus membros para participar do 2º Congresso Operário Brasileiro e para outros eventos pertinentes para a temática da emancipação social, a FORGS também manterá uma propaganda ativa em meio aos trabalhadores porto-alegrenses através do seu periódico **A Voz do Trabalhador**. A dominação da FORGS pelos anarquistas continuará até meados de 1917, quando começam a aparecer evidências de que a mesma já não está exclusivamente sob o domínio anárquico. Nas greves ocorridas em 1917 em Porto Alegre, como a de canteiros e calceteiros, é verificado pouco apoio da FORGS às mesmas, o que

<sup>203</sup> JARDIM. **Comunicação e Militância: A imprensa operária do Rio Grande do Sul (1892-1923)**. Op.Cit. p. 107-108.

<sup>204</sup> *Resoluções e temas discutidos no 2º Congresso Operário Brasileiro* IN: RODRIGUES, Edgar. **Alvorada Operária**. Op.Cit. p.128.

<sup>205</sup> Idem. p. 136-137.

evidencia certa apatia na federação. Refletindo sobre esse contexto, Silva Júnior (1996) aponta que “há indícios de que os cargos da diretoria da Federação Operária não eram então ocupados por anarquistas e que tais militantes eram inclusive contrários a uma greve geral”<sup>206</sup>. No entanto, mesmo sem a presença atuante da FORGS, uma considerável onda grevista marca os anos de 1917, 1918, 1919 e 1920 na capital gaúcha; greves estas apoiadas por outras instituições como a União Operária Internacional (que desde princípios de 1918 rompe com a FORGS), a Liga de Defesa Popular (responsável pelo comitê diretor da greve geral de 1917) ou ainda outras associações classistas que não seguiam mais as recomendações da FORGS.

Porém, não será apenas no interior da FORGS que os anarquistas diminuirão sua influência, mas também na sociedade gaúcha como um todo, visto que em meados de 1920 o operariado gaúcho encontrava-se dividido em variadas tendências políticas as quais dificultavam a permanência dos anarquistas no lugar mais elevado desta disputa. A fundação da União Maximalista em 1918 e a consecutiva criação de centros maximalistas na capital bem como a fundação do Partido Operário em 1919 são fatores que contribuíram para a ruptura ou diminuição do poder de coesão dos libertários; poder esse que atingiu uma parcela considerável de trabalhadores gaúchos no período de 1911-1916. Mesmo não se constituindo na força hegemônica do operariado gaúcho, os anarquistas continuarão, apesar de afastados da FORGS, realizando a propaganda libertária. Reflexo disso é o reaparecimento do jornal **A Luta** em 1918, seguindo a mesma linha da edição de 1906. Não se teve acesso aos exemplares desse periódico (há poucos números, sendo apenas três exemplares conhecidos), de forma que se irá obter, através da pesquisa de Jardim (1990), as seguintes afirmações sobre a publicação: “o jornal está mais próximo das idéias puramente anarquistas, mas traz noticiário do movimento sindical e se posiciona pela organização operária, defendendo abertamente a Revolução Russa”<sup>207</sup>. O que deixa claro que até pelo menos a década de 30 a influência libertária ainda será sentida (mesmo que de maneira suave) nos trabalhadores da capital; no entanto, o estudo do declínio da influência libertária não será realizado neste trabalho, visto que foge do período de foco da presente dissertação, o qual se concentra entre os anos de 1897-1916.

---

<sup>206</sup> SILVA JÚNIOR, Adhemar. **A bipolaridade política rio-grandense e o movimento operário (188?-1925)**. In: **Estudos Ibero-Americanos**. Op.Cit. p.19.

<sup>207</sup> JARDIM. **Comunicação e Militância: A imprensa operária do Rio Grande do Sul (1892-1923)**. Op.cit.; p. 112-113.

### 1.3 PERIÓDICO LÚCIFER

Estando englobado no período “foco” da dissertação e sendo contemporâneo ao periódico **A Luta** (1906-1911), aparece na capital gaúcha em meados de 1907 o jornal anticlerical **Lúcifer**, cuja existência se verificará, assim como o jornal **A Luta**, até o ano de 1911, o que evidencia certa relação entre ambas as publicações, uma vez que existiram no mesmo período e contaram com mesmos colaboradores. Entre esses “mesmos” colaboradores podem-se citar nomes como o de Gomes Ferro<sup>208</sup>, uma vez que participava de forma ativa das redações do **Lúcifer** e do **A Luta**. Pela existência de pseudônimos<sup>209</sup> em ambos os jornais, fica difícil constatar demais colaboradores comuns. No entanto, a relação existente entre tais periódicos pode ser verificada também através da divulgação dos nomes dos periódicos recebidos pelo **Lúcifer** entre os quais se cita o periódico **A Luta**, bem como pela repetição de algumas caricaturas e poesias visualizadas primeiramente no jornal anticlerical e posteriormente na publicação libertária.

Alguns autores classificam o periódico **Lúcifer** também como libertário. No entanto, acredita-se que tal rotulação seja precipitada, uma vez que a essência principal encontrada no periódico é o anticlericalismo e, embora apareçam alguns textos criticando o capitalismo e a autoridade estatal, os mesmos não aparecem de maneira constante; estando, portanto, em segundo plano no periódico. Além disso, em nenhum momento o periódico afirma seu caráter libertário. O que existe, sem sombra de dúvida, é uma simpatia e uma relação de proximidade com os anarquistas; no entanto, isso não basta para rotular o próprio diário como anárquico. Contrariando esse raciocínio, Marçal (2004) apresenta a seguinte definição do periódico **Lúcifer**: “*revista mensal, anticlerical, ilustrada. Anarquista*”<sup>210</sup>.

Talvez tal dificuldade de definição do periódico **Lúcifer** aconteça devido à presença do anarquista Gomes Ferro na redação do mesmo, de forma que muitas vezes define-se o periódico de acordo com a posição política de seus colaboradores. A mesma confusão acontece com o periódico anticlerical paulista **A Lanterna** que, em muitos casos, é apresentado como sendo um periódico anarquista, embora seu conteúdo seja especialmente

<sup>208</sup> Gomes Ferro é pseudônimo de Henrique Gomes Ferreira. Médico, jornalista e teórico anarquista. Foi um dos escritores de **Pau Bate** (1905), **A Luta** (1906) e **Lúcifer** (1907). Também lecionou na escola libertária Eliseu Reclus. Informações adicionais a respeito de Gomes Ferro podem ser encontradas em MARÇAL, 1995 e MARÇAL, 2008.

<sup>209</sup> Entre os pseudônimos verificados no **Lúcifer** encontram-se repetidamente as assinaturas de *Satanaz*, *Burrico* e *Lúcifer*.

<sup>210</sup> MARÇAL, João Batista. **A Imprensa Operária do Rio Grande do Sul**. Op. Cit. p.107.

anticlerical. É importante salientar que tal periódico contava, entre seus colaboradores, com os anarquistas Benjamin Mota e Edgar Leurenroth. Outro elemento complicador para a constatação da linha ideológica do **Lúcifer**, a qual na maioria das vezes é divulgada no primeiro editorial do jornal, diz respeito à impossibilidade de acesso ao exemplar de fundação do **Lúcifer**. Para a presente pesquisa foram analisados seis exemplares de um total de nove existentes<sup>211</sup>. Acredita-se que outros pesquisadores também tiveram dificuldades em localizar o exemplar de origem do referido jornal. Marçal expõe a respeito desse exemplar fundador que: “em seu primeiro número trouxe uma ilustração simbolizando a ‘Trindade Burguesa’: *obscurantismo, militarismo e capitalismo*”<sup>212</sup>. No entanto, tal ilustração é encontrada na capa do exemplar de número 3 do **Lúcifer**, o que talvez indique que tal pesquisador também não teve acesso ao primeiro exemplar do periódico (a não ser que a ilustração tenha sido repetida no periódico de número 3; no entanto, isso é pouco provável, uma vez que as caricaturas ocupavam um espaço privilegiado no periódico **Lúcifer** e repetir as mesmas caricaturas em um curto intervalo de tempo não parece ser algo positivo para a eficácia da propaganda anticlerical). O mesmo autor ainda aponta a data de 1º de setembro de 1907 como sendo a marca da fundação do periódico, a qual é confirmada por Jardim<sup>213</sup>. Sobre as dificuldades decorrentes da análise de coleções incompletas de alguns periódicos, esse último autor constata que:

Determinar a linha ideológica destes jornais nem sempre é tarefa fácil, ainda mais que em muitos casos não há um exemplar sequer para análise e as informações que deles temos são pequenas referências, geralmente por via indireta. Em outros casos, dispõe-se de apenas um, ou de poucos exemplares, e isto dificulta também a apreensão clara de sua orientação ideológica.<sup>214</sup>

Apesar da coleção do **Lúcifer** não estar disponibilizada na sua totalidade para a pesquisa, é importante salientar que os seis exemplares analisados fornecem subsídios para se realizar reflexões importantes. Uma delas é a confirmação da simpatia e relação com os anarquistas, a qual se percebe através da constatação da publicação de alguns textos de autoria de anarquistas clássicos como Kropotkine e Guerra Junqueiro; no exemplar de número 2<sup>215</sup>, por exemplo, aparece um texto de Kropotkine intitulado “*Os que matam*” que discorre a

<sup>211</sup> Não se teve acesso aos exemplares referentes aos números 1, 6 e 7.

<sup>212</sup> MARÇAL, João Batista. **A Imprensa Operária do Rio Grande do Sul**. *Op. Cit.* p.107

<sup>213</sup> Esse autor afirma que há vários exemplares do **Lúcifer** no Museu de Comunicação Hipólito José da Costa em Porto Alegre, no entanto, em tal coleção (pesquisada para a presente pesquisa) não se encontra o periódico de fundação do mesmo.

<sup>214</sup> JARDIM. **Comunicação e Militância: A imprensa operária do Rio Grande do Sul (1892-1923)**. *Op.cit.* p. 44.

<sup>215</sup> **LÚCIFER**, Porto Alegre, 20 de setembro de 1907, nº02, p.4-5.

respeito da repressão empregada em diversos momentos da história contra os trabalhadores e, especialmente, contra os anarquistas, bem como realiza uma crítica à grande imprensa, a qual não denuncia tal repressão. Outro texto do mesmo autor aparece no exemplar de número 9<sup>216</sup> sob o nome de “*Estado*” em que Kropotkine realiza um forte crítica à essa instituição. Além disso, várias poesias e pequenos contos do anarquista português Guerra Junqueiro são visualizadas nas páginas do **Lúcifer**, o que evidencia, de certa forma, a simpatia do periódico anticlerical aos libertários. Além disso, o periódico libertário **A Luta** era um dos jornais recebidos pela redação do **Lúcifer**: “*Estão sob nossa mesa de trabalho [...] A Luta, periódico libertário d’ esta capital. O folheto: A peste religiosa em português por J. Most que os colegas da ‘Luta’ tiveram a cortesia de nos enviar*”<sup>217</sup>. No entanto, tais constatações não transformam o periódico anticlerical em anarquista, apenas indicam a existência de uma espécie de “simpatia” para com esses últimos. Tal simpatia também é apontada por Jardim, bem como a importância do jornal **Lúcifer** na capital e a denúncia da falta de estudos sobre a imprensa anticlerical.

[...] caberia destacar os órgãos anticlericais que também proliferaram no estado no início deste século. Estes estavam mais próximos do anarquismo e possivelmente dele tenham sofrido influências. [...] Esta imprensa anticlerical ainda está por ser estudada, pelo menos a nível de Rio Grande do Sul, apesar das dificuldades inevitáveis de documentação a respeito, especialmente pela não preservação da maioria de seus exemplares. Um dos principais jornais anticlericais do estado parece ter sido **Lúcifer**, surgido em Porto Alegre em 1º de setembro de 1907, “Órgão dos livres pensadores” redigido por Francisco Carmelo Longo simpático às idéias libertárias.<sup>218</sup>

Além de contar com Francisco Carmelo Longo como redator, o periódico **Lúcifer** era administrado por Antonio Ghirotti (dois livres pensadores, ao que tudo indica, sem relação direta com o anarquismo). O periódico tencionava ser mensal, no entanto, apenas nos quatro primeiros exemplares segue-se esse padrão, verificando-se intervalos de tempo bem maiores nos exemplares posteriores. O diário continha 8 páginas e inúmeros desenhos, de forma que o apelo visual era fortemente utilizado na publicação anticlerical. Tal apelo nota-se já na apresentação do nome do periódico, o qual apresenta um design rebuscado (diferentemente da apresentação simples e limpa dos títulos dos periódicos **La Protesta** e **A Luta**). Nos exemplares pesquisados, verifica-se a presença de grandes ilustrações na primeira e na última página do jornal (ilustrações que ocupavam quase a totalidade da página).

<sup>216</sup> **LÚCIFER**, Porto Alegre, 20 de abril de 1911, nº09, p.4.

<sup>217</sup> **LÚCIFER**, Porto Alegre, 28 de novembro de 1907, nº04, p.7.

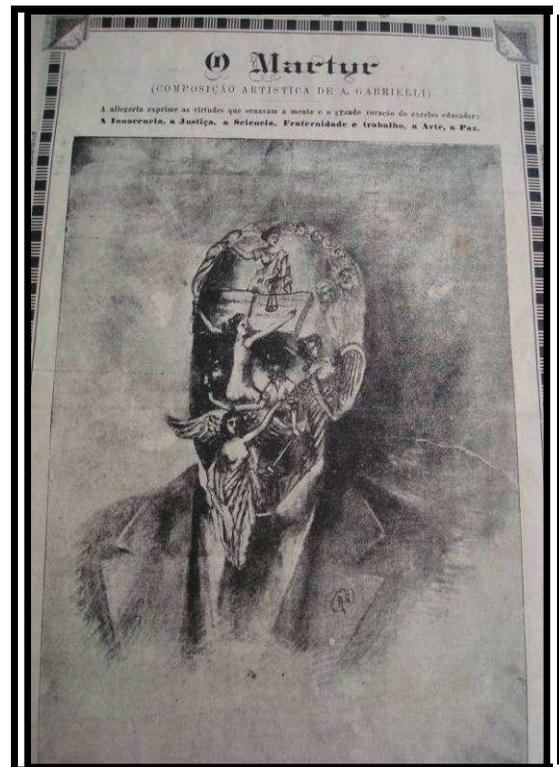
<sup>218</sup> JARDIM. **Comunicação e Militância: A imprensa operária do Rio Grande do Sul (1892-1923)**. Op.Cit. p. 131-132.



**Figura 24:** Apresentação do periódico **Lúcifer**.  
 Fonte: **Lúcifer**, 21 de novembro de 1907, nº4, p.01.



**Figura 25:** Capa do **Lúcifer**.  
 Fonte: **Lúcifer**, 12 de outubro de 1907, nº03 p.01



**Figura 26:** Última folha do **Lúcifer**.  
 Fonte: **Lúcifer**, 20 de abril de 1911, nº09, p.08

Os textos do periódico espalhavam-se seguindo a diagramação de três colunas verticais e mesclavam-se hora ou outra com ilustrações e poesias que ganhavam destaque no jornal. Em vários exemplares do **Lúcifer** encontra-se o apelo aos livres pensadores, para que esses participassem do periódico tentando ampliar o número de assinantes bem como

colaborando com o envio de matérias e ilustrações. Quanto a essas últimas é realizada uma leve crítica aos desenhos apresentados no primeiro e segundo exemplares do jornal, de forma que se solicita o aprimoramento desses desenhos ao mesmo tempo em que se enfatiza a importância dos mesmos para o veículo da imprensa anticlerical.

Este 2º número apresenta-se mais lindo e melhor rubricado do 1º. Todavia, artisticamente, não responde ao nosso gosto. Esperamos, veneidas as últimas dificuldades do desenhista de fazê-lo caricato e rubricado melhor. Convencidos que para convencer o mal é necessário apresentá-lo em toda a sua fealdade, rogamos os livres pensadores da cidade e do interior de recolher os feitos dos malvados, leigos ou eclesiásticos, e enviá-los à nossa redação para denunciá-los ao tribunal da pública opinião. [...] Se o informante quer guardar o incógnito, tem que avisar-nos, que publicaremos com o pseudônimo por ele escolhido, ou sem nome. [...] Pedimos aos livre-pensadores de amparar o nosso periódico angariando assinaturas.<sup>219</sup>

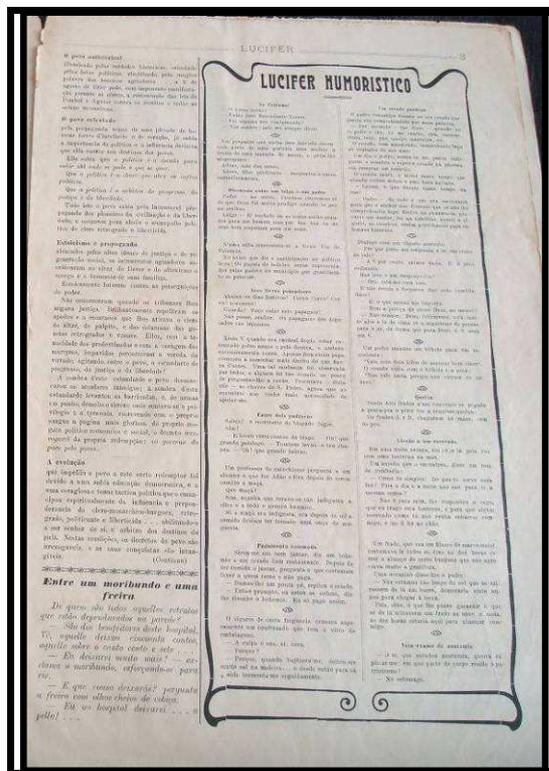


Figura 27: Estrutura interna do *Lúcifer*.

Fonte: *Lúcifer*, 20 de abril de 1911, nº09, p.03 (diagramação: 03 colunas de texto)

Apesar do “chamamento” aos possíveis colaboradores do periódico, o mesmo não carece de matérias, uma vez que reclamações acerca da falta de espaço para a publicação de determinadas matérias aparecem em vários exemplares do *Lúcifer*. Basta lembrar que o

<sup>219</sup> *LÚCIFER*, Porto Alegre, 20 de setembro de 1907, nº02, p.7.

anticlericalismo<sup>220</sup> era, no início do século XX, conteúdo comum de variados programas políticos e, por isso, não é de estranhar que o periódico **Lúcifer** contasse com um amplo número de colaboradores. Além disso, os jornais anticlericais eram um instrumento da modernidade dirigido por livre-pensadores que buscavam uma ruptura com a tradicional influência das instituições religiosas.

Por falta de espaço deixamos de publicar algumas notas de crônicas que ficam para o próximo número<sup>221</sup>.

Pelo fato de o conteúdo principal do **Lúcifer** – o anticlericalismo – ser propagado por diversos programas políticos e, portanto, não exclusivo do anarquismo, o periódico não sofreu a repressão que periódicos anarquistas como o **A Luta** e, mais intensamente, o **La Protesta** sofreram. O que se constata é certa repressão por parte dos próprios católicos, uma espécie de rejeição ao periódico, mas não uma repressão policial ou estatal. No exemplar de número 2 aparece uma forte crítica referente à atitude de um católico para com a publicação anticlerical. Eis a crítica:

#### **Um Velhaco**

Consta à nossa reportagem que no dia da saída do nosso primeiro número, na Estação da Estrada de Ferro de Porto Alegre a Novo Hamburgo, um indivíduo arrancou das mãos de um menino todos os exemplares do periódico, que oferecia à venda, rasgando-os sem indenizá-los. A um cidadão que fez ver a este herói da sacristia, que o menino era pobre e devia dar conta dos jornais, respondeu: “Sinto que não tenha mais, para inutilizá-los! Este é um jornal maldito!...que quer combater a nossa religião. Ai de mim! Se minha mulher lesse um desses jornais...poderia perder a fé, poderia ficar doida!” Nós não queremos contestar a este tipo o direito de não comprar, de não ler, e de não introduzir na sua casa *Lúcifer*. Mas lhe reprovaremos a prepotência por ter roubado – *a um menino* – os jornais, e contestamos o direito de rasgá-los ultrajosamente, em público. [...] O procedimento de quem rouba e usa da força para cometer *abusos e prepotências contra um menino* é de *ladrão* é de *patife!*<sup>222</sup>

Apesar desse comportamento de alguns católicos, não há mudança de endereço e nem destruição da sede do **Lúcifer**, de forma que tal repressão ocorre de maneira isolada e não tem o poder de inviabilizar a circulação do jornal. A redação do periódico durante os cinco anos de circulação do diário localizou-se na Rua Voluntários da Pátria, número 91A. Em tal sede ganhavam corpo as seções da publicação anticlerical bem como se moldavam a apresentação e estruturação da mesma. Na primeira e na última página do jornal (como já referido anteriormente) se encontrava uma expressiva caricatura (que ocupava quase a totalidade da

<sup>220</sup> Movimento que condena a influência dominante de instituições religiosas, especialmente do clero católico sobre os fatores políticos e sociais da vida pública.

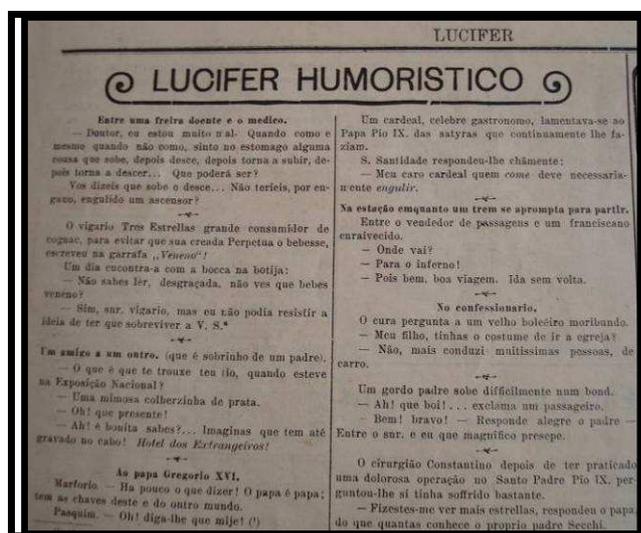
<sup>221</sup> **LÚCIFER**, Porto Alegre, 28 de novembro de 1907, nº04, p.7

<sup>222</sup> **LÚCIFER**, Porto Alegre, 20 de setembro de 1907, nº02, p.3

página) referente aos abusos clericais e, por vezes, também estatais e patronais. As demais páginas do periódico não apresentarão uma estrutura rígida e inalterável conforme a primeira ou a última página do jornal (ocupadas sempre por grandes caricaturas). Assim, as seções do **Lúcifer** variam a sua localização no periódico de acordo com o exemplar. Assim, encontramos na segunda página do diário tanto notícias de interesse mais local (Revolução Farroupilha), como fatos internacionais que pretendem denunciar os abusos do clero e da monarquia e, ao mesmo tempo, valorizar a liberdade e os livres-pensadores. Já na página 3 existe uma variedade muito grande de seções, as quais mudam de um exemplar para outro. Nela se pode encontrar seções como *Lúcifer Humorístico* (localizada na página 5 em alguns exemplares) na qual se zomba das atitudes clericais através de picantes piadas, *Pelo Mundo* em que se denunciam os abusos clericais ocorridos no âmbito internacional, além de fábulas e poesias, dotadas de uma carga moral e com função estritamente pedagógica a qual tencionava distanciar as famílias da influência clerical.

#### Uma queixa ao bispo

- Padre, porque roubastes esta carteira?
- Sr. bispo, estava embriagado, não sabia o que estava fazendo.
- Mas porque no dia seguinte, passados os vapores do vinho, não a restituíste?
- Ai de mim, Sr. Bispo; tornei a beber...para esquecer a má ação da noite anterior.<sup>223</sup>



**Figura 28:** “Lúcifer Humorístico”.

Fonte: *Lúcifer*, 12 de outubro de 1907, nº03, p.03 (seção *Lúcifer Humorístico*)

Assim como ocorre na página 3, a página 4 também conta com diversas seções que, eventualmente, mudam sua localização em determinados exemplares. Encontram-se nessa

<sup>223</sup> **LÚCIFER**, Porto Alegre, 12 de outubro de 1907, nº3, p.3 (seção *Lúcifer Humorístico*).

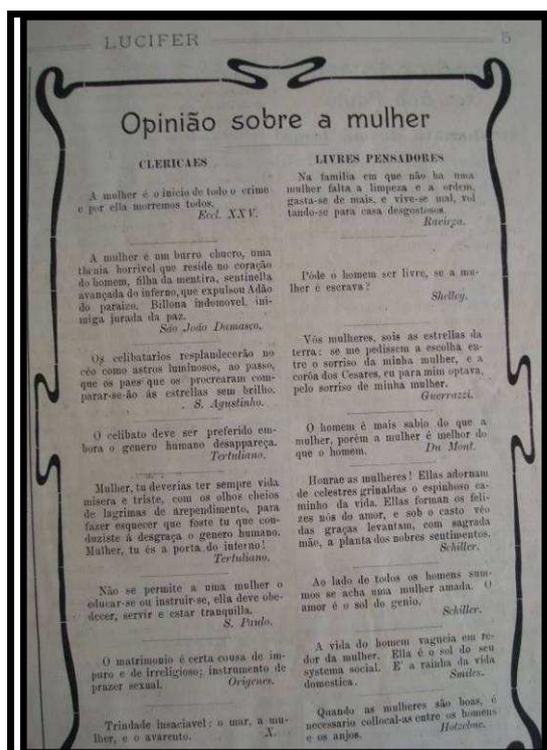
página contos doutrinários, poesias, bem como textos de autores clássicos como Victor Hugo e Kropotkine, os quais dissertam acerca dos abusos da igreja e do estado. Também nessa página encontra-se uma seção intitulada “*Opinião sobre a mulher*” que confronta a opinião dos livres-pensadores com a dos clérigos sobre a questão feminina, deixando transparecer a divergência de opiniões existentes a esse respeito bem como a posição limitada e conservadora dos clérigos acerca do papel da mulher na sociedade (em alguns exemplares tal seção aparece na página 5 ou 7 do diário).

### Opinião sobre a Mulher CLERICAIS

A mulher é um burro chucro, uma ténia horrível que reside no coração do homem, filha da mentira, sentinela avançada do inferno, que expulsou Adão do paraíso. Inimiga jurada da paz.

### LIVRE-PENSADORES

Vós, mulheres, sois as estrelas da terra: se me pedissem a escolha entre o sorriso da minha mulher e Coroa dos Césares, eu para mim optava, pelo sorriso de minha mulher.<sup>224</sup>



**Figura 29:** “Opinião sobre a mulher” no *Lúcifer*.

Fonte: *Lúcifer*, 20 de abril de 1911, nº09, p.04 (seção *Opinião sobre a Mulher*)

Na página 5 aparecem notícias a respeito do anticlericalismo praticado em outros países bem como (novamente) contos pedagógicos que buscavam convencer os leitores do malefício das instituições religiosas. A página 6 dava continuidade aos contos morais e

<sup>224</sup> *LÚCIFER*, Porto Alegre, 20 de abril de 1911, nº09, p.4 (seção *Opinião sobre a Mulher*).

também fornecia dicas úteis para o cotidiano do leitores do periódico na seção “*erros e prejuízos vulgares*”. Em tal seção encontra-se, por exemplo, dicas de como parar de fumar e informações sobre os benefícios do chá e do café para a digestão. Na página 7 aparecem dados mais específicos sobre o periódico **Lúcifer** como, por exemplo, o número de assinaturas, o endereço da redação, notícias da redação, chamamento aos colaboradores bem como a divulgação dos periódicos recebidos. Tais informações encontravam-se na seção intitulada “*Pelo Telefone*” e eram assinadas sob o pseudônimo “*Satanaz*”. Na lista dos periódicos recebidos verifica-se, assim como ocorre nos periódicos libertários, que havia um intercâmbio expressivo entre as publicações anticlericais, bem como com publicações “simpáticas” ao **Lúcifer**, como por exemplo, as publicações de cunho libertário.

Entre as publicações recebidas pela redação do **Lúcifer** encontram-se outras da capital e do estado gaúcho, bem como de outros estados brasileiros e até mesmo internacionais. Entre as internacionais pode-se citar *Le Loir* de Bruxelas, *Tribuna Ilustrada* de Roma, *L’Asino* da Itália, *Germinal* de Portugal e *El Progreso* do Uruguai. Além dessas encontram-se as publicações nacionais como *O Exemplo*, *O Liberal Espanhol*, *A Eternidade*, além das anticlericais *A Lanterna* e *A Verdade* e as anarquistas *La Battaglia*, *A Terra Livre* e *A Luta*. No entanto, apesar dessa relação com as publicações libertárias através do recebimento de seus exemplares, o **Lúcifer** também apresentava certa simpatia a outros periódicos seguidores de tendências políticas não anarquistas. Um exemplo dessa simpatia pode ser verificado no seguinte elogio realizado pela publicação anticlerical ao periódico não libertário **Correio do Povo**:

De um biênio para cá, entre o jornalismo desta capital emerge o *Correio do Povo* pela benemerência filantrópica e pela ação educadora. O *Correio do Povo* hodierno pode-se considerar a *cátedra* da qual celectricamente ensinam-se os diversos postulados das ciências econômicas, políticas e sociais. E, por assim dizer, a *tribuna* da qual vibra a voz da fraternidade e da justiça social, que catequiza o povo sobre as virtudes cívicas e, com probidade, orienta-o nas graves questões internacionais, projetando a luz da *verdade*, *proclamando pela imprensa cosmopolita* e confirmado pelo *testemunho de povos e de magistrados*. A esse pioneiro de progresso, a esse grande colaborador da civilização, o nosso aplauso e a nossa solidariedade.  
*Lúcifer*<sup>225</sup>

O que demonstra que o periódico **Lúcifer** tinha simpatia não apenas pelas publicações de tendências libertárias, mas também por outras que não levantavam a bandeira do anarquismo. Por isso, parece pouco viável rotular tal publicação anticlerical de anarquista. No

---

<sup>225</sup> **LÚCIFER**, Porto Alegre, 20 de abril de 1911, nº09, p.6.

entanto, o recebimento de periódicos é uma constante na redação do **Lúcifer**, o que acaba por favorecer uma circulação de idéias e notícias entre os veículos dessa *rede solidarizante*. Como exemplo dessa circulação de notícias e idéias na imprensa anticlerical, pode-se citar o *caso Idalina*<sup>226</sup> que teve repercussão em jornais paulistas, catarinenses e gaúchos<sup>227</sup> que tentavam, coletivamente, conseguir justiça para o caso. Entre os jornais gaúchos que apresentaram solidariedade ao *caso Idalina* se pode destacar o papel do **Lúcifer** que apresentou o referido caso à sociedade gaúcha através do artigo intitulado de “*O hediondo crime em São Paulo*”.

#### **O hediondo crime em São Paulo**

##### **Orfanato de má fama**

O desaparecimento, não justificado, do Orfanato Christão Colombo das órfãs Idalina e Giuseppina, deu motivo, entre outros, à animosa “Battaglia” de São Paulo (nº.281) para dirigir as seguintes perguntas aos clericais defensores do exército negro: [...] queremos saber por qual razão no lugar indicado como sepultura da pobre Idalina foi achada terra remexida? Queremos saber o que representavam aqueles pedaços de madeira apodrecida, aqueles fragmentos de jornal datado de 1907, e encontrados na escavação? [...] Dizemos afirmativamente que navegamos de velas cheias em um mar de mistérios, sendo um mais misterioso que o outro.<sup>228</sup>

#### **NOTAS DA REDAÇÃO**

É imprescindível que a imprensa esclareça esses acontecimentos que têm se desenrolado em São Paulo, orientando numa missão dignificadora, os pais de família que com toda a boa fé entregam os seus filhos aos clericais, dando-lhes a liberdade de ensinar. É preciso que esses fatos sejam ventilados e que os pais que têm amor a sua prole fiscalizem com mais atividade os entes que lhes são caros e que, por um erro ou ilusão, foram internados nesses antros de corrupção e de profanadores de crianças inermes. Aonde se viu isto: nas barbas de uma república divorciada da igreja que é inimiga do progresso e da verdade, proteger-se tão descaradamente o símbolo da tirania e da morte?<sup>229</sup>

As notícias visualizadas no periódico **Lúcifer** referentes ao *caso Idalina* deixam transparecer, em um primeiro momento, a simpatia para com os anarquistas do periódico

<sup>226</sup> O *caso de Idalina* é um dos maiores escândalos eclesiásticos acontecidos durante a Primeira República. Segundo Andrade (2009) em algum momento indeterminado entre junho de 1907 e fevereiro de 1908, a menina Idalina Stanato de Oliveira, contando então com sete anos de idade, desapareceu misteriosamente do Orfanato Christovam Colombo, então situado no bairro do Ipiranga em São Paulo. O caso foi primeiramente denunciado pelo periódico anarquista paulista **La Battaglia** em meados de 1908, quando começaram a circular rumores de que Idalina teria sido, na verdade, estuprada e morta pelos padres da instituição; em finais de 1909 o caso foi transformado em propaganda anticlerical através do jornal **A Lanterna** que fez ampla campanha em busca tanto da verdade quanto da justiça para o *caso Idalina*, solicitando e recebendo auxílio de outros jornais anticlericais (notícias sobre o *caso Idalina* aparecem no periódico até meados de 1915). Tal campanha se expande para os periódicos anticlericais do sul do Brasil como o **Clarão** de Florianópolis e **Lúcifer** de Porto Alegre, demonstrando o caráter coletivo e a circulação existente entre a imprensa anticlerical brasileira. Sobre o *caso Idalina* ver ANDRADE, 2009.

<sup>227</sup> Nessa pesquisa verificaram-se notícias sobre o *Caso Idalina* em jornais de São Paulo, Florianópolis e Porto Alegre; entretanto, é possível que o caso tenha percorrido também outros veículos da imprensa anticlerical nacional.

<sup>228</sup> **LÚCIFER**, Porto Alegre, 20 de abril de 1911, nº09, p.6.

<sup>229</sup> Ibid.

paulista **La Battaglia**, uma vez que se referem a essa publicação como a “*animosa Battaglia*”, bem como permitem observar a considerável circulação que as notícias do *caso Idalina* tiveram na imprensa anticlerical principalmente após o apelo feito pelo periódico **A Lanterna** conclamando a *imprensa independente* para divulgar os abusos cometidos pelo orfanato e exigir justiça. É importante salientar que tal periódico contava com representantes em diversas cidades do país, fazendo com que o *caso Idalina* fosse transmitido a lugares longínquos. Provavelmente, o periódico **Lúcifer** tenha tomado conhecimento do caso através da distribuição do periódico **A Lanterna** na capital gaúcha pelo seu representante na cidade; o que acarretou na divulgação do caso também nas páginas do **Lúcifer**. Sobre a distribuição do periódico **A Lanterna** sabe-se que:

No que tange à distribuição em outras cidades, a edição do periódico de 16 de julho de 1910 listava a presença de representantes em Ribeirão Preto, Franca, Santos, Niterói, São Roque, Dobrada, Porto Alegre, Vila Americana, Rebouças, São Vicente, Rinca, Pontal, Pitangueira, Mogi-Guaçu, Atibaia, Jardinópolis, Salto de Itu, Araraquara, Jundiá, Bauru e Uberaba. Ao longo desta fase de existência do periódico, era comum aparecer referências a jornalistas-jornaleiros, pontos de venda e manifestações de leitores-colaboradores em outras cidades do interior como Campinas, Mogi das Cruzes, Jaboticabal, Uberlândia, Juiz de Fora, Ouro Preto, Petrópolis, e Blumenau, além de capitais como Florianópolis, Curitiba, Cuiabá, Belo Horizonte, Recife, São Luiz, Maceió e Belém.<sup>230</sup>

Além dessa circulação nacional, também se verifica um intercâmbio que ultrapassa as barreiras nacionais, de forma que o *caso Idalina* também repercute em países como Argentina e Portugal, de onde chegam cartas e informações sobre o possível paradeiro da criança; constituindo, portanto, uma rede solidarizante internacional e refletindo o caráter coletivo da imprensa anticlerical (caráter esse também percebido na imprensa libertária). Sobre as redes criadas em torno do *caso Idalina*, Andrade constata que:

[...] as *redes* constituídas pela militância no Brasil e no exterior integravam uma perspectiva de práxis comum, ao menos quanto à estrutura de seu funcionamento, que desconhecia fronteiras em sua existência. Práxis na qual um dos seus feixes de funcionamento era o próprio espaço de jornais como *A Lanterna*, fortalecido em sua associação solidária com *redes* existentes em outros periódicos.<sup>231</sup>

Outra característica presente no periódico **Lúcifer** e similar ao que se verifica nos periódicos libertários **A Luta** e **La Protesta** diz respeito à mescla de notícias locais com

<sup>230</sup> ANDRADE, Carlos Eduardo Frankiw. **Blásfemos e sonhadores: Ideologia, utopia e sociabilidades nas Campanhas anarquistas em A Lanterna (1909-1916)**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2009. p.32.

<sup>231</sup> Ibid. p.77.

textos doutrinários, cujo objetivo maior era a formação anticlerical dos leitores, afastando-os das influências das instituições religiosas, principalmente das instituições católicas.

#### 1.4 SUPLEMENTOS DO PERIÓDICO LA PROTESTA

Se, nesses três periódicos analisados havia uma mescla de textos doutrinários com notícias de caráter mais local, nos **Suplementos do La Protesta** constata-se a supremacia dos textos doutrinários em detrimento das notícias locais, uma vez que esses, juntamente com caricaturas e poesias, formavam o corpo do periódico. De forma que os dois suplementos analisados na presente pesquisa assumem características que, por vezes, se assemelham mais ao papel das *revistas* do que dos *periódicos*, visto que os textos dos suplementos (na sua maioria doutrinários e pedagógicos) poderiam ser lidos durante um período indeterminado, uma vez que estavam desprovidos do caráter imediatista das notícias locais, não perdendo, portanto, sua atualidade com o passar dos meses. A caracterização do gênero *revista* concedida por Martins está em concordância com o observado nos suplementos aqui analisados, o que permite apontar a proximidade existente entre os gêneros *suplemento* e *revista* bem como a diferenciação destes para com o *periódico*.

A revista era o instrumento eficaz de propagação de valores culturais, dado seu caráter de impresso do momento, condensado, ligeiro e de fácil consumo. Acrescenta-se a isso, por vezes, a aparência luxuosa, divulgando, através da ilustração, propagandas e mensagens aliciadoras e pronto! Assim estava configurado o produto que subjugava corações e mentes, atingindo com presteza uma gama expressiva e diferenciada de leitores.<sup>232</sup>

Jornais, e em seguida revistas, tornaram-se instrumentos correntes de informação, consignando-se aos primeiros as notícias de teor político e de divulgação imediata e às revistas temas variados, de informação mais elaborada, anunciando as últimas descobertas sobre as matérias abordadas. [...] Enquanto o jornal, pelo seu propósito de informação imediata, caminhou para a veiculação diária, a revista, de elaboração mais cuidada, aprofundando temas, limitou-se à periodização semanal, quinzenal, mensal, trimestral ou semestral, por vezes anual.<sup>233</sup>

Nos suplementos aqui analisados verificam-se tanto o caráter variado da publicação (diversos temas), bem como uma apresentação mais elaborada, mais atrativa aos leitores (em comparação com o jornal), pois contava com inúmeras ilustrações e diversos contos e poesias

<sup>232</sup> MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em Revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2008. p.27.

<sup>233</sup> Ibid. p.39-40.

curtos, o que também aumentava o apelo pelos suplementos. No entanto, é importante ressaltar que os suplementos do **La Protesta** não tinham a intenção de concorrer com o jornal, mas, ao contrário, tencionavam completar a função pedagógica do jornal ao propagar inúmeros textos doutrinários e com forte carga moral cujo objetivo era contribuir para a formação da consciência operária nos trabalhadores argentinos. O primeiro suplemento do diário anarquista argentino aparece em 1º de maio de 1908, sob a designação de **Suplemento de La Protesta**. A data escolhida para a sua aparição – 1º de maio – carrega consigo todo o simbolismo e significação que esse dia representa para os trabalhadores, não sendo, portanto, mera casualidade a publicação do suplemento no 1º de maio.

Foram editados 11 exemplares do **Suplemento de La Protesta**, todos visualizados para a presente pesquisa. O suplemento tinha uma periodização mensal e apresentava um número de páginas que oscilava entre 22 a 32, conforme o exemplar. A numeração das páginas dos suplementos era contínua; ou seja, a numeração do exemplar de número 2 começava na página 33, visto que o primeiro exemplar do suplemento continha 32 páginas. Ao final das 11 publicações contabilizavam-se 272 páginas. Tal numeração contínua demonstrava que os suplementos se completavam uns aos outros e que, além disso, a conservação dos exemplares era importante, pois, da junção de todos eles, se formaria um extenso almanaque (tão raro de se possuir quanto um livro). De forma que os próprios suplementos representavam uma opção ao alto custo dos livros.

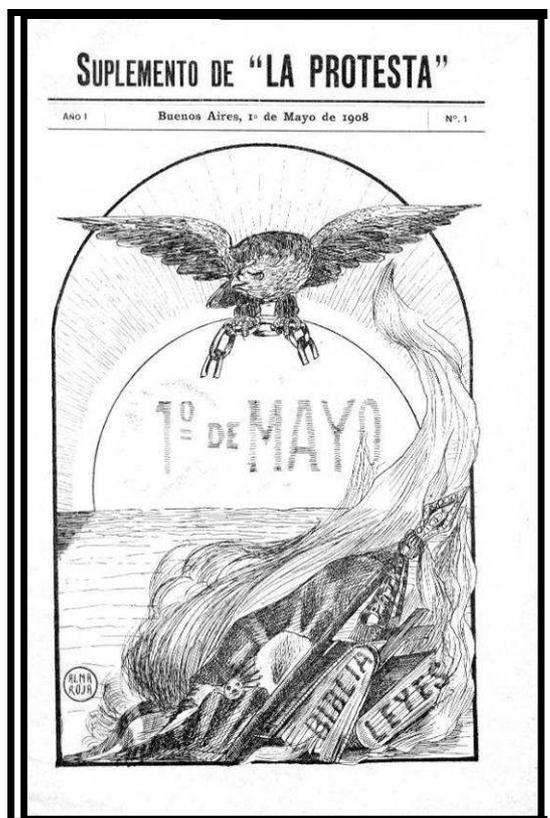
Intermediando o jornal e o livro, as revistas prestaram-se a ampliar o público leitor, aproximando o consumidor do noticiário ligeiro e seriado, diversificando-lhe a informação. E mais – seu custo baixo, configuração leve, de poucas folhas, leitura entremeada de imagens, distinguia-a do livro, objeto sacralizado, de aquisição dispendiosa e ao alcance de poucos.<sup>234</sup>

O **Suplemento de La Protesta** possuía um apelo visual considerável, visto que, em todos os exemplares, a primeira e a última página eram reservadas para a publicação de amplos desenhos, os quais ocupavam quase a totalidade da página. Alguns desenhos da capa eram caricaturas, enquanto outros traziam os retratos de anarquistas clássicos como: Bakounine, Kropotkine, Eliseu Reclus e Máximo Gorki. Além disso, diversas caricaturas apareciam nas páginas internas do suplemento. Além das caricaturas, o suplemento apresentava inúmeros textos pedagógicos, na sua maioria contos ou breves poesias e canções as quais se distribuía em duas colunas de texto. Essa diagramação (texto distribuído em

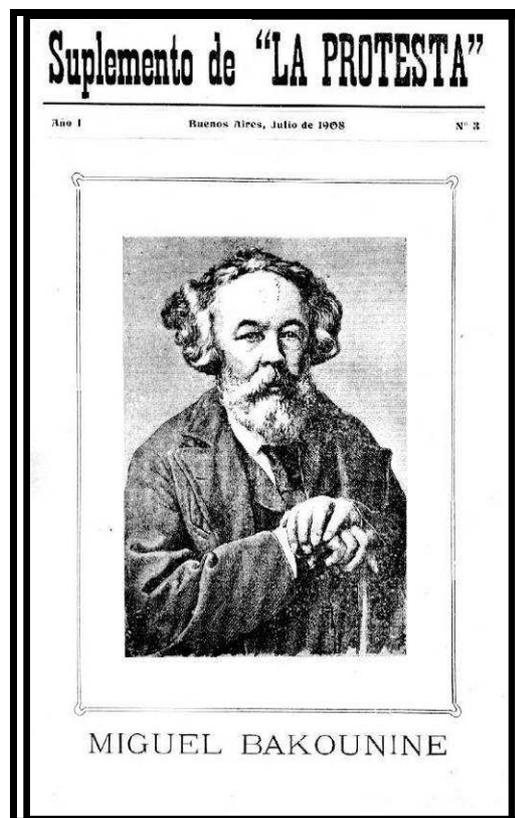
---

<sup>234</sup> MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em Revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República**. Op.Cit. p.40.

duas colunas de texto e a presença constante de caricaturas, contos e poesias) se manteve inalterada ao longo das onze publicações do suplemento.



**Figura 30:** Capa do Suplemento de *La Protesta*.  
Fonte: Suplemento de LP, 01/05/1908, nº1, p.01



**Figura 31:** Capa do Suplemento de *La Protesta*.  
Fonte: Suplemento de LP, julio de 1908, nº3, p.01



Figura 32: Estrutura interna do Suplemento de LP.  
Fonte: Suplemento de LP, julio de 1908, nº3, p.58

O **Suplemento de La Protesta**, ao contrário dos jornais, não levava o nome de um diretor ou administrador; apenas divulgava o endereço da “*dirección y administración*” que correspondia à Rua Libertad, 837-839. Endereço esse que não correspondia ao endereço do periódico **La Protesta**, demonstrando que o suplemento tinha uma sede própria; possivelmente os endereços distintos do periódico e do suplemento refletiam uma estratégia de segurança tendo em vista a constante repressão empregada sobre o periódico libertário. Apesar de não divulgar os nomes do diretor e do administrador, o suplemento divulgava os nomes dos seus colaboradores (que se mantiveram quase inalterados ao longo das onze publicações), alguns já conhecidos pois atuavam também no jornal **La Protesta**, entre os quais se podem destacar: Máximo Aracemi, Eduardo G. Gilimón, González Pacheco, Ricardo Carrencá, Federico Urales, Florentino Giribaldi, Mario Aldao, bem como colaboradores das cidades de La Plata: Fernando del Intento e Horacio B. Rossotti e de Montevideu: Marcos Froment. Tais autores se dedicavam, na maioria das vezes, à escrita de contos pedagógicos e poesias. Além desses elementos mais “literários”, o **Suplemento de La Protesta** destinava

um espaço para propagandas, campanhas de boicotes e divulgação de atividades artísticas e culturais. Tais propagandas, campanhas e divulgações eram mais elaboradas do que aquelas realizadas no próprio periódico **La Protesta**, sendo que algumas delas apresentavam fontes diversas e ilustrações; além disso, o espaço que elas ocupavam no **Suplemento de La Protesta** era superior àquele que o periódico dispunha, visto que a maioria delas ocupava uma página inteira ou meia página (tal página não era numerada, o que indica que este espaço era destinado unicamente para propagandas e demais divulgações).

Cervecería Argentina

**QUILMES**

Es siempre la mejor

LAS MEJORES CERVEZAS

QUILMES CRISTAL  
QUILMES BOCK

La cerveza Quilmes es de calidad insuperable y siempre es la mejor de todos.

ADMINISTRACIÓN  
**CALLE BRASIL 731**

Unión Telefónica 47 y 49, Buen Orden  
Cooperativa Telef. 200 y 300, Sud

**Figura 33:** Propaganda no Suplemento de LP.  
Fonte: Suplemento de LP, enero de 1909, n°09

SUPLEMENTO DE «LA PROTESTA»

Taller de Fotografado  
de  
**H. FRANZONI**  
CALLE ALEINA 1098  
C. 1000, CENTRAL  
BUENOS AIRES

**Salón-Teatro José Verdi**  
— ALMIRANTE BROWN 736 —

**Gran Función y Conferencia**  
ORGANIZADA POR EL CENTRO DE E. SOCIALES EL INTERNACIONAL  
A beneficio total de la Escuela Moderna de B. Aires  
Sabado 20 de Junio de 1908 á las 8 p. m.

**PROGRAMA**

1º Hijos del Pueblo por el orfeón.  
2º EXTRENO! EXTRENO! Del grandioso drama social en tres actos original del aplaudido autor social, compañero LERÓN VIEYTES, cuyo título es:  
**LA LEY DE RESIDENCIA**

3º Conferencia por un compañero á nombre de la Escuela Moderna.  
4º La Marsellesa por el Orfeón.  
5º Se pondrá en escena la aplaudida comedia social en un acto y prosa, original del fecundo autor LERÓN VIEYTES que lleva por título:  
**¡ BASTA DE ESCLAVOS !**

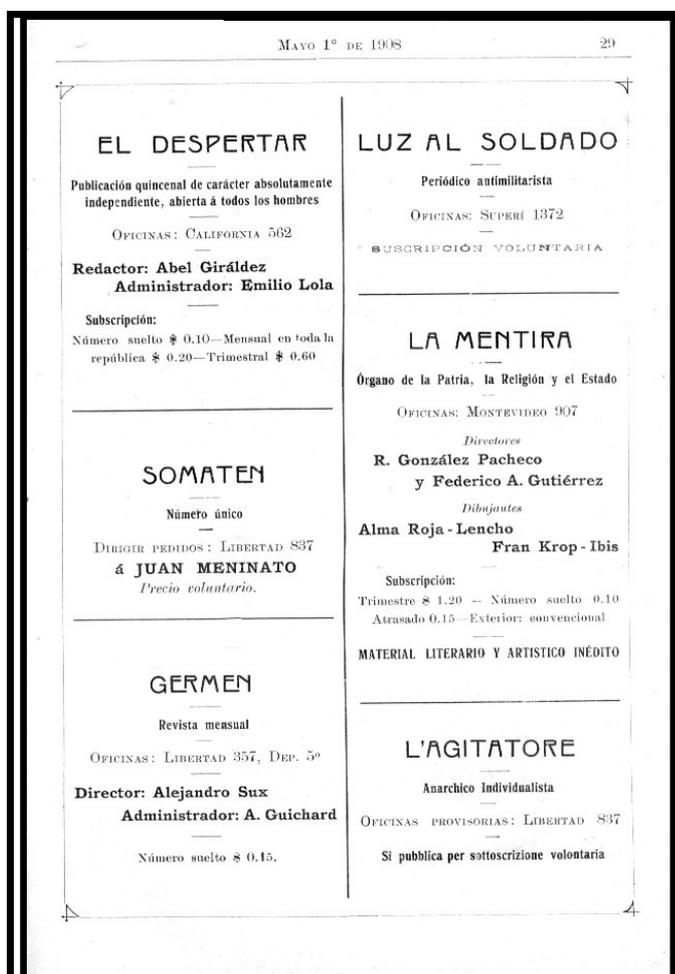
6º Conferencia por el compañero Federico A. Gutierrez (Fact Libert).  
7º EXTRENO! EXTRENO! del cuadro plático dramático social, original del poeta sociólogo, compañero LERÓN VIEYTES, titulado:  
**¡ DEL FONDO Á LA CUIMBRE !**  
Desempeñado por su autor.

ENTRADA GENERAL . . . . . \$ 0. 70

**Figura 34:** Propaganda no Suplemento de LP  
Fonte: Suplemento de LP, junio de 1908, n°02

Nas propagandas e divulgações acima se percebe, claramente, a supremacia gráfica desses anúncios em comparação àqueles visualizados nos jornais. A propaganda da cerveja “Quilmes”, por exemplo, aparece acompanhada de uma ilustração, bem como de variadas fontes em destaque. A propaganda do atelier de fotografia “H. Franzoni” se destaca através de uma borda trabalhada e rebuscada e a divulgação da conferência a ser realizada no “Salón-Teatro José Verdi” se realiza pela mescla de fontes e tonalidades (utilização do negrito e de

tons acinzentados). Além da propaganda relacionada ao comércio de determinados produtos ou ao fornecimento de serviços especializados, o suplemento também divulgava em todos os exemplares uma relação de outros periódicos e revistas que também deveriam ser lidos pelos leitores do suplemento a fim de contribuir com a formação político-cultural desses sujeitos. Nessa relação encontram-se publicações anarquistas, anticlericais, antimilitaristas e literárias. Assim como a relação de periódicos e revistas, o suplemento também divulgava uma extensa lista de livros que estavam disponíveis para aquisição nas bibliotecas “*Contemporânea*”, “*Popular*”, de “*Sociologia*” e de “*Enseñanza Popular*”, cujo conteúdo também se destinava à formação dos trabalhadores segundo os princípios libertários. De forma que o incentivo à leitura era visualizado no **Suplemento de la Protesta**.



**Figura 35:** Divulgação de outras publicações no Suplemento de LP.  
Fonte: Suplemento de LP, 1° de Mayo de 1908, nº1, p.29.

[...] importa considerar que o periodismo operário não se limitou à propagação das idéias libertárias. Coube-lhe papel importante na efetiva divulgação da leitura e consumo do impresso, numa proporção mais

acentuada que aquela da imprensa burguesa. A propagação de excertos de teóricos da causa, o anúncio da chegada de obras de interesse, a promoção de seções de leitura – atividades continuamente veiculadas em seus impressos – conformaram o público operário ao exercício da leitura e às práticas culturais de classe<sup>235</sup>.

As campanhas de boicote observadas no **Suplemento de La Protesta**, assim como ocorria com as propagandas, ganhavam um espaço maior se comparado ao do jornal, ampliando assim sua visualidade. Encontra-se, em três exemplares do suplemento, o pedido de boicote aos cigarros 43 e à cervejaria Bieckert; tais apelos já eram observados no jornal **La Protesta**, no entanto, no suplemento esses apelos consomem uma página inteira e ocupam um lugar de destaque.



**Figura 36:** Boicote no Suplemento de LP.  
Fonte: Suplemento de LP, junio de 1908, nº02

Em março de 1909 aparece o último exemplar do **Suplemento de la Protesta** (número 11) e, em tal exemplar, não há nenhuma nota ressaltando que o referido exemplar seria o último. De forma que, possivelmente, os próprios editores e colaboradores do suplemento não tinham clara essa informação e, ao que tudo indica, tiveram que suprimir a publicação do

<sup>235</sup> MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em Revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República.** Op.Cit. p.395

suplemento por falta de verbas ou devido à repressão que assolava Buenos Aires em meados de 1909. Entretanto, em junho de 1915 surge um novo suplemento do **La Protesta** intitulado de **La Obra**. Tal suplemento, assim como seu antecessor, era composto basicamente por ilustrações e contos pedagógicos; no entanto, apresentava um número de páginas reduzido em comparação com o **Suplemento de La Protesta**, totalizando 14 páginas por exemplar. Além disso, a contagem das páginas não era contínua (como no suplemento anterior), mas contabilizada individualmente em cada exemplar; não havendo, portanto, o objetivo de formar um almanaque ao término das publicações.

O suplemento **La Obra** teve apenas seis exemplares<sup>236</sup>, dos quais cinco foram analisados para a presente pesquisa<sup>237</sup>. Seu último exemplar data de dezembro de 1915. O suplemento tencionava ser quinzenal, no entanto, apenas no mês de julho respeitará essa periodicidade, aparecendo os demais exemplares com um intervalo mensal ou bimensal. Logo abaixo do título do suplemento aparecia a seguinte identificação: “*publicación quinzenal ilustrada*” o que a aproximava do gênero revista, uma vez que salientava o caráter gráfico do suplemento. A correspondência da redação ficava a cargo de F. Gil (ativo colaborador do jornal **La Protesta**) e as sedes do **La Obra** localizavam-se no bairro popular de Barracas, nas ruas California, 1955 e U.T., 317. Os exemplares do suplemento poderiam ser adquiridos através da compra avulsa (pelo preço unitário de 10 centavos) ou pela subscrição trimestral (pela qual se adquiria os exemplares pelo valor de 0,50 centavos); o que deixa clara a preferência pela subscrição, pois a mesma garantiria um grupo de leitores constante e permanente (lembrando que a doutrinação não se dava pela leitura de um único exemplar, mas sim através da leitura contínua dos veículos da imprensa libertária).

Entre os colaboradores do suplemento se podem destacar os nomes de Justino de Gonzalo, F. Gil, Juan Pedro Calou, Jacinto del Monte, Vicente Medina, Guillermo Stock e Fernando del Intento (colaborador de La Plata e com participação também no **Suplemento de La Protesta**). Tais colaboradores publicarão contos pedagógicos, textos doutrinários, poesias e canções nas páginas do **La Obra**. Esses escritos apareciam distribuídos nas páginas do suplemento em três colunas de texto. Na primeira página do suplemento aparecia um retrato

<sup>236</sup> Embora SANTILLÁN (1927) afirme em seu artigo intitulado de “**La Protesta: su historia, sus diversas fases y su significación en el Movimiento Anarquista de América del Sur**” que foram publicados apenas 4 exemplares do suplemento **La Obra** (p.64). O que evidencia, uma vez mais, que a história da imprensa operária é repleta de inexatidões e equívocos, principalmente referentes ao número de exemplares e à numeração correta dos mesmos, uma vez que muitas coleções estão incompletas ou espalhadas por diversos locais de pesquisa, o que dificulta a análise da coleção completa pelo pesquisador.

<sup>237</sup> Para a presente pesquisa se teve acesso aos exemplares de números 1, 2, 3, 5 e 6.

acompanhado de uma breve biografia de algum teórico anarquista clássico. Entre os exemplares analisados se encontram retratos de Barret, Tolstoi, Malatesta, Ibsen e Bakounine.



**Figura 37:** Capa do suplemento *La Obra*.  
 Fonte: *La Obra*, diciembre de 1915, nº06, p.01

###

Com essa apresentação preliminar e, por vezes sucinta, dos periódicos e suplementos utilizados na elaboração dessa pesquisa, se tencionou a realização de uma aproximação entre os possíveis leitores da dissertação e os documentos da imprensa independente, rompendo assim com o estranhamento inicial da relação – leitor/documentação – ao mesmo tempo em que se criaram as condições mínimas para a compreensão dos posteriores capítulos, os quais aprofundarão a análise de alguns elementos (caricaturas e contos) dos referidos jornais e suplementos.

No próximo capítulo, deixam-se um pouco de lado as palavras (mas nunca totalmente) e abre-se espaço para a visualização dos traços das caricaturas, os quais, na maioria das vezes

e, ao que tudo indica (devido à sua relevante aparição na imprensa operária), transmitem suas mensagens com um êxito invejável.

Vale à pena lembrar que os desenhos tinham um valor de destaque na imprensa operária também pelo fato de parte considerável do público receptor dos periódicos ser, muitas vezes, formada por analfabetos ou imigrantes (de diversas nacionalidades e, portanto, com línguas diversas) e desconhecedores da língua portuguesa ou espanhola. De forma que as caricaturas poderiam atingir também esse público desconhecedor da língua local e mesmo os analfabetos.

O estudo das caricaturas permite mostrar também como muitos artistas empregaram sua criatividade e sua fantasia criadora como uma arma política contra as injustiças sociais e a favor de um mundo alternativo, transformando cada traço do seu trabalho em arte de protesta. Mesmo sendo essa arte de protesta pouco explorada, pouco reconhecida tanto pelos historiadores como pela sociedade em geral, os quais, muitas vezes, ao esbarrarem no anonimato de seus criadores, ou no conteúdo dos seus desenhos, criam barreiras para o reconhecimento e estudo desse tipo específico de arte, e passam a dedicar seu olhar para artistas que não se escondem através da utilização de pseudônimos e do anonimato e cuja mensagem não tenha um caráter tão agressivo.

Nas páginas que seguem será possível visualizar parte dessa arte de protesta que nada mais é do que uma arma empregada para a construção da sociedade perfeita: baseada na paz, na igualdade, na justiça, na liberdade, na cooperação e na felicidade. De forma que as caricaturas tanto irão apontar para essa sociedade perfeita, como para as injustiças da sociedade capitalista, a qual precisava ser destruída para dar lugar ao mundo libertário.

Vale frisar que de acordo com os ideais libertários a educação tem um papel fundamental na emancipação humana, de forma que somente através dela se poderia modificar o meio social e econômico, transformando também os próprios homens. Nesse sentido, as caricaturas tinham um valoroso papel pedagógico.

A arte e a estética libertária e anticlerical dominarão, portanto, o próximo capítulo. O qual tem a pretensão de não ser meramente descritivo, mas de tratar as imagens enquanto fontes que necessitam ser analisadas, contextualizadas e interpretadas com o cuidado necessário no tratamento de qualquer outra fonte.

*"Em política a caricatura é de boa guerra. É uma arma terrível, mas não desleal, porque, se exagera o falso, é para impedir que haja alguém que caia nele; a caricatura diz de mais para que nós digamos apenas o suficiente."*

*"A caricatura é mais forte que as restrições e que as proibições. É imortal porque é uma das facetas daquele diamante que se chama verdade."*

Eça de Queiroz

## 2 NA PONTA DO LÁPIS: A RESISTÊNCIA ATRAVÉS DA CARICATURA

*“A arte da caricatura é geralmente considerada como um dom perigoso, mais próprio a tornar seu possuidor temido do que estimado; mas é certamente injusto condenar o abuso a que qualquer arte está sujeita, como argumento contra a própria arte. Para julgar com isenção o mérito dessa de que tencionamos falar, não devemos esquecer também que ela é um dos elementos da pintura satírica e que, como a poesia desse gênero, é talvez empregada com maior êxito em vingar a virtude e a dignidade ultrajadas, apontando os culpados ao público, único tribunal a que eles não podem fugir; e fazendo tremer à simples idéia de ver suas loucuras, seus vícios, expostos à ponta acerada do ridículo, aqueles mesmos que enfrentariam com desdém censuras atrozes.”*

Francis Grose

O presente capítulo tem a pretensão e a ousadia de dar voz e visibilidade aos traçados observados nos periódicos libertários **La Protesta** (1897-1916) de Buenos Aires e **A Luta** (1906-1911) de Porto Alegre, bem como nos suplementos do periódico **La Protesta: La Obra** (1915) e **Suplemento de la Protesta** (1908-1909) e ainda no periódico anticlerical **Lúcifer** (1907-1911) também editado na capital gaúcha. A utilização de múltiplos periódicos e suplementos objetiva tanto qualificar a análise em questão, fornecendo condições para a realização da comparação, bem como demonstrar, no presente capítulo, a constante utilização da caricatura nesses instrumentos da imprensa independente e a respectiva circulação e, por ora, repetição das mesmas de tempos em tempos. O conjunto dessas caricaturas configura um total de 167 imagens que se traduzem em representações de um dado contexto e de uma dada visão de mundo.

Antes de partir-se para a análise das caricaturas propriamente dita é importante frisar que a mesma ainda constitui-se em um verdadeiro desafio metodológico para a área da história, pois ainda são poucos os trabalhos históricos que têm como objetivo a análise das caricaturas<sup>238</sup>; e, será justamente tentando enfrentar esse desafio metodológico e expandir as produções nesse campo que a presente pesquisa buscará auxílio em outros campos do conhecimento, principalmente na lingüística e na arte; porém, o resultado aqui obtido será

---

<sup>238</sup> Vale citar os trabalhos inovadores de: Rodrigo Patto Sá Motta (2002) (2006) que dissertam a respeito tanto da iconografia anticomunista nos periódicos da grande imprensa paulista, bem como das caricaturas que antecedem o golpe de 1964, tratando o registro imagético não como ilustração, mas enquanto fonte documental em si. O trabalho de Aristeu Elisandro Machado Lopes (2008) a respeito das caricaturas encontradas na imprensa ilustrada do Rio de Janeiro durante o Império e que já apontam para a propaganda republicana; Marcela Gené (2005) acerca das imagens dos trabalhadores encontradas na imprensa argentina durante o primeiro peronismo (1946-1955), os trabalhos de Angela Maria Roberti Martins (2006) (2009) que apresentam as caricaturas de parte da imprensa libertária do Rio de Janeiro e São Paulo durante a Primeira República, mais especificamente entre 1910 a 1920, bem como a contribuição de Alberto Gawryszewsky (2009) que também trabalha com as imagens anarquistas impressas nos periódicos libertários paulistas entre 1910-1930.

apenas uma das alternativas que a metodologia utilizada forneceu e, por isso mesmo, não terá a pretensão de esgotar as possibilidades de outras interpretações e maneiras de se pensar as caricaturas políticas aqui transpostas. Também é relevante salientar a importância que a informática forneceu para tornar possível essa parte do trabalho, pois, através da interação com softwares gráficos foi possível melhorar as imagens, salientar detalhes e tornar visível os riscos que já se apresentavam desgastados pela ação do tempo<sup>239</sup>. Marcela Gené, ao estudar as imagens dos trabalhadores na Argentina durante o período do primeiro peronismo (1946-1955) chegou a similares conclusões a respeito da necessidade de se empregar uma metodologia interdisciplinar na análise das imagens políticas:

El análisis de la imagen política implica construir una metodología *ad hoc*, articulando saberes de diversas disciplinas: la historia política, económica y social – en la medida en que la lectura de estas imágenes es posible a partir del conocimiento de los contextos a los que refieren – y la historia del arte, pues proporciona herramientas válidas tanto para la interpretación de estas iconografías y su filiación con una serie histórica mayor, como para el análisis de los aspectos formales y estilísticos. Con todo, afiches, folletos e ilustraciones de prensa son producciones de arte gráfico, cuyo objetivo primordial es la comunicación de mensajes combinando imágenes y leyendas<sup>240</sup>.

A dificuldade metodológica, portanto, não retira o importante valor que as caricaturas têm ao apresentarem traços dotados de ironia e sarcasmo que dizem respeito a uma dada representação social. No entanto, é possível que muitos historiadores, por estarem aferrados a um paradigma tradicional, não consigam enxergar sentido nos aspectos mais descontraídos e divertidos desses periódicos, como a caricatura, considerando-a como um elemento desnecessário e desprovido de significados e funções e não como um elemento de crítica social que seja passível de um estudo sério e revelador. O presente capítulo caminha no sentido contrário desses historiadores ao apresentar uma aproximação entre História e Imagem, procurando ampliar a noção de texto e possibilitar a construção de interpretações inovadoras uma vez que “*la historia de la publicidad es imprescindible para desentrañar la labor de los artistas gráficos [...], una actividad que conjuga la destreza artística con la capacidad de sintetizar ideas a veces complejas*”<sup>241</sup>.

Diferente de outros estudos dedicados à análise caricatural, esse capítulo não pretende analisar detalhadamente os estilos e traços empregados pelos caricaturistas da imprensa

<sup>239</sup> Embora nem todas as 167 caricaturas tenham atingido uma boa qualidade gráfica, a melhora adquirida pela interferência dos softwares foi significativa.

<sup>240</sup> GENÉ, Marcela. **Un Mundo Feliz. Imágenes de los trabajadores en el primer peronismo**. Buenos Aires: Fondo Cultura Económica, 2005. p.26.

<sup>241</sup> Ibid.,p.26.

independente, uma vez que, para o presente estudo, não importa em primeiro plano a qualidade dos desenhos, mas sim, o discurso político contido nestes. Por se tratar de um estudo dedicado às caricaturas presentes na pequena imprensa, destinadas a um público não necessariamente altamente intelectualizado, as caricaturas aqui analisadas apresentarão, na sua maioria, traços simples e críticas diretas, uma vez que tinham a intenção de que o seu público receptor as compreendesse de imediato, sem deixar dúvidas no ar. Embora muitas delas sejam acompanhadas da utilização da ironia, a qual tende, na maioria das vezes, a confundir os significados, percebe-se que a ironia aqui utilizada muitas vezes está desprovida da sua profundidade embaraçadora, uma vez que a ironia “*pode zombar, atacar e ridicularizar; ela pode excluir, embaraçar e humilhar. Isso também pode irritar e não necessariamente num nível altamente intelectual*”<sup>242</sup>.

No entanto, pergunta-se o que a abordagem dessas caricaturas pode trazer de inovador para o estudo do movimento libertário, da identidade anarquista, das representações anticlericais ou da própria imprensa subalterna? Ou seja, o que o estudo dessas caricaturas pode acrescentar àquilo que já se sabe sobre as representações libertárias e anticlericais ou sobre as maneiras discursivas empregadas pela imprensa independente (conhecimento esse revelado através dos textos)? Ou, de maneira mais direta, o estudo dessas caricaturas traz algo novo e relevante ou apenas reforça aquilo que já se conhece? Frente a esses questionamentos pode-se, em primeiro lugar, justificar o seu estudo pelo fato de as caricaturas terem um impacto importantíssimo no mundo dos trabalhadores devido à sua feição popular e à sua capacidade de atingir um número muito maior de indivíduos do que os textos, uma vez que para a sua compreensão, na maioria das vezes, são dispensadas as habilidades da alfabetização<sup>243</sup>, sendo, portanto, uma estratégia eficaz no processo de afirmação e construção da identidade anarquista bem como no convencimento da causa anticlerical. Em segundo lugar, acredita-se que mesmo quando o discurso visual reforça o discurso verbal, a forma de transmissão da mensagem é diferente, de forma que o estudo das caricaturas configura-se importante independente da mensagem (inovadora ou não) divulgada por essas caricaturas. Nesse sentido concorda-se com Motta quando este afirma que: “*a caricatura, em alguns casos, diz, na essência, o mesmo que o discurso verbal. Mas o faz de outra maneira*”<sup>244</sup>.

---

<sup>242</sup> HUTCHEON, Linda. **Teoria e Política da Ironia**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000. p.33.

<sup>243</sup> No entanto, em algumas caricaturas, a compreensão ocorre pela junção do desenho com sua legenda.

<sup>244</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Jango e o golpe de 1964 na caricatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 27.

Portanto, o estudo das caricaturas da imprensa alternativa justifica-se pelo simples fato de se constituir em um estudo de um tipo discursivo diferente, conciso e, por vezes, simplificado; que utiliza elementos e estratégias diferentes do discurso verbal para a transmissão das mensagens. Nesse sentido, as caricaturas aqui transpostas traduzem, portanto, através do lápis afiado do caricaturista, tanto as vivências e crenças da classe operária (da parte ligada aos ideais libertários da classe operária) ou de livre-pensadores defensores do anticlericalismo, quanto a percepção que tais grupos tinham a respeito dos outros, dos seus inimigos.

Assim, ao demonstrar como esses caricaturistas percebiam a si mesmos (enquanto classe operária ou representantes do pensamento racionalista, inovador e moderno característico do início do século XX) e aos outros (patrões, burgueses, socialistas, governantes e o clero) tentar-se-á reconstruir uma dada representação social existente num contexto específico. As caricaturas aqui estudadas serão tratadas enquanto representações, pois se acredita que a dimensão das imagens é sempre uma (re)criação, uma (re)interpretação de uma certa realidade sendo, ela mesma, parte dessa realidade e, no caso em questão, as imagens serão consideradas ainda enquanto um instrumento de luta, uma arma de combate.

Interrogar as representações, encará-las como permanências e modificações em interação com a experiência social dos militantes, é pensá-las como lugar de conflito no qual se projetaram as práticas, as tradições e os desejos. É tomá-las como verdadeiro campo de tensão, no qual se explicitaram tanto as condições materiais de vida e os modos de viver quanto os valores e as idéias, os sentimentos e as sensibilidades, os sonhos e as utopias, as necessidades e as esperanças, os projetos e as expectativas que o próprio viver comporta e enseja, muitas vezes dissimulando as contradições da trama histórica.<sup>245</sup>

Vale ressaltar ainda que o aspecto visual representado pelo *desenho* tem uma grande importância nos periódicos desse período, uma vez que ele é um forte elemento doutrinador, dotado de crítica mordaz, irônica, satírica e principalmente humorística do comportamento humano; ainda mais num contexto rodeado por analfabetos<sup>246</sup>, em que muitas vezes o traçado dos caricaturistas era o único elemento do periódico que atingia esse público desprovido das

---

<sup>245</sup> MARTINS, Angela Maria Roberti. **O Segredo dos corpos: representações do feminino nas páginas libertárias**. In: DEMINICIS, Rafael Borges. **História do Anarquismo no Brasil**. Vol.2. Rio de Janeiro: Achiamé, 2009. p.120.

<sup>246</sup> O maior número de analfabetos tanto em Buenos Aires quanto em Porto Alegre estava concentrado na classe operária e, portanto, no público ao qual se destinavam os periódicos libertários em questão. Segundo Alberto (1970) na província de Buenos Aires o índice de analfabetismo chegava a 45% em 1895 e reduzia-se (mas mantinha-se alto) para 31,6% em 1914; sendo que a concentração desses analfabetos se dava nos bairros operários. Já para a capital gaúcha a taxa de analfabetismo chegava a cerca de 27% em 1920, também concentrando-se os analfabetos nos bairros operários.

habilidades da leitura e da escrita. Vale ressaltar que além dos desenhos, as informações contidas nos periódicos chegavam aos analfabetos também através da transmissão oral, da leitura em voz alta (prática muito comum no universo operário). Ao se referir ao operariado portoalegrense, a historiadora Ailana Amorim informa na sua dissertação que:

E, ainda que grande parte dos trabalhadores fossem iletrados, havia a transmissão de informações e conhecimentos de forma oral, fosse pela leitura coletiva, pela comunicação em assembléias e reuniões ou simplesmente pela disseminação informal em bate-papos na vizinhança, em conversas de bar, festividades, etc.<sup>247</sup>

Antes de estudarmos as caricaturas presentes nos periódicos (e suplementos) libertários e anticlericais de Porto Alegre e de Buenos Aires é importante estabelecer algumas considerações acerca da gênese da utilização da caricatura, suas definições e funções, bem como a inserção da mesma nas cidades de Porto Alegre e de Buenos Aires.

## 2.1. A ARTE DA CARICATURA E OS PRIMEIROS RABISCOS EM SOLO GAÚCHO E PORTENHO

*“El humorismo brota en todos los terrenos, sean ellos abonados por la felicidad o la tristeza, pero se arraiga profundamente en lo social y en lo político, actuando como ariete o estilete o como ambos a la vez. Esa condición promueve a la caricatura a la categoría de temible arma de combate en especial contra aquellos gobiernos que guardan razones en temerle. Además, debemos sumarle la facultad profética, escondida en el grafito del lápiz, que sorprende cual si hubiera sido heredada de los bufones-trovadores de la antigüedad (los únicos a quienes se permitía, por otra parte, jugar con la verdad o cantar los defectos de sus señores).”*

Amadeo Dell’Aqua

Existem muitas definições que tentam traduzir o significado da caricatura, porém, nenhuma delas atinge a totalidade que essa modalidade complexa realmente comporta. Modalidade essa que pode transitar da arte para a história, do possível para o utópico, do discurso comprometido para o desenho mais desleixado, dependendo do ponto de vista de quem a está definindo. Além dessa dificuldade de uma definição única, se acrescenta aquela relacionada aos elementos que caracterizam a caricatura, ou seja, àquilo que a caricatura engloba: charges, cartuns, desenhos humorísticos, caricaturas verbais, caricaturas pessoais,

<sup>247</sup> AMORIM, Ailana Cristina de. **Relações intra-classe: solidariedade e conflito na formação da classe operária no Rio Grande do Sul**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. UFRGS, Porto Alegre, RS, 2006. p. 65.

entre outras subdivisões. Subdivisões essas que muitas vezes são confundidas e generalizadas quando deveriam ser individualizadas, pois cada uma delas apresenta uma caracterização e função própria. Nesse sentido, é importante esclarecer que a caricatura estudada no presente trabalho se caracteriza enquanto charge (também denominada de caricatura política), uma vez que ela relata um fato ocorrido em uma época definida, dentro de um determinado contexto cultural, econômico e social específico e que depende do conhecimento desses fatores para ser criada e entendida, ou seja, é uma representação que parte das práticas cotidianas para existir. De forma que as caricaturas têm relação direta com as práticas sociais verificadas no momento de sua criação (podendo ser uma reafirmação dessas práticas e também representações preexistentes ou um contraponto a elas). De maneira que fazem referência a um determinado comportamento social observável em um tempo específico (não partem, portanto, da mera abstração). “*A caricatura é um retrato mudado em charge; parte assim da realidade concreta, para forçar-lhe os traços e torná-la ridícula*”<sup>248</sup>.

Herman Lima, no seu grandioso estudo sobre a história da caricatura no Brasil, tentando diferenciar de uma maneira simples a caricatura política do desenho humorístico afirma que “*a caricatura política ou social raramente pode levar ao riso despreocupado, como acontece com o desenho humorístico*”<sup>249</sup>. Ou seja, por fazer parte da realidade, a caricatura política não é mero deboche, mas sim uma denúncia de um desvio que pode e deve ser corrigido. Isso explica porque Peter Gay denominou os caricaturistas de “*médicos sociais*”, uma vez que os mesmos tinham a função de detectar o problema (doença), divulgá-lo à sociedade (paciente) e sugerir uma mudança (cura)<sup>250</sup>. Por esse poder de detectar o problema, de denunciar e de expressar através de riscos muitas vezes irônicos e satíricos é que a caricatura política começou a ser temida e odiada por aqueles que ela ameaçava, ou seja, pelo alvo do lápis afiado. Dessa forma, as caricaturas políticas aqui estudadas serão consideradas também enquanto eficaz arma de luta (eficaz por ser a causa de temores e, por vezes, desespero). “*Si la caricatura puede ser agresiva, lo es más si se la teme*”<sup>251</sup>.

Além da agressividade, a caricatura também pode comportar (e na maioria das vezes comporta) exageros, distorções e humor. No entanto, essa regra não é rígida, mas sim

<sup>248</sup> LIMA, Herman. **História da Caricatura no Brasil**. Vol.1. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1963. p.39.

<sup>249</sup> Ibid.,p.26.

<sup>250</sup> GAY, Peter. **O Estilo na História: Gibbon, Ranke, Macaulay, Burckardt**. Trad. De Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 45.

<sup>251</sup> DELL'ACQUA, Amadeo. **La Caricatura Política Argentina**. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1960. p.18.

maleável, uma vez que nem toda a caricatura é cômica e nem todo o exagero causa efeito caricatural. Portanto, as definições simplistas que tratam a caricatura enquanto uma simples distorção exagerada que causa graça podem, conforme o caso, nada significar. A respeito da comicidade é importante salientar que a mesma estará ausente em algumas das caricaturas apresentadas nesse trabalho, principalmente naquelas que retratam a miséria e o triste cotidiano dos trabalhadores, uma vez que não há espaço para a comicidade nesse contexto tão opressor. O que demonstra que “*a caricatura não é necessariamente dotada de espírito cômico*”<sup>252</sup>. E, além disso, o próprio universo picaresco, alvo de inúmeras caricaturas, representa “*os aspectos mais pobres e tristes da sociedade, a humanidade mais sórdida, gente levada pela fome à astúcia e dissimulação, a egoísmos e vulgaridades de toda espécie*”<sup>253</sup>.

A caricatura, que tem algo de diabólico, ressalta o demônio que venceu o anjo. Trata-se sem dúvida de uma arte que exagera e, no entanto, definimo-la muito mal ao lhe atribuímos por objetivo uma exageração, porque existem caricaturas mais verossímeis que retratos, caricaturas que mal se percebem, e inversamente podemos exagerar ao extremo sem obter um verdadeiro efeito de caricatura.<sup>254</sup>

Ao apresentar algumas das múltiplas definições e a variedade de características que envolvem a caricatura tentou-se demonstrar tanto a flexibilidade desse conceito quanto esboçar uma definição de caricatura que caracterizasse e traduzisse a amostragem caricatural utilizada na presente análise; ou seja, a caricatura política utilizada como arma, como ferramenta para a mudança, como corretivo de um desvio social; a qual tanto pode causar o riso quanto o pranto, expressar exageros ou cruas realidades. No entanto, cabe questionar para o presente estudo, quando foi que essa prática de satirizar o comportamento humano através de riscos disformes ou precisos iniciou? E como chegou até as cidades de Porto Alegre e de Buenos Aires?

A caricatura surgiu no Antigo Egito e, desde sua gênese, demonstrou suas funções críticas e políticas. De acordo com Lima, as mais antigas das charges encontradas no Egito datam da décima nona dinastia, do reino de Ramsés II. Os traços representavam, através de figuras de animais, personagens poderosos e que, por isso mesmo, deveriam ser mascarados pela utilização dos animais; caso contrário, a sátira se tornaria perigosa e, por vezes,

<sup>252</sup> LIMA, Herman. **História da Caricatura no Brasil**. Op.Cit. p.07.

<sup>253</sup> Ibid. p.07.

<sup>254</sup> BERGSON, Henri. **O Riso: ensaio sobre a significação do cômico**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987. p.22.

impossível para os desenhistas. Essa prática continuou nos tempos de Grécia, na Idade Média, mas foi somente na Idade Moderna, com o advento da imprensa, que a mesma atingiu importância significativa: “Com o advento da imprensa, em 1454, a caricatura passaria a servir como arma das mais importantes, nos domínios da polêmica, perdendo o caráter geral e simbólico em que era empregada, para assumir gradativamente o cunho pessoal”<sup>255</sup>.

Impulsionada pelas possibilidades da imprensa, a caricatura desenvolveu-se também na América, sendo primeiramente praticada pelos viajantes do Velho Mundo que ali chegavam e que, espantados com a nova realidade, expressavam suas impressões desse Novo Mundo não apenas através de textos, mas também pela arte de representar através dos traços: a caricatura. Vale ressaltar que a caricatura na América Latina alcançará um grande desenvolvimento nas décadas finais do século XIX e iniciais do XX, decorrente da criação de inúmeros periódicos e do espírito contestatório dos mesmos.

América cuenta con una sólida tradición en el arte de la caricatura, en que nuestro país se destaca por el valor y el valer de sus publicaciones. Y si bien no siempre pudieran éstas sortear las contingencias de las borrascas políticas, sus hombres persistieron en la acción de fundar, uno tras otro, periódicos, diarios y revistas, como si hubieran pensado con Francés: “caminantes del ideal somos; de peregrinos de belleza es nuestra misión humana”.<sup>256</sup>

Ao referir-se a “*nuestro país*” Dell’Acqua está se referindo à grandiosa difusão alcançada pela caricatura na Argentina durante os séculos XIX e XX; reflexo tanto da atenção conferida à educação e cultura como à própria organização da massa operária acompanhada pela fundação de inúmeros periódicos e revistas. O primeiro periódico ilustrado de Buenos Aires – *Museo Americano* – data do ano de 1835 e foi fundado pelo imigrante Hipólito Bacle, oriundo de Genebra. Segundo Dell’Acqua o caricaturista “*estampa una serie de dibujos que ridiculizan las costumbres ciudadanas de la época mostrando, entre otras, las exageradas proporciones de los peinetones femeninos y sus inconvenientes y molestias*”<sup>257</sup>.

No mundo caricatural argentino ainda se destacam no século XIX o periódico *Don Quijote* fundado em 1884 pelo caricaturista Eduardo Sojo e que tinha um alvo totalmente político, tendo realizado fortes críticas ao governo de Juárez Celman durante os anos 90. O caricaturista Ramón Columba escreve as seguintes linhas sobre as caricaturas do periódico *Don Quijote*:

<sup>255</sup> LIMA, Herman. **História da Caricatura no Brasil**. Op.Cit. p.49-50.

<sup>256</sup> DELL’ACQUA, Amadeo. **La Caricatura Política Argentina**. Op.Cit. p.18.

<sup>257</sup> Ibid. p. 20.

La experiencia del año 90 debe ser aleccionadora para los argentinos. En aquella época crítica para la economía del país, los hombres de gobierno cargaron con el sambenito que les imponía el lápiz mordaz de *Don Quijote*... Vino la revolución y cayeron algunos de ellos sin tener, después, ocasión de rehabilitarse, por lo cual quedaron para siempre marcados como “ladrones públicos”.<sup>258</sup>

Além do periódico *Don Quijote*, também tiveram destaque na arte da caricatura o periódico *La Presidencia* fundado em 1874 e a revista ilustrada *Caras y Caretas* fundada nos anos finais do século XIX e que foi a substituta do periódico *Don Quijote* quando este deixou de aparecer nas ruas de Buenos Aires. De acordo com Dell'Acqua “*Caras y Caretas se había iniciado en Montevideo en 1890, dirigida por un sagaz humorista: Eustaquio Pellicer. Se decide su traslado a esta margen del Plata al desaparecer Don Quijote*”<sup>259</sup>. A importância da caricatura na Argentina foi tão expressiva que no ano de 1958 foi criado, em Buenos Aires, o *Museo Municipal de la Caricatura*, cujo decreto municipal nº 3470, que justifica a sua fundação, assim define a caricatura e os artistas responsáveis por esse gênero:

A través de la caricatura se expresa, con humorismo e ironía, el juicio popular de los hechos y de los personajes, cuyo conocimiento es útil para interpretar la significación de las distintas corrientes de opinión en cada momento histórico. [...] los artistas que han cultivado este género se han hecho acreedores al respeto y homenaje de la población, no solo por los méritos generales e intrínsecos de sus trabajos y por la sagacidad de sus interpretaciones, sino también porque su oficio no siempre puede ejercerse con libertad y provecho personal...”<sup>260</sup>

Embora no Brasil não haja um Museu dedicado exclusivamente à caricatura, conforme ocorre em Buenos Aires, sua importância e presença na sociedade brasileira não podem ser desconsideradas, principalmente a partir da segunda metade do século XIX, em que as caricaturas foram impulsionadas pelas inovações técnicas ocorridas nessa época e pela participação de imigrantes estrangeiros nessa prática artística singular e contestatória.

[...] As inovações técnicas, chegadas ao Brasil em meados do século XIX, permitiram o advento da gravura, e consequentemente da caricatura, na imprensa brasileira, causando considerável impulso, assegurando novas condições à crítica e ampliando sua influência.<sup>261</sup>

A imprensa ilustrada brasileira iniciou seu desenvolvimento nos anos 1830. Contudo, seu período áureo ocorreu na segunda metade do século XIX com o surgimento de vários periódicos publicados nas principais províncias do Império. As técnicas de aprimoramento das empresas e oficinas jornalísticas aliadas com o incremento da arte litográfica possibilitaram a ampliação do

<sup>258</sup> COLUMBA, Ramón apud DELL'ACQUA, Amadeo. *La Caricatura Política Argentina*. Op.Cit. p.20-21.

<sup>259</sup> DELL'ACQUA, Amadeo. *La Caricatura Política Argentina*. Op.Cit. p.23.

<sup>260</sup> Ibid. p. 21.

<sup>261</sup> FONSECA, Joaquim da. *Caricatura : a imagem gráfica do humor*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999. p.208-209.

número de hebdomadários. Todavia, outro fator preponderante para o desenvolvimento deste tipo de periódico foi a participação de imigrantes estrangeiros.<sup>262</sup>

A primeira caricatura conhecida no Brasil é contemporânea à primeira caricatura que se conhece na Argentina: ela data de 1837 e aparece no periódico carioca *Nova Invenção Artística*. O *Jornal do Comércio* traz a seguinte nota referente à fundação do periódico ilustrado:

Saiu à luz o primeiro número de uma NOVA INVENÇÃO ARTÍSTICA, gravada sobre magnífico papel, representando uma admirável cena brasileira, e vendida pelo módico preço de 160 réis cada número, na loja de livros e gravuras de Mongie, Rua do Ouvidor nº87. A bela invenção de caricaturas tão apreciada na Europa, aparece hoje pela primeira vez no nosso país, e sem dúvida receberá do público aqueles sinais de estima que ele tributa às coisas úteis, necessárias e agradáveis.<sup>263</sup>

Outros periódicos e revistas ilustradas que tinham nas caricaturas o instrumento principal de transmissão das suas posições e denúncias que se destacaram no Brasil, e especialmente no Rio de Janeiro, são *Semana Ilustrada* (1868-1876)<sup>264</sup>, *O Mosquito* (1869-1977), *O Mequetrefe* (1875-1893), *Revista Ilustrada* (1876-1898) e *Dom Quijote* (1895-1903). As caricaturas observadas nos periódicos e revistas ilustradas do Rio de Janeiro não tardaram muito a aparecer também no sul do país. O primeiro periódico ilustrado surgido em Porto Alegre foi *A Sentinela do Sul*, surgido a 7 de julho de 1867, cuja impressão e redação estava a cargo da Litografia Imperial, localizada na Rua da Praia, nº 186. Sobre essa questão, Damasceno afirma que:

Às vésperas da última trintena do século XIX e lado a lado de uma imprensa diária de bom tomo, começam a aparecer no Rio Grande do Sul os primeiros periódicos humorísticos, críticos e ilustrados que desde logo comunicam aos pelos provincianos, nublados e ásperos, um colorido mais vivo e um ritmo mais alegre<sup>265</sup>.

O desenvolvimento da imprensa operária tanto de Buenos Aires quanto de Porto Alegre possibilitou o aparecimento e a difusão das caricaturas, as quais estavam intimamente ligadas ao contexto político, apresentando críticas diretas e, na maioria das vezes, singelas à

<sup>262</sup> LOPES, Aristeu Elisandro Machado. **Idéias republicanas ou idéias revolucionárias? A imprensa ilustrada fluminense e o ideário republicano nos anos 1870**. Vestígios do passado, a história e suas fontes (anais). Porto Alegre, 2008. p.02.

<sup>263</sup> *Jornal do Comércio*, 14/12/1837, nº 277 In: LIMA, Herman. **História da Caricatura no Brasil**. Op.Cit. p.71.

<sup>264</sup> De acordo com Lopes “a historiografia sobre a imprensa ilustrada foi sempre unânime ao considerar que o motivo para o sucesso alcançado por Fleiuss com o seu periódico ‘Semana Ilustrada’ deveu-se a sua amizade com o Imperador Dom Pedro II” (LOPES, 2008 p.2).

<sup>265</sup> DAMASCENO, Athos. **Imprensa Caricata no Rio Grande do Sul no Século XIX**. Porto Alegre: Editora Globo, 1962. p. 13.

realidade política da época em questão. A linguagem da caricatura “*não deixa nunca margem a qualquer dúvida, pela límpida clareza e pelo tom de sinceridade*”<sup>266</sup>. Portanto, é a partir do século XIX que a população portenha e gaúcha passa a receber as primeiras imagens rabiscadas por caricaturistas que representavam (através de uma determinada percepção de mundo) o contexto político, social e econômico de ambas as sociedades.

O próximo tópico do presente capítulo será destinado à análise das caricaturas presentes nos periódicos (e suplementos) libertários e anticlericais portenhos e gaúchos, apresentando o poder de síntese e de crítica desses traçados, os quais muitas vezes serão protegidos pelo anonimato do caricaturista, tamanho era o poder contestatório desses riscos bem delineados da arte caricatural.

Caracterizar é, mesmo, a própria finalidade da caricatura moderna, em substituição à simbologia do passado. Daí o poder de síntese que se exige da caricatura, seja pessoal, seja social ou política, a fixação do traço definidor dum caráter ou duma situação, de par com a acuidade de observação, e a sensibilidade do caricaturista, em condições de lhe permitirem a apreensão de certos índices, pessoais ou coletivos, reveladores do *pathos* individual ou das massas.<sup>267</sup>

## 2.2. CONTORNOS QUE RESISTEM: CARICATURAS LIBERTÁRIAS E ANTICLERICAIS DE BUENOS AIRES E PORTO ALEGRE

Las ilustraciones eran el punto de encuentro de los trabajadores con pintores y grabadores que definían sus producciones de arte con intenciones sociales y políticas. Esos artistas entendían que las imágenes, en las que se superponían elementos realistas, simbólicos y alegóricos tenían la misión de educar al pueblo. Aguafuertes, xilografías y litografías fueron las técnicas utilizadas para denunciar la situación de los trabajadores.<sup>268</sup>

Foram analisadas 167 caricaturas libertárias e anticlericais distribuídas entre o periódico buenairense **La Protesta** e seus suplementos – **La Obra** e **Suplemento de La Protesta** – e entre os periódicos portoalegrenses de **A Luta** e **Lúcifer**. Os periódicos e suplementos escolhidos para a análise traduzem uma parte significativa da produção da imprensa operária de Buenos Aires e de Porto Alegre nos anos finais do século XIX e nas décadas iniciais do século XX. Antes de partir-se para o estudo detalhado de algumas das 167 caricaturas<sup>269</sup> (seria impossível analisar detalhadamente o montante da amostra e desgastante tanto para o leitor quanto para o próprio autor, além do que se acredita que uma análise

<sup>266</sup> LIMA, Herman. **História da Caricatura no Brasil**. Op.Cit. p.28.

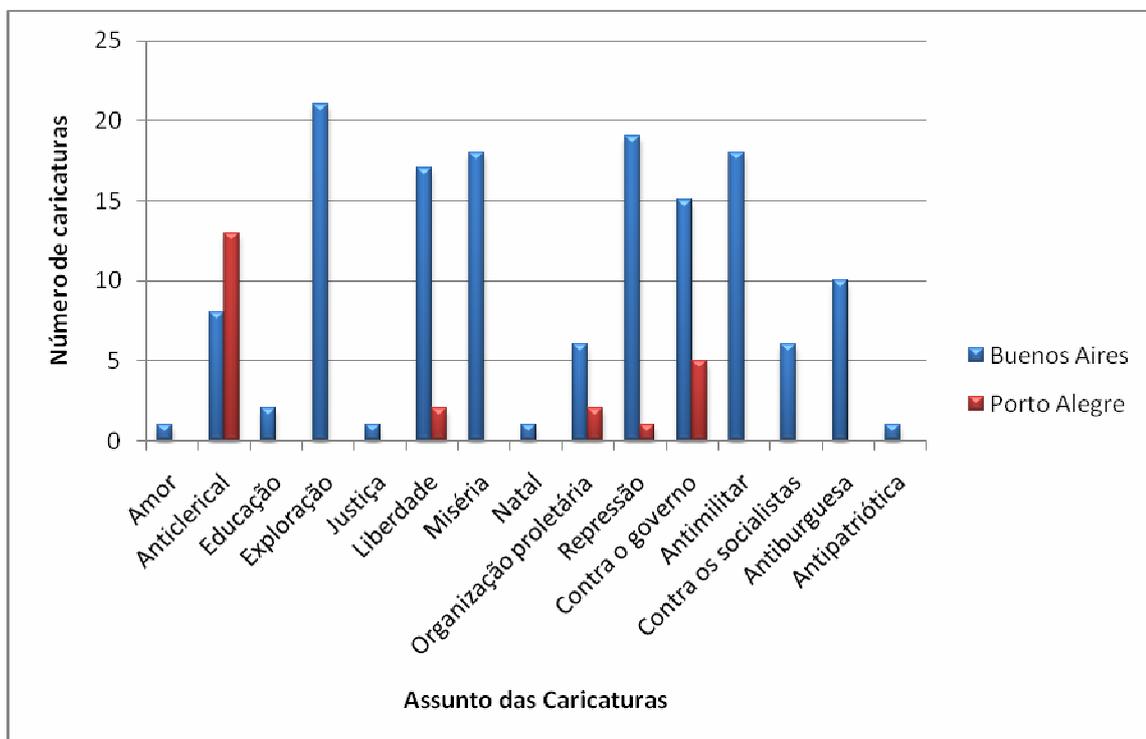
<sup>267</sup> Ibid., p.29.

<sup>268</sup> LOBATO, Mirta Zaida. **La prensa obrera**. Buenos Aires: edhasa, 2009. p. 93.

<sup>269</sup> Essas 167 caricaturas estão distribuídas da seguinte forma: 102 no periódico **La Protesta**, 28 no **Suplemento de La Protesta**, 18 no periódico **Lúcifer**, 13 no suplemento **La Obra** e 6 no periódico **A Luta**.

qualitativa das caricaturas contemple a proposta do presente trabalho) serão apresentadas algumas estimativas realizadas com a amostra total, ou seja, com as 167 caricaturas, que revelam elementos importantes tanto para a compreensão da arte da caricatura como para a sua utilização entre a imprensa operária. Antes de tudo, é relevante salientar os assuntos que apareciam com mais frequência nessas caricaturas, a fim de perceber quais os objetivos de seus traços e a quem eles se destinavam e atingiam (seja positiva ou negativamente).

Distribuindo os assuntos das caricaturas em categorias mais abrangentes, se verifica que os assuntos que aparecem com mais frequência nas charges de Buenos Aires fazem alusão à exploração sofrida pelos operários por parte tanto do Governo, quanto da Polícia e do Clero, seguida pelas caricaturas que expressam os reflexos dessa exploração através da representação da miséria em que se encontravam os trabalhadores de Buenos Aires, bem como da repressão sofrida pelos anarquistas que tentavam encontrar um jeito de aniquilar essa exploração. Já em Porto Alegre, os traços das caricaturas atacavam com mais frequência o Clero e o Governo, realizando críticas diretas e severas a ambas as instituições. O gráfico abaixo discrimina um pouco esses números, bem como apresenta outros assuntos que também eram explorados pelas mãos dos caricaturistas.



**Figura 38:** Assunto das caricaturas de Buenos Aires e Porto Alegre.

Fonte: autoria própria

Percebemos que há dois assuntos que são freqüentemente tocados nas caricaturas tanto de Buenos Aires e de Porto Alegre: o anticlericalismo e a crítica ao governo (seja criticando a pessoa do rei ou do presidente, ou à instituição estatal em si); já outros assuntos amplamente abordados nos periódicos de Buenos Aires como a exploração, a miséria, a liberdade e a repressão são pouco explorados nas caricaturas de Porto Alegre; o que permite supor que os periódicos gaúchos apresentavam essas questões através de textos e não de traços caricaturais (principalmente o periódico **A Luta**), uma vez que a exploração, miséria e repressão também faziam parte do cotidiano gaúcho. Importante ainda salientar que nos periódicos de Buenos Aires também se encontraram várias charges políticas que denunciavam diretamente os socialistas (atacando constantemente o periódico socialista *La Vanguardia*<sup>270</sup>), algo que não se percebe nos periódicos de Porto Alegre através da análise das charges; no entanto, embates entre o periódico anarquista **A Luta** e o socialista *A Democracia*<sup>271</sup> eram freqüentes (o que pode ser percebido através dos textos de ambos os periódicos); o que evidencia a importância de não analisar isoladamente um elemento do periódico, uma vez que poderia causar conclusões apressadas, superficiais e equivocadas.

Sendo assim, nos periódicos libertários e anticlericais de Porto Alegre são representadas de maneira caricatural as instituições inimigas: o Clero e o Estado, bem como aparecem (em menor número) algumas caricaturas que projetam o alcance da liberdade, depositando nesses desenhos as esperanças e crenças numa sociedade alternativa (essas caricaturas normalmente apareciam no 1º de maio). Vale salientar que a recorrência de caricaturas anticlericais em Porto Alegre se justifica pela própria utilização do periódico anticlerical **Lúcifer** que se destinava quase que exclusivamente ao combate à influência clerical. Já em Buenos Aires, a variedade de assuntos retratados pelas caricaturas libertárias perpassa tanto a exploração, a miséria, a crítica às instituições consideradas autoritárias (Estado, polícia e clero) como apresentam a justiça e a liberdade que se fariam presentes na nova sociedade; fornecendo, dessa maneira, esperança para os leitores.

---

<sup>270</sup> O periódico *La Vanguardia* foi fundado em Buenos Aires no ano de 1894 por Juan B. Justo. E, a partir do ano de 1896, se converteu no periódico oficial do Partido Socialista da Argentina. Folhando seus exemplares é possível apontar a existência de constantes embates com o periódico anarquista **La Protesta**. O periódico socialista, assim como acontece com o diário libertário, continua sendo editado nos dias atuais.

<sup>271</sup> O periódico socialista *A Democracia* foi fundado no ano de 1905 na capital gaúcha. Tal periódico foi porta-voz do Partido Operário Rio-grandense e foi publicado até o ano de 1908. Entre seus fundadores se pode citar nomes como Paulino Diamico e Francisco Xavier da Costa. Folheando a publicação socialista se verifica constantes intrigas com o periódico libertário **A Luta**, proferidas (do lado socialista) principalmente através da pessoa de Francisco Xavier da Costa. Para maiores informações sobre *A Democracia* ver: PETERSEN, 1989 e MARÇAL, 2004.

Portanto, as caricaturas políticas encontradas nos periódicos libertários de Buenos Aires do período em questão realizavam uma função dupla, a qual consistia tanto em denunciar quanto em apontar caminhos e esperanças para a classe trabalhadora. Dessa forma, os principais assuntos das charges circulavam entre as denúncias da exploração e miséria sofridas pelos trabalhadores e os ideais de liberdade e transformação social nos quais acreditavam os anarquistas; de forma que “*para los anarquistas, las imágenes desempeñaban un rol preponderante en la acción de propaganda, promoviendo su ideario entre los sectores populares*”<sup>272</sup>.

A causa da seleção, reprodução e apresentação de algumas caricaturas em detrimento de outras tem na incidência o critério principal de seleção, uma vez que a repetição e a reiteração dos temas caricaturais são significativos para a compreensão da dimensão da denúncia a que as caricaturas se destinavam.

### 2.2.1 Dia de luta e luto: as caricaturas do 1º de Maio

As primeiras caricaturas anarquistas de Buenos Aires e de Porto Alegre traziam na sua simbologia a crença na luta operária, na possibilidade real de transformação social e na liberdade (enquanto ideal a ser alcançado). Essas caricaturas apareciam geralmente nas rememorações do 1º de Maio<sup>273</sup> (essas rememorações de um *dia trágico/ de luto* também eram retratadas como *comemorações festivas* por socialistas e, posteriormente, por peronistas na Argentina e varguistas no Brasil) e apresentavam uma imagem positiva e esperançosa do futuro, acreditando no potencial de mudança dos trabalhadores através da ação, da luta.

Los textos, como los grabados, xilografías, litografías y pinturas de los artistas plásticos eran una forma de hacer “propaganda por el hecho” y

<sup>272</sup> GENÉ, Marcela. **Un Mundo Feliz. Imágenes de los trabajadores en el primer peronismo**. Buenos Aires: Fondo Cultura Económica, 2005. p. 86.

<sup>273</sup> O Dia do Trabalho (como é conhecido atualmente) foi criado em 1889, por um Congresso Socialista realizado em Paris durante a Segunda Internacional Socialista. A data foi escolhida em homenagem à greve geral, que aconteceu em 1º de maio de 1886, em Chicago, o principal centro industrial dos Estados Unidos naquela época. Milhares de trabalhadores foram às ruas para protestar contra as condições de trabalho desumanas a que eram submetidos e exigir a redução da jornada de trabalho de 13 para 8 horas diárias. Naquele dia, manifestações, passeatas, piquetes e discursos movimentaram a cidade. Mas a repressão ao movimento foi dura: houve prisões, feridos e até mesmo mortos nos confrontos entre os operários e a polícia. Em memória dos mártires de Chicago, das reivindicações operárias que nesta cidade se desenvolveram em 1886 e por tudo o que esse dia significou na luta dos trabalhadores pelos seus direitos, servindo de exemplo para o mundo todo, o dia 1º de maio foi instituído como o Dia Mundial do Trabalho.

buscaban conmover e inspirar sentimientos y acciones que redimieran a los explotados. [...] Los textos y grabados que se publicaban expresaban la esperanza en el cambio social por venir y en una sociedad donde se hubieran eliminado las injusticias así como expresaban el desprecio por los que explotaban a todos los trabajadores y creaban las miserias de la sociedad capitalista, responsable, por otra parte, de convertir en despojos a hombres, mujeres y niños.<sup>274</sup>

Na Argentina, o Primeiro de Maio foi celebrado desde 1890 e, pouco a pouco, os anarquistas imprimiram seu selo à comemoração. À diferença da celebração socialista, pacífica e de tom festivo, o anarquismo conferiu-lhe um caráter eminentemente combativo, trágico e antifestivo, referindo-se à data com conceitos como dor, pranto, rebelião, luta, martírio ou sacrifício. Esse sentimento trágico da comemoração os levou a comemorar o Primeiro de Maio sempre de maneira combativa e tumultuada. Esses atos, na maioria das vezes multitudinários, convertiam-se para os militantes libertários em verdadeiras manifestações contra o sistema e não raro terminavam em verdadeiros combates contra as forças policiais.<sup>275</sup>

A primeira aparição caricatural surgida no periódico **La Protesta Humana** (posteriormente denominado somente **La Protesta**) data de 1898 e apresenta a suposta vitória dos trabalhadores sobre o governo burguês, transmitindo, portanto, uma mensagem positiva e esperançosa do futuro; futuro esse no qual reinaria a sociedade libertária, desprovida das injustiças e mazelas do capitalismo. A legenda que acompanha a caricatura reforça a crença na organização do operariado e na possibilidade de, através dessa organização dos trabalhadores, destruir seus opressores ao mesmo tempo em que clama por essa emancipação operária: *“Hurra por la emancipación del proletariado”*. Percebe-se, através da legenda, a importância que a mesma apresenta para a caricatura, uma vez que destaca e reforça a informação contida na ilustração.

---

<sup>274</sup> LOBATO, Mirta Zaida. **La prensa obrera**. Op.Cit. p.95.

<sup>275</sup> SURIANO, Juan. **Cultura e política anarquista em Buenos Aires no começo do século XX**. In: AZEVEDO, Cecília (orgs.) [et al.]. **Cultura política, memória e historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. p.167.



**Figura 39:** Caricatura do 1º de Maio no **La Protesta**.  
 Fonte: *La Protesta Humana* 1º de mayo de 1898 nº34 p.01

Além disso, uma observação mais atenta da caricatura deixa transparecer o caráter internacional da ilustração, uma vez que a palavra em inglês “*anarchy*” visualizada na bandeira erguida pelo trabalhador indica, provavelmente, que a caricatura se destinava a uma circulação mundial e que a origem da mesma poderia remeter a um jornal de língua inglesa; sendo, portanto, reproduzida novamente no periódico argentino **La Protesta**. Percebe-se também que a caricatura aparecia na primeira página do periódico, ocupando um lugar de destaque na publicação libertária.

No entanto, o Primeiro de Maio não foi representado, na última década do século XIX, apenas pelas charges libertárias, mas também pelas socialistas, embora com perfis e simbolismos diferenciados. Na seguinte charge aparecida em 1898 no periódico socialista gaúcho *Eccho Operário*, a representação do 1º de Maio está mais ligada à uma comemoração festiva em prol dos trabalhadores unidos do que a uma lembrança aos mártires de Chicago e/ ou uma aclamação à luta e ao enfrentamento direto operariado/Estado. Esse tipo de representação do 1º de Maio pelos socialistas pode ser explicado pela própria “invenção” do 1º de Maio na Segunda Internacional em Paris, obra de marxistas que acreditavam na pedagogia da “festa”. Segundo Perrot “*o primeiro de todos os Primeiros de Maio é incontestavelmente criação de cima, e em particular da corrente marxista mais organizada*

*em termos políticos na França (os guedistas<sup>276</sup>)”<sup>277</sup>. Dessa forma, observa-se nos periódicos socialistas gaúchos o caráter menos agressivo do Primeiro de Maio (em comparação com o tom anarquista) e, em alguns casos, também o caráter festivo dessa data. Essa representação começará a mudar em 1907, quando os anarquistas começam a ganhar força e expressão em solo gaúcho e passam a retratar o Primeiro de Maio como dia de “luta” e não de “festa”. “Nesse momento, o discurso anarquista apresentava aos operários porto-alegrenses, os executores dos ‘Mártires de Chicago’ como ‘bárbaros modernos’, ‘Torquemadas do Capital’, ‘cães togados’, ‘homens sem entranhas’<sup>278</sup>. De forma que o periódico libertário **A Luta** será o responsável pela transmissão do caráter combativo e não festivo do 1º de Maio, conclamando os trabalhadores ao embate direto contra os seus opressores; de forma que trará as seguintes colocações na edição de 1º de Maio de 1908:*

[...] reivindicava que os operários não poderiam ficar indiferentes aos “crimes monstruosos” da burguesia, emendando que os trabalhadores porto-alegrenses deveriam compreender “como merecem desprezo os vilões e os hipócritas que nos vêm aconselhar calma na luta contra a violência organizada”; defendendo, por outro lado, que “contra a violência só a violência poderá vencer”<sup>279</sup>.

Mas será somente em 1914 que os operários e entidades ligadas à Federação Operária do Rio Grande do Sul (FORGS) tirarão da comemoração do Primeiro de Maio o caráter festivo que lhe era dado principalmente pela influência socialista. Já na Argentina, o caráter festivo do 1º de Maio era combatido de forma veemente desde o início das comemorações da data naquele país, demonstrando a forte presença do anarquismo já na última década do século XIX, o qual procurava relacionar a data às greves gerais e às ações efetivas contra o sistema capitalista:

Martirio y sacrificio, dolor y llanto, rebelión y lucha, eran conceptos usados reiteradamente por los anarquistas para calificar al 1º de mayo, otorgándole a la jornada un sentido eminentemente combativo y un carácter trágico y antifestivo. Vincularan a la fecha a la huelga general y le adjuntaron un sentido de enfrentamiento en bloque contra el sistema. Desde el mismo momento en que, en 1890, comenzó a celebrarse el 1º de mayo en el país, la concepción libertaria entró en colisión con la interpretación del socialismo,

<sup>276</sup> Guedistas: partidários de Jules Guedes, fundador do partido Operário Francês, em 1882. Sobre a “invenção” do 1º de Maio ver: Isabel Bilhão (2008) *“Identidade e Trabalho: uma história do operariado portoalegrense (1898-1920)”*.

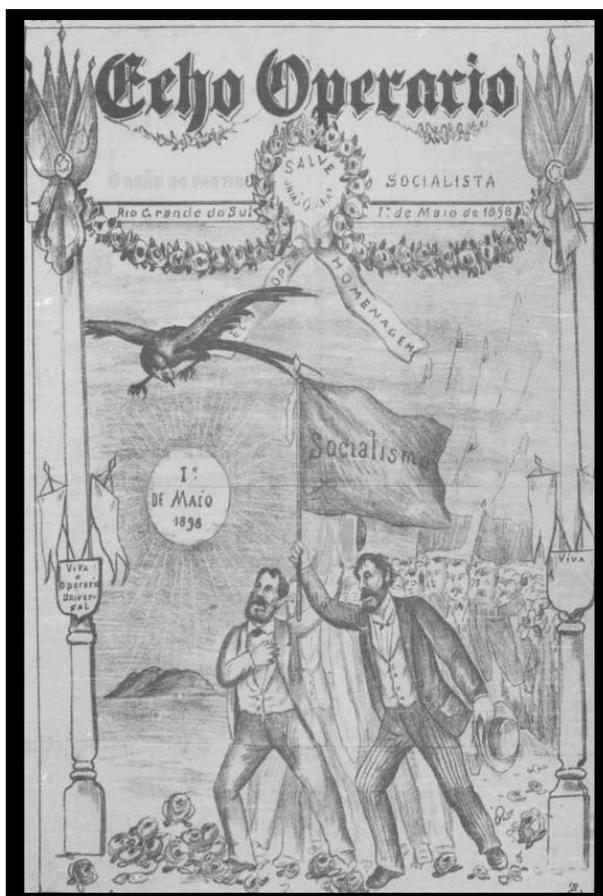
<sup>277</sup> PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 129-130)

<sup>278</sup> BILHÃO, Isabel Aparecida. **Identidade e trabalho: uma história do operariado Porto-Alegrense (1898-1920)**. Porto Alegre: Eduel, 2008. p. 224.

<sup>279</sup> Ibid. p.224.

poniendo en evidencia las profundas grietas que cruzaban el espectro de fuerzas de izquierda.<sup>280</sup>

As diferentes concepções existentes da comemoração ou rememoração do Primeiro de Maio se traduzem também nas caricaturas, as quais retratam o episódio de maneiras distintas e com objetivos também antagônicos. O trabalhador solitário representado por **La Protesta** é substituído pela coletividade obreira no periódico socialista *Eccho Operário*; a qual é guiada por dois supostos “líderes” que acreditavam nas mudanças através da via eleitoral e não pela luta e enfrentamento direto do operariado com a burguesia; bem como a bandeira do anarquismo é substituída pela do socialismo.



**Figura 40:** Caricatura do 1º de Maio no **Eccho Operário**.

Fonte: *Eccho Operário*, 1º de Maio de 1898 nº? p.01

No entanto, a grande maioria das ilustrações libertárias referentes ao Primeiro de Maio, representava os ideais de liberdade e justiça através da figura feminina. Vale ressaltar que essa figura feminina retratada nas caricaturas do 1º de Maio nada tem a ver com a mulher

<sup>280</sup> SURIANO, Juan. **Anarquistas: cultura y política libertaria en Bueno Aires**. Buenos Aires: Manantial, 2001. p. 321.

trabalhadora, com a mulher real encontrada nos bairros operários, marcada pelo sofrimento e pobreza; mas sim retrata e representa uma alegoria: a alegoria de um ideal a ser atingido. A alegoria feminina é utilizada para caracterizar a liberdade, a justiça e a anarquia. Martins, no seu estudo acerca das caricaturas anarquistas encontradas nos periódicos de São Paulo e Rio de Janeiro entre o período de 1910 a 1920, dá-se de encontro, assim como a presente análise, com a figura feminina representando alegorias e afirma que a utilização da figura feminina expressando um ideal, ou “aquilo que deve vir a ser atingido, almejado” tem origem ainda na tradição clássica da época da Grécia Antiga, mas foi consideravelmente difundida alcançando uma maior expressão na França, pois “[...] *da Primeira à Terceira República, a alegoria feminina domina a simbologia cívica francesa [...]*”<sup>281</sup>). Isso demonstra que as caricaturas libertárias eram, na sua maioria, (re)criações e (re)construções de simbolismos antes empregados pela tradição revolucionária francesa, e essa, por sua vez, inspirava-se nas representações da Grécia Antiga de ideais abstratos como a liberdade, a justiça e a igualdade.

As imagens cumpriam certa trajetória que evocou uma interlocução com tradições plásticas e simbolismos revolucionários, resultando em um movimento que não foi mera reprodução e passividade, mas, antes, apropriação, recriação e reemprego dos gravuristas, profissionais ou não, encarregados de introduzir nos impressos libertários certa linguagem visual.<sup>282</sup>

Uma das mais populares alegorias da República na França foi a figura feminina. A inspiração foi, sem dúvida, buscada na Antiguidade grega e romana, em que divindades femininas representavam idéias, valores, sentimentos. Palas Atena era a deusa da sabedoria, na guerra ou na paz, podendo aparecer também como a deusa da vitória; Afrodite era o amor, a fertilidade, a beleza; Ceres, a deusa das colheitas e da abundância.<sup>283</sup>

El sistema simbólico utilizado por el anarquismo argentino apelaba a un sin número de elementos cuya filiación abrevaba en gran medida en la etapa de las revoluciones burguesas pero, también, podía retrotraerse mucho más atrás hasta la mitología griega, porque imágenes simbólicas se resinifican constantemente y cuando pierden el contenido original se convierten en “formas vacías”. Desde la Revolución Francesa, y más precisamente durante el siglo XIX, muchas imágenes tradicionales adquirieron profanidad y, en oportunidades, carácter revolucionario. Así, el contenido político-social ocupaba y llenaba las “formas vacías”.<sup>284</sup>

<sup>281</sup> CARVALHO Apud MARTINS, Angela Maria Roberti. **O Segredo dos corpos: representações do feminino nas páginas libertárias**. In: DEMINICIS, Rafael Borges. **História do Anarquismo no Brasil**. Vol.2. Rio de Janeiro: Achiamé, 2009. p. 121.

<sup>282</sup> Angela Maria Roberti. **O Segredo dos corpos: representações do feminino nas páginas libertárias**. Op. Cit. p. 121.

<sup>283</sup> CARVALHO, José Murilo de. **A Formação das Almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.14.

<sup>284</sup> SURIANO, Juan. **Anarquistas: cultura y política libertaria en Bueno Aires**. Op.Cit. p. 305.

Na caricatura abaixo, divulgada no periódico **La Protesta** durante as comemorações do 1º de Maio de 1904, a justiça é representada pela figura feminina, a qual aparece com uma vestimenta bastante similar àquela das representações das deusas gregas, ou seja, mantos longos e soltos, que não apresentam ou traduzem denotações sexuais, dando um tom heróico à representação. A alegoria feminina aparece em destaque na caricatura, ocupando o centro da mesma, ou seja, o espaço em que a atenção do observador se focará primeiro e tal representação alegórica também encontra-se diferenciada do resto dos personagens, apresentando tons mais claros, menos sombras e mais luz. Provavelmente o caricaturista procurava expressar através de traços mais brandos a luminosidade que a justiça poderia trazer para a sociedade; luminosidade no sentido de tornar claro, visível, um futuro baseado na ruptura da exploração e injustiça característicos do mundo capitalista e na criação da sociedade libertária, desprovida do autoritarismo cruel do estado burguês. Além de traduzir a crença na justiça e na possibilidade e necessidade de mudança, a caricatura também tencionava promover a ação dos trabalhadores no sentido de se organizarem para possibilitar a vitória da justiça e a conquista da emancipação social. Tal intenção era ainda reforçada pelas palavras que acompanhavam os riscos: "*El mundo del trabajo emplaza a todos los tiranos que hoy le oprimen, para el gran dia de la justicia universal*". A legenda reforça a crítica aos “tiranos” ao mesmo tempo em que traz uma mensagem de luta e de esperança, uma vez que se acredita na vitória da justiça. Portanto, “*associando palavras e imagens, a gravura reforçava a sua mensagem política direta e explícita*”<sup>285</sup>. A aparição da legenda na maioria das caricaturas libertárias reafirma o papel que a mesma tinha em reforçar e explicitar a crítica expressada através do lápis feroz dos caricaturistas. Das 167 caricaturas, 115 ou 69% delas apresentavam legendas (sejam elas compostas por frases curtas, textos, contos e/ou poesias mais extensas). A utilização de legendas acompanhando as caricaturas não é um fato exclusivo das caricaturas políticas aqui analisadas, mas, pelo contrário, é visualizado na maioria das caricaturas políticas existentes, independente do caráter político que apresentam (socialista, anarquista, capitalista). Burke, ao analisar as caricaturas do socialismo russo, verifica a utilização de textos didáticos para tornar o efeito da caricatura mais completo.

[...] as imagens visuais eram algumas vezes reforçadas com textos didáticos ou exortativos tais como “aquele que deseja comer precisa trabalhar”. Mais

---

<sup>285</sup> MARTINS, Angela Maria Roberti. **O Segredo dos corpos: representações do feminino nas páginas libertárias**. Op.Cit. p.138.

uma vez, um iconotexto era considerado como mais efetivo do que uma imagem apenas.<sup>286</sup>



**Figura 41:** Caricatura do 1º de Maio no *La Protesta*.  
Fonte: *La Protesta*, 1º de Mayo de 1904 nº 283 p.01

Além da utilização da alegoria feminina para representar a justiça, a mesma alegoria também era constantemente utilizada para representar a liberdade nas ilustrações libertárias do 1º de maio. E, do mesmo modo que a representação feminina da justiça, a da liberdade também apresentava vestes longas e não tinha o objetivo de seduzir, nem mesmo quando a mulher representada estava com os seios desnudos, pois, o objetivo da nudez era demonstrar o caráter materno e protetor da figura feminina, traduzindo, possivelmente, o poder que as mulheres tinham de alimentar, de suprir as necessidades iniciais dos entes da sociedade<sup>287</sup>. Carvalho<sup>288</sup> percebe o emprego da nudez feminina nas ilustrações também enquanto idealização do caráter maternal e protetor. No entanto, as mulheres representadas com a finalidade de traduzirem os sentimentos abstratos da liberdade e da justiça eram sempre belas e esbeltas, contrastando com a mulher trabalhadora real, a qual, na maioria das vezes, era

<sup>286</sup> BURKE, Peter. **Testemunha Ocular: História e Imagem**. São Paulo: EDUSC, 2004. p.81

<sup>287</sup> Sobre a simbologia da nudez feminina ver SENNET, 2003.

<sup>288</sup> CARVALHO, José Murilo de. **A Formação das Almas: o imaginário da República no Brasil**. Op.Cit.

desprovida de beleza<sup>289</sup> e marcada pelos traços do sofrimento. Na caricatura abaixo tem-se a representação da liberdade através da figura feminina, a qual está segurando uma tocha da qual emanam raios e luminosidade. A tocha, os raios e a luminosidade simbolizam a sabedoria, a “luz” necessária para a futura emancipação social. O historiador de arte Ernst Gombrich<sup>290</sup> interpreta a utilização de “raios” como uma transição natural do simbolismo religioso ao político; portanto, relaciona a analogia da luz com o bem e a verdade. De maneira que nas caricaturas libertárias de 1º de Maio, a alegoria feminina era a portadora da sabedoria e da verdade. Segundo Mirta Lobato:

[...] en la iconografía anarquista del 1º de mayo la mujer aparece como portadora de la luz o de los símbolos de identidad como las banderas, a veces representa la victoria, señala el camino del futuro o se asocia a la fertilidad y al crecimiento<sup>291</sup>.

[...] la luz era utilizada como símbolo para orientar a los “cerebros obtusos”, a los confundidos, a los ignorantes. La luz, representada por el sol o una antorcha, fue un recurso frecuentemente empleado tanto en los textos escritos como en las representaciones gráficas, en particular en los dibujos que se publicaban cada 1º de Mayo con la conmemoración del Día de los Trabajadores.<sup>292</sup>

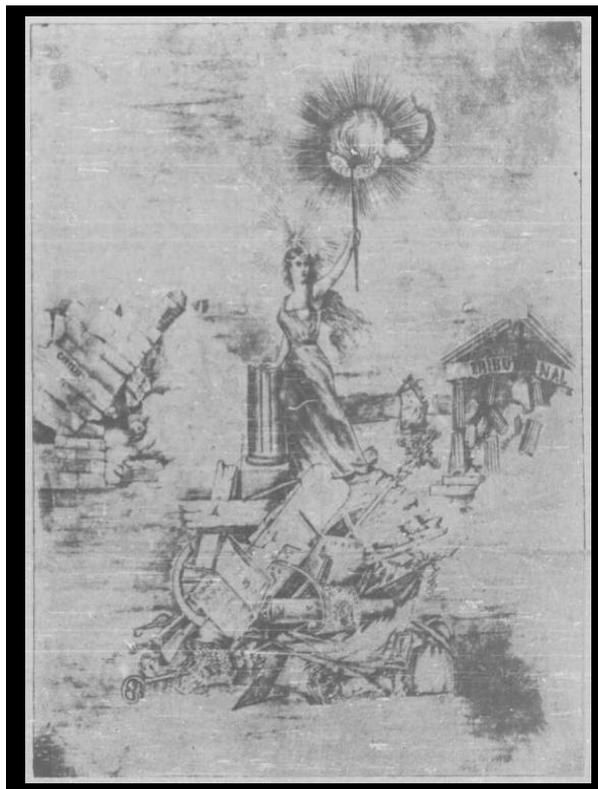
---

<sup>289</sup> Sabe-se que o ideal de beleza do início do século XX caracteriza-se, via de regra, por corpos “obesos” e não raquíticos como eram representadas as trabalhadoras nas caricaturas libertárias.

<sup>290</sup> GOMBRICH, E.H. **História da Arte**. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix Editora, 1980.

<sup>291</sup> LOBATO, Mirta Zaida. **La prensa obrera**. Buenos Aires: edhasa, 2009. p. 147.

<sup>292</sup> Ibid.p.159.



**Figura 42:** Caricatura do 1º de Maio no **A Luta**.

Fonte: *A Luta*, 1º de Maio de 1909 n° 44 p.01

A caricatura acima encontrada na capa do periódico gaúcho **A Luta** durante o 1º de Maio de 1909 é também encontrada no periódico anticlerical paulista **A Lanterna** no primeiro de Maio do ano de 1916 e, possivelmente, foi reproduzida também em outros periódicos anarquistas; o que demonstra a grande circulação e repetição das caricaturas na imprensa operária. Por ter aparecido antes no periódico gaúcho e posteriormente no paulista é possível que a presente caricatura tenha sido observada pelos gaúchos em periódicos rioplatenses (provavelmente da Argentina ou Uruguai), uma vez que o intercâmbio de periódicos entre esses países era uma constante, e essa provável observação teria possibilitado a sua transferência e (re) aparição no periódico gaúcho **A Luta** e, anos depois, uma nova aparição no periódico paulista **A Lanterna**. É importante lembrar que havia uma grande circulação entre os periódicos operários em questão, de maneira que tanto enviavam seus exemplares para os outros periódicos, como recebiam, estabelecendo assim uma destacada relação de trocas e diálogos, a qual contribuía para o aprimoramento da imprensa operária. Bilhão<sup>293</sup> ao confrontar elementos das produções impressas gaúchas e portuguesas constatou

<sup>293</sup> BILHÃO, Isabel Aparecida. **Identidade e trabalho: uma história do operariado Porto-Alegrense (1898-1920)**. Porto Alegre: Eduel, 2008.

que muitos dos documentos analisados (opúsculos, livretos e panfletos) eram traduzidos do francês, italiano, alemão e inglês para o português e espanhol, impressos nas gráficas de Lisboa e Porto e distribuídos tanto em Portugal e Espanha como no Brasil, criando um processo de “identificação” entre os operários que não era mais local ou regional, mas sim de pertencimento ao “operariado universal”.

Na figura acima, a mulher, alegoria da liberdade, trazia a luz e a sabedoria necessárias para construir a nova sociedade sobre os escombros da antiga (vê-se as antigas instituições como o tribunal e o clero em ruínas na representação caricatural). Além disso, a caricatura apresentava vários traços da cultura clássica, que se traduziam tanto nas vestes da mulher, como na coluna em estilo jônico na qual a mulher apoiava a sua mão direita e na tocha erguida bravamente (a tocha da sabedoria). Tais alusões à cultura clássica transferiam um valor heróico e sensibilizador à caricatura, possibilitando que esta realizasse a função de sensibilizar e tocar o seu receptor<sup>294</sup>. De acordo com Suriano a utilização da figura feminina para representar a liberdade seria uma (re) significação de uma imagem do cristianismo. Segundo ele:

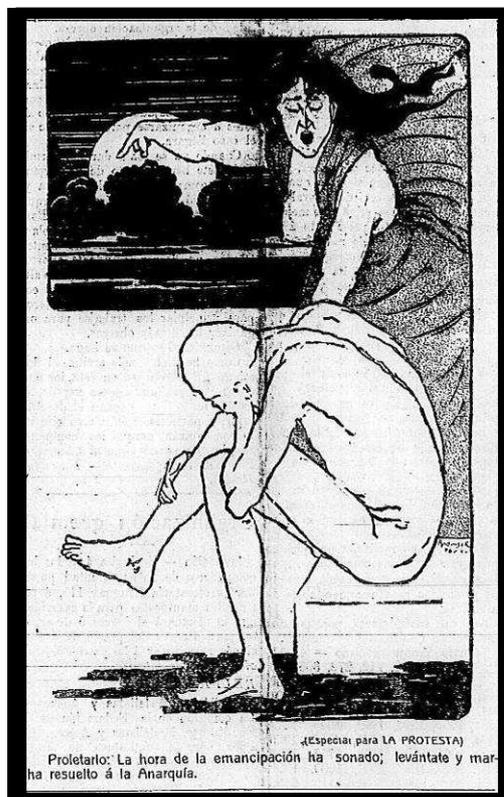
En realidad, la mujer, representativa de la libertad, era la resignificación profana de una imagen de claro simbolismo espiritual utilizada por la iconografía cristiana. En ella, la heroína coloca sus pies sobre un hombre o serpientes y dragones en clara alusión al triunfo del bien sobre el mal. En nuestra imagen la mujer-libertad (el bien) está parada sobre los símbolos de la sociedad capitalista (el mal).<sup>295</sup>

A caricatura em questão se encaixa perfeitamente na descrição de Suriano, uma vez que a “mulher-liberdade” encontra-se sobre os escombros do capitalismo: os tribunais (detentores das leis e do poder estatal) e o clero (detentor do poder espiritual); indicando a superação do capitalismo e a vitória da liberdade. A representação feminina tinha, portanto, o papel principal de encorajar e de nutrir esperanças nos trabalhadores fazendo com que os mesmos realizassem ações pensando na aparição da anarquia, do futuro sonhado. Por isso, a representação feminina aparece, em várias das caricaturas analisadas, aconselhando e encorajando os trabalhadores a agirem em prol dos ideais libertários. Na caricatura abaixo, visualizada no periódico argentino **La Protesta**, a mulher está aconselhando o trabalhador a lutar pelos seus ideais e a não desistir da batalha; realizando, dessa maneira, sua função de

<sup>294</sup> Segundo Raquel de Azevedo, essa gravura foi uma criação do operário espanhol Angelo las Heras. E, segundo ela, ao longo dos anos 20 e 30, ela foi reproduzida em diversos jornais operários e anarquistas (AZEVEDO In MARTINS, 2009 p.124). No entanto, a aparição dessa caricatura no periódico gaúcho **A Luta** em 1909 demonstra que a sua utilização e circulação na imprensa operária brasileira foi anterior ao ano de 1910.

<sup>295</sup> SURIANO, Juan. **Anarquistas: cultura y política libertaria en Bueno Aires**. Op.Cit. p. 304.

estimular e de impulsionar o trabalhador em direção à “anarquia”. Função essa que é reforçada na legenda, a qual apresenta o conselho concedido pela representação feminina ao proletário: “*Proletário: la hora de la emancipación ha sonado; levántate y marcha resuelto á la Anarquía*”.



**Figura 43:** Caricatura de “encorajamento” no **La Protesta** (1909).

Fonte: *La Protesta*, 1º de Mayo de 1909 n° 1635 p.01

Ao fundo da caricatura vislumbra-se o nascer do sol, o amanhecer que não se refere apenas ao porvir de um novo dia, mas também ao início de um novo ciclo marcado pela anarquia. É importante apontar que essa caricatura aparece durante a ocasião do Primeiro de Maio de 1909, evento esse que ficou marcado pela intensa repressão empregada pela polícia argentina aos participantes (na maioria, anarquistas) da “memoração” desse dia de “luto e luta”. Referindo-se aos acontecimentos do Primeiro de Maio de 1909 em Buenos Aires, Suriano esclarece que:

O mais importante [1º de Maio] foi sem dúvida o realizado em 1909, que terminou com uma dezena de manifestantes mortos pela repressão policial e uma greve de repúdio que durou uma semana. Seis meses depois, diante da falta de punição aos responsáveis pelo massacre, produziu-se a sua seqüela mais dramática, quando um jovem anarquista russo assassinou o chefe de polícia de Buenos Aires.<sup>296</sup>

<sup>296</sup> SURIANO, Juan. **Cultura e política anarquista em Buenos Aires no começo do século XX**. In: AZEVEDO, Cecília (org.). **Cultura política, memória e historiografia**. Op.Cit. p.167.



**Figura 44:** Caricatura do 1º de Maio no **La Protesta** (1914).  
 Fonte: *La Protesta*, 1º de Mayo de 1914 nº 1881 p.01

Na representação acima, a figura feminina também aparece consolando/ encorajando o trabalhador, ao mesmo tempo em que faz alusão à liberdade e traz a luz (sabedoria) estampada na sua testa. Ela está tocando com sua mão esquerda o ombro de um operário cansado, ao mesmo tempo em que é seguida por uma criança. Tal representação é confortante, uma vez que a alegoria feminina procura transmitir sentimentos de esperança e força para o operário que já está cansado e desgastado; ao mesmo tempo em que tem sua função de mãe e progenitora reafirmadas na caricatura, através tanto da presença da criança quanto do retrato de seu seio desnudo. De acordo com Paiva<sup>297</sup> a figura feminina representava a mãe revolucionária dos explorados do mundo capitalista e, ao mesmo tempo, a progenitora de dias melhores, aquela que conduziria, nutriria e protegeria seus filhos em tempos de transição para a sociedade libertária.

Na presente caricatura, nota-se ainda a presença de um livro nos pés do trabalhador, evidenciando a importância que os libertários conferiam à educação, uma vez que

<sup>297</sup> PAIVA, Eduardo França. **História e Imagens**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

acreditavam que a mesma tinha um papel fundamental na difusão dos ideais anárquicos entre, principalmente, os trabalhadores<sup>298</sup>.



**Figura 45:** Caricatura do 1º de Maio no **A Luta** (1907).

Fonte: *A Luta*, 1º de Maio de 1907 nº 16 p.01

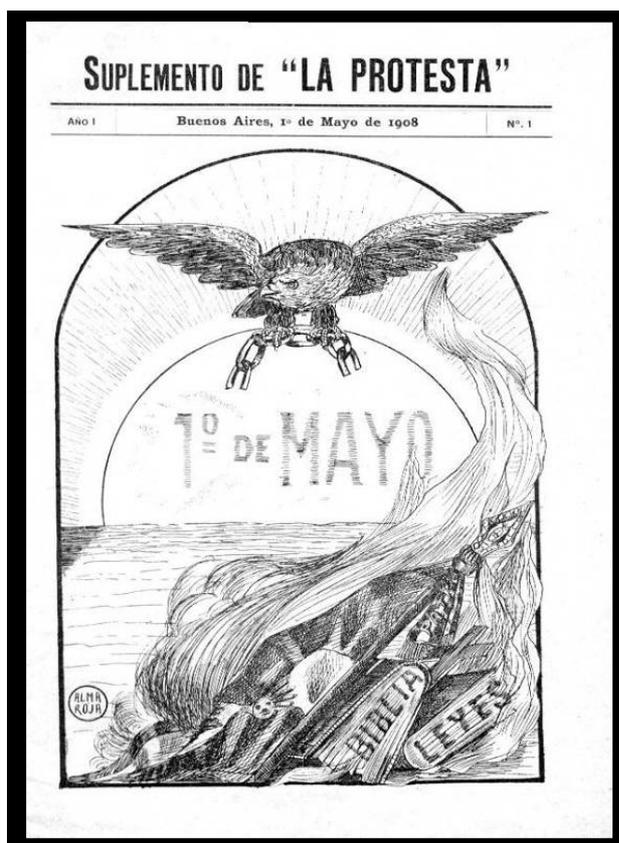
Representação similar aparece na caricatura intitulada *A Libertadora* estampada no periódico **A Luta** de 1907, na qual a figura feminina (a libertadora) está segurando na mão de um trabalhador e convocando este para a luta, ou seja, para agir pela transformação social. No entanto, a figura feminina não ajudaria somente esse operário que ela está conduzindo, mas, através dele, auxiliaria toda a massa operária, representada pela coletividade de trabalhadores no desenho. Ou seja, a figura feminina tanto confortava como induzia à ação. E essa era a função da caricatura acima: convencer/ encorajar os trabalhadores leitores do periódico **A Luta** a participarem ativamente do movimento operário gaúcho, realizando ações efetivas objetivando mudanças estruturais na sociedade portoalegrense.

Revolução, Anarquia e Liberdade, portanto, freqüentemente, se intercambiavam nas imagens em que o corpo feminino era tomado como suporte de mensagens políticas, procurando sensibilizar o leitor/observador

<sup>298</sup> Assunto já explorado no primeiro capítulo desta dissertação (educação libertária/função pedagógica).

para a ação revolucionária capaz de libertá-lo da sua infelicidade e, ao mesmo tempo, de abrir uma perspectiva positiva em relação ao futuro<sup>299</sup>.

Verifica-se certa similaridade entre essas caricaturas de Porto Alegre e de Buenos Aires que estampam o Primeiro de Maio: a utilização da alegoria feminina e o encorajamento dos trabalhadores. Portanto, ao mesmo tempo em que essas caricaturas, relacionadas à simbologia do 1º de Maio, denunciavam uma sociedade baseada na exploração e injustiça, também apresentavam esperanças traduzidas na vitória da liberdade e da justiça retratada nas imagens acima, dando subsídios emocionais para que os trabalhadores agissem em busca dessa vitória, que já estava retratada como certa nas caricaturas libertárias. Assim, ao mesmo tempo que essas caricaturas procuravam atacar a sociedade burguesa ao caracterizá-la pela opressão, exploração e injustiça, elas também procuravam corrigir os males desta sociedade, de forma que *“insinua-se a intenção inconfessada de humilhar e, com ela, certamente, de corrigir, pelo menos exteriormente”*<sup>300</sup>.



**Figura 46:** Caricatura do 1º de Maio no Suplemento de **La Protesta** (1908).  
 Fonte: *Suplemento de La Protesta*, 1º de mayo de 1908, nº1 p.01

<sup>299</sup> MARTINS, Angela Maria Roberti. **O Segredo dos corpos: representações do feminino nas páginas libertárias**. Op.Cit. p. 135.

<sup>300</sup> BERGSON, Henri.. **O Riso: ensaio sobre a significação do cômico**. Op. Cit. p.73.

Outra maneira de representar os anseios de liberdade e de justiça durante as comemorações do 1º de Maio era a substituição da alegoria feminina representando “a liberdade”, “a anarquia” ou “a justiça” por uma águia segurando uma corrente rompida. Nesse caso, a águia, que já é sinônimo de liberdade por si só, pois é um animal que pode “voar livremente” e ter uma visão panorâmica da realidade, ao mesmo tempo em que não é uma “presa fácil” como a maioria das aves, tem essa sua característica peculiar reforçada pelo fato de ser representada segurando uma corrente rompida; uma vez que a corrente rompida significa libertação, fuga, ruptura. “*A corrente, desde a Antigüidade, indicava a submissão e o controle de seres considerados perigosos, como no mito de Prometeu. E a corrente partida indicava a libertação...*”<sup>301</sup>. Na charge acima observada no **Suplemento de La Protesta** de maio de 1908, a águia está se libertando das amarras empreendidas pelas instituições do Clero e do Estado (representadas na caricatura pela Bíblia e pelo livro das leis) e constituindo um novo porvir iluminado (por isso os raios e o sol no horizonte). Sobre a referida caricatura, o primeiro editorial do **Suplemento de La Protesta** atenta que:

En el segundo grabado Alma Roja presenta el pensamiento-acción, simbolizado en el águila de potentes pico y garras, altísimo vuelo, rompiendo las cadenas que sujetan al hombre por dentro y por fuera, su cerebro y su cuerpo.<sup>302</sup>

O sol e os raios também aparecem no horizonte iluminando a caricatura trazida no periódico **La Protesta** em maio de 1908 e reproduzida novamente em junho do mesmo ano no **Suplemento de La Protesta**. Nesse caso, a alegoria da liberdade está representada por um lobo/cachorro que aponta para a força do operariado. Força esta que tem por base a educação dos princípios libertários (por isso o lobo/cachorro encontra-se sustentado pelo livro da anarquia). Portanto, na seguinte caricatura, além da crença no operariado e na futura revolução social, também é novamente destacado o importante papel que os anarquistas conferiam à educação, ao conhecimento necessário para a construção da sociedade libertária. O reflexo do significativo valor que os anarquistas, no geral, conferiam à educação pode ser sentido através da fundação de inúmeras escolas operárias, de bibliotecas populares e de

---

<sup>301</sup> MARTINS, Angela Maria Roberti. **O Segredo dos corpos: representações do feminino nas páginas libertárias**. Op.Cit. p. 136.

<sup>302</sup> SUPLEMENTO DE LA PROTESTA, Buenos Aires, 1º de mayo de 1908, nº1 p.27.

inúmeros periódicos, revistas e folhetos que tinham por objetivo principal educar a classe operária e propagar os ideais ácratas<sup>303</sup>.



**Figura 47:** Caricatura do 1º de Maio no *La Protesta* e no *Suplemento de La Protesta* (1908).  
Fonte: *La Protesta*, 1º de Mayo de 1908 nº 1336 p.01 e *Suplemento de La Protesta*, junio de 1908 nº02

Ilustrarse y conocer fue un binomio clave en la propuesta de comunicación de los gremios porque consideraban que el conocimiento era imprescindible para cambiar la situación de las clases laboriosas. Había que saber leer y escribir, tener nociones de ciencias sociales y naturales así como entender de estadística, ya que era necesaria para recabar datos, cuantificarlos y discernir sobre los problemas de la sociedad. [...] los periódicos eran una herramienta para convertir a los obreros en seres ilustrados, racionales y en agentes del cambio social.<sup>304</sup>

Como nos bairros operários tanto de Buenos Aires quanto de Porto Alegre o índice de analfabetismo era bastante elevado, as escolas libertárias tiveram um importante papel sendo responsáveis por uma diminuição do número de analfabetos nessas cidades e pela conversão de um maior número de indivíduos aos ideais ácratas (mesmo que esse número não fosse tão

<sup>303</sup> Acracia e ácratas são sinônimos de anarquia e anarquistas, respectivamente. A palavra origina-se da junção das palavras gregas  $\alpha$  e  $\kappa\rho\acute{\alpha}\tau\omicron\varsigma$  ( $\alpha$  = "não" e  $\kappa\rho\acute{\alpha}\tau\omicron\varsigma$  = força, poder); significando, portanto a negação do poder e da autoridade; verificando maior liberdade ao indivíduo. Ver Mora, 2004.

<sup>304</sup> LOBATO, Mirta Zaida. *La prensa obrera*. Op. Cit. p. 49.

relevante). Embora Suriano ressalte que as escolas libertárias em Buenos Aires não tenham atingido a maioria dos trabalhadores e que a manutenção das mesmas sempre foi uma questão difícil, não se pode negar o valor das mesmas no contexto portenho, uma vez que chegaram a atingir “*medio millar de alumnos*”<sup>305</sup>. O número de alunos nas escolas libertárias de Porto Alegre também não correspondia à maioria dos trabalhadores, mas mesmo assim representava uma contribuição (mesmo que pequena) em termos culturais. Sendo que a escola Moderna, inaugurada em meados de 1914 na cidade gaúcha, contava com “*96 alumnos menores e 25 adultos*”<sup>306</sup>. Tais escolas geralmente ofereciam também um atendimento noturno, para que os operários adultos também fossem alfabetizados e impregnados do espírito anárquico.

Somos partidários da escuela libre y pensamos como Reclus que “aprender es la virtud por excelência del individuo libre, emancipado de toda tutela autoritária, tanto divina como humana. Y esta virtud rechaza lo mismo que la Iglesia y al Estado, a todos que en nombre de una razón suprema se abrogan el derecho de pensar y hablar por los demás y a los que por voluntad del estado, inponen leyes y una pretendida moral exterior reglamentada y definida. Así, pues, el hombre que quiere desenvolverse y ser moral debe hacer absolutamente lo contrario de cuanto el progreso”.<sup>307</sup>

#### **Circular de la Escuela Moderna**

[...] Conforme nuestro deseo de instalar una escuela en la que se eduque de acuerdo con los dictados de la razón y de la ciencia, hemos hecho practica la instalación de la “Escuela Moderna” en el cómodo local: Uspallata 407; funciona hace mês y medio en que reciben educación ciento y treinta niños<sup>308</sup>.

#### **ESCOLA ELISEU RECLUS**

Por iniciativa de moços estudiosos foi, com esta determinação, fundado um grupo de estudos livres baseados no mesmo princípio das modernas universidades populares, onde podem os trabalhadores encontrar fácil meio de adquirir conhecimentos, que lhe são vedados em vista das condições econômicas em que a maioria se encontra. [...] Cada um ensinando o que sabe e procurando cada qual aprender o que ignora, à noite reúnem-se ali em convivência sã aqueles moços, mantendo palestras interessantes, das quais sempre se sai aprendendo alguma coisa de novo.<sup>309</sup>

Outros exemplos de escolas libertárias (também chamadas de escolas populares ou racionalistas) de que se tem notícias nos periódicos anarquistas de Porto Alegre e de Buenos Aires são a Escuela Moderna e a Escola Eliseu Reclus. A primeira fundada em Buenos Aires em 1909 e a segunda em Porto Alegre anos antes, em 1906, e da qual se tem notícias até

<sup>305</sup> SURIANO, Juan. **Auge y caída del anarquismo: Argentina, 1880-1930**. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2005. p. 41.

<sup>306</sup> PETERSEN, Sílvia. **Antologia do Movimento Operário Gaúcho (1870 – 1937)**. Porto Alegre: UFRGS, 1992. p. 188.

<sup>307</sup> **LA PROTESTA**, Buenos Aires, 5 de noviembre de 1904, n°442 p.02.

<sup>308</sup> **LA PROTESTA**, Buenos Aires, 9 de enero de 1909, n° 1539 p.02.

<sup>309</sup> **A LUTA**, Porto Alegre, 13 de setembro de 1906, n° 1 p.01.

1914<sup>310</sup>. Ambas escolas eram influenciadas pelas idéias do educador Francisco Ferrer<sup>311</sup>, o fundador do modelo das Escolas Modernas.

A Escola Moderna tenciona combater todos os preconceitos que impedem a emancipação total do indivíduo, e é por isso que ela adota o racionalismo humanista, que consiste em inculcar na infância o desejo de conhecer a origem de todas as injustiças sociais a fim de que, por esse reconhecimento, ela possa, em seguida, combatê-las e opor-se a elas.<sup>312</sup>

Para Ferrer y Guardia, as escolas laicas e clericais tinham uma “pedagogia moderada”; enquanto que as escolas anarquistas, existentes nos ateneus, eram demasiadamente “marcadas política e socialmente”. Ele apresentava, desta forma, sensibilidade em reconhecer que o anarquismo assustava a classe média, e sua escola, apesar de revolucionária, tendia à emancipação humana e não de classe.<sup>313</sup>

Ferrer y Guardia foi executado em 1909 em Barcelona por ter sido acusado de participar do episódio conhecido como Semana Trágica<sup>314</sup>. A repercussão da execução de Ferrer foi expressiva nos periódicos da imprensa operária mundial; de forma que o próprio periódico *Lúcifer*, de Porto Alegre, estampa uma caricatura que traduz o dramático acontecimento.

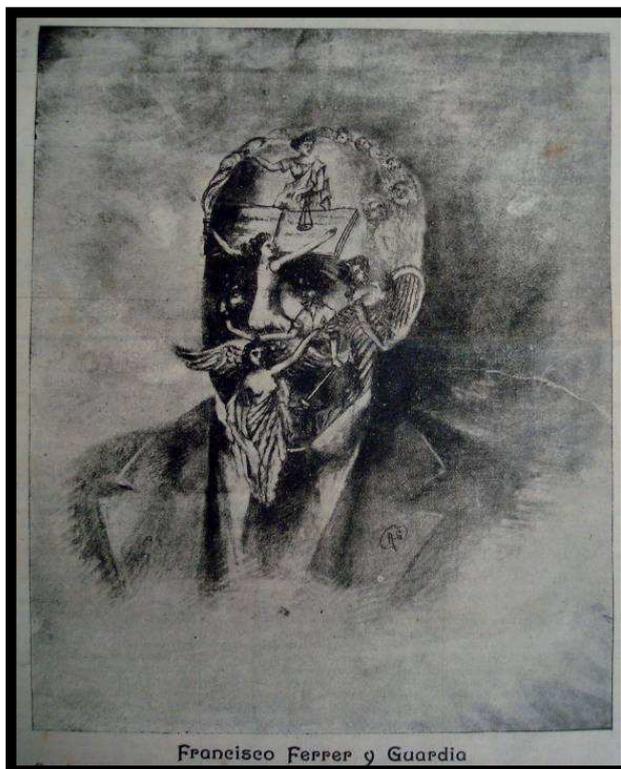
<sup>310</sup> Segundo informa o historiador Edgar Rodrigues em *Nacionalismos e cultura social (1913-1922)*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1969.

<sup>311</sup> **Francisco Ferrer Guardia** nascido em 10 de janeiro de 1849 foi um pensador anarquista catalão, criador da Escola Moderna (1901), um projeto prático de pedagogia libertária. Segundo a Profa. Dra. Maria Aparecida Macedo Pascal "Ferrer desenvolveu o método racional, enfatizando as ciências naturais com certa influência positivista, privilegiando a educação integral. Propõe uma metodologia baseada na cooperação e respeito mútuo. Sua escola deveria ser freqüentada por crianças de ambos os sexos para desfrutarem de uma relação de igualdade desde cedo. A concepção burguesa de castigos, repressão, submissão e obediência, deveria ser substituída pela teoria libertária, de formação do novo homem e da nova mulher. Ferrer considerava que o cientificismo não era um saber neutro. Aqueles que tem o poder se esforçam por legitimá-lo através de teses científicas". Para aprofundar o estudo sobre a pedagogia de Francisco Ferrer ver: SAFÓN, Ramón (2003).

<sup>312</sup> SAFÓN apud PROCHNOW, Lucas Neves. **Memórias, Narrativas e História: a imigração espanhola recente em Porto Alegre**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós Graduação em História. PUCRS, Porto Alegre, RS, 2009. p.39.

<sup>313</sup> PROCHNOW, Lucas Neves. **Memórias, Narrativas e História: a imigração espanhola recente em Porto Alegre**. Op. Cit. p.40.

<sup>314</sup> Semana Trágica é o nome usado para referenciar os sangrentos acontecimentos desenvolvidos em Barcelona e outras cidades da Catalunha, de 26 de Julho a 2 de Agosto de 1909, com o enfrentamento entre o exército e a classe operária, apoiada pelos anarquistas, socialistas e republicanos. É importante ressaltar que Ferrer não se encontrava em Barcelona durante a “Semana Trágica” sendo acusado e, posteriormente, executado injustamente. Sobre a semana trágica ver: ULLMAN, Joan Connelly (1972).



**Figura 48:** Caricatura em homenagem a Francisco Ferrer no *Lúcifer* (1911).  
Fonte: *Lúcifer*, 20 de abril de 1911, nº9 p.08

O busto de Ferrer é coberto por elementos que simbolizam algumas de suas virtudes: o livro simboliza a sabedoria; os anjos, a sua inocência e a alegoria feminina segurando a balança, a justiça. A legenda que acompanha a caricatura reforça essas virtudes de Ferrer e denuncia o absurdo do seu assassinato: *“a alegoria exprime as virtudes que ornavam a mente e o grande coração do excelso educador: a inocência, a justiça, a ciência, fraternidade e trabalho, a arte e a paz. Grande mestre racionalista assassinado no castelo de Montjuich de Barcelona no dia 13 de outubro de 1909 pelo governo clerico-monárquico espanhol”*. Portanto, o caricaturista A.G (A.Gabrielli) culpava o governo monárquico espanhol e o clero pela execução do libertário Francisco Ferrer e denunciava o fracasso dessas instituições (Clero e Estado) no processo de emancipação social.

Dessa maneira, as caricaturas que estampavam os periódicos libertários durante o 1º de maio tinham a dupla função de tanto denunciar as injustiças da sociedade capitalista, quanto de encorajar, chamar o operariado à luta. Além disso, elas apareciam (na maioria das vezes) na **primeira página** do periódico sendo, dessa maneira, uma estratégia doutrinária empregada para atrair a atenção do leitor e, ao mesmo tempo, sensibilizá-lo às causas libertárias. O Primeiro de Maio era, portanto, para os libertários, um dia de luto e luta, de lembrar para modificar, para transformar. Não era uma festa, mas, pelo contrário, um dia de muito esforço

rumo à organização operária. Esse caráter de luta vinculado ao 1º de maio é reforçado tanto no boletim distribuído pela FORGS ao operariado portoalegrense por ocasião do 1º de maio de 1913 quanto no periódico **La Protesta Humana** em 1898:

Operários! No dia de hoje, quando todas as vossas atenções convergem para o problema da emancipação dos trabalhadores, dirigímo-nos mais uma vez à vossa consciência e ao vosso coração. Longe de nós querer iludir-vos com palavras retumbantes ou atos festivos que comemoram o dia 1º de maio, pois convencidos estamos de que se esta data merece uma comemoração, esta, longe de ser de rigozijo de festa, devia ser toda de pesar e tristeza. [...] esta data tem sido assinalada por toda a parte com lutas formidáveis nas quais o proletariado muito sangue tem derramado em defesa de seus ideais. [...] Operários! Organizai-vos se quiserdes vencer!<sup>315</sup>

Recordemos al 1ª de Mayo está bien, pero no olvidemos que es necesario volver a la lucha, a la huelga general, aleccionados por la experiencia, sin dejarnos sorprender por los que, de buena ó mala fe, tienen interese en mantener a la masa en actitud pacífica e indefesa. Recordemos el 1º de Mayo, pero no seamos ingratos ni injustos: dediquemos también un recuerdo a los mártires de Chicago, las primeras víctimas de la huelga por las ocho horas.<sup>316</sup>

Dessa forma, arte e política, imagens e textos se fundiam nos periódicos libertários com a finalidade de construir uma sociedade mais justa; e essa construção era impulsionada e sugerida pelas caricaturas do 1º de maio. Segundo o historiador Juan Suriano “*para los anarquistas, las imágenes desempeñaban un rol preponderante en la acción de propaganda, promoviendo su ideario entre los sectores populares*”<sup>317</sup>. Porém, nem sempre o 1º de maio será lembrado como um dia de “luto e luta”, sua significação mudará conforme as crenças da época, o grupo que o irá lembrar e as intenções dessa rememoração. No peronismo, por exemplo, o que antes era lembrado por anarquistas como um dia de organização da classe operária em prol de uma sociedade mais justa e igualitária, passa a ser lembrado enquanto uma comemoração, um dia festivo, em que os trabalhadores festejam alegremente as supostas conquistas que conseguiram no que se refere às condições de trabalho. No lugar da luta, portanto, fica a festa e no lugar da tristeza e pesar, a alegria e o descaso com as vítimas de Chicago e do sistema capitalista. O trabalhador que antes era retratado com traços de sofrimento e esperança (com a crença clara na luta pela emancipação social) passa a ser

<sup>315</sup> *Boletim da FORGS* In: *Correio do Povo*, Porto Alegre, maio 1913, p.1 Apud PETERSEN, Sílvia. “**Que a união operária seja a nossa pátria!**”: história das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações. Santa Maria: editoraufsm; Porto Alegre: Ed.Universidade/ UFRGS, 2001. p. 294.

<sup>316</sup> **LA PROTESTA**, Buenos Aires, 1º de Mayo de 1898, nº 34 p.01.

<sup>317</sup> SURIANO, Juan. **La Interpelación Anarquista. Tensiones Entre el discurso y las prácticas libertárias en Argentina, 1890-1916**. Buenos Aires: Manantial, 2001. p. 22.

retratado no peronismo (e fenômeno similar ocorre durante a Era Vargas no Brasil)<sup>318</sup> como um trabalhador satisfeito e contente com o progresso e o tempo de “modernização”; não há mais sugestão de luta, mas sim de conformidade, conformidade com a realidade tal qual ela se apresentava. A caricatura abaixo representa esse trabalhador feliz, satisfeito e despreocupado.



**Figura 49:** Caricatura peronista do 1º de Maio no **La Nación** (1946).  
Fonte: *La Nación*, 1º de mayo de 1946 (Fonte: GENÉ, 2005)

Dessa forma, o que a imprensa peronista procurava realizar era uma tentativa de ruptura com a tradição contestatória dos anarquistas durante as comemorações do 1º de Maio. Queria mostrar-se, antes de tudo, que eram outros tempos, tempos de festejar e não mais de lutar, uma vez que o tempo de lutas já havia passado, não era mais necessário. Segundo a historiadora Marcela Gené, na caricatura acima o trabalhador feliz e satisfeito com os benefícios da modernização é a representação utilizada pela imprensa para caracterizar o “trabalhador peronista”.

Un obrero sonriente y sin signos de fatiga abandona la fábrica al finalizar la jornada, mientras a la vera del camino yace un arado como un vestigio del pasado, superado en el presente plétórico de progreso y de desarrollo tecnológico. En el primer Día de Trabajo celebrado por Perón como

<sup>318</sup> É importante salientar que durante o peronismo e o varguismo na Argentina e no Brasil respectivamente, os meios de comunicação passam a ser utilizados pelos governos enquanto veículos de manobras políticas e procurando restringir posições opostas às suas, exercendo a censura. De maneira que as representações dos trabalhadores serão, nos veículos da grande imprensa, quase sempre positivas, traduzindo os avanços e os progressos da classe operária através das políticas populistas. Ver: CAPELATO, Maria Helena Rolim (2008).

presidente, la escena refiere en forma sintética y en extremo elocuente al *take off* industrial, y exalta, en la expresión de bienestar del protagonista, los alcances de la reforma social.<sup>319</sup>

Este trabalhador contente e satisfeito retratado pela imprensa peronista e também getulista está extremamente distante daquele representado nos periódicos aqui analisados; uma vez que em tais periódicos as caricaturas dos trabalhadores eram fortemente marcadas pela exploração, miséria e injustiça que constituíam o universo obreiro. São os traços desses trabalhadores tristes e explorados que aparecerão na seqüência da análise, demonstrando como há ocasiões em que as charges distanciam-se do humor, devido a gravidade daquilo que denunciam; eis a ocasião.

### 2.2.2 Exploração e Miséria: caricaturas que não fazem sorrir

*“Há caricaturas que não fazem rir, há caricaturas tristes mesmo, mas ainda porque se pode dizer que a caricatura é triste por inspiração, é triste no fundo, ainda mesmo que faça rir com a ajuda do exagero, desde que a sátira deve se deter sobre o lado vil das coisas, com exclusão de todos os outros, sobre aqueles que mais contrariam o ideal do artista. Longe de ser um testemunho de alegria, o próprio exagero caricatural não é senão um meio nas mãos do artista, para exprimir seu rancor”.*

Paul Gaultier

As caricaturas presentes nos periódicos aqui analisados, muitas vezes, representavam o triste cotidiano dos trabalhadores, retratando o lado vil e intraduzível das relações humanas: ou seja, a exploração, a fome e a miséria. Nesse sentido, os homens, mulheres e crianças representados nessas caricaturas são, antes de tudo, corpos sem expressão, carregados de olhares tristes e distantes, cansados das injustiças e explorações que marcavam fortemente o seu dia-a-dia. A magreza é o elemento característico desses corpos, representando a miséria e a fome que assolavam nos bairros operários. Além disso, a pobreza também é representada através das vestimentas simples e surradas, já gastas pelo tempo, rabiscadas com as características de verdadeiros trapos. Portanto, o encontro com o risível é raro nessas caricaturas, uma vez que a denúncia que elas fazem é por demais séria para ser passível de riso. Séria e humilhante, incompreensível e, antes de tudo, desumana.

Assim como o riso, a beleza também está ausente nessas caricaturas, uma vez que nada há de belo na miséria, na pobreza e na fome. As pessoas representadas são, portanto, feias e estão longe dos ideais de beleza da época, ideais estes em que a obesidade e a força física eram sinônimos do belo e do saudável.

---

<sup>319</sup> GENÉ, Marcela. *Un Mundo Feliz. Imágenes de los trabajadores en el primer peronismo*. Op. Cit. p. 85-86.



**Figura 50:** Caricatura “Los Miserables” no Suplemento do *La Protesta* (1908).  
 Fonte: *Suplemento do La Protesta*, diciembre de 1908, nº08 p. 195

Na caricatura acima é transposta a triste situação em que se encontrava uma família de trabalhadores, possivelmente imigrantes<sup>320</sup>, em Buenos Aires. A magreza perpassa todos os integrantes da caricatura (pai, mãe e filho), sendo mais visível no pai cuja perna está exposta e é quase da mesma dimensão que o utensílio utilizado como bengala/ apoio pelo trabalhador, ou seja, extremamente fina. A miséria fica evidente na observação dos aspectos físicos dos membros da família. A legenda que acompanha e identifica a caricatura: “*los miserables*” reforça a denúncia da miséria que assolava a família operária retratada no **Suplemento de La Protesta**. É importante salientar que nos bairros operários de Buenos Aires o encontro com a miséria e o desemprego era constante, de forma que a referida caricatura tenciona denunciar essa situação opressora que atingia parte do operariado portenho.

<sup>320</sup> Em Buenos Aires o aumento da população entre o final do século XIX e princípios do XX foi resultado da chegada de milhares de pessoas procedentes da Europa e trouxe consigo problemas estruturais como falta de condições de vida, miséria, desemprego. De acordo com LOBATO “*esto cambió el mapa poblacional de la Argentina en su número, en la relación entre los sexos, en la distribución regional y ocupacional. Entre 1869 y 1914 la población total pasó de 1.830.214 individuos a 7.903.662*” (LOBATO, 2009 p.27).

A caricatura é acompanhada por um conto<sup>321</sup> que narra a angústia de Arturo (o pai da família retratada) que, devido ao desemprego e à impossibilidade de conceder condições mínimas de subsistência à sua família opta pelo suicídio a fim de libertar o restante da família do seu “fardo”. O conto é de autoria de Mario Themis e apresenta, de forma trágica e dramática, a situação de Arturo, procurando sensibilizar o leitor quanto à importância de se conquistar condições ideais de sobrevivência, dentre elas a garantia do emprego, a fim de evitar desfechos trágicos como o de Arturo.

[...] Arturo fue víctima de esa inconsecuencia; los talleres y las fábricas se cerraban ante su demanda de trabajo y la miseria se enseñoreaba de su lugar. Entonces, surgió en aquel cerebro la idea del suicidio.<sup>322</sup>

Dessa maneira, caricatura e conto se complementam e realizam a função de denunciar um contexto opressor. No entanto, tanto a caricatura quanto o conto passam suas mensagens de maneira individual, ou seja, se o leitor observar apenas a caricatura compreenderá a situação de miséria retratada pelo caricaturista; no entanto, não saberá a história de Arturo que reafirma a denúncia exposta na caricatura; ou seja, a caricatura não depende do conto para ser compreendida e tampouco o conto depende da ilustração. São formas discursivas diversas que realizam a mesma função: denunciar a opressão sofrida por parte do operariado de Buenos Aires, de formas diferentes, cada uma ressaltando determinados aspectos objetivando atingir o leitor/ receptor.

A miséria também é retratada com igual intensidade em outro suplemento do periódico **La Protesta** denominado de **La Obra**, o qual circulou em Buenos Aires no ano de 1915. Na caricatura abaixo a pobreza retratada é tamanha que as pessoas se assemelham a mortos-vivos, a cadáveres ambulantes cujos ossos saltam aos olhos. A caricatura é dura e cruel. Mas como retratar de uma maneira mais branda uma realidade que é por demais degradante? No fundo da caricatura aparecem caveiras, as quais representam aqueles que foram aniquilados pela fome, pobreza e pela crueldade do capitalismo. Enquanto a família esquelética continua sua triste caminhada.

No entanto, o caricaturista exagera ao evidenciar em primeiro plano a magreza e a pobreza dos trabalhadores de Buenos Aires (assim como a ilustração anterior), fazendo com que o receptor da mensagem possa acreditar que essas características seriam generalizadas e que se estenderiam a toda a classe operária; o que, na realidade, não ocorria. Em Buenos

<sup>321</sup> Sobre os contos da imprensa anarquista e anticlerical ver o capítulo 3 da presente dissertação.

<sup>322</sup> **SUPLEMENTO DE LA PROTESTA**, Buenos Aires, Diciembre de 1908, nº08 p.196.

Aires, assim como em Porto Alegre, a classe trabalhadora não era um corpo fechado e homogêneo, de forma que havia diferenças cruciais entre os elementos dessa classe, não só política, como economicamente. Portanto, o que é retratado pelo caricaturista é a existência da miséria e da pobreza em parte do operariado de Buenos Aires e esse cuidado com as generalizações é fundamental na análise das caricaturas; uma vez que tanto o exagero quanto as generalizações são estratégias dos próprios caricaturistas a fim de tocar o receptor de uma maneira mais profunda.

A mulher retratada nessa caricatura nada tem de semelhante com aquela mulher bonita e forte trazida nas caricaturas do 1º de maio. A mulher agora deixa de ser alegoria para representar a mulher real, a trabalhadora, a progenitora desprovida de alimentos (o seio a mostra na caricatura transparece a ausência de leite e a incapacidade de alimentar os filhos), cujos traços enaltecem a miséria e a feiúra do cotidiano dos trabalhadores. De acordo com Martins, nas caricaturas anarquistas que denunciavam a pobreza e a exploração, as mulheres eram caracterizadas através de:

[...] uma aparência fragilizada, marcada pela magreza e por uma postura tímida e submissa, próprias de quem representava uma vida de misérias [...] exagerava-se, inclusive, na fealdade da mulher, para melhor evidenciar sua associação à pobreza e à doença. [...] Seu perfil era caracterizado pela submissão, humildade, docilidade e resignação, como se a mulher tivesse, por natureza, “aptidões para o cuidado com a infância” e fosse a principal responsável pelo bem-estar da família.<sup>323</sup>

---

<sup>323</sup> MARTINS, Angela Maria Roberti. **O Segredo dos corpos: representações do feminino nas páginas libertárias**. Op.Cit. p. 155-156.



**Figura 51:** Caricatura denunciando a miséria no **La Obra** (1915).  
 Fonte: *La Obra*, julio de 1915 n°02 p.7

A função materna da mulher, traduzida na capacidade de sentir, de amar e de nutrir a criança também é retratada na próxima caricatura, em que a mulher lamenta a morte do filho, uma vez que o berço encontra-se vazio. O título da charge: “*La cuna vacia*” evidencia a lamentação da mulher em não ter conseguido nutrir o seu filho, não ter conseguido romper com a fome que assolava o seu lar. As mulheres representadas nessas caricaturas “*estaban imposibilitadas de producir atracción y para colmo el trabajo solo hacía rondar la muerte a su alrededor y de su familia*”<sup>324</sup>. A caricatura abaixo está em concordância com as palavras de Lobato, uma vez que nos seus traços vincula-se a morte ao universo feminino, uma vez que esboça um problema bastante presente no mundo urbano de Buenos Aires e Porto Alegre, principalmente nos bairros operários desprovidos de condições propícias de saúde e sanitárias necessárias à sobrevivência: a mortalidade infantil.

<sup>324</sup> LOBATO, Mirta Zaida. **La prensa obrera**. Op.Cit. p.147.



**Figura 52:** Caricatura La Cuna Vacia (mortalidade infantil) no **La Obra** (1915).  
 Fonte: *La Obra*, diciembre de 1915, nº6 p.7

As condições insalubres presentes nos bairros operários tanto de Buenos Aires como de Porto Alegre são amplamente constatadas na historiografia de ambas as cidades, uma vez que tais condições, por vezes, acabavam criando revoltas nos operários e na população em geral das cidades, uma vez que as más condições de higiene de tais bairros se traduziam em problemas não apenas para as classes operárias, mas também para o restante da cidade, tendo em vista que tal presença “poluía” e minimizava a beleza e a saúde urbana. Sendo assim, em 1907 ocorre em Buenos Aires a greve de inquilinos, a qual reivindicava, entre outras questões, as melhorias sanitárias nas moradias operárias. De acordo com Suriano:

Após quarenta anos de sérios problemas habitacionais para os setores populares - superlotação, falta de higiene e aluguéis elevados -, os inquilinos decidiram realizar em 1907 uma greve que se traduziu em: 1) não pagar os aluguéis até que os mesmos fossem reduzidos em 30%; 2) conseguir melhorias sanitárias; 3) eliminar os três meses de depósito.<sup>325</sup>

<sup>325</sup> SURIANO Apud COGGIOLA, Osvaldo. **Buenos Aires, Cidade, Política, Cultura**. Revista Brasileira de História (online), 1997, vol.17, n.34, p. 114.

Parte da burguesia de Porto Alegre também demonstrava desprezo pela presença de condições insalubres entre a classe operária (possivelmente mais encorajada devido à feiúra e às doenças que a falta de higiene trazia para cidade do que pela preocupação com os operários em si) denunciando a presença dos cortiços na capital gaúcha. De acordo com Pesavento:

Em 1890, um levantamento “estatístico” dava 5.996 prédios para a cidade de Porto Alegre. Destes, 4.692 eram térreos, 464 assobradados, 634 sobrados e 141 cortiços. A opinião sobre este último tipo de prédio expressava o desagrado de uma cidade que crescia e se queria bela, ordenada, higiênica: *“Restam-nos 141 cortiços, gênero de habitação muitas vezes indescritíveis, onde a aglomeração é tal que dificilmente se chegara a um bom recenseamento entre seus habitantes, a maior parte sem família e vivendo em promiscuidade repugnante.”*<sup>326</sup>

Dessa maneira, os cortiços aglomeravam um número bastante significativo de trabalhadores que careciam das condições mínimas de saúde, sendo as enfermidades e mortalidades resultantes dessas uma constante nesse tipo peculiar de moradia operária. Similares aos cortiços gaúchos – existiam em Buenos Aires os “conventillos” – *“habitação típica da nova força de trabalho, de origem imigratória ou rural, cujas condições espantaram os observadores, e serviram de base para a elaboração de novas manifestações culturais”*<sup>327</sup> nos quais também se verificavam as condições insalubres e a falta de estrutura: luz, água, esgoto.

---

<sup>326</sup> *Anuário do Estado, 1893, p.155* apud PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os pobres da cidade: vida e trabalho – 1880-1920**. Porto Alegre: UFRGS, 1994.

<sup>327</sup> COGGIOLA, Osvaldo. **Buenos Aires, Cidade, Política, Cultura**. Op.Cit. p. 116.



**Figura 53:** Caricatura retratando a miséria no **La Protesta** (1904).  
 Fonte: *La Protesta*, 12 de junio de 1904 nº319 p.01

No entanto, a miséria não era representada apenas através da figura materna ou do conjunto familiar, de forma que a figura paterna também realizava essa função, sendo, também ela, alvo do traçado dos caricaturistas. Na caricatura acima observada no periódico **La Protesta** o pai está vestido com trapos remendados e está descalço, o mesmo acontecendo com as duas crianças, as quais têm a maior parte do corpo descoberta e os pés também nus, evidenciando a extrema pobreza e a falta de condições mínimas para a sobrevivência entre parte do operariado de Buenos Aires. Além disso, a magreza dos três é bastante transparente, o que acaba realizando uma crítica direta à ausência de comida entre as classes trabalhadoras; crítica essa que é maximizada pela legenda, a qual deixa ainda mais clara a fome que atingia as crianças: “- *Pedís pan, hijos mios? En el palacio de esos señores, solo me han arrojado esta galleta*”. O diálogo entre pai e filhos evidencia, portanto, tanto a fome das crianças quanto a desigualdade social existente na sociedade bonaerense, uma vez que enquanto os senhores viviam em “palácios”, os trabalhadores encontravam-se desprovidos do seu próprio sustento alimentar. Têm-se, mais uma vez, o emprego de traços exagerados a fim de maximizar a representação da pobreza, tratando a mesma enquanto algo comum a toda a

classe operária de Buenos Aires; para o caricaturista libertário não existiam intermediários entre o trabalhador miserável e o patrão abonado.

No entanto, a crítica contida na caricatura vai além da denúncia da miséria e ataca diretamente outra questão presente no contexto de sua criação: a Lei de Residência<sup>328</sup>, responsável pela expulsão de vários anarquistas de Buenos Aires. No biscoito que o pai consegue para seus filhos está escrito “*ley del trabajo, ley de espulsion*”, de forma que o biscoito fornecido pelo detentor do palácio é, na realidade, uma negação de auxílio, um “presente de grego”. De maneira que a caricatura, em conjunto com sua legenda, utiliza-se da ironia, dizendo e retratando o reverso da situação enquanto o real, uma vez que ao mostrar o pai com o biscoito na mão e transcrever na legenda a conquista desse “presente” (“*solo me han arrojado esta galleta*”), parece traduzir, em um primeiro instante, um ato positivo do dono do palácio, quando, na realidade, o biscoito representa a continuidade da miséria, da fome e da repressão sofrida pelos operários e não a solução imediata para a fome das crianças. “*A ironia remove a certeza de que as palavras signifiquem apenas o que elas dizem*”<sup>329</sup> e é utilizada para criticar algo ou alguém que tem uma atitude contrária às posições do caricaturista (posições essas que muitas vezes são representativas de uma coletividade). No caso em questão a crítica tem como alvo a sociedade capitalista caracterizada na caricatura pela desigualdade social e pela presença da repressão (lei de residência) e da miséria. De acordo com Chambers a ironia é “*um modelo possível para oposição toda vez que alguém está implicado num sistema que esse alguém acha opressivo*”<sup>330</sup>. A opressão sentida pelo caricaturista é, portanto, denunciada através da caricatura que aponta os desvios sociais percebidos pelo desenhista.

Enquanto que a Lei de Residência argentina foi gravemente denunciada através das caricaturas encontradas nos periódicos libertários contemporâneos à lei (no periódico *La Protesta* aparecem 19 caricaturas que denunciam a repressão aos anarquistas/estrangeiros), em Porto Alegre não aparecem de maneira constante caricaturas similares. Provavelmente porque os dois decretos promulgados no ano de 1907 e que visavam vigiar e controlar os estrangeiros que viviam no Brasil apresentavam brechas nos seus próprios textos, o que diminuía a eficácia e o poder de repressão dos mesmos. O primeiro decreto “*obrigava os*

<sup>328</sup> Ley de Residencia: **Art.2** – El poder Ejecutivo podrá ordenar la salida de todo extranjero cuya conducta compromete la seguridad nacional o perturbe el orden público. Fonte: Registro Nacional de la República Argentina, Buenos Aires, 1902.

<sup>329</sup> HUTCHEON, Linda. **Teoria e Política da Ironia**. Op. Cit. p. 32.

<sup>330</sup> CHAMBERS Apud HUTCHEON, Linda. **Teoria e Política da Ironia**. Op. Cit. p. 35.

*sindicatos a depositarem seus estatutos em cartórios, acompanhados da lista de nomes dos membros da diretoria. Por ele, ficava proibida a participação sindical de estrangeiros que não tivessem cinco anos de residência no país*”<sup>331</sup>. E o segundo refere-se à Lei Adolfo Gordo a qual regularizava a expulsão dos estrangeiros residentes no Brasil que comprometessem a segurança nacional; no entanto, de acordo com o artigo 3º<sup>332</sup> dessa Lei, os estrangeiros que já residissem no Brasil por dois anos não poderiam ser expulsos do território nacional, o que diminuía consideravelmente o alcance da Lei Adolfo Gordo (Decreto 1641). De acordo com Leal “*a promulgação da lei de expulsão de estrangeiros [...] assustou bem pouco a militância. Um dos motivos pode ter sido exatamente a brecha que o texto do Decreto 1641 abria aos estrangeiros residentes em território brasileiro por dois anos consecutivos*”<sup>333</sup>. A afirmação de Leal concorda com a seguinte nota referente à Lei de expulsão encontrada no periódico anarquista paulista *A Terra Livre* no ano de 1907:

Publicamos noutro lugar a lei de expulsão já promulgada. Quem conhecer bem o movimento revolucionário no Brasil, achará a lei bastante inofensiva, uma lei boa pessoa e de intenções benignas. Quanto aos anarquistas, por exemplo, o artigo 3º parece vir destruir toda eficácia legal. Os propagandistas do anarquismo ou são nacionais, ou sendo estrangeiros, vieram para aqui na infância e aqui se fizeram anarquistas, ou pelo menos residem há mais de dois anos no território da República. Não nos recordamos de ninguém que esteja fora dessas condições.<sup>334</sup>

Essa é uma das possíveis explicações para a falta de caricaturas denunciando o “pretendido” caráter opressivo da Lei Adolfo Gordo; no entanto, os periódicos gaúchos analisados também não apresentavam caricaturas que denunciavam a miséria e a exploração do operariado portoalegrense, embora textos com essa função fossem uma constante nos periódicos em questão. Portanto, para denunciar a pobreza e a exploração o periódico anarquista **A Luta** utilizava-se de textos e não das caricaturas (talvez os dirigentes do periódico considerassem esse assunto sério demais para ser retratado através do traçado caricatural).

<sup>331</sup> MENEZES, Lená Medeiros de. **Os indesejáveis: desclassificados da modernidade. Protesto, crime e expulsão na Capital Federal (1890-1930)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996. p. 102.

<sup>332</sup> Artigo 3º: Não pode ser expulso o estrangeiro que reside no território da República por dois anos contínuos, ou por menos tempo quando: a) casado com brasileira; b) viúvo, com filho brasileiro”. Decreto 1641.

<sup>333</sup> LEAL, Claudia Feieranbend Baeta. **Anarquismo em Verso e Prosa: literatura e Propaganda na imprensa libertária em São Paulo (1900-1916)**. Dissertação (Mestrado em teoria Literária) – Instituto de Estudos de Linguagem, UNICAMP, Campinas, SP, 1999. p. 52.

<sup>334</sup> **A Terra Livre**, nº 25, 22/01/1907 Apud LEAL, Claudia Feieranbend Baeta. **Anarquismo em Verso e Prosa: literatura e Propaganda na imprensa libertária em São Paulo (1900-1916)**. Op. Cit. p. 53.

Coisa que não acontecia no caso argentino, de forma que o Suplemento **La Obra** de 1915 chegou a realizar um concurso de caricaturas que deveriam retratar as conseqüências nefastas da Lei de Residência para o operariado portenho. A questão que os caricaturistas deveriam responder através dos seus lápis era a seguinte: “*En que forma ve Vd., a través de su arte, al proletariado bajo las leyes de excepción*”? Três respostas, ou melhor, três desenhos, deram conta da questão: um deles apresentando uma família desmantelada, sem a figura paterna (que teria sido expulsa do território argentino), restando apenas a mãe e os filhos; a outra mostrando a visão do desterro, ou seja, o pai sozinho e desolado e a última delas fazendo alusão à necessidade de reflexão e de ação perante tais leis de expulsão, sendo a reflexão proposta pela aparição do jornal nas mãos do homem (instrumento pedagógico de conscientização) e a ação pelo martelo (instrumento de luta).



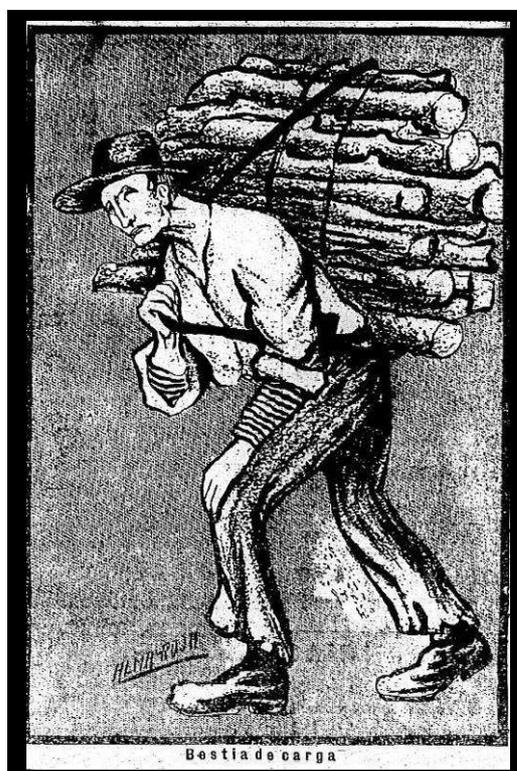


**Figura 54:** Caricaturas da repressão no **La Obra** (1915).  
 Fonte: *La Obra*, septiembre de 1915 p.8-9

Além da repressão e miséria, a exploração dos trabalhadores nos seus locais de trabalho também era representada pelas caricaturas encontradas nos periódicos de Buenos Aires. O trabalhador retratado está exausto e desolado, trabalha exageradamente, desumanamente e não se beneficia com os frutos do seu trabalho, frutos esses que beneficiam apenas a parcela mais rica da sociedade. Dessa forma, o trabalho é penoso, exaustivo e desumano, estando longe de glorificar, mas perto de aniquilar os trabalhadores. O trabalho, sendo exaustivo e repetitivo, causava desolações, desinteresse e falta de dedicação por parte dos trabalhadores, uma vez que o ideal de trabalho pregado pelos anarquistas estava bem distante do tipo de trabalho que tinham os operários urbanos tanto em Buenos Aires quanto em Porto Alegre. De forma que *“el trabajo mecânico y la repetición solo podían producir personas autómatas pero no felices”*<sup>335</sup>. Na caricatura seguinte publicada no periódico *La Protesta* durante o ano de 1909 os traços dão vida a um trabalhador que está exausto e que utiliza somente sua força física para realizar com êxito sua função. Portanto, realiza uma tarefa repetitiva e mecânica, e, por isso mesmo, é denominado na charge enquanto *“bestia de carga”*, traduzindo a noção de trabalho como castigo e degradante, onde não havia espaço

<sup>335</sup> LOBATO, Mirta Zaida. *La prensa obrera*. Op.Cit. p.107.

para o desenvolver das múltiplas habilidades humanas: raciocínio, criatividade, conhecimento, entre outras. O trabalho mecânico impedia a faculdade de pensar enquanto a substituía pela de repetir.



**Figura 55:** Caricatura Bestia de Carga (exploração no trabalho) no **La Protesta** (1909).  
Fonte: *La Protesta*, 23 de marzo de 1909 nº1599 p.01

Miséria, pobreza, magreza e cansaço, eis as características retratadas pelos riscos dos caricaturistas para dar visibilidade à figura do trabalhador durante os primeiros anos do século XX na cidade de Buenos Aires. Caricaturas essas que denunciam, que apontam para um cotidiano de carestia e de faltas: falta de solidariedade, compaixão, fraternidade e igualdade. Faltas essas que são por demais sérias para serem passíveis de riso, mesmo quando retratadas sob o lápis gracioso dos caricaturistas.

### 2.2.3 Retratando a trindade opressora: Clero, Estado, Polícia

*“O risível surgiria quando nos apresentam uma coisa, antes respeitada, como medíocre e vil.”*

Alexandre Bain

Passando das caricaturas que denunciavam a miséria e o trabalho opressor para aquelas que apresentavam os culpados dessas situações degradantes, encontram-se vários alvos de ataque, como o clero, o Estado (representado tanto através dos governantes quando

dos burgueses; ou mesmo da junção de ambos) e a polícia estatal/burguesa. Esses alvos recebem sempre ataques precisos e diretos, como não poderia deixar de ser. Muitas vezes encontram-se esses múltiplos alvos na mesma caricatura, demonstrando a ligação íntima entre eles e a necessidade de aniquilar essa trindade causadora das mazelas sociais. Portanto, o traçado dessas caricaturas denuncia, degrada e traduz os ressentimentos e conflitos sociais existentes nas cidades de Buenos Aires e Porto Alegre nas primeiras décadas do século XX:

Qualquer análise sobre a recepção cultural na história brasileira é sempre complexa, mas pode-se dizer que, em geral, o cômico era considerado negativamente quando fazia rir à custa de algum ressentimento ou conflito social. Quando as alusões eram explícitas, esta produção cômica ficava relegada aos espaços mais ou menos delimitados do obsceno e do pornográfico. Esta aproximação do humor degradante ao obsceno e ao interdito não foi de todo estranha, sobretudo numa sociedade fortemente hierarquizada. Mas em alguns momentos, sobretudo nas crises políticas nas quais estes humoristas (ou as publicações nas quais eles trabalhavam) se engajam, é que os traços deste cômico agressivo e cheio de ressentimentos sociais mais aparecem.<sup>336</sup>

### 2.2.3.1 O perigo religioso: caricaturas anticlericais

As caricaturas anticlericais foram uma constante tanto nos periódicos analisados de Buenos Aires como nos de Porto Alegre<sup>337</sup>. O ataque à Igreja era direto e forte, de maneira que a crítica era facilmente entendida e visualizada. Na seguinte charge trazida na capa do periódico **Lúcifer** no ano de 1907 e reproduzida novamente no ano de 1911 no periódico anticlerical paulista **A Lanterna** (é possível que a primeira publicação dessa caricatura (publicação original) seja anterior àquela do periódico **Lúcifer**, porém não se tem dados precisos a esse respeito), o clero é representado através de um monstro horripilante, que o periódico **Lúcifer** denomina de “*A Hydra Clerical*”<sup>338</sup>; monstro esse que transmite a noção de perigo em uma possível aproximação, uma vez que os monstros são alegorias para problemas políticos e sociais e são representados através do horripilante, do feio, do

<sup>336</sup> SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do Riso: a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos Primeiros Tempos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 113.

<sup>337</sup> Vale lembrar que, em termos metodológicos, a utilização do periódico anticlerical **Lúcifer** eleva o número de caricaturas anticlericais encontradas nos jornais de Porto Alegre, uma vez que o mesmo, por ser anticlerical e ilustrado, contém um número considerável de caricaturas anticlericais.

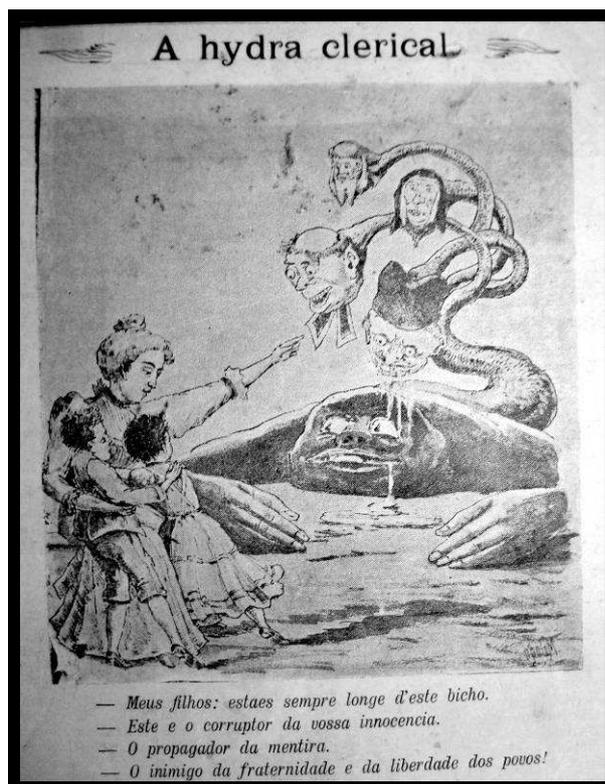
<sup>338</sup> Provavelmente a denominação “Hydra Clerical” seja uma alusão a Hidra de Lerna, presente em vários mitos gregos. Segundo a mitologia grega, a hidra de Lerna era uma serpente monstruosa, de sete ou nove cabeças, que renasciam à medida que eram decepadas. As múltiplas cabeças simbolizavam a dificuldade em vencer os vícios ou os múltiplos perigos da existência humana. A Hidra, que habitava o lago de Lerna, foi morta em combate feroz por Herácles (KURY, 1999 p.197; PUGLIESI, 2003 p.170).

extraordinário. Tais elementos, justamente pela sua anormalidade, causam curiosidade nos leitores e os chamam para o periódico; de forma que os aspectos imagéticos são, também eles, estratégias empregadas nas construções dos relatos. Os periódicos, através das linhas macabras, pretendem confrontar-se com aquilo que os inquieta. E a inquietude transposta na seguinte caricatura é relacionada à influência (má influência, segundo a concepção tanto racionalista como libertária) do clero entre os trabalhadores. A mãe retratada na caricatura está segurando seus filhos e os advertindo sobre o perigoso monstro clerical, o qual apresentava várias cabeças com representantes do clero nas ramificações de sua cauda. Além de alertar para os perigos que o clero representava, a caricatura também tinha uma função pedagógica no sentido de educar as mães (principal porta de entrada da influência religiosa na família) para se afastarem da religião, uma vez que:

[...] o combate ao clero a partir das ações da mulher – as maiores vítimas da tradição religiosa e da própria Igreja Católica, segundo os libertários - , essa gravura associava o corpo clerical à serpente monstruosa e ameaçadora Hidra de Lerna, identificando-a como um inimigo da humanidade. Como a serpente que ameaçava a vida ou provocava a morte, o clero, para os libertários, era vicioso e perigoso não só por seu comportamento contraditório e pelo veneno que destilava, estimulando a hierarquia, o conformismo e a servidão, mas pela apreensão que fazia das consciências, impedindo que cada pessoa desenvolvesse plenamente as suas capacidades e aptidões, no intuito de colocá-las a serviço do bem-estar de toda humanidade.<sup>339</sup>

---

<sup>339</sup> MARTINS, Angela Maria Roberti. **O Segredo dos corpos: representações do feminino nas páginas libertárias**. Op.Cit. p. 150.



**Figura 56:** Caricatura *A Hydra clerical* (caricatura anticlerical) no **Lúcifer** (1907).

Fonte: *Lúcifer*, 20 de setembro de 1907 nº02 p.1

As legendas que acompanham a caricatura, tanto no periódico **Lúcifer** como no **A Lanterna**, reforçam a necessidade de se afastar da instituição clerical. O periódico **Lúcifer** traz um pequeno diálogo entre a mãe e seus filhos: “- *Meus filhos, estaes sempre longe deste bicho. - Este é o corruptor de nossa inocência. O propagador da mentira.- O inimigo da fraternidade e igualdade dos povos*”. Enquanto que o periódico paulista *A Lanterna* apresenta uma legenda mais resumida e simples, porém com o mesmo significado: “*Meus filhos, não vos aproxime daquele monstro*”. O que demonstra que, embora ambos os periódicos utilizassem a mesma caricatura, tinham a liberdade de apresentar legendas diferentes; porém, na maioria das vezes, o significado da crítica era similar. A utilização das mesmas caricaturas entre os jornais da imprensa gaúcha e paulista indica a considerável circulação que as mesmas tinham na pequena imprensa, movimentando-se de um periódico ao outro e repetindo-se de tempos em tempos.

No entanto, como já destacado no capítulo antecedente, o anticlericalismo em meados do século XX era propagado não apenas pelos libertários, mas também por livre-pensadores, positivistas, cientificistas, republicanos, racionalistas e por defensores de outros programas políticos. Vale frisar também que a ocorrência do anticlericalismo no Brasil e na Argentina

apresenta distinções, uma vez que no Brasil, com a separação entre Igreja e Estado, o anticlericalismo se estende a um público mais abrangente (incluindo uma parte considerável da elite nacional que passa a ser contagiada pelos ideais liberais e de modernidade em ascensão) diferentemente do caso Argentino, em que não houve a separação oficial entre Igreja e Estado e parte da elite continuava visualizando a Igreja enquanto forte aliada no que concerne às questões políticas; no entanto, o anticlericalismo também se fez presente nesse país atingindo principalmente setores médios e populares, mas também intelectuais (que podiam ou não pertencer à “elite” local)<sup>340</sup>.

A especificidade da separação entre Igreja e Estado no Brasil, contrastada com a entrelaçada relação entre ambos os campos na Argentina, e as particularidades no processo de constituição das Conferências Episcopais, erguem-se como duas dimensões analíticas explicativas dos dissímeis caminhos assumidos pelas instituições eclesiásticas dos dois países. [...] No caso brasileiro, logo no início da Primeira República (1889-1929), a legislação recusou claramente a união entre o poder civil e o poder eclesiástico, declarando a extinção do regime do padroado. [...] Na Argentina, o fato de o Estado não ter sancionado a separação formal em relação à Igreja não constitui uma circunstância que deva ser subestimada. Ao não renunciar aos poderes que o sistema de padroado lhe havia conferido, o aparelho estatal preferiu conservar certo grau de ingerência sobre a instituição religiosa. Talvez a percepção da utilidade da Igreja como fator de coesão social tenha contribuído para esse desenrolar dos acontecimentos.<sup>341</sup>

Boris Fausto também aponta o fato de que as próprias elites delimitavam o processo de criação de um Estado laico uma vez que elas “*limitavam o processo, ao combiná-lo com a idéia de utilidade da Igreja como mecanismo de controle e consenso social*”<sup>342</sup>. É provável que tal limitação seja mais facilmente percebida na Argentina do que no Brasil.

No Brasil, portanto, a presença do anticlericalismo, principalmente (mas não exclusivamente) após a separação oficial entre Igreja e Estado, é observada entre a própria elite nacional, uma vez que:

[...] o racionalismo da Ilustração teve forte penetração em nossa elite (inclusive no imperador), parte da qual fora beber na própria Europa. O anticlericalismo dos dirigentes brasileiros foi fato notório até mesmo porque o baixo nível intelectual dos nossos padres e uma religião toda exterior, afeita mais às pompas do rito e às repercussões sensíveis da fé – misturada a credices - , não seriam de molde a impressioná-los. Roque Spencer Maciel de Barros deu à Geração 70 o epíteto de “a Ilustração brasileira”. Sob a égide

340 Sobre a atuação da Igreja católica no Brasil e na Argentina ver: Esquivel (2003).

341 ESQUIVEL, Juan Cruz. **Igreja católica e Estado na Argentina e Brasil: notas introdutórias para uma análise comparativa**. Revista Ciências Sociais e Religião, ano 5, nº 5. Porto Alegre, outubro de 2003.p.193; 202; 204.

342 FAUSTO, Boris e DEVOTO, Fernando J. **Brasil e Argentina: Um ensaio de história comparada (1850-2002)**. 2. ed. São Paulo: Editoria 34, 2005. p.136

do cientificismo, a *intelligentsia* nacional quis valer-se da razão como guia único e seguro da reconstrução do Estado e da sociedade pátrios, deles expurgando a tradição de hierarquias fundadas sobre o privilégio e a caduca união trono-altar, para fundá-los sobre a ciência, a propulsora eficaz do processo.<sup>343</sup>

Portanto, além dos trabalhadores ligados aos ideais libertários, parte da elite gaúcha, a exemplo da nacional, também se configurou adepta do anticlericalismo; fazendo com que alguns estudos de referência sobre a questão religiosa no estado sulino acusassem a baixa religiosidade dos gaúchos. Entretanto, estudos mais recentes questionam essa suposta “baixa religiosidade” afirmando que:

Foi uma minoria letrada, política e intelectual, geralmente anticlerical, interessada em desqualificar a Igreja e separá-la do Estado, que deixou registros para que os historiadores interpretassem, generalizando, como modelos das experiências religiosas de toda a população.<sup>344</sup>

Para a presente dissertação não interessa, em primeiro plano, acusar o nível de religiosidade dos gaúchos, mas apenas ressaltar que o anticlericalismo verificado no periódico **Lúcifer** estava presente também entre a elite gaúcha, não sendo, portanto, bandeira exclusiva dos “populares”, de forma que os próprios colaboradores do jornal anticlerical se autodenominavam “*livre-pensadores*” antes de qualquer coisa.

---

<sup>343</sup> MELLO, Maria Tereza Charles de. **A República Consentida**. Rio de Janeiro: FGV, 2007. p. 94-95.

<sup>344</sup> TAVARES, Mauro Dillmann Tavares. **Irmandades, Igreja e Devoção no sul do Império do Brail**. São Leopoldo: Oikos, 2008. p. 52.



**Figura 57:** Caricatura *Darwinismo* (caricatura anticlerical) no **Lúcifer** (1907).  
 Fonte: *Lúcifer*, 21 de novembro de 1907 n°04 p.3

Outra caricatura anticlerical impressa no periódico gaúcho **Lúcifer** em 1907 traz consigo um tom irônico e cômico inegável ao ridicularizar a figura do padre ao conceder-lhe a paternidade do macaco (cuja semelhança física é observada no desenho, embora não nas proporções correspondentes). O desenho acima explicita uma crítica direta (sem deixar dúvidas ou duplo sentido) e ainda reforça a crítica aos membros do clero na sua legenda trazendo um diálogo entre um macaco<sup>345</sup> e um padre “- *Perdão, reverendo: sois verdadeiramente vós que negais minha paternidade?*”. Além disso, toca numa questão sensível da Igreja Católica - a crença no criacionismo<sup>346</sup> e a negação da doutrina de Darwin - a qual estabelece a ocorrência da seleção natural no processo da evolução humana, admitindo a evolução do homem a partir do reino animal e não através de intervenções divinas; por isso o título da caricatura é *Darwinismo* e a alusão aos macacos serve tanto para ridicularizar a

<sup>345</sup> A utilização de macacos em caricaturas data, segundo Herman Lima, ainda do século XVI. Nesse século os animais reinam como instrumento de sátira. “*É a hora de Singeries, curiosa coleção de pranchas mostrando os macacos em diversas funções humanas, bebendo, banqueteadando-se, entregues à alegria de Kernesse. Essa escolha explica-se obviamente pelo mimetismo dos símios.*” Ver LIMA, 1963 p.50.

<sup>346</sup> O criacionismo é uma concepção que recusa a teoria de Darwin acerca da evolução das espécies e propõe em seu lugar uma interpretação praticamente literal da Bíblia, tomando como base o livro do Gênesis: lá afirma-se que foi Deus quem criou inicialmente o mundo e logo depois também o homem, “à sua imagem e semelhança”. Para aprofundar o assunto ver: NOVAES, Regina (2002).

figura dos padres quanto a crença no criacionismo. O vício do clero é, nessa caricatura, ridicularizado e passível de riso, uma vez que a alusão à paternidade do macaco causa graça e descontração. Ou seja, a caricatura, devido à sua grande penetração popular, auxiliava os leitores do **Lúcifer** a perceberem de forma negativa a influência da Igreja ao mesmo tempo em que realizava uma sátira burlesca através de traços picantes que atingiam a instituição católica:

Escolha-se, um vício profundo e mesmo, em geral, odioso: ele poderá tornar-se cômico se, mediante artifícios apropriados, conseguir que eu fique insensível. Não quero dizer com isso que o vício será cômico; afirmo é que poderá tornar-se cômico. É preciso que ele não me comova, eis a condição realmente necessária, embora certamente não seja suficiente.<sup>347</sup>

Os vícios do clero também são tornados risíveis na caricatura abaixo, a qual aparece tanto no periódico **Lúcifer** de 1907, como no periódico (porta-voz da FORGS) **O Syndicalista** em 1925<sup>348</sup>, ou seja, 18 anos depois; exemplificando, uma vez mais, a grande circulação e a periodicidade em que (re) apareciam as caricaturas na pequena imprensa.



**Figura 58:** Caricatura *Os sete peccados mortaes* (caricatura anticlerical) no **Lúcifer** (1907).  
Fonte: *Lúcifer*, 12 de outubro de 1907 nº03 p.03

<sup>347</sup> BERGSON, Henri. **O Riso: ensaio sobre a significação do cômico**. Op.Cit. p.74.

<sup>348</sup> A caricatura aparece na primeira página do exemplar de número 8 de 31 de outubro de 1925 do *O Syndicalista*.

A caricatura apresenta a face de um padre constituída no seu interior por todos os vícios presentes na índole papal: corpos desnudos representando a luxúria, um homem se espreguiçando indicando a preguiça, pessoas comendo exageradamente representando a gula, eis as cenas que aparecem no interior da face papal. Dessa forma, e tentando tornar mais clara a caricatura, o periódico **Lúcifer** apresenta a seguinte legenda: “*Avareza, ira, soberba, gula, preguiça, inveja, luxúria: todos sete formam UM PADRE. (L'Alsino, Roma)*”. Enquanto que no periódico **O Syndicalista** a legenda fazia alusão maior à grande influência e ao significativo número de pessoas que era “atingido” pela religião católica, embora a obrigatoriedade da mesma não fosse estabelecida pela lei: “*-Não passou...em Lei. Mas eu metto-o em todo pobre de espírito*”. Mais um exemplo de como os periódicos se utilizavam das mesmas caricaturas modificando e dando um tom singular às suas legendas. Além disso, a ridicularização tanto da figura clerical como dos dogmas eclesiásticos era a arma principal das caricaturas anticlericais, uma vez que a presença e a difusão tanto do cientificismo como do racionalismo nas décadas finais do século XIX e no transcorrer do XX acabava por conceder comicidade às credences dos católicos, uma vez que as mesmas não se baseavam em fatos experimentais (portanto, reais), mas apenas em suposições dotadas de incertezas e idealismos:

O realismo monista rechaça qualquer concepção idealista do mundo porque esta só o conhece através do sentimento e da revelação. Contra ela, opõe o método da ciência positiva e tem a Igreja como inimiga da civilização, ridicularizando seus dogmas e instituições. O cristianismo, assim, deveria ser substituído pelo culto à ciência, que, deixada livre, seria a grande indutora do progresso.<sup>349</sup>

Um dos vícios presentes na caricatura acima, a avareza (apego excessivo e descontrolado pelos bens materiais e pelo dinheiro), reaparece na próxima charge, a qual representa um suposto diálogo ocorrido entre Jesus e um membro do alto clero (possivelmente um bispo, ou outra importante autoridade religiosa) em que tal membro do clero afirma estar renunciando a qualquer riqueza, como o fez Jesus – “*Sí. Querido maestro: como tú seguimos despreciando las riquezas*”. A ironia nesse diálogo é explícita, uma vez que ela afirma o contrário daquilo que realmente acontece, evidenciando uma discrepância entre aquilo que parece ser verdade (o dito) e o que realmente ocorre (que aparece somente quando se revela a ironia da enunciação):

A ironia é comumente utilizada como um instrumento que consiste em dizer o contrário daquilo que se pensa, deixando entender uma distância intencional entre aquilo que dizemos e aquilo que realmente pensamos. Por esse caráter dúbio, a ironia é vista como a arte de satirizar com alguém ou

<sup>349</sup> MELLO. Maria Tereza Chaves de. **A República Consentida**. Op.Cit. p. 98.

com alguma coisa, com vista a obter uma reação do leitor, ouvinte ou interlocutor. É, pois, uma estratégia retórica e estrutural que pode ser utilizada, entre outras formas, com o objetivo de denunciar, de criticar ou de censurar algo.<sup>350</sup>

Além disso, o caricaturista ao “fingir” que acredita nas palavras do “bispo” se utiliza de um recurso comum bastante usado nos diálogos irônicos que consiste na falsa ingenuidade, que é quando o autor finge acreditar e não enxergar a verdade das coisas. De acordo com Kierkegaard “*daí nos vemos que tanto pode ser irônico fingir saber quando se sabe, como fingir não saber quando se sabe que se sabe*”<sup>351</sup>.

Para reforçar a desonestidade e a falsidade do membro do clero, o caricaturista o apresenta segurando (escondendo) um saco de dinheiro em uma das mãos; detalhe esse que auxilia na compreensão da caricatura uma vez que reforça o vício clerical, não deixando dúvidas quanto ao mau caráter do “bispo”.



**Figura 59:** Caricatura anticlerical no *La Protesta* (1908).  
Fonte: *La Protesta*, 17 de abril de 1908 nº1324 p.01

<sup>350</sup> AGRA, Klondy Lúcia de Oliveira. **A Ironia na Literatura Canadense: Uma Estratégia Retórica e Estrutural Exibindo Dissonâncias e Diferenças**. Interdisciplinar: Revista de Estudos de Língua e Literatura. Ano IV, v. 8, n. 8. – Itabaiana -SE: Edições Núcleo de Letras/UFS, 2009. p. 193.

<sup>351</sup> KIERKEGAARD, S.A. **O Conceito de Ironia: constantemente referido a Sócrates**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1991. p. 218.

Outro pecado capital, a luxúria, também é reforçado de forma direta na caricatura retratada no periódico **La Protesta** no ano de 1910, em que os vícios do clero eram denunciados de uma maneira direta, fria e degradante. O vício da luxúria consiste no apego aos prazeres carnavais, corrupção de costumes; sexualidade extrema, lascívia e sensualidade. Tal vício, na caricatura, é traduzido pela presença de uma mulher seminua (a nudez, nessa caricatura, tem caráter profano) que está segurando castanholas, o que deixa transparecer que a mesma estava realizando uma exibição do seu corpo (auxiliada pela ornamentação das castanholas e por uma possível dança) para o membro do clero. Tal personagem parece se divertir com a exibição da mulher e, além disso, é retratado sustentando e degustando uma garrafa de bebida, aludindo, portanto, ao vício do alcoolismo. Os traços da imagem pintam a luxúria clerical como uma embriaguez do corpo e da alma.

A legenda que acompanha a caricatura é irônica e ácida: “*despues del sermón de soledad*”, uma vez que faz referência ao juramento de castidade dos membros eclesiásticos e ilustra exatamente o contrário: a entrega aos prazeres carnavais e não à castidade sacra. Dessa forma, ao trazer elementos que conotam sexualidade e alcoolismo, a caricatura se assemelha ao degradante, ao grotesco. Para Bakhtin “*o realismo grotesco se alia ao riso popular, ao tender a uma degradação, ou corporização, do sublime*”<sup>352</sup>. Dessa forma, elementos degradantes também fazem parte do universo caricatural e auxiliam a realizar uma crítica mais explícita, uma denúncia imediata.

---

<sup>352</sup> BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992. p.53.



**Figura 60:** Caricatura anticlerical no **La Protesta** (1910).  
 Fonte: *La Protesta*, 24 de marzo de 1910 nº 1846 p.01

As caricaturas anticlericais analisadas até aqui demonstram que, além de provocarem o riso, apresentam um conteúdo tão rico e denso quanto os outros textos trazidos nos periódicos, como os editoriais e matérias extensas. Fica claro que o texto imagético não é neutro e nem mero “tapa buraco”, mas sim um transmissor de posicionamento crítico sobre personagens e fatos políticos. Há muito o texto verbal deixou de ser considerado a única forma de texto. As imagens, os sons, os gestos, as cores, as texturas são elementos legíveis. Segundo Bajtín<sup>353</sup>, a charge (que é bifocal e carnavalesca) informa e opina sobre o seu tema por meio da representação de um “mundo às avessas”, promovendo através da própria inversão de valores sociais, uma visão mais nítida da realidade. Nos exemplos em questão, a inversão de valores está exatamente no papel do clero, o qual é retratado com aspectos negativos, enquanto que parte dos setores conservadores da época o considerava enquanto instituição positiva, representante da bondade humana. Portanto, a charge cumpre um ritual ambivalente, porque

<sup>353</sup> BAJTÍN, Mijaíl. *Estética de la creación verbal*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2008.

conjuga elementos díspares, uma vez que aponta a ordem instituída pelo reverso de sua aparência séria. De forma que é tendo esta consciência de que as charges são ambivalentes e díspares, que se pode analisá-las sem que haja prejuízo da sua intenção real. Apesar de ser uma comunicação condensada, as charges e os demais desenhos humorísticos transmitem uma série de informações de forma direta e, na maioria das vezes, de forma simples, a fim de que a grande maioria dos leitores consiga entender a mensagem (nos periódicos operários a simplicidade das charges e desenhos humorísticos é evidente, uma vez que elas atacam de forma direta o elemento principal da temática que aspiram a criticar). Os abusos tanto do clero, como dos patrões, do Estado e da polícia foram denunciados pelos riscos precisos dos caricaturistas dessa imprensa independente.

#### 2.2.3.2 Sem Pátria e sem Patrão: caricaturas contra o Estado Capitalista e os seus senhores: os burgueses

Através de seus singelos traços, os caricaturistas libertários procuraram caracterizar também a figura do outro, daquele que lhes explorava, subestimava e rebaixava ao nível de coisificação, do não humano, ou seja, retratavam a figura, ou melhor, as figuras dos seus opressores. Talvez a mais reproduzida e emblemática dessas figuras tenha sido a do patrão, do capitalista. Sempre retratado como sinônimo de abundância e opulência sendo portador de um corpo grande e gordo, apresentado com vestimentas elegantes e negras e, na maioria das vezes, usando cartola e segurando uma bengala; ou seja, um verdadeiro retrato da moda burguesa do seu tempo; retrato esse que contribuía para passar uma imagem cômica e ridicularizada da figura patronal. De acordo com Bergson “*quase se poderia dizer que toda moda é risível por algum aspecto*”<sup>354</sup>.

Na primeira das três caricaturas selecionadas desse gênero aparece um capitalista (burguês) olhando para seus empregados na fábrica exclamando “*apesar de todo, siguen trabajando para mi*”, admitindo assim sua atitude de exploração para com eles. É interessante perceber como o caricaturista “*ALMA ROJA*” do periódico *La Protesta* representa o patrão/burguês: uma pessoa gorda, obesa, bem vestida, que traduz os excessos cometidos pelos patrões. Não quer dizer, na prática, que todos os patrões eram obesos, mas há um exagero proposital, a fim de transpor uma característica física para um tipo de comportamento baseado em exageros e excessos. De acordo com Bergson o exagerado tamanho dos burgueses

<sup>354</sup> BERGSON, Henri. **O Riso: ensaio sobre a significação do cômico**. Op. Cit. p.27.

transmitiria comicidade à caricatura, uma vez que “é cômico *todo incidente que chame nossa atenção para o físico de uma pessoa estando em causa o moral*”<sup>355</sup>. Segundo Martins<sup>356</sup>, a representação habitual dos capitalistas nos periódicos anarquistas era a do capitalista na Belle Époque: um homem gordo usando uma cartola. Dessa forma, ao representar o burguês/ patrão os desenhistas exageravam nos seus traços físicos para aludir a vícios sociais e desvios que estes sujeitos cometiam. Ou seja, ridicularizavam e exageravam os traços físicos para traduzir questões /problemas sociais.

O caricaturista surpreende o aspecto grotesco dos seres, das coisas e dos fatos, porém, além disso, faz com que o espelho onde vemos reproduzidos fatos, coisas e seres, em todo o seu ridículo ou em toda a sua infâmia, sirva, também, no dia de amanhã, para tornar a reproduzi-los belos, harmoniosos e fortes. Entretanto, é preciso não esquecer também que não é a caricatura que torna os homens ridículos: eles é que são ridículos por si mesmos, quando o são, nem há força que os livre disso. Nem outra coisa tem acontecido, desde que o mundo é mundo.<sup>357</sup>



**Figura 61:** Caricatura antiburguesa no *La Protesta* (1908).  
Fonte: *La Protesta*, 16 de agosto 1908 n°1426 p. 01

<sup>355</sup> BERGSON, Henri. *O Riso: ensaio sobre a significação do cômico*. Op. Cit. p.33.

<sup>356</sup> MARTINS, Angela Maria Roberti. *O Segredo dos corpos: representações do feminino nas páginas libertárias*. Op.Cit.

<sup>357</sup> LIMA, Herman. *História da Caricatura no Brasil*. Op.Cit. p.15.

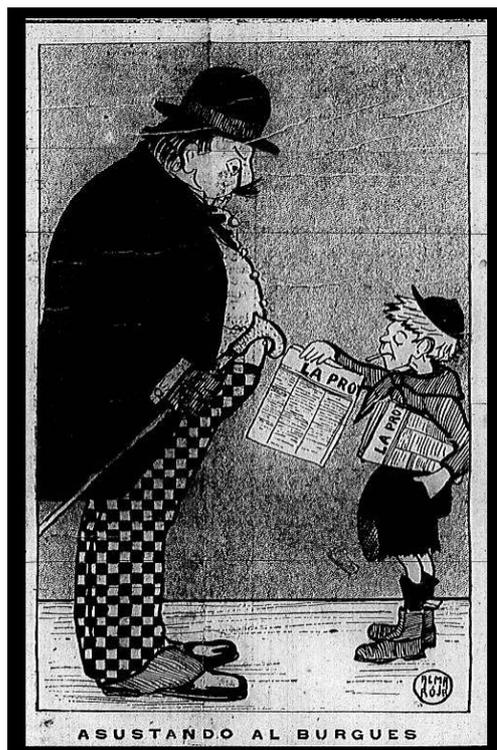
Portanto, os caricaturistas fazem uso do estereótipo do patrão/ burguês para transmitir os excessos e abusos cometidos por esse segmento social na sociedade capitalista. O próprio exagero dos traços físicos reforça e identifica o estereótipo:

O estereótipo pode não ser completamente falso, mas freqüentemente exagera alguns traços da realidade e omite outros. O estereótipo pode ser mais ou menos tosco, mais ou menos violento. Entretanto, lhe faltam nuances, uma vez que o mesmo modelo é aplicado a situações culturais que diferem consideravelmente umas das outras.<sup>358</sup>

Utilizando-se do mesmo estereótipo, o capitalista na próxima caricatura também é representado com um aspecto físico saliente. Nessa segunda caricatura apresentada, percebe-se a função da imagem em servir, de acordo com a citação de Lima, para reproduzir o amanhã de uma forma diferente, mais bonita e harmoniosa, uma vez que a mesma apresenta o enfrentamento (mesmo que sutil) de uma criança (que simboliza o futuro) com o patrão (que é o alvo da caricatura e representa aquilo que deve ser modificado). A criança enfrenta o patrão ao oferecer a este um exemplar do periódico **La Protesta**, uma vez que neste veículo da imprensa operária estavam contidas inúmeras críticas à figura do patrão burguês, bem como denúncias dos maus tratos que o mesmo empregava na sua relação com os operários. A legenda que acompanha o desenho “*asustando al burguês*” reforça a utilização da imprensa libertária enquanto arma de combate ao sistema vigente. O caricaturista, ao colocar em oposição uma criança representando a classe trabalhadora com um patrão representando a burguesia, provoca o cômico, mesmo que de forma suave. O efeito cômico, neste caso, tinha por finalidade uma ação militante ao apontar para possibilidades de mudanças através de uma maior difusão dos periódicos operários e de uma educação baseada nos ideais libertários, sendo o próprio jornal um instrumento de educação para as classes populares (remetendo à função pedagógica da imprensa operária já evidenciada no primeiro capítulo da presente dissertação).

Além disso, a presença da criança na caricatura também aponta para a precocidade da mesma no universo fabril, uma vez que o trabalho infantil ainda era uma constante no final do século XIX e princípio do século XX; sendo, em alguns casos, preferível ao trabalho adulto, uma vez que seu custo era consideravelmente mais baixo para o bolso patronal. Também se verifica que a criança está vestida como um “adulto em miniatura” e encontra-se fumando, aludindo, portanto, ao prematuro término da infância, ou mesmo à sua inexistência para os filhos de famílias pobres.

<sup>358</sup> BURKE, Peter. **Testemunha Ocular: História e Imagem**. Op.Cit. p.155-156.



**Figura 62:** “Asustando al burgues”: caricatura antiburguesa no *La Protesta* (1908).  
 Fonte: *La Protesta*, 9 de agosto 1908 n°1420 p.01



**Figura 63:** Caricatura antiburguesa no *La Protesta* (1908).  
 Fonte: *La Protesta*, 20 de diciembre 1908, n° 1534 p. 01

Na caricatura acima, o patrão (gordo e bem vestido) aparece dialogando com um empregado (magro e mal vestido), de forma que tal oposição de características identificadoras de sujeitos bem definidos com papéis sociais próprios assim como o distanciamento existente entre as classes que representam é percebido tanto visualmente quanto no próprio diálogo. O diálogo consiste nas seguintes falas:

- **Burguês:** toma las armas; defiende tu tierra.
- **Campesino:** pero si yo no tengo tierra...
- **Burguês:** la tengo yo; es lo mismo;
- **Campesino:** ¿Lo mismo? No me parece.

A distância entre campesino e burguês fica evidente no diálogo acima, em que o burguês é caracterizado enquanto o dono da terra ao passo que o campesino caracteriza-se pela carestia da mesma, ao mesmo tempo em que é este último quem trabalha para manter a terra do burguês (por isso é retratado segurando uma enxada, sua ferramenta de trabalho). Percebe-se também que o patrão procura romper artificialmente com essa “diferenciação” num momento estratégico, em que está sofrendo ameaças de perder suas terras e por isso ordena que o campesino o ajude a defendê-las, uma vez que elas, indiretamente, também lhe pertenciam. Vale ressaltar que a utilização de pequenos diálogos imaginários pela imprensa operária era uma constante nos periódicos obreiros do século XX, uma vez que os diálogos e textos curtos explicitavam as idéias e transmitiam de forma simples o objetivo central da mensagem, da denúncia a que se propunham. *“Los periódicos utilizaban diálogos imaginarios entre trabajadores, sobre todo en las primeras décadas del siglo XX, que versaban siempre sobre las condiciones de trabajo y la organización gremial”*<sup>359</sup>. Portanto, tal caricatura tinha por principal objetivo mostrar a injusta distância existente entre trabalhador e capitalista, entre operário e patrão, comparação essa em que um é o possuidor, enquanto o outro é o despossuído.

Embora os periódicos de Porto Alegre analisados não tenham denunciado (como o fez o periódico argentino **La Protesta**) através das caricaturas a opressão burguesa centrada na oposição da figura do patrão com a do operário, os mesmos apresentavam uma crítica mais geral ao sistema capitalista, utilizando outra estratégia para criticar (diferente tanto da comparação entre patrão/operário como da denúncia da miséria e da exploração sofrida pelos trabalhadores), caracterizada pela utilização de monstros, de alegorias assustadoras e macabras para representar os males sociais do capitalismo. A caricatura observada no

---

<sup>359</sup> LOBATO, Mirta Zaida. **La prensa obrera**. Op.Cit. p.95-96.

periódico **Lúcifer** de 1907 e repetida no periódico anarquista **A Luta** no ano de 1909, faz uso de uma figura horripilante para representar o “Diabo Moderno” ou “A Trindade Burguês” (títulos dos desenhos). Tal figura macabra é apresentada com três cabeças, sendo que cada uma delas representa um elemento opressor: o obscurantismo, o militarismo e o capitalismo. O obscurantismo, através da mentira impede a razão; o militarismo utiliza-se da força para negar o direito e, por fim, o capitalismo, permitindo o roubo e a exploração, contribui para a miséria do povo. Tem-se assim, representado num mesmo monstro, os três principais inimigos do ideal libertário: o clero, o exército e o Estado. As duas legendas reforçam a existência e o valor negativo dessas instituições, uma vez que elas impedem o surgimento da sociedade libertária: justa e igualitária. Eis as legendas:

*“O obscurantismo com o embuste oprime a consciência. O militarismo com a prepotência oprime o direito. O capitalismo com a fraude e o roubo perpetua o desfructamento e a miséria do povo. Obscurantismo, capitalismo e militarismo são três castas realmente distintas mas formam um bloco só e tem um único escopo. O obscurantismo é o pai (de todos os males sociais) anulando a consciência do proletariado e paralisando a sua independência e iniciativa. O militarismo é o filho, e valendo-se da inconsciência e do medo do povo anula o direito... Escrevendo com a ponta das baionetas as leis do privilégio burguês. O capitalismo ladrão – é o espírito que anima a trindade burguês: saqueia o povo, dividindo o esbulho com os outros dois. Lúcifer, destruindo o pai, terá virtualmente escavado o abismo para todos os três”.  
Satanaz”<sup>360</sup>.*

*“A burguesia, supersticiosa e nescia, toma satânica forma, o pensamento novo que solapa o bloque sobre que assentam os seus privilégios e injustiças. Não longe, porém, estará o dia em que rolará para o abismo das cousas más a trilogia maldita, que tantos sofrimentos e tantas dores tem espalhado por toda a terra!”<sup>361</sup>.*

---

<sup>360</sup> **LÚCIFER**, Porto Alegre, 12 de outubro de 1907, nº3, p.01.

<sup>361</sup> **A LUTA**, Porto Alegre, 16 de janeiro de 1909, nº41, p.01.

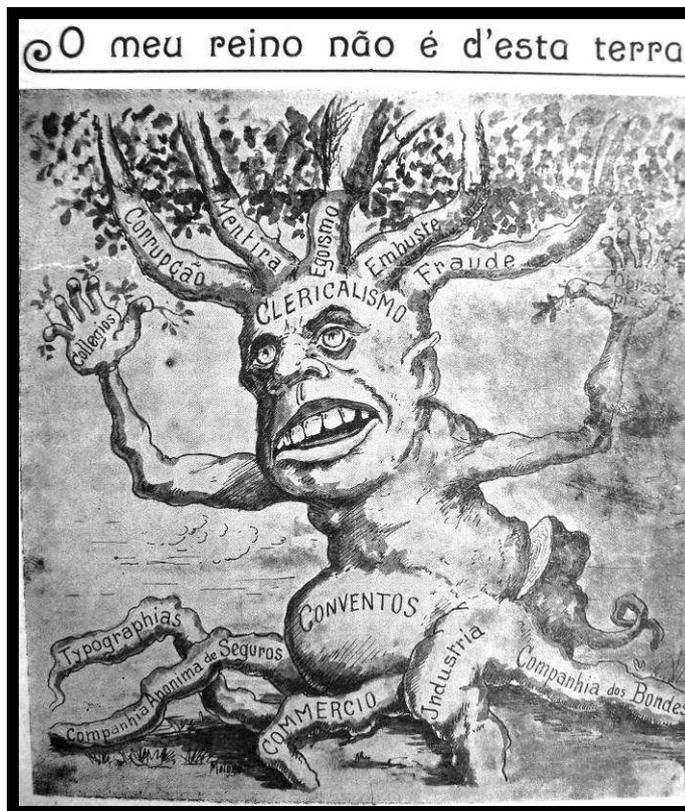


**Figura 64:** Caricatura contra o obscurantismo, militarismo e capitalismo no **Lúcifer** (1907) e no **A Luta** (1909).  
 Fonte: *Lúcifer*, 12 de outubro de 1907 nº3 p.01 e *A Luta*, 16 de janeiro de 1909, nº41 p.01

Função similar apresenta a caricatura abaixo, a qual também se utiliza de uma figura monstruosa para denunciar os vícios existentes na sociedade capitalista e católica. Nesse desenho o periódico **Lúcifer** representa, através de um monstro assustador e horripilante, os males que são associados ao clericalismo, como a corrupção, a mentira, o egoísmo, o embuste e a fraude. Cada um desses males encontra-se num dos galhos da árvore, sendo que a árvore em si seria o clericalismo, formado pelo conjunto de galhos, ou seja, pelo conjunto dos males. Já nas raízes da árvore estão elementos que sustentam o capitalismo, como as indústrias e o comércio, os quais, indiretamente, sustentariam também o próprio clericalismo, ou seja, formariam o contexto propício para a sua existência e permanência. Esses monstros representariam o mal, enquanto que os ideais defendidos pelo periódico representariam o bem, evidenciando o dualismo bem/mal, certo/errado, justo/injusto característico das representações tanto anticlericais como anarquistas. Lobato (2009) disserta a esse respeito:

La representación del mundo, incluido el laboral, se realiza en términos dicotómicos: el bien y el mal, el paraíso, el infierno, el perdón y la condena constituyen los elementos básicos de representación de la realidad. Podría decirse que se utilizan categorías de carácter divino, pero laicizadas, una especie de religión laica, dicho de otro modo, junto a las categorías de

carácter divino se desarrollan otras asociadas a rasgos humanos como ricos, pobres, buenos, malos, avaros y generosos.<sup>362</sup>



**Figura 65:** Caricatura anticlerical no *Lúcifer* (1907).  
Fonte: *Lúcifer*, 15 de dezembro de 1907 nº5 p.01



**Figura 66:** “Como ve la Burguesia”: Caricatura dos estereótipos do anarquismo e do socialismo no *La Protesta* (1908).

Fonte: *La Protesta*, 22 de marzo de 1908 nº 1302 p. 01

<sup>362</sup> LOBATO, Mirta Zaida. *La prensa obrera*. Op.Cit. p.19.

Tal dicotomia de que fala Lobato também é percebida na caricatura acima, em que o caricaturista se esforça em mostrar de que maneira a burguesia via o anarquista e o socialista. O interessante nessa caricatura de 1908 é que a mesma apresenta dois estereótipos que serão utilizados com uma frequência considerável na primeira metade do século XX: o anarquista enquanto agitador social (que será amplamente difundido na imprensa burguesa), por isso é retratado segurando uma bomba e com uma arma na mão (o próprio cabelo e barba sobressalentes são um sinal de rebeldia<sup>363</sup>); e o socialista enquanto ovelha/ carneiro uma vez que tal animal simbolizava a repetição automática, a falta da capacidade criativa e de pensar por si próprio, de forma que a ovelha quando está com seu rebanho segue fielmente o pastor que a conduz, sem demonstrar nenhuma atitude de contrariedade para com este<sup>364</sup>. Dessa forma, ao mesmo tempo em que os caricaturistas se auto-retratavam positivamente, também se esforçavam em ridicularizar os seus inimigos, e os socialistas faziam parte desses inimigos. É importante salientar que a utilização do cordeiro para representar os socialistas estava quase sempre ligada à palavra “traidor”, de forma que muitas foram as caricaturas em que no lugar da cabeça do cordeiro se colocava a cabeça de um socialista, de alguém que teria traído a causa libertária (desse gênero eram também as primeiras fotografias/montagens difundidas nos periódicos obreiros):

Por un lado, se publicaban los rostros de los desviados del cuerpo social: “carneros”, capataces abusivos y policías. Por otro, se iban armando la de los héroes y mártires de la causa social, en particular cuando se incluía alguna nota necrológica. No primer caso, la fotografía podría ir acompañada de la palabra “traidor” y en el texto se advertía sobre la necesidad de aislar a quienes informaban a la policía o colaboraban con los patrones.<sup>365</sup>

Dessa forma, o estereótipo socialista vinculado ao carneiro, ao “bom seguidor”, era ridicularizado pelos anarquistas, os quais entendiam que tais sujeitos eram facilmente controlados e conduzidos pelas mentiras burguesas. O estereótipo socialista apresentava, portanto, um caráter cômico, uma vez que ridicularizava um “tipo” social. De acordo com Bergson:

Em certo sentido, poder-se-ia dizer que todo caráter é cômico, desde que se entenda por caráter o que há de já feito em nossa pessoa, e que está em nós em estado de mecanismo montado, capaz de funcionar automaticamente. Será

<sup>363</sup> Embora a maior difusão do estereótipo da figura masculina com barba e cabelos compridos enquanto sinônimo de rebeldia tenha se dado em meados de 1960, depois dos acontecimentos revolucionários de Cuba e de outras experiências fundamentadas em guerras de guerrilhas; aludindo, portanto, mais aos comunistas do que aos anarquistas.

<sup>364</sup> A utilização do carneiro/ ovelha também fazia referência, em algumas ocasiões, aos fura-greves.

<sup>365</sup> LOBATO, Mirta Zaida. **La prensa obrera**. Op.Cit. p.91.

aquilo pelo que nos repetimos. E será também, por conseguinte, aquilo pelo que outros nos poderão imitar. O personagem cômico é um tipo.<sup>366</sup>

Dessa maneira, é o automatismo do socialista em seguir, em dançar a música conforme dita o burguês, que o torna imitável e cômico. É um mecanismo que possibilita sua própria ridicularização. Muitas vezes, as caricaturas criticavam e denunciavam tanto os burgueses quanto os socialistas através de uma mesma representação, a qual não era o estereótipo do socialista (o carneiro), mas sim algo mais genérico, que atingia as duas representações sociais, atacando a crença que ambos tinham no processo eleitoral, no sufrágio universal. A caricatura abaixo dotada de sarcasmo e comicidade transmite a idéia negativa que os libertários tinham dos candidatos, associados que estavam à mentira e à injustiça, pessoas desprovidas das virtudes mais nobres. Na charge aparece um porco representando o candidato (e a escolha do porco não é por acaso) e dois cachorros representando os anarquistas. A utilização de porcos para representar os inimigos faz parte de uma tradição antiga, como indica Burke:

Nas caricaturas produzidas durante a revolução francesa, o rei Luís XVI era ocasionalmente retratado como um porco. Também em forma de porcos aparecem os capitalistas obesos e abomináveis nas pinturas de Gerog Grosz (1893-1959), por exemplo, ou de Diego Rivera.<sup>367</sup>

Na caricatura, os cachorros estão dialogando a respeito do porco, e explicam aos observadores o porquê do pranto do porco.

*"- Ché, decime...?Y aquel porque está llorando?  
- Porque su novia lo llamó candidato."*

De forma que a imagen transmite, de uma maneira peculiar e cômica, o desprezo que os anarquistas tinham tanto dos socialistas, quanto dos candidatos em geral, fossem eles burgueses ou socialistas, uma vez que ambos iriam continuar com a exploração e miséria humana, não realizando a emancipação social na qual acreditavam os anarquistas, e que deveria ocorrer através da ação direta dos trabalhadores, da greve, da educação e não através de uma singela eleição.

<sup>366</sup> BERGSON, Henri. **O Riso: ensaio sobre a significação do cômico**. Op.Cit. p.78.

<sup>367</sup> BURKE, Peter. **Testemunha Ocular: História e Imagem**. São Paulo: EDUSC, 2004. p.169.



**Figura 67:** “Ni los chanchos”: Caricatura contra os socialistas no **La Protesta** (1914)  
 Fonte: La Protesta, 15 de febrero de 1914 nº 2165 p. 01

Em outra representação dos socialistas no periódico **La Protesta**, esses são retratados enquanto pessoas mentirosas (por isso os socialistas aparecem com narizes enormes – uma alusão à história de Pinóquio) e passíveis de qualquer ação desonesta para atingir seus objetivos. Sob o título de “*resultado de las ultimas elecciones*” a caricatura desacredita tanto o processo eleitoral quanto a índole dos candidatos, uma vez que o resultado final se traduz em um excesso de mentiras e nada mais. A legenda, por sua vez, evidencia a hipocrisia socialista uma vez que indica que a mentira estava presente também entre eles, sendo já uma prática comum, quase natural: “- *Ché Justo, nos quedamos con mil quinientas cuartas de narices. – Unos tres mil, querrás decir*”.

Vale ressaltar que a crítica ao processo eleitoral percebida no periódico **La Protesta** também pode ser um reflexo da exclusão dos estrangeiros de tal processo, uma vez que não tinham direito ao voto; considerando que entre 1880 e 1930 a Argentina possuía em torno de 25 a 30% de sua população constituída por estrangeiros é justificável a recorrência da temática nas caricaturas libertárias. De acordo com Di Tella (2010) o impacto imigratório ocorrido na Argentina “*deixava fora da participação eleitoral a grande maioria da burguesia e do proletariado urbano*”<sup>368</sup>.

<sup>368</sup> TELLA, Torcuato Di. **Comparação entre os sistemas políticos da Argentina, Brasil e do Chile**. RBCS, Vol.25, nº72, fevereiro de 2010, p.15.

Percebe-se assim que os traços que atacavam o sistema capitalista, por vezes, atacavam severamente tanto a burguesia quanto os socialistas, uma vez que (de acordo com os princípios libertários) ambos eram responsáveis pela manutenção da exploração e da miséria vigente; os primeiros atuando enquanto propagadores das injustiças em prol do capital e os segundos se deixando manipular pelos primeiros e acreditando em mudanças eventuais e não radicais, as quais, de acordo com a visão dos anarquistas, não aniquilariam a opressão e injustiça existentes.



**Figura 68:** “*Resultado de las ultimas elecciones*”: Caricatura contra os socialistas no **La Protesta** (1908).  
Fonte: *La Protesta*, 25 de octubre de 1908 n° 1486 p.1

### 2.2.3.3 Caça aos anarquistas: caricaturas da repressão

A repressão aos anarquistas foi uma constante tanto em Buenos Aires quanto em Porto Alegre. No entanto, como já explicitado anteriormente, devido ao caráter mais opressor da Ley de Residencia em comparação com a Lei Adolfo Gordo, conjuntamente com outros fatores, uma vez que se acredita que não é um fator isolado que gera as representações, mas sim um conjunto de vários fatores (composto tanto de práticas observáveis como de representações), a repressão foi sentida mais fortemente em Buenos Aires do que em Porto Alegre; e, possivelmente por isso, várias caricaturas libertárias portenhas tratam da repressão

policial infligida nesses operários. No entanto, chama-se a atenção para o fato de que as caricaturas não têm um caráter imediatista em relação às práticas cotidianas mas, sem sombra de dúvida, são influenciadas por estas, surgindo da relação dinâmica existente entre as práticas cotidianas e as representações preexistentes. Vale ressaltar que os periódicos anarquistas e obreiros em geral eram invadidos, fechados e saqueados constantemente (conforme explicitado no primeiro capítulo da dissertação), traduzindo o tratamento empregado pela polícia da capital portenha aos trabalhadores vinculados à organização operária, sejam anarquistas ou socialistas. De acordo com Suriano “*cuando el discurso subversivo sintonizaba con el malestar de los trabajadores, las autoridades comenzaron a censurar las ideas y a limitar la circulación de la prensa contestataria*”<sup>369</sup>. Vale salientar que, muitas vezes, nesses fechamentos e invasões tudo na sede do periódico era destruído, atrasando as publicações futuras, ao mesmo tempo em que seus redatores, colaboradores ou apenas simpatizantes que ali se encontravam eram levados para a prisão, não importando se tivessem ou não relações diretas com o periódico. A caricatura abaixo impressa no suplemento **La Obra** em 1915 retrata a prisão de operários que, na realidade, nada tinham a ver com as agitações ocasionadas pela ação libertária, traduzindo o poder que a Ley de Residencia forneceu à polícia de Buenos Aires, a qual prendia qualquer um por ser estrangeiro e não, necessariamente, anarquista.



**Figura 69:** Caricatura da repressão policial no **La Obra** (1915).  
Fonte: *La Obra*, agosto de 1915 nº3 p.13

<sup>369</sup> SURIANO, Juan. **Anarquistas: cultura y política libertaria en Bueno Aires**. Buenos Aires: Manantial, 2001. p. 182.

A charge mostra um senhor (aparentemente com idade avançada) sendo preso por policiais. No entanto, os policiais não têm prova alguma de que esse operário esteja envolvido com os anarquistas, sabem apenas que ele é estrangeiro, e, justamente e somente por isso, ele é considerado um “agitador social”. A legenda é extremamente irônica ao apresentar o operário exatamente como aquilo que ele não é: “*Asseguradle! Asseguradle! Es un terrible agitador social*”. Dessa forma, a caricatura denuncia a exagerada repressão que era empregada aos operários, fossem eles anarquistas ou não. Esse exagero e esse pânico que rodeava as ruas dos bairros operários de Buenos Aires, uma vez que qualquer um poderia ser preso simplesmente por ser estrangeiro, é denunciado no seguinte relato do periódico **La Protesta**, em que são apresentadas algumas ações repressivas da polícia em relação aos operários:

[...] y termina la lista del día con la nota cómica que en ella puso un vigilante, quien en la esquina de las calles Victoria y Solís tomó por anarquistas peligrosos a una pareja de enamorados, produciendo un descomunal desorden.<sup>370</sup>

É importante salientar que o emprego da ironia na legenda que acompanha a referida caricatura pode ser entendido como uma estratégia, uma vez que a ironia surte um efeito positivo quando é empregada com a finalidade de oposição e subversão à ordem estabelecida. Ela é, por si própria, uma arma contra essa ordem:

Durante a luta revolucionária, a ironia é bem-vinda por causa de seus arremessos contra o...inimigo. Uma vez que a revolução estiver posta na sela, a ironia recebe um desligamento imediato e desonroso (D.J. Enright, 1986 p.108-109). Tal mudança só é possível por causa da natureza transideológica da ironia: enquanto pode-se usar a ironia para reforçar a autoridade, também pode-se usá-la para fins de oposição e subversão – e ela pode tornar-se suspeita por isso mesmo.<sup>371</sup>

Exatamente por esse caráter de oposição e de subversão da ironia é que ela é encontrada também na caricatura abaixo, a qual se refere aos policiais enquanto “heróis do dia” quando na verdade está denunciando a postura repressora e desumana dos mesmos, uma vez que estes são retratados atacando com armas mulheres operárias indefesas, mostrando assim a brutalidade com que agia a polícia de Buenos Aires durante o ano de 1904, dois anos após à promulgação da Ley de Residencia. A caricatura faz referência a um ato repressor da polícia em relação às obreiras tecelãs que foram proibidas de transitar pela via pública. Segundo o periódico **La Protesta** elas foram escoltadas entre “*provocaciones e injurias de*

<sup>370</sup> **LA PROTESTA**, Buenos Aires, 22 de noviembre de 1904 n°456 p.01.

<sup>371</sup> HUTCHEON, Linda. **Teoria e Política da Ironia**. Op. Cit. p. 53.

*toda clase*”. Algumas dessas tecelãs se esconderam nas casas que encontraram pelo caminho a fim de escapar da chuva de golpes que lhes dirigiam os “*modernos vândalos*”. Além disso, o texto que acompanhava a caricatura denunciava diretamente os policiais que foram identificados em tal episódio. Denunciava divulgando o número que caracterizava o policial, uma vez que os nomes dos mesmos eram desconhecidos; porém, se soubessem dos nomes, esses, possivelmente, não seriam poupados no periódico, uma vez que os periódicos libertários costumavam atacar diretamente seus inimigos, não poupando a identidade desses (diferentemente do que ocorre em alguns jornais da imprensa atual, que mantêm em sigilo o nome daqueles que pretendem atacar). Eis a denúncia: “*el cabo 3670, el sargento 3663, los agentes 3664 y 3691, y los soldados 139 y 146. Los entregamos a la execración de los compañeros, para el próximo día de los tremendos saldos*”<sup>372</sup>.



**Figura 70:** “*El arbitraje policial*”: Caricatura contra a repressão policial no **La Protesta** (1904).  
Fonte: *La Protesta*, 22 de noviembre de 1904 n°456 p.01

De forma que o texto que acompanha a caricatura tanto reforça a brutalidade da repressão sofrida pelas mulheres tecelãs como apresenta os culpados por essa repressão, a fim de que os mesmos paguem por seus atos e que o operariado se lembre dos culpados para poder vingar suas vítimas. A vingança e a violência contra os “culpados” foi também uma estratégia empregada por parte do anarquismo, pela parte mais radical deste, a qual acreditava em atos violentos e no poder do ataque, do enfrentamento frente a frente entre oprimido e opressor, de forma que alguns governantes, chefes de polícia e outros opressores foram

<sup>372</sup> **LA PROTESTA**, Buenos Aires, 22 de noviembre de 1904 n°456 p.01.

assassinados em Buenos Aires por anarquistas que exigiam vingança. Talvez o caso mais emblemático seja o do assassinato do coronel Falcón conhecido por sua política de repressão aos anarquistas e que foi morto em 1909 por um libertário.

A denúncia da forte repressão existente na Argentina também é alvo da próxima caricatura visualizada no **Suplemento de La Protesta**, a qual apresenta de forma irônica a suposta liberdade e a igualdade que existiria na República Argentina. No entanto, a própria República (representada no desenho por uma figura feminina) é espectadora passiva da expulsão de um estrangeiro pela polícia portenha. Sendo assim, verifica-se que a República que se diz livre e igualitária é pintada como autoritária e desigual, uma pátria em que os estrangeiros sofriam com a constante repressão aplicada através da Ley de Residencia. Ao contrário do que se poderia supor tal caricatura não é acompanhada por um texto explicativo que disserte acerca da repressão argentina, ao contrário, o texto que a acompanha não tem relação direta com o caso argentino, tocando exclusivamente na concepção de liberdade dos principais teóricos anarquistas, não se referindo, em nenhum momento, ao contexto portenho. Dessa maneira, fica claro que nem sempre as caricaturas políticas ilustram, complementam ou são complementadas por um texto; podendo, por si próprias, transmitir uma mensagem inovadora.



**Figura 71:** Caricatura contra a repressão da República Argentina no **Suplemento de La Protesta** (1908).

Fonte: *Suplemento de La Protesta*, Octubre de 1908, nº06 p.131

Nos periódicos de Porto Alegre não foram encontradas caricaturas a respeito da repressão policial na capital gaúcha, no entanto, sabe-se que a mesma se fez presente no

período em questão<sup>373</sup>; porém, se fez sentir com mais força no ano de 1919, cuja greve operária ocasionou o fechamento temporário da FORGS e do periódico **O Sindicalista**, bem como a prisão de inúmeros anarquistas. De acordo com Silva Júnior (1996) “*a atitude do governo estadual em 1919 foi diferente daquela tomada em 1917. Como em 1918, a polícia estadual invadiu sedes operárias e prendeu lideranças; houve tiroteios entre tropas e grevistas*”<sup>374</sup>.

Portanto, apesar de a repressão policial estar presente tanto em Buenos Aires como em Porto Alegre, é provável que a mesma tenha se sentido com maior força e por um período mais extenso em Buenos Aires, uma vez que em Porto Alegre a repressão foi sentida fortemente apenas em 1918-1919, enquanto que em Buenos Aires já se fazia sentir em 1902, quando da aprovação da Lei de Residência e sua posterior aplicação. Talvez essa diferença de intensidade da repressão seja uma das possíveis explicações para a inexistência de caricaturas contra a repressão ou à Lei Adolfo Gordo nos periódicos de Porto Alegre.

### 2.3 ANONIMATOS QUE REVELAM: ALMA ROJA E MOLOGO

O exposto até aqui revela as características, as denúncias e os objetivos das caricaturas libertárias e anticlericais, os quais consistiam tanto em divulgar os opressores como apontar alternativas para mudanças sociais profundas que gerariam a nova sociedade, em que os papéis bem definidos dos exploradores e dos explorados não mais existiriam. No entanto, cabe perguntar quem eram esses caricaturistas que se utilizavam da ousadia dos traços para questionar e tentar modificar a realidade vigente? Infelizmente, a resposta para esse questionamento não é simples e exata, pelo contrário, se traduz em um desafio investigativo, uma vez que a principal identificação dos caricaturistas anarquistas ocorria através da utilização de pseudônimos que, ao invés de revelar a autoria, apenas reforçavam a marca do anonimato. Porém, esse anonimato, ao contrário de inviabilizar a análise histórica, acaba por

---

<sup>373</sup> Para estudar as questões referentes ao policiamento da cidade de Porto Alegre é importante ressaltar a diferença existente entre a Polícia e o Exército, uma vez que para esse último eram também recrutados moços com “má reputação” e ex-presidiários, o que explica a existência de embates constantes entre o exército e a polícia local, já que esta última continuava ligada aos interesses da burguesia no que condiz à “manutenção da ordem”. De acordo com Moreira “*não era à toa que os policiais atraíam o rancor popular, sua presença cada vez maior limitava os espaços de relativa autonomia dos pobres urbanos – daí serem classificados de MORCEGOS, pois deviam permanecer escondidos, aparecendo rapidamente acabando com as desordens*”. (MOREIRA, 1995 p.61)

<sup>374</sup> SILVA JÚNIOR, Adhemar Lourenço da. **A Bipolaridade política rio-grandense e o movimento operário (188?-1925)**. In: Estudos Ibero-americanos. Vol.22, nº2. Porto Alegre: PUCRS: 1996. p. 23.

tornar-se revelador. Não revelador de um indivíduo, de marcas pessoais precisas, mas sim de aspectos de uma dada realidade que apenas puderam ser transmitidos por esse ocultamento pessoal atrás da máscara do pseudônimo.

Dentre as caricaturas analisadas, dois caricaturistas, identificados pelos pseudônimos de *ALMA ROJA* e *MOLOGO*, destacam-se tanto pela presença constante nos periódicos **La Protesta** e **Lúcifer** respectivamente, como por revelarem, através de suas caricaturas, representações das suas visões da realidade, do contexto em que estavam inseridos e que teimavam em modificar, ou ao menos, em indicar caminhos que levariam a resultados alternativos. Tentar-se-á dar voz aos riscos de *ALMA ROJA* e *MOLOGO* interligando-os, sempre que possível, ao contexto de suas criações, procurando dar vida e dinamicidade a esses traços sem dono, desprovidos de uma identificação pessoal precisa.

É importante salientar que tal tentativa se traduz em um desafio historiográfico, uma vez que pretende dar voz a sujeitos que, para não serem silenciados no seu tempo, escondiam-se por meio de pseudônimos e, será exatamente através desses pseudônimos, desse anonimato, que será possível reconstruir parte das vivências, crenças e denúncias que os caricaturistas tentavam expressar nos traços singelos das suas charges. Trazer à tona percepções individuais de sujeitos que se expressavam através do anonimato, identificando-se sob as assinaturas de “*ALMA ROJA*” e de “*MOLOGO*”, de um outro “eu”; eis, pois, o primeiro desafio dessa parte do trabalho. Muitos dos sujeitos estudados pela história, mais recentemente pela micro-história, deixaram diários, cartas ou outros registros pessoais que traduziam as suas percepções, emoções e ações. Infelizmente, “*ALMA ROJA*” e “*MOLOGO*” não deixaram nada disso. Porém, felizmente (e aqui se encontra o segundo desafio) deixaram uma rica coleção de caricaturas (e é espantoso que nenhum historiador tenha ainda se dedicado ao seu estudo e análise). Para o caso de *ALMA ROJA* o espanto é ainda maior, uma vez que o mesmo, além das caricaturas, também escreveu inúmeros textos no periódico **La Protesta** que enriquecem e auxiliam a revelar certas percepções do indivíduo que está escondido/ protegido pela assinatura “*ALMA ROJA*” e que possibilitam a construção desse relato. *ALMA ROJA* é, portanto, uma “figura múltipla”, pois tanto escreve como desenha concentrando em si os papéis do caricaturista e do escritor. Saliba (2002), ao estudar a presença do humor na imprensa paulista e carioca, constatou que grande parte dos caricaturistas da primeira e segunda décadas do século XX eram “figuras múltiplas”.

[...] o humorista típico [...] condensa em si mesmo as figuras do caricaturista, do cronista da imprensa ligeira e do revistógrafo. Neste caso, o humorista

também é uma figura múltipla, com alta capacidade de trânsito entre práticas culturais distintas.<sup>375</sup>

No entanto, a condição de anonimato e a utilização de pseudônimos nos periódicos libertários não é uma característica exclusiva dos caricaturistas, estendendo-se, por vezes, aos autores, colaboradores e até dirigentes. “*En muchas publicaciones obreras de filiación anarquista el periodista es anónimo y mimetiza bajo diferentes seudónimos*”<sup>376</sup>. Ao procurar apresentar e eternizar os traços de *ALMA ROJA* e *MOLOGO* assume-se que várias lacunas serão deixadas em aberto e que, em muitas partes do relato, jogar-se-á com as possibilidades, com o provável, sendo que as expressões “é possível”, “talvez”, “imagina-se” estarão presentes na narrativa; no entanto, a mesma procurará não deixar de lado as incertezas e a convicção de que a história aqui transposta será apenas uma das múltiplas possíveis e não é e nem tem a pretensão de ser a mais verdadeira, mas sim objetiva trazer contribuições ao que concerne tanto à história operária quanto à história do próprio indivíduo em si, recuperando percepções de sujeitos que até o momento foram esquecidos pela história, provavelmente pelo seu anonimato ou intencionalmente devido à sua crença na luta por um mundo alternativo. Mundo esse que nos dias atuais é cada vez menos sonhado, uma vez que seu desejo é ofuscado pelo individualismo e materialismo que permeia a existência contemporânea, dificultando a percepção do outro e a possibilidade real de mudanças significativas, em que o “ser coletivo” passaria a ser mais valorizado que o “ter individual”.

Quanto ao anonimato de “*ALMA ROJA*” e “*MOLOGO*” acredita-se que ele não impossibilita a construção do relato, mas que “*compete ao historiador perguntar pelos silêncios, identificar no que não foi dito uma razão de natureza muitas vezes política*”<sup>377</sup>. A natureza política do silêncio da identificação e da opção pela utilização de pseudônimos é clara no estudo em questão, uma vez que as caricaturas eram reproduzidas em periódicos anarquistas ou anticlericais, contrários, portanto à ordem vigente e às posturas tradicionais.

“*ALMA ROJA*” era anarquista e publicava suas caricaturas no periódico libertário “**La Protesta**” e no “**Suplemento de La Protesta**” durante os anos de 1908 a 1910, anos esses em que a perseguição aos anarquistas pelas ruas de Buenos Aires era uma atividade cotidiana

<sup>375</sup> SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do Riso: a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos Primeiros Tempos**. Op. Cit. p. 163.

<sup>376</sup> LOBATO, Mirta Zaida. **La prensa obrera**. Op.Cit. p.66.

<sup>377</sup> BARBOSA, Marialva. **Como escrever a história da imprensa?** Rio de Janeiro: Ed. UFF, 2004. p.2.

da polícia portenha e o anonimato era o que possibilitava não só a permanência das publicações da imprensa libertária, mas também a liberdade dos sujeitos em questão (inúmeros foram aqueles que ficaram confinados em cárceres ou que foram deportados da Argentina).

O anonimato foi, portanto, uma escolha individual de “*ALMA ROJA*” e não uma imposição, uma determinação; pois houve anarquistas que preferiram não utilizar pseudônimos e correr os riscos de uma provável perseguição. Nesse sentido concorda-se com Revel quando este define a experiência biográfica como um campo de possibilidades e com Barth quando a história lhe toma de empréstimo a noção de escolha individual:

Uma experiência biográfica, a do padre Croce ou a do pintor Annibale Carracci, pode assim ser relida como um conjunto de tentativas, de escolhas, de tomadas de posição diante da incerteza. Ela não é mais pensável apenas sob a forma da necessidade – esta vida existiu e a morte a transformou em destino –, mas como um campo de possibilidades entre os quais o ator histórico teve de escolher.<sup>378</sup>

Os elementos teóricos mais importantes são encontrados no antropólogo norueguês Fredrik Barth. A micro-história toma-lhe de empréstimo o modelo de um indivíduo ativo e racional, que por seu lado opera escolhas num universo caracterizado por incertezas e obrigações que dependem particularmente da distribuição desigual das capacidades individuais de acesso à informação.<sup>379</sup>

Portanto, sempre que se faz referência às atuações, reivindicações e emoções de “*ALMA ROJA*” se está referindo às suas escolhas, as quais, por serem somente suas (individuais) não podem ser generalizadas para toda a classe operária portenha. Assim, “*ALMA ROJA*” escolheu, dentro das suas possibilidades, ser anarquista, e ser anarquista atuante, uma vez que contribuía desenhando e escrevendo num dos principais periódicos libertários do período. Poderia, entretanto, ter escolhido o lado do socialismo e ter contribuído com o periódico socialista **La Vanguardia**, ou ter escolhido os círculos operários católicos e a sua suposta beneficência para contribuir socialmente, ou ainda optar pelo descaso, pelo afastamento do movimento operário e se constituir num operário apático. Portanto, o fato de “*ALMA ROJA*” ser anarquista é uma escolha, e não uma imposição (embora o contexto de exploração em que vivia contribuísse para essa escolha, a mesma não era a única possível). Como demonstrado, ele tinha outras opções e a escolha pelos princípios libertários era apenas mais uma entre as variáveis possíveis. Assim, ao não considerar que o comportamento e as

<sup>378</sup> REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 38.

<sup>379</sup> LEPETIT, Bernard. **Sobre a escala na história**. In: REVEL, J. (org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 88.

escolhas de “ALMA ROJA” possam ser generalizados para toda a classe operária de Buenos Aires pretende-se que “a análise, aqui, não deve individualizar comportamentos típicos para ilustrar normas ou modelos. Ao contrário, ela se propõe descobrir mecanismos que permitam dar conta da variação, da diferenciação dos comportamentos”<sup>380</sup>.

Antes de debruçar-se sobre os escritos, as caricaturas, as denúncias e as crenças de “ALMA ROJA” é necessário notar que o mesmo era um anarquista privilegiado por sua capacidade de ler, escrever e desenhar num contexto rodeado por analfabetos, em que as escolas eram raras e recém começavam a aparecer as escolas operárias, criadas e gestadas por anarquistas que acreditavam no papel fundamental da educação para a transformação social. Nesse contexto as escolas libertárias tiveram um importante papel sendo responsáveis por alfabetizar parte da classe obreira de Buenos Aires e pela conversão de um maior número de indivíduos aos ideais ácratas (embora o número de alunos nas escolas libertárias não fosse tão expressivo, já que não atingia a maioria dos trabalhadores, a sua importância não pode ser desconsiderada, uma vez que atingiu determinados sujeitos e contribuiu para suas formações futuras, tanto individuais como sociais). Sobre a finalidade e a importância da educação para os anarquistas Barrancos (1990) destaca que:

La filosofía anarquista entendió la educación como un pilar en la gran tarea regeneradora y fue obsesiva en distinguir al Capital, al Gobierno, a la Iglesia y a la Ignorancia como las cuatro cabezas del monstruo que debían enfrentar, y finalmente suprimir, los suprimidos.<sup>381</sup>

Procurando realizar essa tarefa regeneradora, as escolas libertárias geralmente ofereciam também um atendimento noturno, para que os operários adultos também fossem alfabetizados e impregnados do espírito anárquico.

#### **Circular de la Escuela Moderna**

[...] Conforme nuestro deseo de instalar una escuela en la que se eduque de acuerdo con los dictados de la razón y de la ciencia, hemos hecho practica la instalación de la “Escuela Moderna” en el cómodo local: Uspallata 407; funciona hace mes y medio en que reciben educación ciento y treinta niños.<sup>382</sup>

Yo no fue educado en una escuela y si por mis padres, con mucho esfuerzo una vez que ellos sabían escribir de una forma rudimentaria y mismo esa forma rudimentaria de escribir era una rareza; después tuve que practicar solo, como que un autodidacta porque no había escuela pública en el barrio

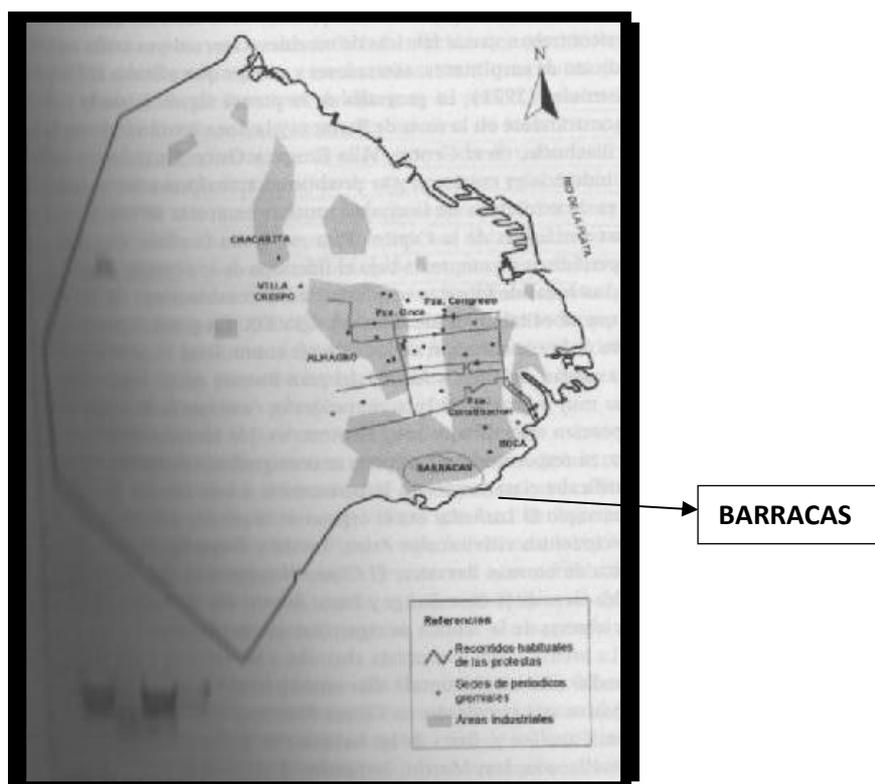
<sup>380</sup> GRIBAUDI, Maurizio. **Escala, pertinência, configuração**. In: REVEL, J. (org). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 132.

<sup>381</sup> BARRANCOS, DORA. **Anarquismo, Educación y costumbres en la Argentina de principios de siglo**. Ed. Contrapunto. Buenos Aires. 1990. p.12.

<sup>382</sup> **LA PROTESTA**, Buenos Aires, 9 de enero de 1909, nº 1539 p.02.

de Barracas. Por eso me alegro con la circular de la Escuela Moderna. ALMA ROJA<sup>383</sup>

Tais fragmentos extraídos do periódico **La Protesta** fornecem importantes informações acerca do maximizado valor que os anarquistas conferiam à educação, bem como permitem reconstruir parte do universo em que viveu “ALMA ROJA”, uma vez que o mesmo informa em seu texto que no bairro em que passou ao menos parte de sua infância não havia escolas e que aprendeu a ler com bastante dificuldade através de seus pais, que, conforme expõe, tinham uma educação limitada e rudimentar. Mesmo assim ele admite que essa “educação rudimentar” era um privilégio (porque rara) no período e local em questão. Vale ressaltar que do bairro onde vivia, ou seja, do bairro operário “Barracas” surgiram vários colaboradores do anarquismo portenho, bem como várias redações de periódicos operários (nos arredores do bairro); se, por um lado, eram poucos os que sabiam ler, por outro, a capacidade de atuação desses poucos era evidente.



**Figura 72:** Mapa da Cidade de Buenos Aires (1905). (o Bairro de Barracas está circulado). A área em cinza do mapa representa os bairros industriais e os pontos, as sedes de periódicos operários.

Fonte: Lobato, 2009 p.55

En Buenos Aires la localización espacial de los periódicos siguió la de las organizaciones gremiales y éstas se ubicaban en los barrios donde se

<sup>383</sup> LA PROTESTA, Buenos Aires, 9 de enero de 1909, nº 1539 p.02.

concentraban la mayor cantidad de fábricas y talleres. En el centro y sur de la ciudad de Buenos Aires, en las calles del barrio Once, en Almagro, en Parque Patricios y Constitución, en la Boca y en Barracas aparecen el mayor número de redacciones, sede de los administradores, de los responsables y de la recepción de la correspondencia. Barracas era una zona predominantemente obrera y allí estaban localizadas las fábricas de medias Salzman y París, las grandes fábricas de la zona como Alpargatas, Terrabussi, Águila Saint y Godet o la editora Fabril Financeira. [...] La geografía de la prensa siguió la de la industria concentrándose en la zona de Barracas y la Boca terminando en la línea del Riachuelo, en el Centro, Villa Crespo y Once.<sup>384</sup>

Os esclarecimentos de Lobato sobre o bairro operário “Barracas” permitem supor que os pais, e muito provavelmente o próprio “ALMA ROJA” trabalhassem em algumas das fábricas ali instaladas. Isso justifica o fato de que nas caricaturas de “ALMA ROJA” o que aparece é a exploração na fábrica urbana, os conflitos entre o capitalista/burguês e o operário; portanto, o mundo urbano está presente nos seus desenhos enquanto que o mundo camponês não aparece, e nem poderia aparecer, uma vez que esse mundo é estranho ao caricaturista. Assim, aos seus desenhos serão transpostas as angústias, injustiças e também os sonhos de um indivíduo que cresceu e viveu no bairro operário de Barracas, onde o conflito operário/patrão permeava o cotidiano.

Durante os anos de 1908 a 1910, “ALMA ROJA” publicou 61 caricaturas no periódico **La Protesta** e no **Suplemento de La Protesta**, ou seja, mais de 40% das caricaturas coletadas nos periódicos de Buenos Aires para o presente trabalho são de autoria de “ALMA ROJA”; o que demonstra o valor desse caricaturista na imprensa operária. Suas caricaturas remontam a variados assuntos sendo a aversão aos burgueses, a exploração, as caricaturas contra o Governo (caricaturas contra o sistema capitalista e o poder estatal), caricaturas anticlericais, o antimilitarismo e a repressão os assuntos mais constantes e repetitivos nas ilustrações de ALMA ROJA.

Grupo de Assunto	Caricaturas Alma Roja
<b>Exploração</b>	<b>8</b>
<b>Antiburguesa</b>	<b>8</b>
Antimilitar	7
Repressão	7
Anticlerical	6
Liberdade	6
Contra o Governo	6
Contra os Socialistas	5
Organização	4

<sup>384</sup> LOBATO, Mirta Zaida. **La prensa obrera**. Op.Cit. p.55-56.

proletária	
Miséria	3
Natal	1
<b>Total geral</b>	<b>61</b>

**Tabela 1:** Assunto das caricaturas de *ALMA ROJA*

Em uma das caricaturas ele faz a sua assinatura ao revés, de trás para frente, expressando uma tendência contra os padrões estáticos e estéticos, conforme pregava parte da teoria anarquista; outras três caricaturas ele provavelmente realiza em conjunto com outros caricaturistas, uma vez que se percebe a mistura de traços e a existência de duas assinaturas (“*ALMA ROJA*” e “*FRANZONI*” ou “*ALMA ROJA*” e “*SPERONI*”)<sup>385</sup>, expressando assim o espírito coletivo que estava presente na edição de um periódico libertário. Tal espírito coletivo é observado no editorial do exemplar de fundação do **Suplemento de La Protesta** de 1908, em que são exaltados os nomes dos caricaturistas “*ALMA ROJA*” e “*SPERONI*”, ao mesmo tempo em que o valor das caricaturas é ressaltado uma vez que o editorial do suplemento afirma que os desenhos não necessitam de palavras para traduzirem suas críticas, são completos por si mesmos. Eis o editorial:

SPERONI y Alma Roja han ilustrado el presente número con los trabajos artísticos que habrán admirado los lectores. Animados por el ideal y compenetrados del propósito que hemos tenido en cuenta al iniciar este suplemento de LA PROTESTA, sus lápices han dado relieve gráfico al pensamiento sin que sea mayormente necesario agregar palabras explicativas.<sup>386</sup>

Para apresentar parte da amostra caricatural de “*ALMA ROJA*” foram selecionadas 8 das 61 caricaturas a fim de demonstrar algumas representações que “*ALMA ROJA*” eternizou através de seus traços. Representações essas que muitas vezes eram reforçadas pelos seus escritos (pelas legendas que acompanhavam as caricaturas ou por textos avulsos, com ou sem relação direta com as imagens).

<sup>385</sup> Nos trabalhos pesquisados referentes à imprensa operária Argentina nada se encontrou a respeito dos caricaturistas “*ALMA ROJA*” e “*FRANZONI*”. No entanto, o artigo de Diego Abad de Santillán escrito em 1927 em comemoração aos 30 anos do periódico *La Protesta* faz referência a um importante desenhista do periódico que teve destaque no ano de 1910 denominado “*SPERONI*”. Na caricatura assinada por este último em conjunto com “*ALMA ROJA*” percebe-se claramente a existência de dois traçados distintos, evidenciando que se tratavam de desenhistas diferentes realizando um desenho em conjunto. Já nas assinadas por “*ALMA ROJA*” e “*FRANZONI*” fica mais complicado de perceber onde termina o trabalho de um caricaturista e começa o do outro; provavelmente os traços desses caricaturistas eram similares ou talvez ambos sejam a mesma pessoa. De acordo com Santillán “*un dibujante que sobresalió en las publicaciones fue Speroni*” e esta é toda a informação que Santillán fornece a respeito do caricaturista. Ver: Certamen Internacional de La Protesta: en ocasión del 30 aniversario de su fundación: 1897 – 13 de junio – 1927 (disponível em CD, gravado pelo CEDINCI).

<sup>386</sup> SUPLEMENTO DE LA PROTESTA, Buenos Aires, 1º de Mayo de 1908, nº1, p.27.

“*ALMA ROJA*” embora ainda (até o presente momento) não tenha sido reconhecido pelos historiadores como um sujeito que “tem uma história a contar”, seja por não considerarem as caricaturas enquanto fonte histórica, ou ainda, devido ao seu anonimato que dificulta, certamente, a investigação, é importante ressaltar que “*ALMA ROJA*” possuía, em seu tempo, um certo prestígio frente àqueles ligados aos ideais anarquistas, de forma que seus desenhos eram conhecidos e apreciados tanto pelo corpo editorial de **La Protesta** como pelo público receptor do diário:

**“Somatén”**

Se nos comunica que para el 1º de Mayo aparecerá un número único ilustrado con el título que encabeza esas líneas. Su formato contará de ocho páginas, en las cuales colaboraran numerosos y conocidos camaradas de la Argentina y del Uruguay. Además la primera página será ocupada por un hermoso grabado del compañero ALMA ROJA.<sup>387</sup>

Como já explicitado, “*ALMA ROJA*” vivia num bairro operário e as relações entre patrões/operários faziam parte do seu cotidiano, bem como a conseqüente exploração e miséria dos trabalhadores. Essas questões estão implícitas nas suas caricaturas, revelando a sua percepção de uma relação entre desiguais estabelecida no interior das fábricas que resultava na exploração dos trabalhadores em benefício de seus patrões e governantes.

A caricatura abaixo denuncia de uma forma fria e direta a exploração sofrida pela mulher no interior das fábricas e o excesso de autoritarismo do patrão. A legenda da caricatura apresenta uma ordem do patrão: “- *Vamos, sé buena conmigo...Yo mando aqui...Y tendrás dos centavos más por hora...*”. Nessa combinação entre legenda e desenho é evidenciada a crítica aos abusos dos patrões e, em particular, aos abusos sofridos pelas mulheres. Provavelmente esses abusos femininos eram percebidos cotidianamente por “*ALMA ROJA*” e seus traçados indignados foram a maneira com que encontrou para denunciar tal opressão ocorrida no interior das fábricas. É provável que mulheres da vizinhança ou mesmo da sua família tenham sofrido esses abusos, o que confere maior veracidade à denúncia empreendida na caricatura.

---

<sup>387</sup> **LA PROTESTA**, Buenos Aires, 21 de marzo de 1908, nº1301 p.01.



**Figura 73:** Caricatura denunciando a exploração feminina no **La Protesta** (1909).

Fonte: *La Protesta*, 30 de março de 1909, nº1605 p.01

Oscilando da opressão da mulher para a opressão ampliada do povo, assim apareciam os riscos de “ALMA ROJA”. Na caricatura abaixo o povo é apresentado como “*la eterna bestia*” – uma vez que ele sustenta seus opressores: os burgueses, os governantes, a opinião pública e o periodismo burguês; mostrando assim que “ALMA ROJA” não concordava com as mazelas burguesas utilizadas para a manutenção do seu poderio político e sua influência social. No entanto, percebe-se que, embora na caricatura abaixo a postura do povo passe a impressão de submissão, essa impressão mudará conforme o objetivo do caricaturista “ALMA ROJA”. Assim, quando pretende mostrar a exploração do povo este é rabiscado com traços de apatia e submissão; porém, quando quer convocar o povo para a ação, esse rabisco descarta os traços apáticos pelos traços enérgicos que traduzem a crença do caricaturista na ação operária. Portanto, estratégias eram utilizadas pelo caricaturista para reforçar a exploração sofrida pelos trabalhadores, bem como para mostrar a força contida nestes sujeitos; de forma que o povo (os trabalhadores) nem sempre é retratado da mesma maneira, dependendo, como já foi dito, da intenção do caricaturista: denunciar opressões ou organizar a ação.



**Figura 74:** Caricatura denunciando a exploração do povo no **La Protesta** (1908).  
 Fonte: *La Protesta*, 1º de março de 1908, nº 1284 p.01

A representação da miséria operária também é uma maneira do caricaturista transmitir a sua indignação e inconformidade com aquilo que ele está percebendo ao seu redor, fazendo com que dedique os seus traços e palavras mais ferozes para representar o irrepresentável: a miséria humana.

Quando nuestros pasos nos alejan de donde ese mundo de lo ahitó holgnea, y nos acercan ahí en esos suburbios, perdidos como cosa inservible en las afueras de la opulenta ciudad, y contemplamos todas las miserias que contener pueden, cuando vemos que hay muchos que no comen y muchos que de haber llorado tanto, ni desahogarse llorando pueden, cuando vemos esos escuálidos cuerpos, pugnando por sostenerse en pié, defendiéndose heroicamente de la tisis que los vence, que los postra cuando vemos, mujeres, niños y ancianos ignorantes, olvidados, viviendo entre las sombras más espesas de lo ignominioso, relegados en un rincón como harapos que de inservibles ¡ya ni para un remiendo sirven!...Entonces también nos sublevamos, también sentimos odios, iras soberbias, impulsividades de titán para escalar el Olimpo!...!Ay! dolor...dolor, como incas fieramente tus dientes en el alma anarquista ¡como la sublevas! ... Aquéllos por superfluos, éstos por indigentes...Aquéllos porque tienen todo hasta la exageración y estos porque se les niega todo ¡Hasta la mísera pitanza que el presupuesto del rico otorga al habitante de su señorial perrera! ALMA ROJA<sup>388</sup>

¡Pobre! Y había muerto tísica, consumidas sus tenues fuerzas por la dura labor que le imponía la necesidad, allá en aquella fabrica maldita, desgastadora de energías y voluntades, que de poco a poco había hecho

<sup>388</sup> **LA PROTESTA**, Buenos Aires, 9 de mayo de 1908, nº 1342 p.01.

doblar su organismo endeble, así como se doblan los pálidos lirios besados por la brisa de la mañana. ALMA ROJA<sup>389</sup>

Miséria humana que se traduzia numa jornada de trabalho desumana, nas demissões sem justa causa, nos baixos salários, nos altos preços dos aluguéis, entre outras crueldades características da primeira década do século XX em Buenos Aires, as quais atingiam, principalmente, a massa operária da qual “ALMA ROJA” era integrante. O título do desenho utiliza-se da ironia para atingir o leitor, visto que a essência da ironia é dizer o contrário daquilo que realmente se pensa e “ALMA ROJA” ao intitular o desenho de “*Bellezas del regimen*” está exatamente denunciando as crueldades do mesmo. Segundo Linda Hutcheon “*a ironia consegue funcionar e funciona taticamente a serviço de uma vasta gama de posições políticas legitimando ou solapando uma grande variedade de interesses*”<sup>390</sup>. A compreensão das ironias presentes nas caricaturas (charges), bem como a compreensão das próprias caricaturas necessita do conhecimento do contexto no qual surgiram para serem realmente assimiladas e entendidas, de forma que “*la caricatura para su comprensión e interpretación, requiere de ciertos conocimientos referenciales y/o contextuales del interpretante*”<sup>391</sup>.

---

<sup>389</sup> LA PROTESTA, Buenos Aires, 17 de febrero de 1909, nº1572 p.01.

<sup>390</sup> HUTCHEON, Linda. **Teoria e Política da Ironia**. Op. Cit. p. 26-27.

<sup>391</sup> FRANCO, Antonio. **Análisis semântico-pragmático de las caricaturas de Pedro León Zapata**. Caracas: Zulia, 2001. p. 4.



**Figura 75:** Caricatura denunciando a miséria no **La Protesta** (1908).  
 Fonte: *La Protesta*, 26 de julho de 1908 nº 1408 p.01

Se a caricatura existe porque faz referência a um determinado contexto é lógico que a sua expressão se traduz na representação que um indivíduo tem (o caricaturista) desse dado contexto; por isso, sua importância enquanto testemunha de uma representação não pode ser questionada. A visão que o caricaturista tem acerca da miséria que assolava parte dos trabalhadores de Buenos Aires é reforçada pela legenda que afirma a carência de condições mínimas de sobrevivência: “*Sin pan ni hogar!*”. Dessa maneira percebe-se que “*ALMA ROJA*” fornece dados tanto sobre a miséria e exploração nas fábricas que rodeavam o seu bairro, bem como a respeito da repressão sofrida por vários dos seus colegas do periódico “**La Protesta**”.

Na charge abaixo “*ALMA ROJA*” realiza uma crítica direta ao coronel Falcón<sup>392</sup> e à sua política de repressão aos anarquistas, bem como à própria Ley de Residencia que foi responsável por um grande número de deportações de anarquistas (principalmente espanhóis e italianos) da Argentina. A Lei, que se encontra em processo de redação na charge, está sendo

<sup>392</sup> Falcón ocupou o cargo de chefe de polícia da Província de Buenos Aires durante a primeira década do século XX. Ficou conhecido devido à sua política de repressão aos anarquistas, tendo sido assassinado no ano de 1909 por um jovem anarquista russo, o que ocasionou o fechamento temporário do periódico *La Protesta*.

definida através da seguinte frase: “*nueva ley de represión contra el anarquismo*” fazendo alusão direta a repressão policial que atingia parte dos operários portenhos e aos projetos restritivos ambicionados pelo coronel Falcón. A legenda da caricatura “*Heroicidad ó simpleza?*” questiona o caráter “heróico” de Falcón (caráter esse concedido por segmentos burgueses) ao mesmo tempo em que elogia a simpleza dos anarquistas. De acordo com Suriano (2001):

En 1908, el jefe de policía de Buenos Aires coronel Ramón L. Falcón propuso la sanción de una ley de imprenta limitando el derecho de expresión. Hacía tiempo que Falcón estaba empeñado en lograr una ley de imprenta que limitara la expresión de los grupos contestatarios.<sup>393</sup>



**Figura 76:** Caricatura denunciando a repressão no **La Protesta** (1908).  
Fonte: La Protesta, 5 de abril de 1908, nº1314 p.01

No entanto, apesar de toda miséria, exploração e repressão, “*ALMA ROJA*” seguia acreditando numa virada de mesa, numa melhora da situação, na libertação da massa operária e no porvir da sociedade libertária. E, assim como ele, muitos outros anarquistas continuaram acreditando na possibilidade de mudança, continuaram com esperanças e agiam objetivando alcançar a sociedade alternativa. Por outro lado, diferentemente, houve outros libertários que

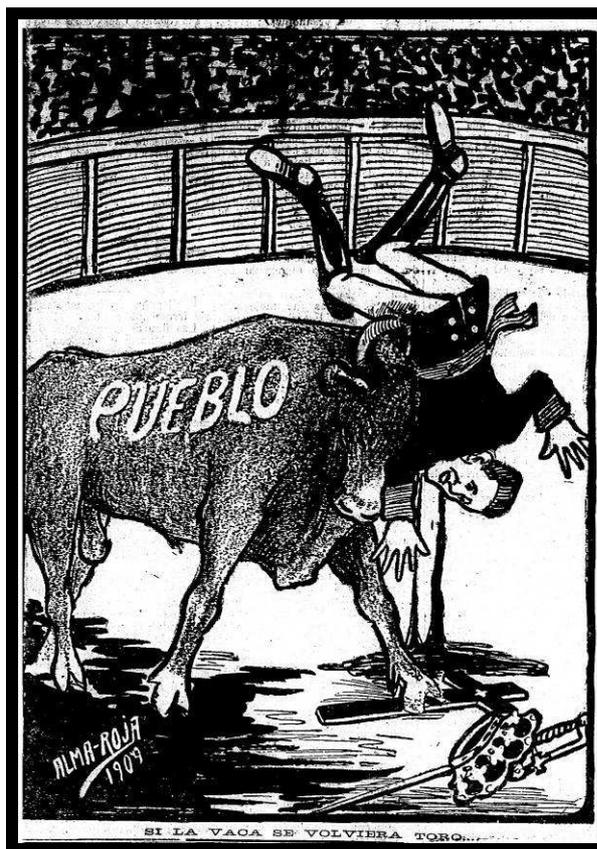
<sup>393</sup> SURIANO, Juan. **Anarquistas: cultura y política libertaria en Bueno Aires**. Buenos Aires: Manantial, 2001. p. 183-184.

desistiram; talvez, por estarem cansados de esperar por resultados que tardavam a chegar, tenham deixado de lutar e, outros ainda, que trocaram de lado, que passaram a fazer parte das fileiras do partido socialista. Portanto, o fato de “*ALMA ROJA*” continuar acreditando nos princípios libertários até o fim (não de sua vida, porque desse não se sabe), mas pelo menos até a última publicação de uma charge sua no periódico **La Protesta** se traduz em uma escolha individual. E, se ele seguiu a tendência da maioria dos colaboradores do periódico libertário em que contribuía, é provável que tenha defendido os princípios libertários até o final de seus dias, e passado suas crenças aos seus filhos (se tais filhos chegaram a existir). Eis o mais provável. Porém a história sempre apresenta desvios inesperados, e por isso deixa-se aqui de afirmar para propor. Ao dar importância às crenças e desejos de “*ALMA ROJA*” que se traduzem na ruptura da opressão e autoritarismo e na consegüente obtenção da liberdade, aproxima-se das intenções de Burckhardt quando este:

[...] esperava ir além dos fatos consumados e descobrir os aspectos emocionais dos acontecimentos. Num momento de sua vida, acontecera-lhe “um fenômeno muito estranho”: tinha tomado consciência da súbita dissolução de todos os dados históricos puros e simples e entendido como era importante trabalhar com os desejos e as imaginações dos homens.<sup>394</sup>

---

<sup>394</sup> LÖWITH Apud LORIGA, S. **A Biografia como um problema**. In: REVEL, J. (org). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 239.



**Figura 77:** Caricatura representando a força do povo no *La Protesta* (1909).  
 Fonte: *La Protesta*, 17 de outubro de 1909, nº1774 p.01

Porém, nas representações de “ALMA ROJA” não há lugar apenas para mostrar a exploração e a miséria, mas também a força do povo. Por isso, na caricatura acima o povo é representado através de um touro dotado de força, ou seja, é a representação oposta à do “povo submisso”, também rabiscado por “ALMA ROJA” em suas caricaturas. Assim, percebe-se que quando o caricaturista quer transmitir o poder do povo ele o desenha enquanto um animal dotado de força física e, quando quer demonstrar o povo sofrido e explorado, o traça enquanto um animal apático e cansado (“*bestia de carga*”). A charge acima representa (através do touro) a força do povo sendo empregada contra as três instituições consideradas opressoras pelo anarquismo e a causa de todos os males: o Estado (representado no desenho pela Coroa), o exército (representado pela espada) e o clero (representado pela cruz). O touro (povo) está indo ao encontro, ao combate dessas instituições demonstrando a crença que “ALMA ROJA” tinha na capacidade/possibilidade de mudança através da força das massas, do povo. A própria legenda que acompanha a caricatura aponta para essa possibilidade de mudança através da força do povo, uma vez que chama a atenção para tal possibilidade “*si la vaca se volviera toro*”, evidenciando que a força dos trabalhadores estava lá, adormecida,

apenas precisava ser despertada. Dessa maneira, ao apresentar o povo enquanto arma de combate à situação opressora existente em Buenos Aires, a caricatura auxilia no processo de conscientização dos trabalhadores, uma vez que planta a idéia de que os mesmos são sujeitos participantes do processo de transformação social. Nesse sentido, as caricaturas “*têm muitas vezes contribuído para politizar pessoas comuns, especialmente – mas não exclusivamente –, em sociedades pouco letradas*”<sup>395</sup>. No entanto, as instituições criticadas na charge de “*ALMA ROJA*”: o clero, o Estado e o exército, só existem porque são os homens que lhes dão valor, e são, portanto, também passíveis de destruição por esses mesmos homens. E nesse ponto concorda-se com Levi quando este constata que as instituições “*só têm realidade na medida em que são envergadas por atores sociais que as investem e se referem a elas em suas ações*”<sup>396</sup>. “*ALMA ROJA*” propõe a extinção dessas instituições, as quais só existem enquanto os homens as sustentarem e acredita no dia em que essa realidade institucional não mais existirá:

Creo de ver ahí en mis suburbios, vagando á los morticimos reflejos de la luna, en un ulular de fantasmagóricas figuras, el alma del pueblo, como un jirón de vida amenazante, entre lampos de luz, crespones de sombra, amamantando venganzas, gestando el momento supremo de las terribles represalias, que ha de poner fin á los ensoberbecidos desmanes de los de arriba, para hacer surgir abajo en un raudal de amor, entre besos y sonrisas, la vida amplia, la gran vida forjada en los ensueños anarquistas. ALMA ROJA<sup>397</sup>

No entanto, para que a mudança se faça efetiva não basta acreditar e sonhar; é necessário agir. E “*ALMA ROJA*” traça duas maneiras de agir, as quais são distintas, mas não necessariamente excludentes: a greve geral e a ação violenta<sup>398</sup>. Ambas foram utilizadas pelos anarquistas de Buenos Aires para tentar modificar a realidade; a primeira delas amplamente e a segunda em determinadas ocasiões, tendo seu ápice na década de 20 com a atuação dos anarquistas expropriadores<sup>399</sup>. É muito provável que “*ALMA ROJA*” tenha participado de algumas das várias greves gerais ocorridas em Buenos Aires na primeira década do século XX, partilhando das esperanças dos trabalhadores e sofrendo as represálias policiais. No entanto, apontar para a sua atuação em eventos violentos já é um pouco mais difícil, o alvo

<sup>395</sup> BURKE, Peter. **Testemunha Ocular: História e Imagem**. Op.Cit. p.182.

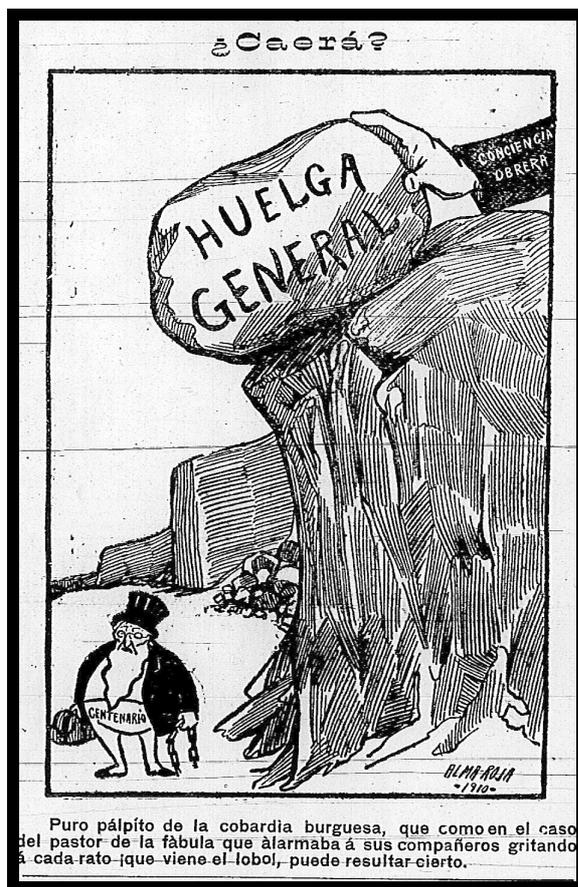
<sup>396</sup> LEVI Apud GRIBAUDI, Maurizio. **Escala, pertinência, configuração**. In: REVEL, J. (org). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 137.

<sup>397</sup> LA PROTESTA, Buenos Aires, 9 de mayo de 1908, nº1342, p.01.

<sup>398</sup> Em alguns textos é comum a utilização do termo *ação direta* enquanto sinônimo de *ação violenta*. No entanto, tal utilização do termo *ação direta* é um equívoco, uma vez que este engloba uma série de eventos, tais como: greve geral, passeatas, comícios, teatros, palestras, festas, entre outros eventos que não se utilizam da violência.

<sup>399</sup> Para essa questão ver BAYER, Osvaldo. *Anarquistas Expropriadores*. São Paulo: Luta Libertária, 2004.

está mais longe. Houve algumas ações violentas (assaltos, assassinatos, brigas) em Buenos Aires na década de 1910, mas essas ações só se tornaram mais frequentes a partir da década de 1920. No entanto, o fato de “ALMA ROJA” apresentar um desenho que faz referência à ação violenta, ao uso de bombas, pode ser lido enquanto uma simpatia para com essas ações. Simpatia essa que não era compartilhada entre todos os anarquistas. Ao contrário, apenas uma minoria apoiava o uso da violência para atingir seus objetivos mais imediatos. Depara-se outra vez com a escolha, com as múltiplas possibilidades [...] e dessa vez a escolha de “ALMA ROJA” vai contra a tendência, contra a maioria, evidenciando o perigo das generalizações que uma leitura apressada da caricatura poderia suscitar ao interpretar-se a utilização da violência enquanto prática recorrente dos anarquistas de Buenos Aires na primeira década do século XX. “Mais uma vez, os historiadores precisam estar alerta para não tomarem imagens idealizadas pela realidade que elas dizem representar”<sup>400</sup>.



**Figura 78:** Caricatura representando a crença na Greve Geral no **La Protesta** (1910).

Fonte: *La Protesta*, 3 de abril de 1910, nº1855, p.01

<sup>400</sup> BURKE, Peter. *Testemunha Ocular: História e Imagem*. Op.Cit. p.187.

Na primeira charge é claramente percebida a crença na consciência obreira e na utilização da greve geral para diminuir a influência e o poder dos capitalistas. O capitalista desenhado corresponde ao capitalista clássico da Belle Époque (gordo com cartola) e o mesmo está sendo ameaçado pela greve geral, a qual provavelmente o destruirá (de acordo com a representação do caricaturista). A legenda reforça a ameaça da greve geral, uma vez que afirma que *“puro palpito de la cobardia burguesa, que como en el caso del pastor de la fabula que alarmaba a sus compañeros gritando a cada rato que viene el lobo, puede resultar cierto”*. O lobo de que trata a legenda se refere à greve geral, a qual representa um perigo real para os capitalistas. Já no próximo desenho os capitalistas aparecem representados com orelhas de burro, identificando a ignorância dos mesmos (as orelhas de burro eram muito usadas pelos anarquistas nas representações tanto dos capitalistas/burgueses como dos entes do clero). E, abaixo dessa representação, está a ameaça, a bomba, indo em direção ao seu inimigo (burgueses) e a legenda reforçando a ameaça *“esto matará aquello”*.



**Figura 79:** Caricatura representando a ação violenta no **La Protesta** (1908).  
 Fonte: La Protesta, 7 de junio de 1908, nº1367, p.01

Através de fragmentos de textos e das caricaturas aqui analisadas “*ALMA ROJA*” forneceu elementos que permitiram reconstruir parte do cotidiano do bairro de Barracas, em Buenos Aires. Informando sobre a exploração operária, a miséria, a falta de escolas e, por outro lado, a importância dada à educação, a criação de escolas operárias, as ações em prol de mudanças como a greve geral ou o emprego de ações violentas, enfim, tentativas que buscavam um outro porvir, um final alternativo. No entanto, os fragmentos deixados por “*ALMA ROJA*” não possibilitaram a reconstrução total e detalhada da sua existência, porém, as caricaturas publicadas entre os anos de 1908 e 1910 no periódico libertário **La Protesta** e no **Suplemento de La Protesta** permitiram uma variedade de reflexões e descobertas, e acredita-se que, se por um lado se mostraram débeis, por outro evidenciaram comportamentos e utopias de um caricaturista que procurou traçar as injustiças, as reivindicações e os sonhos que permearam sua existência (ou parte dela).

# #

# #

# #

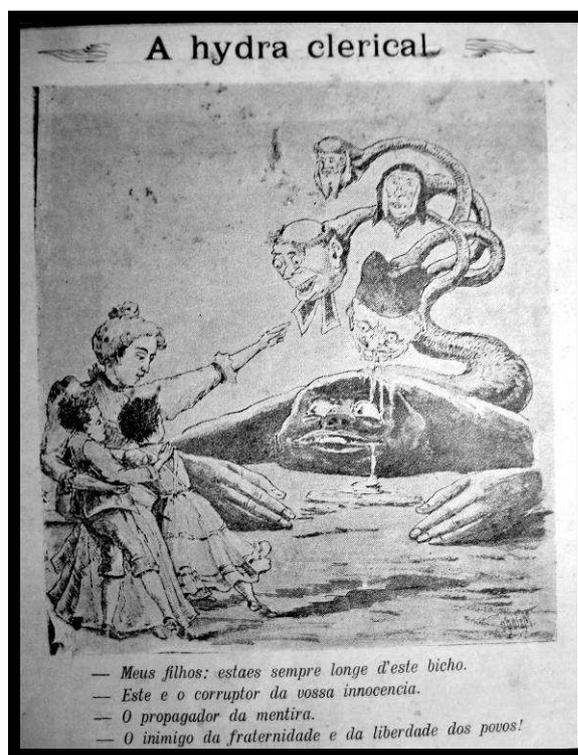
O caso de “*MOLOGO*” se torna mais complicado de analisar uma vez que, diferentemente de “*ALMA ROJA*”, não escrevia no periódico **Lúcifer**, apenas transmitia suas representações da realidade através das caricaturas. Além disso, é provável que a origem de “*MOLOGO*” não seja brasileira e muito menos gaúcha, uma vez que várias de suas caricaturas remetem a assuntos do continente Europeu, o que faz supor que “*MOLOGO*” ou desenhasse para periódicos anticlericais na Europa ou recém tivesse emigrado para América, o que justificaria o motivo das charges. No entanto, sabe-se que as charges de “*MOLOGO*” apareceram tanto no periódico gaúcho **Lúcifer** como no paulista **A Lanterna**, demonstrando a grande circulação que atingiu as caricaturas de “*MOLOGO*” na imprensa independente brasileira. No entanto, as caricaturas aparecem antes no periódico gaúcho e posteriormente no paulista, o que evidencia que ou o caricaturista estabeleceu-se primeiramente no sul do Brasil ou que seus desenhos tivessem outra origem: ou argentina ou uruguaia, ou ainda, européia. E tais caricaturas se fizeram conhecidas na redação do periódico **Lúcifer** devido à importante rede de circulação de periódicos anticlericais na redação do mesmo. Se, por um lado, não se pode definir com clareza a origem de “*MOLOGO*”, por outro, é possível identificar algumas representações denunciadas através de suas caricaturas no periódico **Lúcifer** que trazem à tona certas críticas que o periódico apresentava aos habitantes da capital gaúcha ao se utilizar dos traços do caricaturista. O periódico utilizava-se das charges de “*MOLOGO*” para denunciar, por um lado, o perigo do clero e, por outro, o do Estado monárquico. Oito

caricaturas de “*MOLOGO*” aparecem no periódico **Lúcifer** durante os anos de 1907-1911 e remetem a essas duas categorias: anticlericais ou contra o governo.

<b>Grupo de Assunto</b>	<b>Caricaturas <i>MOLOGO</i></b>
<b>Anticlerical</b>	<b>5</b>
Contra o Governo	3
<b>Total geral</b>	<b>8</b>

**Tabela 2:** Assunto das caricaturas de *MOLOGO*

A sua caricatura mais famosa e uma das que teve mais circulação na imprensa operária brasileira, sendo divulgada em vários periódicos, é a representação anticlerical denominada *Hydra Clerical* e já analisada no presente trabalho. No entanto, os traços dessa caricatura demonstram o ataque frio e direto que *MOLOGO* aplicava nos seus desenhos, imprimindo um “tom venenoso” aos mesmos.



**Figura 80:** Caricatura anticlerical no **Lúçifer** (1907).

Fonte: *Lúçifer*, 20 de setembro de 1907 nº2 p.1

Das oito caricaturas de “*MOLOGO*” que aparecem no periódico **Lúçifer**, duas delas são assinadas de traz para frente, ou seja, “*OGOLOM*”, demonstrando assim que a assinatura ao revés não era marca exclusiva de “*ALMA ROJA*”, mas sim de vários caricaturistas que acreditavam na importância de romper com padrões e normas estáticas e estéticas, destruindo através das suas assinaturas um modelo único e “correto” de identificação. Além das charges

anticlericais, “*MOLOGO*” também atacava cruelmente a aliança entre o clero e o Estado – a aliança clérigo-monárquica (atacando em uma das caricaturas a monarquia italiana e, em outra, a monarquia portuguesa). Como fica transparente na caricatura abaixo, uma vez que é retratada a possível aliança entre o papa Pio X<sup>401</sup> e o rei Vittorio Emanuel<sup>402</sup> que, embora se declarassem inimigos, tinham um objetivo em comum: a exploração do povo; sendo que para atingir esse objetivo comum se ajudavam quando necessário. A legenda esclarece o contexto ao qual a caricatura se refere:

*Pio X: - caro Victorio, podemos banquetear alegremente. Zé povo paga e o seu governo nos serve.*

*Victorio: e se o povo perder a paciência?*

*- Pio X: Não temer. Eu enculco a paciência de baixo da ameaça do inferno... Tu, com as baionetas, os canhões e as algemas de teus esbirros.*

*Victorio: e se o povo compreende o nosso jogo?*

*Pio X: então, então tudo seria acabado.<sup>403</sup>*

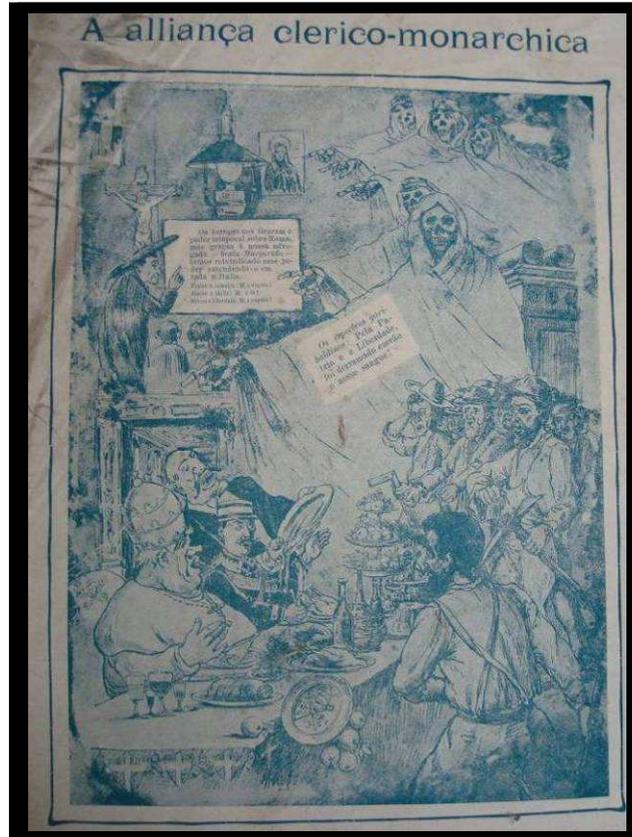
Na caricatura abaixo aparece o papa e o rei desfrutando de um luxuoso banquete enquanto o povo assistia a cena com indignação. A caricatura também apresenta vários esqueletos e cruzes representando as mortes ocorridas no processo da unificação italiana, na qual grande número de partidários da esquerda, republicanos e democráticos comandados por Garibaldi e Mazzini foram mortos pela espada cruel da Monarquia italiana<sup>404</sup>. A representação dos esqueletos é acompanhada da seguinte nota, que faz referência aos garibaldinos mortos em combate: “*os espectros garibaldinos: pela Pátria e Liberdade, foi derramado em vão o vosso sangue*”.

<sup>401</sup> Papa Pio X, Pius PP. X – Giuseppe Sarto, 9/VIII/1903 – 20/VIII/1914.

<sup>402</sup> Vítor Emanuel III (ou Manuel, versão mais fiel ao português, segundo alguns autores), Rei de Itália de 1900 a 1946.

<sup>403</sup> **LÚCIFER**, Porto Alegre, 20 de setembro de 1907, nº2, p.8.

<sup>404</sup> Sobre o processo da Unificação Italiana ver: JANNUZZI, Giovanni. *Breve historia de Italia* .1.ed. Buenos Aires: Letemendía, 2005.

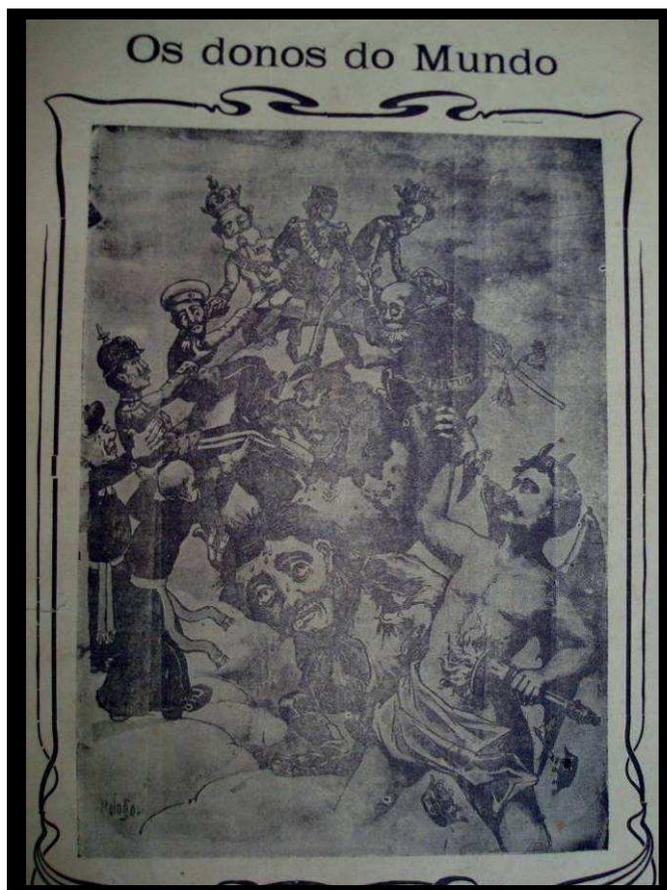


**Figura 81:** Caricatura contra a aliança clérigo-monárquica no *Lúcifer* (1907).  
 Fonte: *Lúcifer*, 20 de setembro de 1907 nº2 p.8

O poder do clero e do Estado (representado pela pessoa do rei) também é criticado na caricatura a seguir, na qual *MOLOGO* retrata padres e reis enquanto os donos do mundo, transmitindo a noção do poder autoritário e impróprio que os mesmos tinham sobre a vida das pessoas. De forma que o caricaturista denunciava a necessidade de destruir esse poder estatal e religioso, a fim de que as injustiças sociais e os privilégios fossem aniquilados. Isso é reforçado pela legenda que acompanha os riscos de “*MOLOGO*”: “*Os naturais representantes dos privilégios, e das injustiças sociais, têm o obscurantismo para subir... O racionalismo, isto é, a esclarecida consciência dos povos para precipitar no abismo*”. Evidenciando assim a crença de que o obscurantismo do clero e do Estado eram obstáculos ao pleno desenvolvimento do racionalismo e da consciência humana, elementos esses que poderiam romper com a lógica da injustiça existente nas instituições da Monarquia e do Clero.

Portanto, percebe-se que “*MOLOGO*” era um adversário perigoso e eficiente do Clero e do Estado monárquico. Eficiente porque denunciava e criticava de maneira severa se utilizando da simplicidade de traços ambas as instituições. E, assim como “*ALMA ROJA*”,

“*MOLOGO*” também aspirava mudanças sociais profundas, nas quais o povo passasse de mero espectador explorado para um propagador de mudanças, um agitador. No entanto, “*MOLOGO*” não é tão explícito quanto “*ALMA ROJA*” em apontar as formas e as ações necessárias para a mudança, de forma que suas caricaturas têm um caráter mais de denunciar os perigos do Clero e da Monarquia do que de incentivar a ação obreira para o combate direto a essas instituições.



**Figura 82:** Caricatura contra a aliança clérigo-monárquica no **Lúcifer** (1907).  
Fonte: *Lúcifer*, 21 de novembro de 1907, nº4 p.8

Tentou-se, portanto, nessas breves linhas, trazer à luz alguns fragmentos das obras deixadas por “*ALMA ROJA*” e “*MOLOGO*”, bem como da imprensa libertária e anticlerical em si, cujo conteúdo é por demais válido para a aprendizagem social, uma vez que é necessário resgatar os princípios que fizeram com que homens e mulheres sonhassem com uma sociedade mais justa e livre para todos; princípios esses que têm sua importância e valor maximizados no contexto atual, o qual procura ofuscar através do individualismo cada vez mais profundo e da negação do outro, as possibilidades de ações coletivas buscando melhoras efetivas para a possível construção de uma sociedade baseada na igualdade e na cooperação.

A pouca ocorrência de caricaturas contestatórias e cruéis na imprensa contemporânea não significa, portanto, que já não haja mais injustiças e explorações; o que ocorre é que essas questões estão cada vez se tornando mais invisíveis, uma vez que aquele que se encontra numa situação desumana deixa de possuir o caráter humano que o tornaria igual aos demais e passa a ter caráter de coisa, de algo desprovido de vida que apenas decora tristemente o ambiente – um caso perdido. Ainda luta-se por mudanças, é certo. Mas cada vez de uma maneira mais sutil, quase imperceptível. Indo contra essa “apatia contestatória” acredita-se que mudanças são necessárias a fim de que a humanidade se configure “humana”, no sentido solidário da palavra. *“Hoy somos condenados a combatir este cúmulo de horribles y vergonzosas obscuridades que aún obstruyen nuestro cerebro hasta el punto de hacernos dudar algunas veces de la posibilidad de un porvenir más humano”*<sup>405</sup>.

Deixando os traços caricaturais de lado e passando para a análise de contos encontrados nos periódicos e suplementos em questão, pretende-se mergulhar no universo fantasioso dos mesmos a fim de verificar e analisar as breves histórias contadas através de personagens singulares e fictícios, as quais muitas vezes apresentam caráter metafórico, verificando se há relação com o já denunciado pelas caricaturas; ou seja, se é um reforço delas ou uma construção em sentido contrário, com apontamentos diversos; bem como demonstrar quais as estratégias empregadas em tais elementos da imprensa libertária e anticlerical para atingir e “formar” o leitor a quem se destinava.

---

<sup>405</sup> BAKUNIN, Mikhail. **La Libertad**. Buenos Aires: AGEBE, 2005.

### 3 A ESCRITA ENQUANTO ARMA: CONTOS SUBVERSIVOS

*“Um conto é a verdadeira máquina de criar interesse”.*

Júlio Cortázar

*“Em verdade, sempre será conto aquilo que seu autor batizou com o nome de conto”.*

Mario de Andrade

Deixando um pouco de lado o traçado dos caricaturistas (porém retornando a esses sempre que comparações forem necessárias e pertinentes às análises documentais aqui pretendidas), o presente capítulo tenciona apresentar ao leitor parte do universo literário existente nos jornais e suplementos libertários e anticlericais que servem de base para essa pesquisa (já explorados parcialmente nos capítulos precedentes); de forma que se tentará mostrar quais são as estratégias, ênfases, estilos e temáticas verificados em alguns contos cuja função era extremamente pedagógica e militante. A análise dos contos objetivará, portanto, responder questões (ou, quando uma resposta precisa não for possível, apontar possibilidades) tais como: que representações do mundo social eles (os contos) recriaram? Que desejos, angústias, utopias ou frustrações expressaram? O que objetivavam?

Além disso, a análise dos contos aqui apresentada procurará compreendê-los em seu contexto histórico e social (diferentemente de alguns estudos realizados por pesquisadores de Letras que se preocupam primeiramente e, às vezes exclusivamente, com questões estruturais do texto<sup>406</sup>), não realizando, portanto, somente o estudo da estrutura interna e isolada desses elementos literários. Somando-se à análise, sempre que possível, a comparação entre os elementos literários e as caricaturas, procurando verificar as semelhanças e diferenças entre o discurso verbal e o visual; de forma que o método de análise empregado será construído pelo próprio pesquisador, uma vez que se acredita que não exista um método ideal e único para o estudo de textos literários. No entanto, ressalta-se que o presente capítulo não esgotará os elementos literários em questão, uma vez que a amostragem analisada será reduzida e a explanação se destinará, principalmente, a suscitar reflexões e possibilidades, não necessariamente certezas e conclusões; de forma que um estudo aprofundado e exaustivo acerca dessa temática e documentação ainda será necessário.

---

<sup>406</sup> No entanto, se quer deixar claro que tais estudos centrados numa análise exclusivamente interna de fábulas e contos, ou seja, numa análise estrutural, são de grande importância para a compreensão de tais gêneros textuais. Não se quer, portanto, minimizar o valor de tais estudos e muito menos apontar certa superioridade ao estudo aqui pretendido, uma vez que se nega tal existência. De forma que o verificado na presente análise é apenas um enfoque diferencial daquele aplicado pelos pesquisadores de Letras, embora se recorra constantemente ao auxílio desses estudos.

É comum o iniciante na pesquisa histórica questionar quais são os métodos específicos da disciplina para a abordagem da fonte literária. Na verdade, a historiografia não dispõe de metodologia, teoria e conceitos particulares para tal, ainda que já tenha acumulado experiência razoável nesse tipo de investigação.<sup>407</sup>

No entanto, o fato de não existir uma metodologia específica para o estudo da fonte literária, não faz com que a mesma perca o seu valor enquanto fonte; ao contrário, ela pode ter seu valor maximizado uma vez que apresenta um desafio constante e que se modifica conforme o texto estudado e a pesquisa realizada. Nesse sentido, concorda-se com Lucien Febvre quando este afirma que à pesquisa histórica interessam todos os tipos de documentos e não apenas aqueles confinados em arquivos e instituições “oficiais”:

Interessam os textos, sem dúvida: mas todos os textos. E não só os documentos de arquivos em cujo favor se cria um privilégio [...]. Mas também, um poema, um quadro, um drama: documentos para nós, testemunhos de uma história viva e humana, saturados de pensamento e de ação em potência.<sup>408</sup>

Esses testemunhos de uma história viva e humana de que fala Febvre comportam, necessariamente, dimensões subjetivas as quais permitem perceber desejos, angústias, utopias, sonhos; de forma que os contos aqui analisados apresentarão essas dimensões subjetivas entrelaçadas com dimensões objetivas, com questões do cotidiano denunciadas pelos autores dos textos; os quais não falam apenas por si próprios, mas sim representando uma coletividade. Nesse sentido, os textos literários tanto servem para apontar características do mundo vivido, como para possibilitar o contato com o imaginário, o sonhado, o idealizado.

A ficção, a literatura, fazem mais do que ampliar as nossas perspectivas, ao mapearem a realidade, anunciando territórios inexplorados e desconhecidos; a ficção e a literatura nos permitem viver o que de outro modo talvez não fosse possível, ou seja, nos permitem ser outros (personagens) e adquirir, ainda que, momentaneamente, a perspectiva destes outros.<sup>409</sup>

A historiografia levou algum tempo para admitir que a literatura pudesse contribuir para o conhecimento das experiências individuais e coletivas de homens e mulheres no tempo. Foi preciso compreender que a história também comportava dimensões subjetivas, imaginárias, oníricas e ficcionais, tão importantes quanto os acontecimentos políticos, sociais e econômicos. Afinal, que outras fontes a não ser as artísticas, dentre as quais sobressai a literatura, deixariam registros tão preciosos e plurissignificativos desse

<sup>407</sup> FERREIRA, Antonio Celso. **Literatura: A fonte fecunda**. In: PINSKY, Carla Bassanezy & LUCA, Tania Regina de. **O Historiador e suas Fontes**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 79-80.

<sup>408</sup> FEBVRE, Lucien. *Apud* FERREIRA, Antonio Celso. **Literatura: A fonte fecunda**. In: PINSKY, Carla Bassanezy & LUCA, Tania Regina de. **O Historiador e suas Fontes**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 64.

<sup>409</sup> BERNARDO, Gustavo. **O conceito de Literatura**. In: JOBIM, José Luís (org). **Introdução aos termos literários**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 147.

universo humano recôndito, freqüentemente recalcado noutros documentos?<sup>410</sup>

Portanto, os contos, por envolverem, na maioria das vezes, questões subjetivas, acabam por provocar emoções nos leitores, os quais, possivelmente, se revoltam, se indignam e se compadecem com a leitura desses textos literários; essa provocação de sentimentos faz com que os contos dos jornais e suplementos analisados nessa pesquisa tenham um valor considerável no que concerne à pedagogia libertária e anticlerical, uma vez que tinham na palavra o instrumento de luta e de denúncia contra as opressões vivenciadas, jogando sempre com as emoções, com os sentimentos dos leitores para, assim, convencê-los da necessidade de mudança visando um mundo alternativo, desprovido dos privilégios até então assegurados.

Tendo em vista essa função estratégica dos contos (função de comover, convencer, revoltar) verifica-se a presença maciça desses tanto nos jornais, quanto nos suplementos aqui analisados; sendo que, o periódico **La Protesta** apresenta, via de regra, pelo menos quatro contos (seja na forma fabular ou não) por exemplar; mesmo número se verifica no periódico **A Luta** (sendo a maioria deles na forma fabular); já o jornal anticlerical **Lúcifer**, o suplemento **La Obra**, bem como o **Suplemento de La Protesta** apresentam um número superior de contos por exemplar, número esse que não é fixo, porém sempre expressivo. O número tão elevado de contos não permitiu catalogar e categorizar individualmente cada um deles na presente pesquisa (a exemplo do que foi realizado no capítulo precedente com as caricaturas) de forma que, um estudo mais minucioso acerca desses contos seja necessário e, talvez, realizado num estudo futuro<sup>411</sup>. Dentre a grande quantidade de contos verificada, escolheram-se apenas dez textos<sup>412</sup> para refletir sobre a importância e o formato que conferiam à imprensa em questão.

Antes de passar-se para a análise desses dez textos é importante clarear a idéia do que seja um conto ou uma fábula (uma vez que muitos contos apareciam na forma fabular, principalmente os anarquistas); o conceito conto não tem apenas uma definição, mas múltiplas, as quais variam entre umas e outras. No entanto, existem características que são

<sup>410</sup> FERREIRA, Antonio Celso. **Literatura: A fonte fecunda**. In: PINSKY, Carla Bassanezy & LUCA, Tania Regina de. **O Historiador e suas Fontes**. Op. Cit. p. 83-84.

<sup>411</sup> O número de contos ultrapassa os 5.000, de forma que um estudo aprofundado baseado na totalidade das fontes documentais não seja possível no presente trabalho, uma vez que se acredita que tal estudo demande um tempo de pesquisa superior a dois anos (tempo máximo concedido aos programas de mestrado).

<sup>412</sup> Esses dez contos selecionados estão assim distribuídos: 3 contos no **La Protesta**, 3 no **Lúcifer**, 2 no **A Luta** e 2 no **Suplemento de La Protesta**. Optou-se por não analisar contos do suplemento **La Obra**, pois a maioria destes apresenta ritmos e rimas que os tornam similares a canções ou poemas, o que difere dos contos selecionados nos outros jornais.

comuns à maioria das definições existentes para o termo conto. Dentre elas, pode-se citar o tamanho reduzido da narrativa, o caráter ficcional, a ocorrência de poucos detalhes, um número reduzido de personagens e um alto teor de comoção. Para Wells, por exemplo, “o conto pode ser qualquer peça de ficção passível de ser lida em meia hora”<sup>413</sup> e, segundo Souza “o conto é uma narrativa em prosa de extensão mais breve”<sup>414</sup>. Eickenbaum, por sua vez, reforça o caráter reduzido do conto, também chamado de “*short story*”<sup>415</sup> e soma outras características à definição do mesmo:

Short story é um termo que subentende sempre uma estória e que deve responder a duas condições: dimensões reduzidas e destaque dado à conclusão. Essas condições criam uma forma que, em seus limites e em seus procedimentos, é inteiramente diferente daquela do romance.<sup>416</sup>

Além da extensão reduzida do conto e da importância da conclusão do mesmo, que normalmente apresenta o momento culminante do conto, em que o desfecho da história é finalmente conhecido, de forma que a conclusão nada mais é do que um verdadeiro clímax, Edgar Allan Poe<sup>417</sup> também ressalta a importância de se atingir, através do conto, uma *unidade de efeito*; ou seja, o conto deve excitar, exaltar e provocar emoções no leitor tendo o cuidado de não deixar tais efeitos diluírem-se com a leitura da narrativa. É preciso deixar o leitor interessado e curioso do princípio ao fim; para obter tal *efeito de unidade* o conto não deve ser extenso e nem curto demais.

[...] em quase todas as classes de composição, a unidade de efeito ou impressão é um ponto da maior importância. A composição literária causa, pois, um efeito, um estado de excitação ou de exaltação da alma. E como todas as excitações intensas, elas são necessariamente transitórias. Logo, é preciso *dosar* a obra, de forma a permitir sustentar esta excitação durante um determinado tempo. Se o texto for longo demais ou breve demais, esta excitação ou efeito ficará diluído. Torna-se imprescindível, então, a leitura *de uma só assentada*, para se conseguir essa unidade de efeito.<sup>418</sup>

Soma-se a essas características o fato de o conto ser, na maioria das vezes, condensado (com poucos detalhes), claro e forte; de maneira que ele deve atingir emocionalmente o leitor, deve “*seqüestrá-lo momentaneamente*” sem o confundir, utilizando-se de uma linguagem comum, simplificada e desprovida de embaraços. Tal gênero literário se difundirá

<sup>413</sup> WELLS *apud* GOTLIB, Natália Battella. **Teoria do Conto**. São Paulo: Ática, 1988. p.73

<sup>414</sup> SOUZA, Roberto Acízelo de. **Gêneros Literários**. In: JOBIM, José Luís (org). **Introdução aos termos literários**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 56.

<sup>415</sup> O termo “*short story*” surgiu no século XIX como reflexo da obra de Edgar Allan Poe.

<sup>416</sup> EICKENBAUM *apud* GOTLIB, Natália Battella. **Teoria do Conto**. Op.Cit. p.40

<sup>417</sup> Embora os primeiros contos remontem à Antiguidade (contos egípcios) será com Edgar Allan Poe e os Irmãos Grimm, no século XIX, que o conto se desenvolverá enquanto gênero literário.

<sup>418</sup> POE, Edgar Alan *apud* GOTLIB, Natália Battella. **Teoria do Conto**. Op.Cit. p.32.

amplamente após o advento da imprensa, sendo elemento essencial nos periódicos e revistas surgidos nos séculos XIX e XX. Edgar Allan Poe faz associação direta entre o progresso nos meios de comunicação (jornais, revistas) com a afirmação do conto, uma vez que “*o primeiro indício de uma era em que se irá caminhar para o que é breve, condensado, bem digerido, e se irá abandonar a bagagem volumosa; é o advento do jornalismo e a decadência da dissertação*”<sup>419</sup>.

Nesse jornalismo em ascensão também se verifica a presença de um tipo peculiar de conto: a fábula. A fábula ou a forma fabular do conto utiliza, normalmente, animais como personagens da história e sempre termina com um aprendizado moral (finalidade essa que nem todos os contos apresentam). A fábula também aponta para um universo maravilhoso, em que o “maravilhoso” diz respeito a coisas monstruosas, excepcionais, anormais, que fogem ao cotidiano. “*Modernamente, sabe-se que fábula é a estória com personagens animais, vegetais ou minerais, tem objetivo instrutivo e é muito breve*”<sup>420</sup>.

Uma outra terminologia também se encaixa com perfeição para a conceituação dos contos encontrados nos veículos da imprensa libertária e anticlerical em questão: *o miniconto*. Segundo Cortázar o miniconto nada mais é do que a “*classificação dada a todos aqueles contos que não ultrapassam duas páginas de extensão, chamados também de microconto, microrrelato, minificção, conto brevíssimo ou conto em miniatura*”<sup>421</sup>. A versão americana para o miniconto é denominada de “*flash ficcion*”. Cada um dos dez contos aqui selecionados não ultrapassa duas páginas de extensão, de forma que se enquadrariam com perfeição na definição de *miniconto* de Cortázar; no entanto, como a utilização do termo *miniconto* não é aceita com unanimidade pelos estudiosos da área, uma vez que existe uma dificuldade real de se fixar a fronteira entre *miniconto* e conto (ou seja, quando um texto deixa de ser *miniconto* e passa a ser conto? É apenas a extensão que define a espécie “micro” do conto? Assim, se um texto tiver 40 linhas ele se encaixa no microconto e se ultrapassar essa dimensão já é conto?), a presente pesquisa optará pela utilização do termo conto ao invés de *miniconto* por não ter respostas para as perguntas acima relacionadas e por acreditar que ao se utilizar o termo conto se estará optando por um conceito mais abrangente e flexível do que *miniconto*, uma vez que este está condicionado à uma extensão máxima que não se sabe ao certo como mensurar.

<sup>419</sup> POE, Edgar Allan. **Ficção Completa, poesia e ensaios**. Trad. Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 989

<sup>420</sup> GOTLIB, Natália Battella. **Teoria do Conto**. Op.Cit. p.15.

<sup>421</sup> CORTÁZAR, Julio. **Valise de Cronópios**. Trad. Davi Arrigucci Júnior. São Paulo: Perspectiva, 1993. p.30.

Sendo assim, a existência de contos (sendo alguns na sua forma fabular) será verificada nos periódicos e suplementos dessa pesquisa, de forma que se apresentará alguns deles a fim de que o leitor entre em contato com tais elementos literários que fazem parte do discurso do jornal e verifique as estratégias empregadas nesses elementos literários, bem como a carga ideológica contida nos referidos textos. Também se pretende que o leitor perceba nos contos apresentados os elementos comuns desse gênero, ou seja, o feitiço narrativo, a presença de poucos personagens, de conflitos, bem como a projeção de *efeito* que apresentam. Os contos selecionados para a análise foram escolhidos pelo critério do assunto, da temática. Ou seja, quando percebida a existência da repetição de contos sobre determinada temática, procedeu-se à seleção de um desses contos para exemplificar a temática verificada<sup>422</sup>. Assim, serão analisados contos e fábulas que dissertam a respeito da exploração e da miséria, bem como aqueles que denunciam diretamente as instituições opressoras representadas através do Estado e do Clero e dos próprios agentes opressores do Estado capitalista: os patrões. É importante lembrar que algumas temáticas exploradas constantemente nas caricaturas não são exploradas em demasia nos contos como, por exemplo, a repressão policial e a crítica aos socialistas; por isso, tais temáticas não serão abordadas nos contos aqui selecionados. Para facilitar a compreensão do leitor, bem como o próprio desenvolvimento do assunto, os contos e fábulas serão agrupados e apresentados por temáticas, bem como transcritos no seu formato original (na sua totalidade).

### 3.1 EXPLORAÇÃO, IGNORÂNCIA E MISÉRIA: CONTOS QUE NÃO FAZEM SORRIR

*“A literatura foi incorporada ao conjunto da “doutrina” anarquista, em pé de igualdade com os escritos teóricos e os ensinamentos da prática social”.*

Vera Maria Chalmers

Os dois contos apresentados a seguir denunciam tanto a pobreza e ignorância em que viviam parte dos trabalhadores de Buenos Aires e Porto Alegre, respectivamente, bem como a opressão que sofriam através das leis, do Estado, dos patrões, enfim, da sociedade capitalista como um todo. O conto a seguir, publicado no periódico **La Protesta** no ano de 1904, denuncia tanto a opressão do trabalhador pelas leis do Estado, quanto a ignorância que se

---

<sup>422</sup> Embora, como já exposto anteriormente, a categorização dos contos não tenha sido realizada de maneira complexa, a observação imediata da documentação possibilitou verificar algumas temáticas privilegiadas nos contos, as quais foram selecionadas para serem analisadas no presente capítulo.

verificava em parte do operariado de Buenos Aires, uma vez que o conto apresenta como personagem principal um trabalhador analfabeto (vale ressaltar que o índice de analfabetismo em Buenos Aires no início do século XX era elevado)<sup>423</sup>.

#### **Las Leyes**

Mientras su bondad no las escriba en el corazón del hombre, en vano las escribirá la tiranía en los códigos.

- Ya veo tirano, que soy culpable y he faltado à tu ley; ¿cómo podía cumplirla si la ignoraba? Esto dijo el infeliz preso cuando le presentaron al rey. Pero el rey, sin admitir su excusa, replicó:

- ¿No sabes que mis leyes obligan aún a los que las ignoran desde que las publico en las hojas del órgano oficial de mi gobierno? El no conocer una ley no excusa que se la cumpla. Para los que no conocen mis órdenes, letrados tengo en todo el reino que no hacen otra cosa que estudiarlas e interpretarlas.

- ¿Y cómo acudiré a tus letrados antes de ejecutar cada acto de mi vida? ¿Deberé partir con ellos el producto de mi trabajo? ¿Deberé abandonar todas las horas mis faenas para pedirles opinión?

– Lee las leyes por ti mismo.

– Has consentido que viva en la mayor ignorancia y no sé leer: ¿Cómo podre leer tus leyes?

– Cumple, desgraciado, la pena que te impongan mis jueces por tu falta. Si aceptase tu excusa debería aceptar la de todos. A cada paso se falta a las leyes. He de darles incesantemente nuevas para que se cumplan las anteriores. No parece sino que halla en hombre placer en contravenirlas y que, aún ignorándolas, presiente el mejor modo de burlarlas. Hasta del castigo que opongo por no haberlas cumplido, procuran los hombres eximirse. Sirva tu dolor de ejemplo a todos los que, ignorándolas o no, las conculquen.

– Cumpliré, tirano, la pena que mi impongan tus jueces si no puedo librarme de ella; pues sabe ¡oh rey! que, mientras su bondad no las escriba en el corazón del hombre, en vano las escribirá la tiranía en los códigos.

*Arsuaga*<sup>424</sup>

Nesse conto o que importa não é o suposto crime praticado pelo homem analfabeto (o delito nem chega a ser especificado na narrativa), mas sim a denúncia da opressão praticada pelos juízes e pelo “rei” ao impor ao réu uma pena referente ao não cumprimento de uma lei que o próprio “culpado” desconhecia. Tal intenção do conto é perceptível, uma vez que o texto apresenta a crítica de forma clara, denunciando tanto a miséria e a ignorância em que vivia o “criminoso”, quanto a postura autoritária do “rei” para com este. A utilização do termo “rei” em um periódico de um país republicano é curiosa, uma vez que na Argentina do século XX não existiam mais reis, de forma que se pode fazer duas suposições: ou o autor faz uso do termo com a intenção de generalizar o autoritarismo do rei para todos os membros do Estado

<sup>423</sup> Conforme explicitado nos capítulos 1 e 2 dessa dissertação.

<sup>424</sup> **LA PROTESTA**, Buenos Aires, 1º de noviembre de 1904, nº 438.

(escolhe o termo rei por esse já passar a idéia da opressão e autoridade ou o autor do texto não é argentino, podendo estar se referindo a alguma monarquia européia<sup>425</sup>).

Como a maioria dos contos aqui analisados, o texto apresenta poucos personagens (apenas dois) que se opõem constantemente através de um diálogo desafiador, em que ambos exprimem suas forças e sentimentos. A ausência de detalhes também se verifica no conto, uma vez que os personagens se caracterizam apenas pela sua posição social (rei x trabalhador) não havendo, portanto, características individualizadas para os personagens. Além disso, a própria narrativa não esclarece qual é o crime realizado pelo homem que está sendo condenado e nem aprofunda as questões referentes à pena que será imposta ao réu. Portanto, a essência do texto está na denúncia do rei e da ignorância vivenciada pelo trabalhador que não conta com a habilidade da leitura: “- *Has consentido que viva en la mayor ignorancia y no sé leer: ¿Cómo podre leer tus leyes?*” Dessa forma, verifica-se que a literatura estava a serviço das necessidades sociais dos trabalhadores, uma vez que denunciava o tirano opressor (rei) bem como o desinteresse estatal com as questões referentes à educação do povo, o qual continuava na ignorância.

O conto ainda utiliza-se de uma estratégia bastante comum nos textos de caráter doutrinário e pedagógico: a repetição e ênfase em determinada frase/ locução. No caso em questão, a narrativa inicia-se com a mesma frase que encerra o conto, de maneira que, através da repetição, tenciona-se fazer com que o leitor internalize a mensagem contida na locução: “*Mientras su bondad no las escriba en el corazón del hombre, en vano las escribirá la tiranía en los códigos*”. Tal mensagem aponta para a necessidade de um rompimento com a tirania, com as leis opressoras, e, em contrapartida, aponta para uma aproximação da bondade humana, a qual traria realmente a justiça para a sociedade. Portanto, através de um conto curto, foi transmitida a denúncia da ignorância e miséria bem como do abuso autoritário das leis e do rei. “*Brevidade, na imprensa menor, é a maior das virtudes*”<sup>426</sup>.

É importante apontar que nas caricaturas libertárias encontradas no periódico **La Protesta** a questão da educação aparecia através da exaltação da importância do estudo para a construção da sociedade alternativa<sup>427</sup> e não na denúncia direta da presença do analfabetismo

<sup>425</sup> Quanto à origem, esse conto também pode ser uma republicação de outro periódico libertário, podendo não ser, necessariamente, inédito na imprensa libertária, uma vez que o intercâmbio era constante nesse tipo de imprensa (questão essa já explorada no capítulo 1).

<sup>426</sup> TCHEKHOV, Anton *apud* GOTLIB, Natália Battella. **Teoria do Conto**. Op.Cit. p.42

<sup>427</sup> Em muitas caricaturas se verifica a presença de livros, os quais fazem alusão ao valor que os anarquistas conferiam à educação.

entre a massa trabalhadora de Buenos Aires; de forma que o discurso visual e o discurso verbal a respeito da educação apresentam diferentes abordagens para a questão: enquanto a caricatura exalta a sua importância, a narrativa literária denuncia a sua carência entre parte do operariado portenho que continuava na ignorância.

No próximo conto retirado do periódico **A Luta**, e datado de 1907, transparece o caráter opressor da sociedade capitalista e não da figura do rei, como no conto anterior. Sociedade essa marcada pela miséria e exploração mantida pelo dualismo trabalhador x patrão, pobres x ricos (no conto se faz alusão ao “*bairro dos ricos*”, “*ao bairro do luxo e da riqueza*” em contraste com “*os bairros do trabalho e da miséria*” e “*bairro do sofrimento*”). Para apresentar esse conflito (trabalhador x patrão), o autor do conto procura desmoralizar o trabalho a que estavam submetidos os trabalhadores, referindo-se a esse com a denominação pejorativa/ negativa de “*batalha diária*” e os trabalhadores enquanto “*exército do trabalho*”, o que sugere a noção negativa que os libertários do diário **A Luta** tinham a respeito do trabalho na indústria. Tais denominações auxiliam na construção da noção negativa do trabalho entre os leitores do periódico, uma vez que inconscientemente, o leitor absorve e, após algum tempo, começa a relacionar termos negativos com a idéia de trabalho. Sobre a escolha das palavras, Gotlib aponta que:

A voz do contador, seja oral ou escrita, sempre pode interferir no seu discurso. Há todo um repertório no *modo de contar* e nos *detalhes* do modo como se conta – entonação de voz, gestos, olhares, ou mesmo algumas palavras e sugestões - , que é passível de ser elaborado pelo contador, neste trabalho de conquistar e manter a atenção do seu auditório.<sup>428</sup>

Outro refinamento na escolha de palavras é verificado naquelas cuja função é denunciar a miséria em que vivia parte do operariado portoalegrense, uma vez que pelos próprios termos com que o autor do conto se referia à determinada situação, a existência da miséria se fazia sentir pela forte carga das palavras contidas no discurso literário. Por exemplo, utiliza-se de palavras e expressões como “*triste albergue*” como alusão à moradia operária e as palavras “*mãe moribunda*”, “*viajor fatigado*”, “*vítimas*” para se referirem aos pobres, aos trabalhadores. Além da escolha de recursos criativos como a utilização de certas palavras cuidadosamente selecionadas, o conto do periódico **A Luta** também apresentava um alto teor de comoção, maximizado pelo final trágico da narrativa cumprindo, portanto, a

---

<sup>428</sup> GOTLIB, Natália Battella. **Teoria do Conto**. Op.Cit. p.13.

função de “*suscitar nos leitores certos sentimentos e provocar comportamentos ajustados às necessidades do processo da construção da nova sociedade, ácrata, naturalmente*”<sup>429</sup>.

#### **As vítimas do Trabalho**

João levantou-se da cama apressadamente; o estridente apito que partia da fábrica vizinha chama o exército do trabalho a ocupar o seu posto na batalha diária... Vestiu-se num abrir e fechar de olhos e sem maiores preparativos abandonou o seu triste albergue... Fazia frio, muito frio. Era uma madrugada de inverno. O pampeiro uivava nas tortuosas e estreitas ruas como um chacal faminto no deserto imenso; ora gemia e chorava, como a terna criança nos braços de sua mãe moribunda; ora batia, como o viajor fatigado, nas janelas e portas, pedindo um refúgio, um asilo, mas, de repente calava-se, e outra vez tornava a uivar ... mas que uivar terrível!... O bairro, uma hora antes, parecido a um cemitério, pôs-se em movimento. Homens, mulheres, meninos e velhos, robustos e doentes, encurvados e raquíticos. Corriam em todas as direções, sufocando-se, atropelando-se, blasfemando e maldizendo a sua má sorte; e os apitos estridentes vibravam sem descanso... A gente precipitava-se através de algumas portas estreitas e escuras, parecidas a monstruosas gargantas que engoliam suas vítimas, sem piedade nem compaixão. João subia por um beco que conduzia à parte norte da cidade, desembocou numa larga rua, caminhava apressadamente, atravessava as praças em diagonal para encurtar o caminho, dobrar esquinas, e por fim parou em frente de um enorme edifício em construção; trabalhava ali, era pedreiro. Outros companheiros seus chegavam a intervalos de distintas direções e todos se dispunham ao trabalho. Os andaimes foram invadidos e em seguida o bater do martelo nos tijolos interrompeu o majestoso silêncio daquele bairro de luxo e de riqueza. João trabalhava no terceiro andar, a seus pés estendia-se um abismo profundo, a monstruosa cidade com seus milhares de habitantes. À sua vista perdiam-se ao longe os bairros do trabalho e da miséria, nada se distinguia, somente ouvia-se um rumor confuso que chegava até lá em cima ao mesmo tempo em que umas negras colunas de fumo, às alturas cobriam com o seu manto negro, de aspecto fúnebre, aqueles bairros de sofrimento. Distinguiam-se entretanto mais claros os bairros da riqueza. O sol radiante iluminava com seus dourados raios as altas e multicores janelas, refletindo e produzindo fantásticos aspectos na atmosfera pura e diáfana que majestosamente cobria aqueles bairros. João ficou pensativo. Este enorme panorama produzia-lhe idéias lúgubres e sinistras. Por que eles, os trabalhadores de todos os ofícios, produtores da riqueza social, que levantam palácios, constroem caminhos de ferro numa palavra, produzem tudo que não é obra da natureza, sofrem miséria e fome, habitam em imundos cubículos, estão expostos às intempéries, aos acidentes do trabalho... Enquanto que a seus pés habita gente que não trabalha nem produz e goza de todas as delícias e esplendores que a mãe natureza brinda a todos os seres vivos? ... De repente sentiu uma vertigem; um grito de auxílio partiu de seu peito e rolou no abismo profundo; o baque terrível de seu corpo repercutiu nos corações de seus irmãos de trabalho e de miséria... João não morreu; fraturou unicamente as duas pernas. Conduzido ao hospital, as pernas foram-lhe amputadas; salvando-o da morte; mas salvaram-no todavia da miséria? Oh, não! Isso não pode fazê-lo um cirurgião; não está em suas mãos extirpar a humanidade desse terrível cancro – a miséria. Dois meses depois deram-lhe alta no hospital. Inútil para o trabalho, abandonado pela sociedade, a esmola foi seu único recurso; e sentado num carrinho, uma criança arrastava-o pelas ruas da cidade estendendo a mão aos transeuntes. – Não me incomode!...respondiam-lhe

<sup>429</sup> LEAL, Cláudia F. **Literatura útil: um estudo sobre três textos de ficção libertária 1900-1902**. Disponível em <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/ensaios/ensaio25.html>> acesso em 12/08/2010.

grosseiramente. E é esse o prêmio que recebem as vítimas do trabalho nesta sociedade inútil.<sup>430</sup>

O conto narra a tragédia do pedreiro João que, após um acidente de trabalho, tem as pernas amputadas e a existência entregue a um destino ingrato de abandono e miséria. No conto aparece constantemente a dualidade e o distanciamento entre trabalhador e patrão; enquanto um é desumanamente explorado o outro goza dos privilégios da sua condição social, privilégios esses mantidos através da constante exploração que o patrão emprega para com os operários. Dessa forma, o conto procura transmitir o sofrimento de João para os leitores, fazendo com que essa dor se torne coletiva e acabe resultando sentimentos de revolta e de indignação nos leitores do periódico anarquista **A Luta**. Dessa forma, a função do conto relaciona-se também com a dor, permitindo que o leitor identifique o sofrimento alheio e compadeça-se do mesmo. Alguns autores chegam a admitir que os contos que apresentam o sofrimento são capazes de provocar catarses (uma espécie de purificação) nos leitores, uma vez que a leitura do conto permite aos leitores se sensibilizarem com a desgraça alheia e, através dessa sensibilização, realiza certa “purificação da alma”. No entanto, tal afirmativa não é aceita com unanimidade, podendo o conto, portanto, não atingir o leitor da forma pretendida, não provocar catarses ou purificações. Porém, no caso dos contos libertários, verifica-se que o efeito de comoção é muitas vezes atingido.

A catarse, que Aristóteles compreendia como uma espécie de “purgação” (porque realiza um efeito purgante sobre as emoções reprimidas dos espectadores), permite nos identificarmos com o sofrimento dos personagens, ou dos poetas, sentindo temor e piedade. Ao sairmos do teatro (ou do cinema, ou das páginas do livro), retomamos a nossa própria identidade – mas enriquecida pela experiência ficcional, que nos ajuda a conviver com nossas dores e com nossos dramas.<sup>431</sup>

O escritor criativo, no entanto, consegue “se pôr para fora”, diferenciando-se do homem comum ao encontrar uma maneira de dar forma pública às suas fantasias e devaneios; ele “finge tão completamente que chega fingir que é dor a dor que deveras sente”, o que ajuda os leitores a encontrarem, na dor lida, não aquela que já tinham antes de lerem, mas outra – aquela que ainda não tinham e que, por efeito de perspectiva, empresta sentido à dor primeira, à dor que não fazia sentido.<sup>432</sup>

Além da identificação da dor sofrida pelo pedreiro João e provocada por um sistema de exploração contínua, o conto também permite perceber outros pontos relevantes dessa contínua exploração. Por exemplo, ao afirmar que *"homens, mulheres, meninos e velhos,*

<sup>430</sup> **A LUTA**, Porto Alegre, 14 de dezembro de 1907, nº 25 p.03.

<sup>431</sup> BERNARDO, Gustavo. **O conceito de Literatura**. In: JOBIM, José Luís (org). **Introdução aos termos literários**. Op.Cit. p. 143.

<sup>432</sup> Ibid. p.146-147.

*robustos e doentes, encurvados e raquíticos*” saíam de seus “*tristes albergues*” para trabalhar, para a sua “*batalha diária*” o autor denuncia um sistema opressor que não atingia exclusivamente os homens, mas também mulheres, idosos e crianças. Vale ressaltar que o trabalho infantil, bem como o emprego de mulheres nas fábricas de Porto Alegre era uma constante significativa, uma vez que, em muitos casos, se constituíam na mão-de-obra preferida dos patrões, já que os salários fornecidos eram expressivamente mais baixos e o nível de obediência dessa mão-de-obra formada por crianças e mulheres era, via de regra, superior àquele dos trabalhadores homens adultos<sup>433</sup>.

Portanto, no conto acima transparece tanto a exploração a que os trabalhadores estavam submetidos (homens, mulheres, idosos e crianças) nos seus locais de trabalho, quanto a miséria em que viviam: moradias precárias, fome, corpos raquíticos, acidentes de trabalho<sup>434</sup>, entre outras calamidades cotidianas. O autor denuncia a situação de forma direta e clara, pretendendo que o leitor tanto se emocione e se comova com a tragédia de João, bem como se perceba enquanto membro de uma classe explorada que necessita revoltar-se para modificar seu papel social. Sendo assim, verifica-se que o periódico **A Luta** se utiliza dos discursos verbais e visuais de maneiras distintas, uma vez que nos contos transparece tanto a exploração dos trabalhadores pelos seus patrões, bem como a miséria em que viviam, enquanto que nas caricaturas não se verifica uma crítica direta à relação desigual existente entre patrão x operário nem à pobreza e miséria existente na capital gaúcha, restringindo-se sua crítica a questões mais amplas como o ataque às instituições (Clero, Estado) bem como ao sistema capitalista através da utilização de ilustrações de monstros enquanto alegorias para os problemas sociais e não através de acontecimentos cotidianos (como o caso de João relatado no conto).

Dessa forma, pode-se apontar que o discurso visual (caricaturas) se utilizava de estratégias que envolviam questões subjetivas e que partiam de elementos do maravilhoso (monstros), enquanto que os contos partiam do real (questões cotidianas) para realizar a crítica à sociedade vigente, a qual, segundo a concepção anarquista, estava muito distante da sociedade ideal, da sociedade libertária.

---

<sup>433</sup> A mão-de-obra infantil e feminina continuou a ser verificada na capital gaúcha durante os anos que se seguiram à publicação do conto anarquista no periódico **A Luta** de 1907; de forma que uma das exigências da greve geral ocorrida em 1917 era: “*generalização da jornada de 8 horas; estabelecimento da jornada de 6 horas para as mulheres e crianças*”, o que deixava claro a permanência dessa mão-de-obra.

<sup>434</sup> A existência de leis relativas à segurança do trabalho era praticamente nula no início do século XX, quando da publicação do conto.

Essa constatação da existência de diferenças entre o discurso verbal e visual, seja no seu conteúdo ou nas suas estratégias de transmissão da mensagem ao leitor, alude à necessidade e importância de um estudo simultâneo entre os diversos elementos do jornal, verificando os distanciamentos e as aproximações entre um elemento e outro bem como deixa claro que as generalizações, em grande parte das ocasiões, podem levar a conclusões apressadas. Se fossem analisadas somente as caricaturas do periódico **A Luta** (de forma isolada), por exemplo, poder-se-ia concluir que o periódico não realizava uma crítica dura às questões relativas à exploração do trabalho, ao conflito patrão x operário bem como à pobreza e miséria presente nos bairros operários. No entanto, ao analisarem-se também os contos, tal conclusão obtida através da análise caricatural não se mantém, uma vez que a crítica à miséria e à exploração aparece de forma constante e transparente. Nesse caso, por exemplo, os discursos visuais (caricaturas) e verbais (contos) antes de se repetirem, se complementam, de forma que nem sempre o discurso visual se destina à ilustração do discurso verbal, podendo, por si só, apresentar uma mensagem distinta e diferente daquela dos textos. Bakhtin, em toda sua obra, chama a atenção para o diálogo existente entre os diferentes textos, de diferentes espécies (verbais, visuais, sonoros) aludindo ao contato que necessariamente ocorre entre uns e outros, de forma que a influência não se dava exclusivamente do texto verbal para o visual, mas também do visual para o verbal e assim sucessivamente.

Ao apontar o caráter dialógico do discurso e, portanto, a relação de sentidos entre os diversos enunciados que distribuem várias vozes no discurso, Bakhtin (1992) considera que um texto vive sempre em contato com outro texto e, nesse processo de articulação, os textos constroem (ou são) a História.<sup>435</sup>

Nos dois contos aqui analisados, um do periódico **La Protesta** e outro do periódico **A Luta**, constataram-se algumas semelhanças entre eles: textos breves, com poucos personagens (um ou dois), linguagem cotidiana, final trágico e transmissão direta e clara da mensagem, da denúncia a que se destinavam. Assim, a ignorância, a miséria e a exploração eram denunciadas através de contos os quais deveriam tanto comover os leitores quanto permanecerem na mente destes, provocando revoltas internas e, em casos mais intensos, ações que visavam à ruptura das situações denunciadas através das palavras dos contistas.

[...] o conto deve ter ação concentrada, única tensão narrativa, suficiente dose de sugestão, linguagem adequada, aprofundamento do espaço literário,

---

<sup>435</sup> SARGENTINI, Vanice Maria Oliveira. **A imprensa operária anarquista: gênero, literatura e sentido**. Revista do GELNE, Vol.3, nº1, 2001. p.1.

tudo de modo a que ele permaneça na mente do leitor e o deixe “trepidante”.<sup>436</sup>

Contos ainda mais breves do que os analisados até o momento também se esforçavam em denunciar a miséria de forma marcante e em pouquíssimas linhas, tentando causar o efeito “trepidante” no leitor. Esses contos, devido as suas extensões mínimas, caberiam na assertiva que se tornou famosa, porém de autoria incerta de que “*conto é como riscar fósforo: mal acende, já apagou*”. O conto abaixo visualizado no periódico **La Protesta** no ano de 1904 é um exemplo desse veloz apagão:

#### NOSTALGIAS

Salgo de la habitación-pocilga, bajo las escaleras, en el patio escucho un diálogo:

- ¿Cinco hijos? ¡Qué horror! ¡No puedo alquilarle la pieza, imposible, prefiero que quede deshabitada un año!
- ¡Señora!...
- No, nada; a usted sola le alquilaría previa garantía de que pagara todos los meses adelantado; pero, ¿con cinco hijos? ¡No, no!
- ¡Piedad!
- ¡No, no! ¡No Puedo! *Iceberg*<sup>437</sup>

O brevíssimo conto ou “*miniconto*” (como designariam alguns), de autoria de *Iceberg*<sup>438</sup>, deixa transparecer, através de uma economia de palavras, a situação de miséria em que se encontrava uma mãe com cinco filhos, que não conseguia alugar uma moradia, pois os proprietários temiam que ela não conseguisse pagar o aluguel; no entanto, nem deixavam a pobre mãe tentar cumprir o contrato do aluguel, demonstrando uma postura ao mesmo tempo fria, preconceituosa e individualista para com a mãe, uma vez que a atitude da proprietária da moradia carece de compaixão e sensibilidade, emoções essas ausentes em todo o diálogo da proprietária com a mãe. Essa última, mesmo implorando, não consegue atingir o coração da proprietária, a qual acaba lhe negando sem remorsos o pedido de aluguel; aluguel, diga-se de passagem, não de uma moradia com condições sanitárias necessárias e com uma estrutura física digna, mas de uma “*habitación-pocilga*”, ou seja, uma moradia precária e com uma estrutura física desprovida de qualidade. É importante lembrar que as péssimas condições das moradias populares em Buenos Aires e, em contrapartida, os altos preços dos aluguéis, acabarão por provocar, no ano de 1907, a greve dos inquilinos, que exigia menores preços dos aluguéis e melhores condições físico-estruturais das moradias, dos “*conventillos*” populares.

<sup>436</sup> CASTAGNINO, Raúl *apud* GOTLIB, Natália Battella. **Teoria do Conto**. Op.Cit. p.74.

<sup>437</sup> **LA PROTESTA**, Buenos Aires, 3 de julio de 1904, nº 337.

<sup>438</sup> A utilização de pseudônimos é uma constante, assim como nas caricaturas, na autoria dos contos libertários.

Procurou-se, através desses três breves contos, demonstrar de que maneira as palavras auxiliavam na denúncia da miséria e da exploração, uma vez que tencionavam, com a utilização de uma linguagem direta e simples e uma história envolvente (embora com poucos personagens e detalhes) comover o leitor e fazer com que esse sentisse a mesma dor e a opressão vivenciada pelos personagens fictícios das histórias contadas.

Os próximos contos que serão apresentados atacam diretamente as instituições do Clero e do Estado, bem como a postura opressora dos patrões. Nessa denúncia, a exploração e a miséria também se fazem sentir, no entanto, o alvo principal das palavras são os inimigos: burgueses e governantes.

### 3.2 RETRATANDO A TRINDADE OPRESSORA: CLERO, ESTADO, PATRÃO

*“No conto vai ocorrer algo, e esse algo será intenso”.*

Cortázar

Primeiro se analisará um conto que critica tanto o Clero e o Estado como a sociedade capitalista e o seu dualismo sustentador: trabalhadores x patrões; para, posteriormente analisar os contos que se dedicam exclusivamente ao ataque aos patrões e à exploração nas fábricas; passando desses para a análise daqueles que contêm críticas anticlericais severas; procurando demonstrar como esses textos transmitiam suas denúncias às instituições que consideravam opressoras.

O conto a seguir denominado *“El veranero”* foi publicado no **Suplemento de La Protesta** no decorrer de 1908 e exemplifica a linguagem dramática empregada por certos contistas libertários, que procuravam, através do exagero e da exposição do sofrimento alheio, comover os leitores com a leitura do texto subversivo. Vale lembrar que os contos configuram-se no elemento do **Suplemento de La Protesta** que aparece com maior frequência em suas páginas, tamanha a importância que seus editores conferiam ao papel do conto enquanto elemento a serviço da instrução pedagógica libertária. Além disso, em princípios do século XX, o conto se configurava, aos poucos, na leitura mais acessível às classes populares, enquanto que os romances ganhavam um amplo espaço entre as classes burguesas.

O conto narra a história de um solitário que compra um passarinho para minimizar sua solidão. No entanto, aos poucos, o solitário vai percebendo que oprime e escraviza o pássaro ao deixá-lo enjaulado e impedido de viver seus amores, comparando sua atitude opressora

para com o pássaro com a atitude que o Estado, o Clero, bem como a sociedade capitalista apresentam para com os trabalhadores, oprimindo-os, escravizando-os e privando-os de viver em liberdade e de desfrutar seus amores. Dando-se conta dessa situação, o solitário decide libertar o pássaro e deixá-lo que ele siga seu caminho livremente, no entanto, antes de libertá-lo, o solitário estabelece um diálogo com o pássaro em que o aconselha a viver seus amores e a prezar por sua liberdade. Dessa forma, o pássaro é uma alegoria para o homem trabalhador que vive escravizado e que necessita libertar-se.

### EL VERANERO

Se lo compre á un muchachuelo... Y lo conduje á mi cuarto. – Ya tendré un compañerito – me dije con alegría – que mitigue mis pesares... que consuele mis tristezas... Ya mi vida solitaria no será tan espantosa! Y siempre por la mañana le cambiaba la guinea, le cambiaba el agua turbia por otra muy limpia y clara. Pero... he aquí que un día – infeliz para mi espíritu – regresé con honda pena de un paseo por la ciudad. Quise buscar un consuelo, en mi pájaro enjaulado... mas se dobló mi congoja: el veranero – en sollozos – entonaba unas canciones empapadas de dolor... saturadas de pesar... A la jaula me acerqué... Su alimento, intacto estaba. Era tanta su aflicción... que pasó todito el día sin picotear la guinea. Y me fue entrando una pena... muy horrible... espeluznante... Yo era cómplice de un crimen... y de un crimen espantoso. ¿Por qué tenía aprisionado, á un ser inocente y puro? ¿Qué delito cometió... para encerrarle la vida... en la estrechez de una jaula? Y pensé por largo rato. Y le abrí la portezuela... pero la volví a cerrar. Quiero que oigas mi lamento... mi lamento entristecido, el cantico de mi lloro... Tú te vas a la región... do son libres los amores, á los lampos infinitos de la dicha y del placer, vas á juntarte á tu novia... á devolverle el consuelo; á cantar con tus hermanos el arrullo de los libres, las canciones de la vida... las canciones del amor! Y yo quedo triste y solo con mi amargura infinita... en esta tierra maldita donde existen solo esclavos... donde somos la carnaza de las enfermas pasiones... Tú te vas y yo me quedo... con los infames verdugos que esclavizan las conciencias... con el esclavo *Social*... con el esclavo de *Dios*... con el esclavo de *Rey*... con el esclavo de *Amor*!... “Oh, los esclavos de amor!... Compadece á las mujeres que sufren tantas cadenas. Por el afecto a sus padres que tienen las pobrecitas, aniquilan sus ensueños... ahogan sus rebeldías... Aceptan tranquilamente los *negocios* del cariño, los *negocios* criminales que corrompen su sentir... y que sus padres les forjan por estulta vanidad. ¡Oh, muchas veces se estiguen... y muchas veces se mueren... con sublimes añoranzas ... con nostalgias indelebles!... ¡Oh, que esclavitud tan negra! Pero... tu te vés y yo me quedo. Nada importa, vete!... á juntarte con tu novia... á devolverle el consuelo... Y le abrí la portezuela con infinita tristeza. El pajarillo voló... muy alegre y muy contento. Se detuvo en un naranjo... y allí cantó la melodía de su ansiada libertad!... **Gonzalo SÁNCHEZ BONILLA**<sup>439</sup>

Para denunciar o sistema capitalista, o Estado e o Clero o autor do conto relaciona essas instâncias com a escravidão ao afirmar que “*yo quedo triste y solo con mi amargura infinita... en esta tierra maldita donde existen solo esclavos... donde somos la carnaza de las*

<sup>439</sup> SUPLEMENTO DE LA PROTESTA, Buenos Aires, septiembre de 1908, nº 05, p.111.

*enfermas pasiones... Tú te vas y yo me quedo... con los infames verdugos que esclavizan las conciencias... con el esclavo Social... con el esclavo de Dios... con el esclavo de Rey... con el esclavo de Amor*”, onde o escravo social representava o trabalhador oprimido, o escravo de Deus aqueles que se deixavam enganar pelos sermões e conselhos dos membros da Igreja católica e os escravos do Rei aqueles que obedeciam (eram obrigados a obedecer) suas ordens opressoras. Utiliza-se outra vez a palavra rei para aludir à repressão empregada pelo Estado argentino, de forma que tal palavra, para os libertários, estava carregada de significados opressores e por isso era constantemente utilizada (mesmo não havendo reis na Argentina).

Já, ao se referir aos escravos do amor, o autor do conto faz alusão a um tipo de opressão que aparece pouco nas caricaturas libertárias e, quando aparece, normalmente está ligado às atitudes dos patrões para com as empregadas nas fábricas: a opressão da figura feminina pelos membros do sexo masculino (primeiramente pelos seus pais e, posteriormente, pelos maridos). Tal opressão feminina é profundamente retratada no conto que denuncia que: *“compadece á las mujeres que sufren tantas cadenas. Por el afecto a sus padres que tienen las pobrecitas, aniquilan sus ensueños... ahogan sus rebeldías... Aceptan tranquilamente los negocios del cariño, los negocios criminales que corrompen su sentir... y que sus padres les forjan por estulta vanidad. ¡Oh, muchas veces se estiguen... y muchas veces se mueren... con sublimes añoranzas ... con nostalgias indelebles!... ¡Oh, que esclavitud tan negra!*”, de forma que a situação dessas mulheres oprimidas por seus pais, maridos e patrões é similar àquela em que se encontra o pássaro do conto, uma vez que ambos estão presos e não podem desfrutar livremente de sua liberdade.

Dessa forma, verifica-se que o conto, quando denuncia o Estado, o Clero e o sistema capitalista, está realizando uma crítica similar àquela realizada pelas caricaturas encontradas nos periódicos e suplementos libertários. No entanto, ao acrescentar ao conto a crítica à opressão feminina pelos membros do sexo oposto (não necessariamente e exclusivamente por patrões, mas também pelos próprios membros da família da mulher, portanto, por próprios trabalhadores) se está realizando uma ampla crítica à questão da exploração feminina que não é percebida através da análise caricatural (que apenas esboça sutilmente a exploração feminina no interior das fábricas); apontando, uma vez mais, para o caráter complementar de ambas as fontes e para a importância de não generalizar a mensagem transmitida pelas caricaturas ou pelos contos como se pertencessem a discursos fechados dos próprios jornais, pois, como percebido, as críticas transmitidas pelos contos e caricaturas não são

necessariamente as mesmas e nem ocorrem sempre de maneira similar, embora o contato e a influência entre um discurso e outro seja constantemente verificado, uma vez que dialogam entre si e rompem com a noção de texto estático que, ao que tudo indica, não existe. Nesse ponto, concorda-se com Bakhtin quando este afirma que os textos, sejam eles quais forem, estão sempre dialogando com outros textos e se formam como resposta dessas múltiplas vozes, uma vez que *“a ficção contemporânea também revela o plurilinguismo e o dialogismo, ou seja, diferentes vozes em interlocução, além da voz do narrador”*<sup>440</sup>.

Além disso, percebe-se no referido conto a utilização da frase *“tu te vas y yo me quedo”* em várias partes da narrativa de forma que a sua repetição procurava conferir ritmo e musicalidade ao conto, deixando-o agradável de ser lido em voz alta<sup>441</sup>. Sobre o emprego da repetição de frases e a utilização de uma espécie de refrão, Edgar Allan Poe alude que:

Como é comumente usado, o refrão poético, ou estribilho, não só se limita ao verso lírico, mas depende, para impressionar, da força da monotonia, tanto no som, como na idéia. O prazer somente se extrai pelo sentido de identidade, de repetição.<sup>442</sup>

Assim, o conto realiza uma crítica às instâncias opressoras e, ao mesmo tempo alude à importância da liberdade utilizando-se das estratégias da repetição e da musicalidade; transmitindo, portanto, de maneira agradável a mensagem ao leitor. Os próximos contos que serão analisados não apresentarão críticas às múltiplas instâncias opressoras (como no conto anterior), mas dedicam-se a criticar exclusivamente um elemento opressor: ou os patrões, ou Clero ou ainda o Estado.

### **3.2.1 Sem Pátria e sem Patrão: contos contra o Estado Capitalista e os seus senhores: os burgueses**

*“A primeira coisa que realmente observamos numa estória é uma atmosfera de mistério”.*

Eudora Welty

Os três contos que serão analisados a seguir procuram denunciar a relação desigual existente entre trabalhadores x patrões na sociedade capitalista. Exagero, mistério, sentimentalismo, dramaticidade serão facilmente percebidos na análise desses contos, os quais procuravam tanto convencer os trabalhadores de que eram explorados, quanto comover o

<sup>440</sup> BAKHTIN, Mikhail *Apud* FERREIRA, Antonio Celso. **Literatura: A fonte fecunda**. In: PINSKY, Carla Bassanezy & LUCA, Tania Regina de. **O Historiador e suas Fontes**. Op. Cit. p. 66.

<sup>441</sup> A leitura em voz alta era uma prática bastante utilizada entre os trabalhadores no início do século XX devido aos altos índices de analfabetismo que se verificavam entre eles; de forma que a transmissão oral era a que permitia aos analfabetos terem acesso às informações dos periódicos operários.

<sup>442</sup> POE, Edgar Allan. **Poemas e Ensaios**. São Paulo: Globo, 1999. p. 142.

leitor a ponto de fazer com que este tomasse alguma providência para modificar tal situação precária em que se encontravam.

O conto a seguir publicado no periódico anticlerical **Lúcifer** no ano de 1907 apresenta uma forte crítica à exploração dos trabalhadores por parte dos capitalistas e ainda aponta para o poder superior que tem o trabalho perante o capital, incentivando, portanto, os trabalhadores a exigir o respeito com que merecem ser tratados pelos capitalistas; respeito esse traduzido em melhores salários, condições ideais de trabalho, carga horária máxima de 8 horas, enfim, em uma vida digna para os trabalhadores. O conto, diferentemente dos outros até o presente analisados, utiliza-se da forma fabular para contar sua história, forma essa em que os personagens não são humanos, mas sim seres inanimados que ganham vida através da caneta do contista ou animais cujas ações fictícias estabelecem relações diretas com o comportamento humano. De acordo com Darnton (2001), os trabalhadores percebiam o mundo mais facilmente através de *coisas* e não de conceitos abstratos. Por isso, a forma fabular é bastante utilizada nos contos subalternos, uma vez que "*pessoas comuns pensam com coisas ou com outros materiais que sua cultura disponibilize, tais como histórias, cerimônias, etc*"<sup>443</sup>. De forma que tais *coisas* – personagens - imitam falas e ações humanas, fazendo com que o leitor se identifique com eles, mesmo sendo personagens totalmente ficcionais, que só ganham vida no universo maravilhoso construído pelo autor do conto. Dessa forma, a ficção imita a realidade e envolve o leitor, captura-o momentaneamente e o transporta para o mundo ficcional inventado pelo autor.

Na verdade, crianças, leitores, jogadores, amantes, políticos, eleitores, enfim, todo mundo *necessita* de ilusão. Esta ilusão ora tem a forma da mentira que não pode se assumir como mentira, como, por exemplo, no discurso de um político em ano eleitoral, ora tem a forma da mentira que avisa que é mentira. A este segundo tipo de "mentira", mentira honesta, na verdade, chamamos, com mais propriedade de *ficção*.<sup>444</sup>

O conto se desenvolve quase que exclusivamente através de diálogos entre os personagens, em que os comestíveis representam os trabalhadores enquanto o ouro representa o capital. É importante ressaltar que os diálogos são de suma importância para o gênero conto, uma vez que sem eles não há discórdia, enfrentamentos, conflitos. A função do diálogo é, portanto, expor, informar e tornar a leitura e a história dinâmica. O enfrentamento entre uns e

<sup>443</sup> DARNTON, Robert. **O Grande Massacre de Gatos e outros episódios da história cultural francesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001. p. 16.

<sup>444</sup> BERNARDO, Gustavo. **O conceito de Literatura**. In: JOBIM, José Luís (org). **Introdução aos termos literários**. Op.Cit. p. 143.

outros ocorre, não por meio da interferência, do posicionamento do narrador, mas sim através de diálogos diretos entre uns e outros, ou seja, entre os próprios personagens. De forma que o narrador não se sobressai no conto, o qual, antes de tudo expressa a voz coletiva. Vale lembrar que a própria função dos contos libertários é expor a experiência coletiva e não a elaboração estética empregada pelo narrador. De forma que *“nos textos de característica doutrinária, como os contos anarquistas, a noção de ‘autor’ é intencionalmente dispersa, pois o autor não expressa a individualidade, mas a voz coletiva que representa”*<sup>445</sup>.

#### **Os comestíveis e o ouro**

O vendedor de fiambres (pizzicagnolo) tinha fechado a taverna, ficando envolta em trevas. Somente sobre o balcão, perto das balanças, alguma coisa luzia mandando descaradamente raios que turbavam a tranquilidade dos comestíveis.

– Ah! Queres acabar? – Gritou de repente uma bela forma de parmesão. Ouviu-se rir com escárnio e um raio mais impertinente veio bater sobre a coitadinha.

– Quem é que perturba a nossa tranquilidade? – murmurou então um saco de farinha.

– Sou eu! Ouviu-se gritar do lugar de onde partiram os raios. – Sou eu! Uma bela peça de ouro.

– Ah! Descarada! – exclamou de cima de uma prateleira um frasco de vinho velho. – Crês por acaso que nós somos vagabundos como tu? Nós não ficamos nos bolsos tranquilamente acomodados e abrigados. De manhã até de noite estamos em convulsão para servir a gente.

– Vós? Perguntou sempre zombando a moda. – Ah, ah. Calai-vos marmanjos. Se eu não existisse não podias fazer nada.

– Quem diz isso? Exclamou uma mortadela – é feito de minha carne. É um asno.

– Silêncio lá, pedaço de carne ensacada. Eu represento o capital!

– E nós o trabalho, gritam de uma só voz os comestíveis.

– Pois bem, o que farias sem eu?

– Digas em vez o que farias sem nós?

– Mas, eu serei... sempre ouro!

– E o que é o ouro? É por acaso bom de nutrir o país?

– Mas sim, mas sim.

– Está bem. Amigos! - Disse um barril de arenques – Provenos ao representante do capital quem é o mais forte. Deixemo-lo, imediatamente, aqui sozinho e como fez a plebe romana, retiramo-nos sobre o mais próximo monte. O povo de Roma venceu venceremos também nós...

Dito isso, o barril começou a rolar, com um empurrão arrombou a porta e saiu. Em um momento atrás dele desapareceram todos os gêneros alimentícios. O trabalho tinha ido embora; ficara só o capital a cintilar sobre os mortos. Na manhã seguinte todos habitantes do lugar foram fazer suas compras, mas encontraram o negócio privado de qualquer alimento. Em vão a peça tentava substituir a fome pelo brilho; não legava a ninguém e o apetite em vez de diminuir aumentava. Ameaçada de morte ela se viu então obrigada de entrar em acordo com os comestíveis; estes, lhe impuseram o respeito que mereciam e daquele dia em diante o trabalho foi considerado coisa melhor do que o capital.

<sup>445</sup> SARGENTINI, Vanice Maria Oliveira. **A imprensa operária anarquista: gênero, literatura e sentido.** Revista do GELNE, Vol.3, nº1, 2001. p.3.

Moral – Aos operários do mundo o imitar dos gêneros alimentícios. Unidos, compactos, eles não serão mais os vencidos, mas os vencedores.  
(Tradução)<sup>446</sup>

Através do diálogo/ enfrentamento estabelecido com a peça de ouro, os comestíveis propõem fazer uma prova para verificar quem é o mais forte: se o capital, ou o trabalho. A conclusão que chegam é que o trabalho é consideravelmente mais forte, pois, sem ele, as pessoas ficam desprovidas de alimentos e, frente a tal situação de escassez, o capital, o ouro de nada serve. De forma que apenas resta a esse último estabelecer um acordo com o trabalho e respeitá-lo enquanto elemento indispensável para o pleno desenvolvimento humano. Para não deixar dúvidas quanto à transmissão da mensagem ao leitor através da leitura do conto, o autor destaca no final do texto a moral da história, ou seja, a própria mensagem já transmitida com a leitura do conto. Além de destacar a moral da história, o desfecho do conto também faz ver que os comestíveis na verdade são uma alusão aos trabalhadores. Portanto, o final do texto, ou seja, a apresentação da moral da história cumpre uma função extremamente doutrinária e pedagógica, uma vez que reforça o já dito no conto e explica o próprio conto, ao divulgar as relações que estabelece (no caso em questão, a relação de identificação dos comestíveis com os trabalhadores e a peça de ouro com o capital). Nota-se que na moral divulgada “*Moral – Aos operários do mundo o imitar dos gêneros alimentícios. Unidos, compactos, eles não serão mais os vencidos, mas os vencedores*” é transmitida a crença na mudança e na força dos trabalhadores, uma vez que seria através da ação deles próprios – dos trabalhadores unidos – que as modificações sociais necessárias ocorreriam. Os trabalhadores precisavam, portanto, imitar o enfrentamento dos comestíveis com o ouro, ou seja, enfrentar os patrões, os burgueses para assim fazer com que esses últimos admitissem o valor do trabalho e conferissem aos trabalhadores as condições mínimas que eles necessitavam e, além disso, o respeito que mereciam por serem vitais para a sociedade. Dessa maneira, o conto é uma forma de conscientização do poder dos trabalhadores e da importância da ação desses últimos para a ocorrência de mudanças sociais e estruturais na sociedade.

Outro aspecto que chama atenção no conto apresentado pelo periódico **Lúcifer** em 1907 é o fato de estar destacado no final do conto que o mesmo se tratava de uma “tradução”, o que indica que o conto não era inédito e que já tinha sido publicado em outros jornais, em outros países, com outro idioma. Fato esse que era bastante comum na “imprensa marginal”, uma vez que a circulação de contos, assim como de caricaturas, era uma constante real

---

<sup>446</sup> **LÚCIFER**, Porto Alegre, 12 de outubro de 1907, nº3 p.3-4.

verificada tanto entre um periódico e outro como entre um país e outro. O jornal **Lúcifer** não indica a procedência do conto, ou seja, de qual periódico foi extraído e traduzido e tampouco o autor da tradução. Apesar da dificuldade em estabelecer a autoria e a procedência do conto, o fato de o mesmo aparecer no periódico anticlerical **Lúcifer** possibilita algumas reflexões interessantes: em primeiro lugar, o conto se assemelha muito a um conto anarquista, uma vez que se ocupa da questão da exploração dos trabalhadores pelos capitalistas, o que acaba por apontar a simpatia que o periódico anticlerical tinha para com os libertários; em segundo lugar, revela o conteúdo diferencial do conto em relação às caricaturas do periódico, as quais, na sua maioria, tratavam de questões anticlericais e não realizavam uma crítica direta e exclusiva aos capitalistas, aos burgueses, aos patrões conforme o conto realizava. De forma que nem todos os assuntos explorados pelo periódico tinham uma representação visual correspondente; ou seja, certas temáticas apareciam nas caricaturas, mas outras não. Portanto, chama-se a atenção mais uma vez para o perigo de estudos de elementos isolados dos periódicos tomados como representantes da totalidade, da própria mensagem do periódico como um todo.

A relação de simpatia já verificada na análise das caricaturas entre o periódico **Lúcifer** e o anarquismo é reforçada na análise dos contos, uma vez que uma das temáticas recorrentes desses contos girava em torno da relação desigual existente entre trabalhadores e patrões realizando uma forte crítica ao sistema capitalista e sugerindo modificações estruturais; modificações essas também apontadas pelos libertários.

O próximo conto, publicado no **Suplemento de La Protesta** em 1908, também se refere à exploração dos trabalhadores por parte dos patrões. É visualizada a exploração tanto de um menino de catorze anos cujo ritmo desgastante do trabalho acaba por deixar-lhe enfermo, bem como de uma mãe viúva que precisa trabalhar de forma desumana para conseguir sustentar seus seis filhos. Um dos filhos dessa mãe, Julio, é o jovem enfermo de que trata a história. O conto apresenta uma narrativa dramática e emotiva, que pretende deixar o leitor comovido com a tragédia de Mariana, a mãe do filho enfermo e de cinco outros mais. De maneira que o conto apresenta a mágoa de Mariana, bem como as tensões sociais existentes entre parte do operariado de Buenos Aires (que era constantemente explorado) e os patrões (que se beneficiavam da exploração dos trabalhadores). No entanto, além de denunciar o sofrimento de Mariana e acusar as tensões sociais existentes, o conto também apontava para mudanças ao conclamar os trabalhadores a apressar o colapso dessa injusta

sociedade. O narrador terminava o conto acreditando na mudança, afirmando que “*una sociedad que engendra estas situaciones está destinada á reventar bajo el peso de sus injusticias. ¡Apresuremos nosotros el derrumbe!*”. De forma que a função do conto era tanto denunciar a situação de exploração e miséria que atingia Mariana e sua família, bem como incentivar os trabalhadores a agirem em prol da extinção desse tipo de situação permitida numa sociedade opressora.

A literatura deve trazer em si a revelação dos seus focos mais candentes de tensão e a mágoa dos aflitos. Deve traduzir no seu âmago mais um anseio de mudança do que os mecanismos da permanência. Sendo um produto do desejo, seu compromisso é maior com a fantasia do que com a realidade. Preocupa-se com aquilo que poderia ou deveria ser a ordem das coisas, mais do que com seu estado real.<sup>447</sup>

O conto inicia-se com o narrador apresentando a história de Mariana ao leitor, bem como os poucos personagens do conto, que se restringem à mãe (Mariana), ao filho doente (Júlio), aos outros filhos e ao narrador; este último dialoga com a mãe, realizando, portanto, o papel duplo de narrador e personagem. Através de suas cartas, o escritor Tchekhov fornece conselhos e recomendações quanto à utilização de poucos personagens na elaboração dos contos, uma vez que a utilização de um número ampliado de personagens diminuiria o efeito do conto, o qual exige brevidade.

Daí a série de conselhos, espalhados pelas cartas de Tchekhov, recomendando evitar personagens, episódios, detalhes e explicações em demasia. E àqueles que criavam muitas personagens aconselhava: diminuir o seu número, ou então escrever romances.<sup>448</sup>

O contista apresenta os personagens e, ao mesmo tempo, procura fornecer um breve histórico a respeito das causas que levam tais personagens a se encontrarem em determinado contexto. Assim, inicia a narrativa apresentando a fala de Mariana em que esta conta a sua história (não é mais o narrador quem está contando, mas sim a própria personagem). Ela fala a respeito da morte do marido ocorrida devido a um acidente de trabalho<sup>449</sup>, dos seis filhos, da sua múltipla jornada de trabalho e finaliza seu relato tocando na questão da enfermidade do seu filho e da impossibilidade de cuidá-lo, uma vez que precisava trabalhar para ajudar no sustento do restante da prole.

<sup>447</sup> SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. Ed. Brasiliense: São Paulo, 1983. p.20.

<sup>448</sup> GOTLIB, Natália Battella. **Teoria do Conto**. Op.Cit. p.42

<sup>449</sup> Os acidentes de trabalho eram um assunto bastante explorado nos periódicos libertários, uma vez que dedicavam espaço considerável para realizar a denúncia às fábricas em condições insalubres e que permitiam a ocorrência dos mais variados acidentes; os quais, muitas vezes, causavam efeitos graves nos trabalhadores, que ficavam com sua saúde debilitada, podendo até mesmo causar-lhes a morte.

### Cosas de la vida

Mariana, la robusta Lavandera que todos los lunes va a hacer su visita al sucio bodegón, llamado pomposamente Restaurant “La Bella Italia”, me ha hecho participe de una historia. Historia triste y fría, terrible y angustiosa; historia en que esta condensado todo el dolor que puede experimentar una madre ante la inminente pérdida del hijo de sus entrañas. En el patio gris con tonalidades oscuras allí, al lado de la tinaja chorreando agua sucia y jabonosa sobre sus flancos, en una mañana de este crudo invierno, entre risas que querían esconder las lagrimas que pugnaban por brotar, dando expansión a su sentimiento de madre, cariñosa y ruda al mismo tiempo, pude oír de aquella mujer buena y simple cándida en su rustica bondad, verdades grandes como montañas, pequeñas páginas ignoradas de un sufrimiento gigantesco condensado en gritos y risas que parecían sollozos... Habiale preguntado yo por su hijo Julio, un muchacho de unos catorce años, alto, flaco, tan flaco que según el decir de los muchachos del barrio, *parecía puro hueso*, el cual hacia tres meses que no iba a trabajar a la herrería de la vuelta, porque tenía una tos, pero una tos que daba lástima sentirlo.

- Yo he quedado viuda con seis hijos, todos chicos, cuando el finado fue aplastado por el fardo de pasto en la barranca de Maipú; ¿Usted se acuerda? – me dejo á modo de preámbulo como para hacerme comprender mejor lo desdichada que había sido en su vida de hembra fecunda y trabajadora.

- Lavando en unas casas la ropa de familias ricas, y en negocios, todos los santos días de la semana, pude á grandes fatigas hacer crecer á mis muchachos, llevarles un pedazo de pan á casa; de noche cuando volvía del trabajo de lavandera cansada como una burra, planchaba y remendaba la ropa de algunos paisanos y al mismo tiempo ponía la pieza en orden; y ahora que los muchachos trabajan, Pedrito en la fábrica de coches, Maria de modista en una casa de la calle Artes, y el pobre Julio me ganaba 1.60 al día en la herrería de Rabuffetti; á ahora que mando á Pepito y Ernesto á la escuela, se me enferma Julio, y según dice el doctor tendrá para un año en la cama. ¿Si usted viera? ¡Ay Dios mio! Le viene una tos tan fuerte que parece arrancarle el pecho y después, escupe...y escupe sangre...!

Y me siguió contando entre sollozos, que al principio el doctor de la Sociedad le había recetado un remedio que le había calmado la maldita tos; pero más tarde volvió á venirle más terrible y despiadada, destruyendo poco a poco el cuerpo del pobre Julio, y dejándolo extenuado en la cama con los ojos hundidos y la faz lívida, cadavérica.

- Y yo no puedo cuidarle de día porque sino no puedo comprar los remedios y ganarme el sustento para mis hijos. ¡Oh, que desgraciados somos los pobres!

Y el llano inundó su faz de mujer del pueblo buena y ruda, al pensar en el hijo querido que la tisis le arrebatava lenta y solapadamente.

- La sociedad no quiere más dar los medicamentos porque según dicen, en el reglamento hay una *cosa* que no permite dar medicinas extranjeras á los hijos de los socios.

El relato escueto, verídico y brutal en su sencilla desnudez, enseña lo que son las bellas palabras *bienestar, progreso, abundancia, etc.* Basta decirlos amigos lectores, que el pobre niño ha sido víctima de la explotación de sus infantiles energías en el taller, que la madre es una de las innumerables mujeres obligadas a reventar trabajando para mantener á su prole, que carece-inaudita infamia – de lo más indispensable para la vida, y que una sociedad que engendra estas situaciones está destinada á reventar bajo el peso de sus injusticias. ¡Apresuremos nosotros el derrumbe! ATEO PICCOLINI<sup>450</sup>

Nas próprias palavras utilizadas por Mariana no seu relato é evidenciada a exploração a que estava submetida em função de uma jornada de trabalho ampliada que a deixava

<sup>450</sup> SUPLEMENTO DE LA PROTESTA, Buenos Aires, septiembre de 1908, nº 05, p.111.

exausta. A frase “*cansada como una burra*” foi escolhida para transmitir o cansaço de Mariana, uma vez que o trabalho como lavadeira associado às demais tarefas que tinha de realizar para ampliar seu soldo como, por exemplo, passar e remendar as roupas dos “paisanos”, somadas ainda às tarefas do seu próprio lar deixavam-na penosamente exausta.

A exploração também aparece quando o narrador conta a história de Júlio e primeiramente informa que o mesmo era “*flaco, tan flaco que según el decir de los muchachos del barrio, parecía puro hueso*” de forma a transmitir a ideia de que o pobre menino vivia na miséria, sendo que a magreza lhe caracterizava e deixava-o fisicamente enfraquecido. Sendo assim, percebe-se certa semelhança com as caricaturas que retratam os trabalhadores através de corpos magros, onde os ossos eram sobressalentes e a miséria evidente; assim, o contista, ao dizer que Júlio “*parecía puro hueso*” estava fazendo uma crítica direta à miséria e à carência alimentícia verificada em parte do operariado de Buenos Aires; carência essa que será responsável pela constatação de inúmeras enfermidades entre os trabalhadores, dentre as quais a tuberculose<sup>451</sup> se destacava (a palavra *tisis* é utilizada pelo autor do conto enquanto sinônimo de tuberculose). Dessa forma, tanto o discurso verbal, quanto o visual apelam para o exagero dos traços físicos, ou seja, destacam a magreza dos personagens para transmitir a ideia de miséria no leitor. Além disso, o narrador do conto deixa explícita a certeza de que foi o trabalho exaustivo na ferraria que culminou na enfermidade de Júlio, uma vez que afirma que: “*Basta decirlos amigos lectores, que el pobre niño ha sido víctima de la explotación de sus infantiles energías en el taller*”, o que não deixa dúvidas quanto à exploração do patrão para com o jovem trabalhador, que gastava suas já escassas energias na atividade laboral maçante.

Percebe-se ainda, nessa parte final do conto em que o narrador expõe sua opinião, um tratamento amigável deste para com o enunciatário, o leitor do conto, uma vez que se refere a esse como “*amigo lector*” de forma a realizar uma aproximação entre narrador e leitor, bem como levar o leitor a chegar às mesmas conclusões que as suas. A última frase do conto transmite a ideia de que o narrador se incluía no universo do leitor, uma vez que transmite a mensagem no plural, utilizando-se do pronome “*nosotros*” para incluir tanto narrador quanto leitor no papel de transformadores sociais: “*Apresuremos nosotros el derrumbe!*”. Havendo, portanto, uma relação de cumplicidade entre narrador e leitor.

---

<sup>451</sup> É importante lembrar que o antibiótico eficaz para o tratamento da tuberculose foi descoberto apenas em 1944; sendo que, após esse descobrimento, a incidência da tuberculose começou a declinar até deixar de ser a grande ceifadora de vidas que sempre fora.

Esses diferentes sistemas de interlocução constroem efeitos de aproximação e parecer que há uma aproximação entre enunciador e enunciatário do discurso; colocados em perfeita simetria, cria-se entre eles uma relação de cumplicidade que elide, ou parece elidir, a figura do ‘autor’.<sup>452</sup>

Embora exista a tentativa do narrador se aproximar do leitor e, através de tal aproximação, levar esse último a chegar às mesmas conclusões que as suas, ou seja, fazer com que o leitor interprete o conto da maneira que ele (o autor) deseja, o processo de leitura continua sendo um exercício individual e independente, de forma que o narrador tanto pode ou não convencer o leitor acerca do seu ponto de vista. Chartier (1988) disserta a respeito do caráter individual da leitura:

Por um lado, a leitura é prática criadora, actividade produtora de sentidos singulares, de significações de modo nenhum redutíveis às intenções dos autores de textos ou dos fazedores de livros: ela é uma ‘caça furtiva’ (...) por outro lado, o leitor é, sempre, pensado pelo autor, pelo comentador e pelo editor como devendo ficar sujeito a um sentido único, a uma compreensão correcta, a uma leitura autorizada. Abordar a leitura é portanto, considerar, conjuntamente, a irredutível liberdade dos leitores e os condicionamentos que pretendem refreá-la.<sup>453</sup>

Além de o narrador procurar estabelecer uma relação de cumplicidade com o leitor conversando diretamente com este último, ele ainda utiliza-se do emprego de metáforas<sup>454</sup> na construção da narrativa de forma a deixar o texto rico em significados; os quais, antes de confundir e complicar a história tencionam uma aproximação com a realidade. De forma que “*descobrir a metáfora adequada facilita se aproximar, por expressão o mais semelhante possível, daquele elemento da realidade que nos interessa*”<sup>455</sup>. Para destacar a veracidade do relato de Mariana, o autor se utiliza da metáfora “*verdades grandes como montañas*” aludindo, curiosamente, à seriedade do conto, da ficção; de forma que o emprego de metáforas procura fornecer algum significado que falta na narrativa, pela impossibilidade de se atingir a realidade toda, restando às metáforas, portanto, o papel de aproximação entre o real e o imaginário.

A metáfora é provavelmente a potência mais fértil que o homem possui. Sua eficiência chega a tocar os confins da dramaturgia e parece um instrumento de criação que Deus deixou esquecido dentro de uma de suas criaturas na hora de fazê-la, como o cirurgião distraído que deixa um instrumento no

<sup>452</sup> SARGENTINI, Vanice Maria Oliveira. **A imprensa operária anarquista: gênero, literatura e sentido**. Op.Cit. p.3.

<sup>453</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural - entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1988. p. 123.

<sup>454</sup> A metáfora diz uma coisa por outra, designando um objeto mediante uma palavra que designa outro objeto, que, por sua vez, teria com o primeiro uma relação de semelhança. Para aprofundar a noção de metáfora ver: BERNARDO, 2004.

<sup>455</sup> BERNARDO, Gustavo. **Conhecimento e metáfora**. ALEA, Rio de Janeiro, vol. 6, n. 1, jan./jun. 2004. p.28.

ventre do operado. Todas as outras potências nos mantêm inscritos dentro do real, do que já é. O que mais podemos fazer é somar ou subtrair umas coisas de outras. Só a metáfora nos facilita a evasão e cria entre as coisas reais recifes imaginários, florescimento de ilhas sutis.<sup>456</sup>

Além da metáfora, o emprego da ironia também se verifica no conto, mais especificamente na parte final deste, em que o narrador apresenta o significado das palavras “*bienestar, progreso, abundancia*” de forma irônica, estabelecendo relações entre essas palavras (que deveriam ter uma conotação positiva) com a brutalidade do relato de Mariana, o qual deixa transparecer uma vivência baseada em sofrimentos e misérias e não de bem-estar, progresso e muito menos de abundância. A ironia é percebida na seguinte sentença: “*El relato escueto, verídico y brutal en su sencilla desnudez, enseña lo que son las bellas palabras bienestar, progreso, abundancia, etc*”. De forma que o contista ridiculariza valores que são tão caros para a sociedade capitalista, a qual se deseja representar enquanto uma sociedade rica, abundante de condições e possibilidades e senhora do progresso. Dessa forma, percebe-se que a ironia, presente em abundância nas caricaturas, também aparece nos contos, indicando, uma vez mais, certa semelhança entre os discursos verbais e visuais. No caso em questão, ao tocar no assunto referente ao “*bem-estar, progresso e abundância*” o narrador descreve a realidade com termos aparentemente positivos, mas com a finalidade de desvalorizá-la. A ironia convida o leitor ou o ouvinte (no caso da leitura em voz alta), a ser ativo durante a leitura, para refletir sobre o tema e escolher uma determinada posição. No caso em questão, essa posição deveria inclinar-se para a constatação da exploração e da miséria entre parte dos trabalhadores de Buenos Aires e, em contrapartida, a percepção do distanciamento desses do progresso, do bem-estar e da abundância. Além disso, pelo fato de o **Suplemento de La Protesta** circular, majoritariamente, entre um público pertencente a uma mesma comunidade discursiva, ou seja, a comunidade dos trabalhadores, o entendimento da ironia ficaria, segundo alguns estudiosos da lingüística, facilitada.

[...] Se entende a ironia mais facilmente num grupo bem definido ou mesmo fechado, cujos membros compartilham um “ambiente social” que possibilita à ironia tornar-se quase um “dialeto” em uso entre eles. [...] são precisamente os contextos mútuos que uma *comunidade existente* cria que montam o cenário para o uso e a compreensão da ironia.<sup>457</sup>

De forma que a ironia não está ligada, necessariamente, à zombaria, ao descompromisso, ao descaso, a um simples jogo de palavras sem propósitos; podendo, pelo

<sup>456</sup> ORTEGA Y GASSET *apud* BERNARDO, Gustavo. **Conhecimento e metáfora**. Op.Cit. p.38.

<sup>457</sup> HUTCHEON, Linda. **Teoria e Política da Ironia**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000. p.136.

contrário, realizar uma crítica severa e bastante séria através da inversão de valores, da confusão de significados.

Muitos adversários do pós-modernismo consideram a ironia como sendo fundamentalmente contrária à seriedade, mas isso é um equívoco e uma interpretação errônea sobre a força crítica da dupla expressão. Conforme Umberto Eco disse a respeito da sua própria metaficção historiográfica e de sua teorização semiótica, o “jogo da ironia” está intrinsecamente envolvido na seriedade do objetivo e do tema<sup>458</sup>.

Dessa maneira, contando com o auxílio da ironia, bem como das metáforas, o conto apresentado no **Suplemento de La Protesta** procura tanto denunciar a exploração de Mariana, quanto de seu filho Júlio por parte de uma sociedade desigual e excludente e, ao mesmo tempo, apontar e acreditar na mudança, conclamando os leitores a participarem da derrubada desse sistema opressor: “*¡Apresuremos nosotros el derrumbe!*”, de forma que verifica-se uma certa semelhança entre o desfecho do conto (crença na mudança e no poder do operariado) e as caricaturas do primeiro de Maio, bem como aquelas que aludem ao poder dos trabalhadores, uma vez que ambas apontam para a crença na mudança e, conseqüentemente, na vitória da anarquia. Sendo assim, a leitura do conto, que parte da narração de um caso isolado – o caso de Mariana – configura-se, ao término da leitura, num caso de muitos, em que a exploração de Mariana e a enfermidade de Júlio passam a estabelecer relações de pertencimento/ proximidade com o cotidiano dos trabalhadores, dos leitores do Suplemento, de maneira que o conto amplia-se do individual para o coletivo, e transforma-se em elemento de contestação de muitos e não apenas da personagem Mariana. Tal poder de abertura verificado no conto faz com que o autor do mesmo seja considerado um “bom contista”, uma vez que “*o bom contista é aquele cuja escolha possibilita essa fabulosa abertura do pequeno para o grande, do individual e circunscrito para a essência mesma da condição humana*”<sup>459</sup>.

O conto a seguir, extraído do periódico anticlerical **Lúcifer** em 1907, também procura denunciar a exploração dos patrões para com os trabalhadores; no entanto, diferentemente do conto anterior, apresenta-se na forma fabular, ou seja, o enredo se desenvolve pela ação de personagens animais (não humanos) que, entretanto, imitam o comportamento humano e representam uma alegoria para tal. Além disso, é importante lembrar que no desfecho da fábula é sempre encontrado um valor moral, um conhecimento necessário para que se evitem novos erros. Os personagens do conto se restringem ao leão, à bezerra, à cabra e à ovelha,

<sup>458</sup> HUTCHEON, Linda. **Teoria e Política da Ironia**. Op.Cit. p. 62.

<sup>459</sup> CORTÁZAR, Julio. **Valise de Cronópios**. Op.Cit. p.155.

sendo que o leão representa o senhor, o amo, o patrão enquanto que os trabalhadores são representados pela bezerra, cabra e ovelha, as quais são exploradas pelo leão.

***A parte do Leão***

*Um dia, o leão, esquecendo lutas e ódios antigos e pondo de parte, por um instante, as poderosas considerações do estômago, ofereceu sociedade à bezerra, à cabra e à ovelha, da classe inimiga, numa prometedor e segura empresa de caça; ganhos e perdas seriam comuns, a indústria prosperaria para todos. Alguns autores insuspeitos e respeitadores acrescentam que, em todo caso, os gastos cairiam logo sobre as três sócias, que deviam trabalhar, consertar as redes, vigiar, pagar tudo, enquanto o senhor repousava... Ora, sucedeu que, nas redes da cabra, encontrou esta em breve um soberbo veado. Chamou os sócios e o leão procedeu a divisão da preza, esquartejando-o em quatro pedaços e fazendo o seguinte discurso:*

*- Esta parte é minha, pois que sou o senhor, o amo, o patrão, porque me chamo Leão; esta outra pertence-me também porque sou o mais forte; sendo o mais ousado, quero igualmente a terceira; e se alguma de vós bulir na quarta, começarei por estrangulá-la.*

*Assim fazem todos os patrões. Levantemos a indústria, associemo-nos, sacrificai-vos; ajudai-nos a vencer na concorrência: o proveito será também vosso, tereis quinhão no nosso ganho. Depois quando os salários entendem que chegou o triunfo, o ganho, e pedem a sua parte, tem a palavra o leão...<sup>460</sup>*

É importante frisar que a escolha do leão enquanto personagem principal da fábula não é casual, uma vez que tal personagem era constantemente utilizado nas fábulas, principalmente nas infantis, enquanto sinônimo de força, honestidade, bondade e justiça sendo, devido a essas características exemplares, considerado o rei da floresta. A fábula publicada no periódico **Lúcifer** também o apresenta como sendo o mais forte, no entanto, o leão, ao invés de apresentar as qualidades de justo, honesto e caridoso (como normalmente era retratado nas fábulas infantis) apresenta tão somente a força e a autoridade, as quais são empregadas de maneira opressora contra os demais animais (bezerra, cabra e ovelha). De forma que, a referida fábula, de certo modo, também se configura enquanto paródia, uma vez que desconstrói os textos que tratam do leão enquanto ser respeitável ao mesmo tempo em que impõe uma percepção alternativa de tal personagem, relacionando-o com o injusto, o explorador, o tirano.

A paródia é o texto ou filho rebelde, que quer negar sua paternidade e quer autonomia e maioridade. A paródia não é um *espelho*. Ou, aliás, pode ser um espelho, mas um *espelho invertido*. Mas é melhor usar outra imagem. E, ao invés do espelho, dizer que a paródia é como a *lente*: exagera os detalhes de tal modo que pode converter uma parte do elemento focado num elemento dominante, invertendo, portanto, a parte pelo todo, como se faz na charge e na caricatura. E eu diria, usando ainda um raciocínio psicanalítico, que a paródia é um ato de insubordinação contra o simbólico, uma maneira de decifrar a Esfinge da Mãe Linguagem. [...] Sendo uma rebelião, a paródia é

<sup>460</sup> **LÚCIFER**, Porto Alegre, 12 de outubro de 1907, nº3 p.5.

parricida. Ela mata o texto-pai em busca da diferença. É o gesto inaugural da autoria e da individualidade.<sup>461</sup>

O ato de insubordinação de que fala Sant'Anna, no caso em questão, refere-se à mudança de significado das fábulas corriqueiras que apresentavam o leão enquanto um ser admirável pelo seu caráter exemplar, para a fábula da denúncia, em que as características negativas e opressoras do leão se sobressaíam. Dessa forma tem-se uma espécie de carnavalização, de inversão de papéis, de deslocamento dos significados, em que o herói passa a ser assassino. Tal inversão gera, necessariamente, “*um efeito de degradação, de contestação semiótica e ideológica*”<sup>462</sup>. Ao apresentar o leão como representante dos padrões e identificável através de suas ações opressoras e injustas, a paródia cumpre função ideológica ao repassar ao leitor uma visão do patrão como sendo um sujeito explorador e insensível, ao mesmo tempo em que representa os trabalhadores enquanto vítimas de um patrão e de um sistema opressor.

Ao narrar a divisão da presa pelo leão, o autor da fábula se esforça para transmitir a injustiça e opressão empregada pelo leão (patrão) aos seus “sócios” (trabalhadores), de forma que nem a mínima parte da presa é destinada aos trabalhadores; nesse processo de divisão, afirma o leão que: “- *Esta parte é minha, pois que sou o senhor, o amo, o patrão, porque me chamo Leão; esta outra pertence-me também porque sou o mais forte; sendo o mais ousado, quero igualmente a terceira; e se alguma de vós bulir na quarta, começarei por estrangulá-la.*” A parte final da afirmação do leão, em que ele ameaça estrangular todos aqueles que venham a desobedecer suas vontades, alude à repressão e violência empregada pelos padrões aos trabalhadores, os quais, muitas vezes, mantinham-se apáticos, devido ao medo da repressão, encoberta e encorajada por um Estado e um corpo policial igualmente opressor.

A fábula “*A parte do Leão*” denuncia, portanto, a postura injusta e opressora dos padrões e a conseqüente exploração dos trabalhadores; de forma que, verifica-se uma vez mais a ocorrência de simpatias e similaridades entre o discurso do periódico anticlerical **Lúcifer** com o discurso libertário, uma vez que defende na sua *práxis* algumas bandeiras de luta idênticas àquelas erguidas pelo movimento anarquista como, por exemplo, a denúncia da exploração dos trabalhadores por parte de uma postura opressora e desumana dos padrões/ dos capitalistas.

<sup>461</sup> SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Paródia, Paráfrase & Cia**. São Paulo: Editora Ática, 1995. p.33.

<sup>462</sup> Idem. p. 78.

Dessa forma, os contos que tencionavam denunciar o enfrentamento desigual entre patrões e trabalhadores, destacando a opressão dos capitalistas empregada sobre os trabalhadores, utilizavam-se de múltiplas estratégias que englobavam desde a utilização de metáfora, ironia, paródia bem como do exagero de traços físicos para transmitirem suas mensagens e emocionarem os leitores. Vale salientar que o exagero dos traços é verificado na representação da magreza dos personagens (que são caracterizados como sendo de “puro osso”) aludindo, portanto, à miséria que os atingia. No entanto, nos contos aqui selecionados e apresentados, não se verifica o exagero dos traços do burguês/ do patrão (corpo grande e gordo) conforme ocorre em algumas representações caricaturais.

### 3.2.2 O perigo religioso: contos anticlericais

*"Eu diria que o que opera no conto desde o começo é a noção de fim. Tudo chama, tudo convoca a um final"*

Skármeta

Passando-se da denúncia dos patrões para a denúncia da opressão clerical, representada, principalmente, através da figura do padre, será analisado um conto anticlerical a fim de apresentar algumas estratégias presentes nesse tipo de conto. A história é visualizada no jornal **Lúcifer**, em meados de 1909, e apresenta um diálogo entre um padre e um marinheiro. Através desse diálogo, que domina a história de forma a haver pouco espaço para a intervenção da figura do narrador, uma vez que se privilegia em primeiro plano a interação dos personagens, percebe-se o emprego do humor, do sarcasmo, da zombaria, os quais se empenham em ridicularizar a figura do padre, uma vez que a crença que este defende de nada serviria em meio a uma tempestade em alto mar sendo, portanto, inútil e passível de tornar-se ridícula. De forma que a sátira, o humor e o sarcasmo ferino eram componentes presentes em grande parte dos contos anticlericais, conferindo um estilo próprio a esses:

Um padre missionário viajando num transatlântico em procura de povos simples para barbarizar-lhe a consciência, travou conversa com um marinheiro, e perguntou se sabia rezar. À resposta negativa, ele observou:  
- Tendes perdido  $\frac{1}{4}$  de vossa vida! Mas alguma vez chegaste ao tribunal da penitência para confessar os vossos pecados?

Nova resposta negativa.

- Então, replicou o padre, tens perdido  $\frac{2}{4}$  de vossa vida! Mas afinal, sois ou não sois católico?

Mais uma vez responde o marinheiro que não.

- Pois bem! Berra o padre, tens perdido  $\frac{3}{4}$  de vossa vida!

Daí a pouco desencadeia medonho temporal. O mar confunde-se com o céu grisalho: serpeiam os raios, branindo os trovões! ...

- Misericórdia! Brada o padre terrorizado!...

O marinheiro aprontando-se para se atirar ao mar, perguntou:  
 - Sabeis nadar?  
 - Não! Exclamou o padre desolado!  
 - Então, tendes perdido toda a vossa vida!<sup>463</sup>

O texto toma caráter cômico ao ridicularizar a figura do padre, uma vez que este se ocupa durante todo o diálogo com o marinheiro em tentar convencê-lo de que o fato dele não seguir a religião católica lhe custaria partes significantes de sua existência; porém, é o marinheiro, no desfecho do conto, que acaba por mostrar ao padre que a crença inútil e a fé que este tinha acabaria por custar-lhe a vida, uma vez que o padre não tinha os conhecimentos úteis – como a habilidade de nadar – apenas o conhecimento religioso, que de nada lhe serviria em meio à uma tempestade em alto mar. Dessa forma, ao mesmo tempo em que a narrativa zomba e ridiculariza o padre, também aponta para o caráter inútil e negativo da religião; através do riso, realiza-se, portanto, um ataque ideológico e moralizante aos membros do clero católico. Sobre a utilização do cômico enquanto arma, Bakhtin informa que *“somente a partir do advento da sociedade burguesa é que o cômico tornar-se-ia uma arma ideológica, e o caráter moralizante e hierarquizante a característica definidora da sátira moderna, diferenciando-a da medieval e renascentista”*<sup>464</sup>. A arma da zombaria possibilitaria, assim, desmoralizar e arruinar a figura do padre através da provocação do riso sarcástico no leitor.

[...] podemos ser bem-sucedidos ao fazer com que nossos adversários dialéticos pareçam ridículos, provocando o riso contra eles, então podemos esperar arruinar sua causa e persuadir nossa audiência a tomar partido por nosso lado.<sup>465</sup>

Portanto, o humor era a arma principal do conto anticlerical retirado do periódico **Lúcifer** e, ao que tudo indica, a arma era eficaz; tão eficaz que alguns teóricos julgam o humor superior à ironia, uma vez que consideram o humor enquanto um elemento mais facilmente compreendido/ assimilado do que a ironia, conferindo, portanto, um maior alcance do que aquele atingido através da ironia.

A ironia e o humor, usados com grande eficácia na arte literária, parentes ambos da retórica, fundamentados no dizer algo sem dizê-lo e na valorização de um receptor capaz de perceber que não se diz (apenas) o que se diz, distanciam-se entretanto, a partir de seus objetivos finais. Enquanto a ironia baseia-se em jogos de enganos, tem geralmente objetivos pragmáticos e pretende afirmar ou recuperar verdades, o humor brinca com os significantes e desvela os artifícios do ser humano para se fazer valer, exibindo máscaras e

<sup>463</sup> **LÚCIFER**, Porto Alegre, 20 de setembro de 1909, nº8 p.4.

<sup>464</sup> BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992. p.87.

<sup>465</sup> SKINNER, Quentin. **Hobbes e a teoria clássica do riso**. São Leopoldo/RS: Editora da UNISINOS, 2002. p.09.

fingimentos. O humor tem portanto maior alcance, pois mostra que o ser humano é frágil e risível no seu apego aos significados preestabelecidos.<sup>466</sup>

O ápice do conto aparece no final do mesmo, quando ocorre a revelação do acontecimento, ou seja, a tempestade em alto mar e a posterior constatação da ignorância do padre quanto à habilidade de nadar, de forma que essa espécie de “*final enigmático*” era muito importante, pois trazia o desenlace surpreendente que era, desde o início da leitura, esperado pelo leitor.

Através da leitura do presente conto verifica-se que a denúncia à influência clerical é realizada pela ridicularização da própria figura do padre e não pela utilização de alegorias, de monstros horripilantes enquanto representantes dos excessos do clero, como verificado em algumas caricaturas anticlericais encontradas no periódico **Lúcifer**. De forma que as estratégias utilizadas para atacar a presença e influência do clero católico na sociedade gaúcha divergem de um discurso para o outro; de forma que no discurso visual as caricaturas apelam para a utilização de monstros horripilantes que tencionam alertar para os perigos do clero, enquanto que no discurso verbal os contos enfatizam o caráter humorístico e sarcástico das figuras clericais a fim de ridicularizar, desmoralizar os representantes do clero.

Além dos contos que denunciam ferozmente ou ridicularizam os inimigos: Estado, Clero e patrões, também verificou-se a presença constante de contos cuja principal função é demonstrar tanto a crença na mudança e no porvir da sociedade alternativa, ácrata, como apontar para a própria força dos trabalhadores. Os próximos e últimos contos a serem analisados estão encharcados de crenças e esperanças.

### 3.3. ACREDITAR É NECESSÁRIO: CONTOS ESPERANÇOSOS

*“O conto se constrói para fazer aparecer artificialmente algo que estava oculto. Reproduz a busca sempre renovada de uma experiência única que nos permite ver, sob a superfície opaca da vida, uma verdade secreta”*

*“Narrar é como jogar pôquer: todo segredo consiste em fingir que se mente quando se está dizendo a verdade.”*

Ricardo Piglia

Os dois contos seguintes apresentam uma mensagem esperançosa ao leitor, procurando fornecer a esses a segurança de que um futuro diferente seria possível e que o próprio trabalhador, através de sua ação consciente, seria o responsável pela construção da

---

<sup>466</sup> DUARTE, Lélia P. **Ironia e humor na literatura**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas; São Paulo: Alameda, 2006. p. 200.

sociedade alternativa, baseada em justiça, liberdade e igualdade e não em privilégios, fossem eles de qualquer espécie.

O primeiro conto intitulado “*Lección del día, el niño*” já indica no próprio título que um ensinamento, uma lição será transmitida com a leitura do texto e, caberá ao leitor, assimilar tal lição. O conto data de novembro de 1904 e aparece no periódico libertário **La Protesta**. Narra a história de um órfão, que não pôde criar-se em liberdade, em contato com as outras crianças, devido à postura autoritária de seus tutores, que lhe encerraram em casa e retiraram sua liberdade. Apesar dos constantes protestos da criança, seus tutores mantiveram a repressão e deixaram-no isolado das demais crianças. Isso, conjuntamente com os castigos a que era submetido toda vez que procurava uma maneira de escapar da prisão construída por seus tutores, foi gerando na criança sentimentos de revolta, pois “*Sentíase débil. Pero en su interior: rabia, odio, amarguras intensas prepararon su venganza*”, de forma que acabou tornando-se um homem repleto de desejos de vingança; vingança essa que se tornaria possível através do conhecimento de sua força, bem como das recordações do passado opressor; de forma que, tendo consciência da sua força, empregou-a contra os tutores e libertou-se. Tal ação deveria, portanto, ser imitada pelos trabalhadores, os quais deveriam aniquilar a situação opressora e escrava em que viviam e rebelar-se contra seus patrões, que os prendiam e privavam da plena liberdade. O contista deixa claro essa intenção de convencer os trabalhadores da sua força e incitá-los à ação quando afirma na última sentença do texto: “*!Pueblo trabajador! Tú eres ese niño: aprende!*”.

#### **LECCIÓN DEL DÍA EL NIÑO**

Se crió el huérfano sano y robusto. A los siete años gustóle la libertad; esto es, jugar con los otros chicuelos, pero sus tutores dijeron que tomaba malas costumbres y entonces se le encerró en la casa; en ella podía andar por el patio; pero privado de sus compañeros, se exasperó. Nada le valieron sus llanos, pataleos, gritos y protestas. Aún más empeoro su causa; le fueron doblemente duros sus opresores. Entonces creyose astuto: ideo en su magín saltar los muros para ir a reunirse a sus amiguitos; mas fue descubierto y para mayor de sus males redoblaron los castigos. El niño quedose quietito ante el castigo brutal; comprendió que era inútil cuanto hiciera por el momento. Sentíase débil. Pero en su interior: rabia, odio, amarguras intensas prepararon su venganza: y a veces al pensar en ella sentíase feliz y sonreía lleno de gozo – ¡Oh – se decía – ya llegará mi hora! Así fue pasando el tiempo y con el muchos años; y el niño convirtiose en hombre. – Entonces al conocer sus fuerzas y recordar sus sufrimientos pasados, sus rencores tanto tiempo comprimidos estallaron. Sus músculos de joven vigoroso crujieron azuzados por la ira. Y cuando sus crueles y barbaros tutores sintieron alzarse sobre sus cabezas el puño formidable del hombre, llenos de pánico inclinaron las ayer

soberbias cabezas dejándolo libre y dueño de su acción: hasta le trataron con dulzura...!Pueblo trabajador! Tú eres ese niño: aprende! *Angel Scuderi*<sup>467</sup>

De forma que se percebe, principalmente no desfecho do conto, que o narrador procura estabelecer um contato direto com o leitor, uma vez que se refere a este e, é justamente para o leitor-trabalhador, que o conselho é fornecido. O narrador procura, portanto, aproximar-se do leitor ao criar uma relação de cumplicidade entre o enunciador e o enunciatário, em que esse último deveria assimilar o conselho transmitido pelo enunciador.

Além disso, também se percebe que a criança apenas se liberta depois de ter passado pelo sofrimento, pela dor; de maneira que o próprio sofrimento faz parte do processo de emancipação do trabalhador sendo, através dele – do sofrimento –, que se conscientiza da força que o operariado detém. Assim, a miséria e a exploração presenciada por parte dos trabalhadores de Buenos Aires seria apenas uma etapa dolorosa na evolução dos trabalhadores os quais, em breve se revoltariam e atingiriam a liberdade desejada. A postura do contista, ao apontar para a possibilidade que tinham os trabalhadores de revoltar-se e, assim, conquistarem a liberdade e formatarem um mundo justo, apresenta uma postura otimista e esperançosa quanto ao futuro.

O próximo conto publicado no jornal anarquista gaúcho **A Luta**, em março de 1908, também apresenta uma postura repleta de esperança quanto ao futuro dos trabalhadores. O conto intitulado “*Na estrada do futuro*” se inicia com a narração de uma cena triste; cena esta que apresenta o desencontro entre mãe e filho, uma vez que enquanto o filho procurava ajuda para a mãe que se encontrava enferma, a mesma falece sem vê-lo, sem tocá-lo uma última vez. O menino não consegue auxílio para a mãe, pois é impedido através da postura repressora de dois agentes públicos, possivelmente policiais, que o tomam por vagabundo e impedem sua passagem. No entanto, no final do conto há uma reviravolta, em que a criança antes oprimida aparece enquanto homem livre, consciente da sua força e de seu papel social, uma vez que simboliza a nova geração, aquela que será responsável pela ruptura da opressão e pela ascensão da paz, da justiça e da liberdade entre os homens. O narrador termina o conto através da fala, repleta de esperanças, do homem livre, a qual apresenta a seguinte afirmação: “*eu sou a nova geração, cheia de*

---

<sup>467</sup> **LA PROTESTA**, Buenos Aires, 2 de noviembre de 1904, nº 439.

*fecunda seiva destinada a fertilizar novos e floridos campos. Conduzir-te-ei além! Vem, pois; não vaciles. Eu sou a paz, o amor, a liberdade”.*

#### **Na estrada do futuro**

- Onde vais com tanta pressa? (perguntou o ancião ao menino)

- Minha mãe morre e eu vou em procura da vida. – A criança desapareceu.

- Pobre e inocente criança! – Exclamou tristemente o ancião. – Não chegaste ainda à idade da dor, e começa cedo, muito cedo a compreender as misérias que afligem ao homem! Não vês que o que procuras é impossível? Pretender a vida no momento em que a morte está prestes a substituí-la!... Ela vence sempre na fatal contenda; o único destino do homem é ela; a morte! – e o ancião continuou seu caminho interrompido.

- Por piedade! Não me detenham, a minha mãe morre, eu sou seu filho e quero que ela viva! – e não pode caminhar mais, alguém interrompeu-lhe o passo.

Se essas palavras chegaram ao ouvido humano não chegaram entretanto a impulsionar o coração de nenhum ente generoso, que se apiedasse daquele inocente. Dois *agentes* da ordem pública conduziram a desgraçada criança como vagabundo e velhaco; enquanto num miserável casebre dos subúrbios, um pai desesperado, esperava ansioso o filho. A pobre mãe agonizava!...pedia para ver o filho que faltava aquele quadro de dor. Um reflexo de vida parecia dar força àquela luz próxima a extinguir-se, na esperança de abraçar, pela última vez, ao filho de seus amores. A morte acabou por afogar o último suspiro no peito daquela santa e pobre mulher. E a criança não voltou. Passaram-se muitos anos. A criança fez-se homem.

- Qual é o teu destino, ó homem que caminhas de ar tão tranqüilo e de cabeça tão soberbamente erguida? – pergunta um ancião alquebrado pelo peso de quase um século de misérias.

- Onde vou? – perguntou-lhe altiva e nobremente o homem. – E quem és tu? Serás acaso algum escravo?

- Fui durante muitos anos... nos melhores dias de minha juventude... – disse o ancião tristemente. – Hoje, simbolizo tão somente a miséria!

- E de que te serve hoje a liberdade se não sabes utilizá-la? – falou novamente o homem docemente penalizado. – A tua mente aferrada às antigas crenças, gira constantemente em volta desse centro opressivo que se chama escravidão. És pássaro e não voas. Tens consciência e não pensas. Tens olhos e entretanto não vês. Vem, pois, comigo, que ainda podes viver um dia feliz; ele será suficiente para purificar os muitos anos de tua miserável existência. Vem, pois, não vaciles, eu sou bom e humano. Conduzir-te-ei longe, muito longe da vergonha que te subjuga. Eu sou a nova geração, cheia de fecunda seiva destinada a fertilizar novos e floridos campos. Conduzir-te-ei além! Vem, pois; não vaciles. Eu sou a paz, o amor, a liberdade. FUNET<sup>468</sup>

A leitura do conto também denuncia a miséria em que viviam a criança, a mãe agonizante bem como o miserável ancião. Certas descrições e denominações evidenciam tal pobreza como, por exemplo, “*casebre dos subúrbios*”, “*pobre mãe*” e a sentença que se refere ao ancião: “*ancião alquebrado pelo peso de quase um século de misérias*”. De forma que, através de certas palavras e certas sentenças, é transmitido ao leitor o ambiente de misérias reconstruído pelo contista.

<sup>468</sup> A LUTA, Porto Alegre, 18 de março de 1908, nº 36, p.03.

Contudo, o contista vai além da simples denúncia de uma existência baseada em misérias e explorações e aponta, claramente para a possibilidade de mudança ao mesmo tempo em que acredita na força da nova geração, pois, segundo o narrador, essa geração não seria mais uma a ser escravizada mas, pelo contrário, quebraria as correntes impostas e se libertaria, trazendo com essa liberdade uma existência de paz, bondade e amor. Portanto, o contista pretende convencer o leitor de que a vitória é possível através da conscientização coletiva e do emprego da força do operariado contra as instituições opressoras.

Assim, tanto os contos que realizavam a denúncia das instituições opressoras, ou seja, do sistema capitalista, do Estado e do Clero, bem como aqueles que procuravam incentivar os trabalhadores a revoltar-se e a acreditar num futuro diferente, tinham a pretensão de permanecer na mente do leitor, fazendo com que este ficasse “*trepidante*” após a leitura, refletindo sobre o seu cotidiano e sobre as possibilidades existentes de alterar o rumo da história; possibilidades essas que estavam em suas mãos, uma vez que ele - o leitor - era o agente de transformação a que os contos se referiam em primeiro plano. Além do mais, a leitura breve do conto conseguia transmitir de forma menos complexa e mais direta o ensinamento contido neles, de forma que cumpria com êxito sua função pedagógica. Cortázar, aponta para as vantagens do efeito do conto em comparação aos romances e leituras extensas uma vez que “*se o romance vence por pontos, o conto o faz com um nocaute*”<sup>469</sup>.

###

Através da breve análise realizada desses dez contos selecionados, verifica-se que a literatura apresentava-se, ao que tudo indica, como um meio profícuo para a divulgação dos ideais libertários e anticlericais devido, principalmente, à linguagem simples, cotidiana que os contos apresentavam, bem como a sua forma condensada e breve, a qual, possivelmente, acabava por atingir um número maior de leitores do que as matérias extensas e teóricas, uma vez que essas últimas exigiam um nível de abstração maior e eram, necessariamente, mais complexas do que os contos. Sabe-se, através da historiografia, que grande parte da leitura oral (que se realizava coletivamente) utilizava os contos enquanto o elemento do jornal a ser lido e não as matérias extensas, pois os contos apresentavam uma linguagem própria para a oralidade, uma vez que eram escritos com o intuito de serem “contados”. Além disso, é

---

<sup>469</sup> CORTÁZAR, Julio. **Valise de Cronópios**. Op.Cit. p.21.

preciso lembrar que os que podem ler os textos, não os lêem de maneira semelhante, e a distância é grande entre os letrados de talento – de formação escolar mais sólida – e os leitores menos hábeis, obrigados a oralizar o que lêem para poder compreender e só se sentindo a vontade frente a determinadas formas textuais (possivelmente, formas como os contos).

Também foi possível estabelecer relações de proximidade ou distanciamento entre os discursos verbais e visuais contidos nos periódicos e suplementos utilizados na presente pesquisa, mostrando como, muitas vezes, ambos os discursos se complementam e que, em alguns casos, nem sempre um discurso corresponde a uma singela ilustração/ repetição do outro, de forma que a autonomia de cada tipo de discurso é verificada, sendo que cada um deles utiliza estratégias e elementos próprios para transmitir sua mensagem ao leitor. Possibilitou-se também apontar certas ressalvas às generalizações de um elemento isolado do jornal tomado como porta-voz de todo o periódico. Assim, acredita-se que os apontamentos realizados através da comparação entre a análise dos contos e as caricaturas permitiram aprofundar (mas não esgotar) as reflexões acerca das múltiplas estratégias empregadas por essa “imprensa marginal”, a qual constitui um estilo próprio de “*informar formando*”, de maneira a tornar seus leitores (no caso dos contos) ou seus observadores (no caso das caricaturas) sujeitos conscientes e ativos do processo histórico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término desse trabalho se acredita que o mesmo possibilitou, através da proposta de comparação entre variados jornais e suplementos da imprensa libertária e anticlerical de Buenos Aires e de Porto Alegre, demonstrar como as caricaturas e os contos encontrados nesses suplementos e jornais cumpriam um papel de destaque no que diz respeito à formação dos leitores, apresentando uma função pedagógica evidente. Embora a presente dissertação não tenha esgotado o estudo das caricaturas e contos a que se propôs, pensa-se que a mesma possibilitou reflexões pertinentes para a compreensão tanto das múltiplas estratégias utilizadas pela imprensa independente, quanto a respeito da identificação dos discursos visuais e textuais, os quais, ora se complementam, ora se repetem e, em alguns casos, se distanciam. Procurou-se, portanto, evidenciar os momentos de aproximação e de afastamento entre os elementos discursivos em questão.

Além disso, acredita-se que a presente pesquisa é exemplo de que não há objetos totalmente esgotados na historiografia, uma vez que cada época histórica concede, necessariamente, uma interpretação diferente e novas possibilidades de análise desses mesmos objetos; no caso em questão, a imprensa libertária e anticlerical, que serviu de base para inúmeros trabalhos, foi rerepresentada sob uma ótica distinta que, ao invés de levar em conta as notícias locais e os textos puramente doutrinários (o que era o usual), destacou o importante papel que as caricaturas e contos traduziam nessa imprensa marginal, uma vez que através de traços desembaraçados e condensados, bem como da utilização de palavras cotidianas e de mensagens claras e concisas conseguiram, ao que tudo indica, um poder de alcance e de comoção poucas vezes verificado nas matérias extensas dos referidos periódicos e suplementos. Pela frequência com que esses elementos (contos e caricaturas) apareciam nos periódicos e suplementos estudados, bem como com base na historiografia, pode-se inferir para a sua importância na imprensa operária, uma vez que se constituem enquanto elementos fundamentais na transmissão dos ideais dos jornais e suplementos em questão. No entanto, vale a pena salientar que, possivelmente, nem sempre suas mensagens tiveram o impacto pretendido pelos seus autores e criadores, uma vez que, como bem nos adverte Chartier<sup>470</sup>, o entendimento dos textos nem sempre é atingido, de forma que cada leitor/ receptor confere um certo grau de significação ao texto lido. Apesar do efeito impactante dos contos e das

---

<sup>470</sup> CHARTIER, Roger. **Cultura Escrita, Literatura e História**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

caricaturas acontecer de forma distinta entre os seus variados leitores, isso não inviabiliza o seu valor enquanto instrumentos estratégicos dos veículos da imprensa que representam.

Além disso, aponta-se para a importância do estudo das imagens (encaradas como instrumentos imprescindíveis do processo de comunicação entre as pessoas e não necessariamente enquanto singelas ilustrações de textos), uma vez que o mesmo vem propiciando a apresentação de trabalhos renovadores ao mesmo tempo em que instiga novas reflexões metodológicas. De forma que, cada vez mais, os historiadores passam a encarar as imagens como um arsenal valioso para os seus estudos, uma vez que elas também são suscetíveis de análise e produzem significações. No entanto, sabe-se que o estudo das imagens, assim como o de muitos textos escritos, é repleto de perigos que se revelam nas intenções e exageros empregados pelos caricaturistas e para os quais os historiadores precisam estar sempre atentos. As dificuldades empíricas e metodológicas encontradas no estudo das fontes visuais são reais, mas não desanimadoras. Uma vez que o resultado desse estudo iconográfico tanto pode reafirmar o já descoberto pelos textos escritos como também caminhar na direção oposta, trazendo revelações somente possíveis através desse estudo que parte do visual para se constituir. Além disso, é importante ressaltar o destacado papel que as representações imagéticas cumprem na formação do imaginário social, estabelecendo sempre uma relação dinâmica com as práticas cotidianas.

Através da análise dos contos e caricaturas libertárias e anticlericais percebeu-se que os mesmos se constituem levando em conta características de caricaturas e contos de outros tempos, mesclando cópia com originalidade e reinventando imagens e signos sociais. De acordo com Baczkó<sup>471</sup>, todo imaginário é construído sobre algo que já existe, pois, caso contrário, seria condenado a uma vida efêmera, sem efeitos profundos e duradouros. É nesse sentido que, por exemplo, características das caricaturas da época revolucionária francesa serão verificadas nas caricaturas da imprensa libertária e anticlerical, mas tencionando objetivos e alcances diferentes.

Em que pesem as singularidades existentes entre as estratégias empregadas por uma publicação e outra, em uma cidade e em outra, percebe-se que no imaginário construído pelos libertários é verificada a representação dos seus inimigos (Estado, Clero, patrões) enquanto elementos desprezíveis, opressores e injustos, caracterizados pelo excesso, cinismo,

---

<sup>471</sup> BACZKO, Bronislaw. **Imaginação social**. In: ROMANO, Ruggiero (org). **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1985.

brutalidade, ambição e insensibilidade, ao mesmo tempo em que se inclui em tal imaginário a percepção da extrema pobreza, do contexto de miséria e de exploração que envolvia parte dos trabalhadores; sendo, tal revoltante percepção completada pela transmissão otimista da esperança no futuro e da crença na constituição de outra realidade, contribuindo para a elaboração de um imaginário mesclado de estereótipos, denúncias e crenças em mudanças. De forma que os contos e as caricaturas, ao contribuírem para a formação desse imaginário, cumpriam o papel de realizar o proselitismo dos ideais libertários e anticlericais em que acreditavam seus criadores, sendo, portanto, eles importantes da comunicação entre leitores e autores.

Ao finalizar essa pesquisa chama-se atenção também para o fato de que, ao mesmo tempo em que se constataram semelhanças, também se verificaram diferenças entre as estratégias utilizadas pelos diferentes periódicos e suplementos libertários e anticlericais analisados, evidenciando que a imprensa libertária não é, necessariamente, homogênea na sua totalidade e que existem diferenças significativas entre a maneira pela qual se apresenta um periódico e outro, uma vez que cada um tem a liberdade de escolher estratégias distintas e utilizar representações diferenciadas, embora o perfil do periódico e a denúncia a que se destinam sejam os mesmos, ela não ocorre de maneira idêntica e nem alcança a mesma profundidade. Além disso, ao mesmo tempo em que se aponta para a possibilidade de estudos comparados entre elementos pertencentes a contextos distintos, ressalta-se a necessidade de realizar estudos que contraponham um elemento discursivo a outro, podendo, dessa maneira, evidenciar as repetições, imitações, similaridades, diferenças, distanciamentos, silêncios entre um discurso e outro, verificando, não necessariamente o caráter repetitivo, mas sim complementar entre ambos os discursos. Também se alude ao perigo de se generalizar um elemento isolado do periódico como sendo a própria visão global do mesmo, uma vez que o que é dito através de um elemento discursivo pode ser silenciado em outro e vice-versa.

Ao conceder espaço às caricaturas e contos procurou-se transmitir a importância, a influência e o alcance que os traçados irreverentes dos caricaturistas e os elogiáveis jogos de palavras dos contistas podem ter, de forma que tais elementos (caricaturas e contos) estão distantes da função descompromissada que, muitas vezes pode, enganosamente, ser atribuída a eles. Além disso, o estudo das caricaturas e contos possibilitou o encontro com o outro, o qual pôde ser descoberto (ao menos parcialmente) através de seus traços concisos e suas palavras milimetricamente escolhidas. Se a leitura da dissertação conseguir apontar para a

importância das representações visuais e dos textos morais e emotivos, como se revelaram os contos, e suscitar interesse em novas pesquisas que levem em conta tais elementos, então, a mesma terá alcançado êxito e cumprido com o compromisso inicial a que se propôs.

## ARQUIVOS E FONTES DE PESQUISA

**Hemeroteca do CEDINCI, Hemeroteca da Biblioteca Nacional de la República Argentina e Federación Libertária Argentina (F.L.A.). Buenos Aires, Argentina.**

- La Protesta (1898-1916)

**Biblioteca Popular José Ingenieros. Buenos Aires, Argentina.**

- Suplemento de La Protesta (1908-1909)

- La Obra (1915)

**Hemeroteca do Núcleo de Pesquisa Histórica da UFRGS (NPH). Porto Alegre, Brasil.**

- A Luta (1906-1911)

**Museu de Comunicação Hipólito José da Costa. Porto Alegre, Brasil.**

- Lúçifer (1907-1911)

## REFERÊNCIAS

ADDOR, Carlos Augusto & DEMINICIS, Rafael Borges (Org.). **História do Anarquismo no Brasil**. Vol. II. Rio de Janeiro: Achiamé, 2009.

AGRA, Klondy Lúcia de Oliveira. **A Ironia na Literatura Canadense: Uma Estratégia Retórica e Estrutural Exibindo Dissonâncias e Diferenças**. Interdisciplinar: Revista de Estudos de Língua e Literatura. Ano IV, v. 8, n. 8. – Itabaiana -SE: Edições Núcleo de Letras/UFS, p.193-200, 2009.

ALBERTO, Carlos. **El analfabetismo en la República Argentina**. En: Serie artíc. y docum. Nº 13. CENDIE. Ministerio de Educación y Justicia. Buenos Aires, s/f. Argentina. Ministerio de Educación y Justicia. Comisión Nacional de Alfabetización. CONAFE. Plan Nacional de Alfabetización.1970.

AMORIM, Ailana Cristina de. **Relações intra-classe: solidariedade e conflito na formação da classe operária no Rio Grande do Sul**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. UFRGS, Porto Alegre, RS, 2006.

ANDRADE, Carlos Eduardo Frankiw. **Blásfemos e sonhadores: Ideologia, utopia e sociabilidades nas Campanhas anarquistas em A Lanterna (1909-1916)**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2009.

ARAVANIS, Evangelia. **A Utopia Anarquista em Porto Alegre nos anos de 1906 e 1907**. In: Estudos Ibero-americanos. Vol.22, nº2. Porto Alegre: PUCRS: 1996.

\_\_\_\_\_. **Leituras, edições e circulações de impressos na Porto Alegre de 1906 a 1911: uma análise a partir do periódico A Luta**. Revista de História Unisinos. Vol.06 – nº06, 2002.

\_\_\_\_\_. **Uma utopia anarquista: o projeto social dos anarquistas do periódico “A Luta” e o seu desejo de mudar o rumo da história em Porto Alegre: (1906-1907)** – Dissertação de Mestrado – UFRGS, 1997.

ARMUS, Diego (compilador). **Mundo urbano y cultura popular: estúdios de Historia Social Argentina**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1990.

AZEVEDO, Raquel de. **A Resistência Anarquista: uma questão de Identidade (1927-1937)**. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 2002.

BACZKO, Bronislaw. **Imaginação social**. In: ROMANO, Ruggiero (org). **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1985.

BAJTÍN, Mijaíl. **Estética de la creación verbal**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2008.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992.

BAKUNIN, Mikhail. **La Libertad**. Buenos Aires: AGEBE, 2005.

\_\_\_\_\_. **Dios y el Estado**. Buenos Aires: Utopia Libertária, 2005.

BARRANCOS, DORA. **Anarquismo, Educación y costumbres en la Argentina de principios de siglo**. Ed. Contrapunto. Buenos Aires. 1990.

BATALHA, Cláudio; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre (org.). **Culturas de Classe**. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2004.

BATALHA, Cláudio. **A Historiografia da Classe Operária no Brasil: Trajetória e Tendências**. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). **Historia Brasileira em Perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998.

\_\_\_\_\_. **“Nós, filhos da Revolução Francesa”, a imagem da revolução no movimento operário brasileiro no início do século XX**”, *Revista Brasileira de História*, vol. 10, n° 20, 1990.

\_\_\_\_\_. **Uma outra consciência de classe?: o sindicalismo reformista na Primeira República**. *Ciências Sociais Hoje*, São Paulo, 1990.

BARBOSA, Marialva. **Como escrever a história da imprensa?** Rio de Janeiro: Ed. UFF, 2004.

BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000. p.25-67

BAYER, Osvaldo. **Severino Di Giovanni: el idealista de la violencia**. Buenos Aires: Txalaparta, 2000.

\_\_\_\_\_. **Los anarquistas expropiadores**. Buenos Aires: Galerna, 2005.

BERGSON, Henri. **O Riso: ensaio sobre a significação do cômico**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

BERNARDO, Gustavo. **Conhecimento e metáfora**. *ALEA*, Rio de Janeiro, vol. 6, n. 1, jan./jun., p.27-42, 2004.

BILHÃO, Isabel Aparecida. **Identidade e trabalho: uma história do operariado Porto-Alegrense (1898-1920)**. Porto Alegre: Eduel, 2008.

BLOCH, Marc. **Pour historie comparée dés sociétés européennes**. Paris: Serge Fleury e Editions de l'EHESS, Tome 1, 1983.

BOSI, Alfredo. **O Ser e o Tempo da Poesia**. São Paulo: Cultrix, 1993.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

\_\_\_\_\_. **Esboço para uma auto-análise**. Lisboa: Edições 70, 2004.

BUNSE, Heinrich A. W. **O iídiche: a língua dos judeus da Europa oriental e sua literatura**. Porto Alegre: Editora da Universidade, UFRGS, 1983.

BURKE, Peter. **História e teoria social**. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

\_\_\_\_\_. **Testemunha Ocular: História e Imagem**. São Paulo: EDUSC, 2004.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo**. Unesp: São Paulo, 2008.

CAPPELLETTI, Angel J. & RAMA, Carlos M. **El anarquismo en America Latina**. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1990.

CARVALHO, José Murilo de. **A Formação das Almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHARTIER, Roger. **Cultura Escrita, Literatura e História**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

COGGIOLA, Osvaldo. **Buenos Aires, Cidade, Política, Cultura**. Revista Brasileira de História (online), 1997, vol.17, n.34, pp. 101-118. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01881997000200005&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881997000200005&lng=en&nrm=iso&tlng=pt) <acesso em 12/07/2010>

CORTÁZAR, Julio. **Valise de Cronópios**. Trad. Davi Arrigucci Júnior. São Paulo: Perspectiva, 1993.

DAMASCENO, Athos. **Imprensa Caricata no Rio Grande do Sul no Século XIX**. Porto Alegre: Editora Globo, 1962.

DARNTON, Robert. **Boemia Literária e Revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

\_\_\_\_\_. **O Grande Massacre de Gatos e outros episódios da história cultural francesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

DELL'ACQUA, Amadeo. **La Caricatura Política Argentina**. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1960.

DEMINICIS, Rafael Borges & FILHO, Daniel Aarão Reis (orgs). **História do anarquismo no Brasil**. Niterói: Mauad, 2006.

ELMIR, Cláudio Pereira. **As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica**. In: Cadernos do PPG em História da UFRGS. Porto Alegre, 1995.

ESQUIVEL, Juan Cruz. **Igreja católica e Estado na Argentina e Brasil: notas introdutórias para uma análise comparativa**. Revista Ciências Sociais e Religião, ano 5, nº 5. Porto Alegre, outubro de 2003.

FALCÓN, Ricardo. **La Barcelona Argentina**. Santa Fé: Laborde Editor, 2000.

FALCON, MARCOR & MONSERRAT. **Obreros, artesanos, intelectuales y actividad político-sindical. Aproximación biográfica a un perfil de los primeros militantes del movimiento obrero argentino.** IN: Estudos Sociais: Revista Universitária Semestral. Año 1. Santa Fé: Universidad Nacional del Litoral, 1991.

FAST, Howard “**Sacco & Vanzetti: a história de dois imigrantes italianos condenados à morte**”. São Paulo: BestBolso, 2009.

FAUSTO, Boris e DEVOTO, Fernando J. **Brasil e Argentina: Um ensaio de história comparada (1850-2002)**. 2. ed. São Paulo: Editoria 34, 2005.

FELICI, Isabelle. **A verdadeira história da Colônia Cecília**. Cad. AEL, n. 8/9. Disponível em: <[http://www.ifch.unicamp.br/ael/website-ael\\_publicacoes/cad-8/Artigo-1-p09.pdf](http://www.ifch.unicamp.br/ael/website-ael_publicacoes/cad-8/Artigo-1-p09.pdf)>. 2007. Acesso em 20/04/2010.

FERREIRA, Antonio Celso. **Literatura: A fonte fecunda**. In: PINSKY, Carla Bassanezy & LUCA, Tania Regina de. **O Historiador e suas Fontes**. São Paulo: Contexto, 2009

FONSECA, Joaquim da. **Caricatura : a imagem gráfica do humor**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

FRANCO, Antonio. **Análisis semântico-pragmático de las caricaturas de Pedro León Zapata**. Caracas: Zulia, 2001.

GAY, Peter. **O Estilo na História: Gibbon, Ranke, Macaulay, Burckardt**. Trad. De Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GAWRYSZEWSKI, Alberto (org.). **Imagens anarquistas: análises e debates**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2009.

GENÉ, Marcela. **Un Mundo Feliz**. Imágenes de los trabajadores en el primer peronismo. Buenos Aires: Fundo Cultura Económica, 2005.

GERTZ, René E. **Memórias de um imigrante anarquista**. Porto Alegre: EST, 1989.

GODIO, Julio. **Historia del movimiento obrero latinoamericano/1**. Caracas: Editorial Nueva Imagem S/A, 1980.

GOMBRICH, E.H. **História da Arte**. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix Editora, 1980

GOTLIB, Natália Battella. **Teoria do Conto**. São Paulo: Ática, 1988

GRIBAUDI, Maurizio. **Escala, pertinência, configuração**. In: REVEL, J. (org). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, p.121-150, 1998.

GROSE, Francis Cap. **Rules for drawing caricatures, with an essay on comic painting**. Londres, 1788.

GUÉRIN, Daniel. **El anarquismo**. Buenos Aires: Utopia Libertária, 2005.

HAGEN, Acácia Maria Maduro & MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. **Sobre a rua e outros lugares: Reinventando Porto Alegre**. Porto Alegre: Caixa Econômica Federal, 1995.

HUTCHEON, Linda. **Teoria e Política da Ironia**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000.

JARDIM, Jorge Luiz Pastorisa. **Comunicação e militância: A imprensa operária do Rio Grande do Sul (1892-1923)**. Dissertação de Mestrado (PUC-RS). Porto Alegre, 1990.

\_\_\_\_\_. **Imprensa Operária: Comunicação e organização**. In: Estudos Ibero-americanos. Vol.22, nº2. Porto Alegre: PUCRS, 1996.

JOBIM, José Luís (org). **Introdução aos termos literários**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

KIERKEGAARD, Soren Aabye. **O Conceito de Ironia: constantemente referido a Sócrates**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1991.

KURY, Mario Gama. **Dicionário de Mitologia Grega e Romana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

LEAL, Claudia Feieranbend Baeta. **Anarquismo em Verso e Prosa: literatura e Propaganda na imprensa libertária em São Paulo (1900-1916)**. Dissertação (Mestrado em teoria Literária) – Instituto de Estudos de Linguagem, UNICAMP, Campinas, SP, 1999.

\_\_\_\_\_. **Literatura útil: um estudo sobre três textos de ficção libertária 1900-1902.** Disponível em <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/ensaios/ensaio25.html>> acesso em 12/08/2010.

LEPETIT, Bernard. **Sobre a escala na história.** In: REVEL, J. (org). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, p.77-102, 1998.

LIMA, Herman. **História da Caricatura no Brasil.** Vol.1. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1963.

LOBATO, Mirta Zaida. **La prensa obrera.** Buenos Aires: edhasa, 2009.

LOPES, Aristeu Elisandro Machado. **Idéias republicanas ou idéias revolucionárias? A imprensa ilustrada fluminense e o ideário republicano nos anos 1870.** Vestígios do passado, a história e suas fontes (anais). Porto Alegre, 2008.

LORIGA, Sabina. **A Biografia como um problema.** In: REVEL, J. (org). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, p.225-250, 1998.

MARÇAL, João Batista & MARTINS, Marisângela. **Dicionário Ilustrado da Esquerda Gaúcha.** Porto Alegre: Libretos, 2008.

MARÇAL, João Batista. **Os anarquistas no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Unidade editorial, 1995.

\_\_\_\_\_. **A Imprensa Operária do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre, 2004.

MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em Revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2008.

MARTINS, Angela Maria Roberti. **O Segredo dos corpos: representações do feminino nas páginas libertárias.** In: DEMINICIS, Rafael Borges. **História do Anarquismo no Brasil.** Vol.2. Rio de Janeiro: Achiamé, p.119-163, 2009.

MAUAD, Ana Maria. **Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX.** Anais do Museu Paulista Jan-Jun. São Paulo, ano 13, nº 001, 2005.

\_\_\_\_\_. **Os tempos da narrativa: fontes orais e visuais na produção dos sentidos da história.** Campinas: Unicamp, 2007.

MELLO, Maria Tereza Chaves de. **A República Consentida.** Rio de Janeiro: FGV, 2007.

MENEZES, Lená Medeiros de. **Os indesejáveis: desclassificados da modernidade. Protesto, crime e expulsão na Capital Federal (1890-1930).** Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

MONTALDO, Giuliano. **Sacco y Vanzetti (1971) – (Filme)**

MORA, J. Ferrater. **Dicionário de Filosofia.** São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Jango e o golpe de 1964 na caricatura.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

\_\_\_\_\_. **Em guarda contra o “Perigo Vermelho”: o anticomunismo no Brasil (1917-1964).** São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002.

MUELLER, Helena Isabel. **Flores aos rebeldes que falharam: Giovanni Rossi e a utopia anarquista: Colônia Cecília.** Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.

NETTLAU, Max. **La anarquía a traves de los tiempos.** Barcelona: Júcar, 1977.

NOVAES, Regina. **Crenças religiosas e convicções políticas.** In Fridman, Luis Carlos (org). **Política e cultura: século XXI.** Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2002.

OVED, Iaãcov. **El anarquismo y el movimiento obrero en Argentina.** Buenos Aires: América Nuestra, 1978.

PAIVA, Eduardo França. **História e Imagens.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PASSINI, José. **Bilingüismo: utopia ou solução?** Campinas, SP: Pontes Editores, 2008.

PENELAS, Carlos. **Los gallegos anarquistas en la Argentina.** Buenos Aires: Ediciones del Valle, 1996.

PEREZ, Pablo. **El movimiento anarquista y los Orígenes de la Federación Libertaria Argentina.** Buenos Aires: UBA, 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário,** Revista Brasileira de História. São Paulo, v.15, nº 29, 1995.

\_\_\_\_\_. **Os pobres da cidade: vida e trabalho – 1880-1920.** Porto Alegre: UFRGS, 1994.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PETERSEN, Sílvia; LUCAS, Maria Elisabeth. **Antologia do Movimento Operário Gaúcho (1870 – 1937).** Porto Alegre: UFRGS, 1992.

\_\_\_\_\_. **Cultura e trabalho em Porto Alegre (1895-1930).** In: Revista Comunicação e Cultura – outubro/1985 – nº03.

\_\_\_\_\_. **Guia para o estudo da imprensa periódica dos trabalhadores do Rio Grande do Sul (1874-1940).** Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS-FAPERGS, 1989.

\_\_\_\_\_. **“Que a união operária seja a nossa pátria!”: história das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações.** Santa Maria: editoraufsm; Porto Alegre: Ed.Universidade/ UFRGS, 2001.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Elementos para uma análise de discurso político.** In: Barbarós, Santa Cruz do Sul, nº 24, p.78-109, 2006.

POE, Edgar Allan. **Ficção Completa, poesia e ensaios.** Trad. Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

\_\_\_\_\_. **Poemas e Ensaios.** São Paulo: Globo, 1999

PUGLIESI, Márcio. **Mitologia Greco-Romana: arquétipos dos deuses e heróis**. São Paulo: Madras, 2003.

PRADO, Antonio Armoni (org). **Libertários no Brasil: memória, lutas, cultura**. Brasília: Editora Brasiliense, 1987.

PROCHNOW, Lucas Neves. **Memórias, Narrativas e História: a imigração espanhola recente em Porto Alegre**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós Graduação em História. PUCRS, Porto Alegre, RS, 2009.

REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

RODRIGUES, Edgar. **Pequena História da Imprensa Social no Brasil**. Florianópolis: Insular, 1997.

\_\_\_\_\_. **Alvorada Operária**. Rio de Janeiro: Edições Mundo Livre, 1979.

ROMERO, Jose Luis. **Las ideas en la Argentina del siglo XX**. Buenos Aires: Ediciones Nuevo Pais, 1987.

SAFÓN, Ramón. **O racionalismo combatente de Francisco Ferrer Guardia**. Imaginário. São Paulo. 2003.

SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do Riso: a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos Primeiros Tempos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Paródia, Paráfrase & Cia**. São Paulo: Editora Ática, 1995.

SANTIAGO, Izabel. **O que é Esperanto**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

SANTILLÁN, Diego Abad De. **La FORA**. Buenos Aires: Utopia Libertária, 2005.

\_\_\_\_\_. **Certamen Internacional de La Protesta**: en ocasión del 30 aniversario de su

fundación. Buenos Aires, 1927. (Formato Cd)

SARGENTINI, Vanice Maria Oliveira. **A imprensa operária anarquista: gênero, literatura e sentido.** Revista do GELNE, Vol.3, nº1, p.41-46, 2001

SCHMIDT, Benito Bisso. **O Deus do Progresso - a difusão do cientificismo no movimento operário gaúcho da I República.** Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 21, n. 41, p. 113-126, 2001.

\_\_\_\_\_. **A palavra como arma: uma polêmica na imprensa operária porto-alegrense em 1907.** *História Em Revista*, Pelotas, v. 6, p. 59-84, 2000.

\_\_\_\_\_. **O gênero biográfico no campo do conhecimento histórico: trajetórias, tendências e impasses atuais e uma proposta de investigação.** Anos 90. Porto Alegre, v. 6, p. 165-192, 1996.

\_\_\_\_\_. **Em busca da terra da promessa: a história de dois líderes socialistas.** Porto Alegre: Palmarinca/FUMPROARTE, 2004.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República.** Ed. Brasiliense: São Paulo, 1983

SILVA JÚNIOR, Adhemar Lourenço da. **A Bipolaridade política rio-grandense e o movimento operário (188?-1925).** In: Estudos Ibero-americanos. Vol.22, nº2. Porto Alegre: PUCRS, p.5-51, 1996.

\_\_\_\_\_. **‘Povo! Trabalhadores!’: Tumultos e Movimento Operário** (estudo centrado em Porto Alegre, 1917). Dissertação de Mestrado – IFCH/ UFRGS: Porto Alegre, 1994.

\_\_\_\_\_. **As sociedades de socorros mútuos: estratégias privadas e públicas.** Tese. (Doutorado em História) – Programa de Pós Graduação em História. PUC, Porto Alegre, RS, 2004

SKINNER, Quentin. **Hobbes e a teoria clássica do riso.** São Leopoldo/RS: Editora da UNISINOS, 2002.

SURIANO, Juan. **Anarquistas: cultura y política libertaria en Bueno Aires.** Buenos Aires: Manantial, 2001.

\_\_\_\_\_. **Auge y caída del anarquismo: Argentina, 1880-1930.** Buenos Aires: Capital Intelectual, 2005.

\_\_\_\_\_. **La Interpelación Anarquista. Tensiones Entre el discurso y las prácticas libertárias en Argentina, 1890-1916.** Buenos Aires: Manantial, 2001.

\_\_\_\_\_. **Cultura e política anarquista em Buenos Aires no começo do século XX.** In: AZEVEDO, Cecília (org.). **Cultura política, memória e historiografia.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

TARGA, Luiz Roberto Pecoits. **Comentário sobre a utilização do método comparativo em análise regional.** Porto Alegre: Ensaio FEE, p.265-271, 1991.

TAVARES, Mauro Dillmann Tavares. **Irmandades, Igreja e Devoção no sul do Império do Brail.** São Leopoldo: Oikos, 2008.

TELLA, Torcuato Di. **Comparação entre os sistemas políticos da Argentina, Brasil e do Chile.** RBCS, Vol.25, nº72, fevereiro de 2010.

ULLMAN Joan Connelly. **Na Semana Trágica. Estudo sobre as causas socioeconómicas do anticlericalismo em Espanha, 1898-1912,** Esplugues de Llobregat: Ariel, 1972.

WOODCOCK, Geoge. **História da Idéias & Movimentos Anarquistas.** Porto Alegre: L&PM, 2002

## ANEXO I - DIRETORES E ADMINISTRADORES DOS PERIÓDICOS

### PERIÓDICO LA PROTESTA

ANO	DIRETOR	ADMNISTRADOR
1897	Gregório Inglán Lafarga	Francisco Berri
1903	Alcides Valenzuela	Juan Creaghe
1904	Elam Ravel/ Alberto Ghiraldo	Juan Creaghe
1905	Alberto Ghiraldo	Manuel Vasquez
1906	Juan Creaghe/ Gilimón	-----
1908	-----	Juan Creaghe
1909	Gilimón	Juan Creaghe
1912	Apolinario Barrera	-----
1913	Alberto Ghiraldo	-----
1916	López Arango	Apolinario Barrera

### PERIÓDICO A LUTA

ANO	DIRETOR	ADMNISTRADOR
1906	José Rey Gil/ Stefan Michalski (Fundadores)	-----

### PERIÓDICO LÚCIFER

ANO	DIRETOR	ADMNISTRADOR
1907- 1911	Francisco Carmelo Longo	Antonio Ghirotti